The background of the entire page is a photograph of several red ribbons hanging vertically. Attached to these ribbons are numerous Brazilian banknotes of various denominations, including 100, 50, and 20 real notes. The ribbons are slightly out of focus, and the lighting is somewhat dim, creating a textured, celebratory atmosphere.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - FFCLRP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Flávia Andréa Pasqualin

O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros

RIBEIRÃO PRETO -SP
2018

Flávia Andréa Pasqualin

**O (des)encanto do casamento intercultural:
Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros**

Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Francirosy Campos Barbosa

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Pasqualin, Flávia Andréa

O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros, 2018.

211 p.: il.; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Campos Barbosa, Francirosy

1. Psicologia Intercultural. 2. Antropologia Social. 3. Casamento Intercultural

Nome: Pasqualin, Flávia Andréa

Título: O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus três filhos;
Clara, Miguel e Bernardo:
o meu tripé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o grande Sábio, que tudo conduz.

Agradeço aos meus pais, João Nelson e Deise – meu primeiro exemplo de casamento, por terem me ensinado valores primordiais como a responsabilidade e o respeito, sem os quais eu não teria chegado aqui.

À Profa. Dra. Francirosy Campos Barbosa, orientadora dessa pesquisa, agradeço por ter acolhido meu desejo de pesquisar Islã e durante todos esses anos, ter conduzido meu aprendizado com rigor, ética e incentivo, o que me possibilitou atuar na pesquisa com segurança e entusiasmo durante todo o percurso. À Franci, como é carinhosamente chamada pelos mais próximos, agradeço a generosidade ímpar e cada palavra de carinho que ajudou a suavizar essa travessia. E, se hoje cheguei até aqui foi porque a encontrei entre “arabescos, luas e tâmaras”. Maktoub! Só poderia ser ela, quem eu pensei não ter filhos, após ler seu vasto currículo. Mas, depois de ler sua tese, achei, lá nos agradecimentos, três garotinhos (hoje, rapazes!). E pensei, então, também posso! Ah, e eu nem imaginava que mais dois garotinhos entrariam para nossa história. Obrigada por tantos ensinamentos que ultrapassaram o saber acadêmico!

Agradeço ao apoio recebido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio da bolsa de estudos concedida ao processo de número 2013/17882-6, sem o qual a realização dessa pesquisa seria impossível.

Agradeço ao meu marido Fábio, por ter embarcado comigo nessa viagem. Sua presença tornou possível minhas intermináveis idas à campo, quando por duas vezes, já no fim das gestações (Miguel e Bernardo), era preciso pegar metrô, ônibus e taxi no meio da noite paulistana. Também agradeço sua escuta crítica que me fez buscar sempre o melhor de mim.

Aos filhos; agradeço à Clara por ter me ensinado a renúncia. O primeiro filho sempre nos ensina o altruísmo. Ao Miguel, agradeço o exercício da paciência que tive que desenvolver por dois meses, durante a gravidez, pesquisando em cima de uma cama devido a um sério descolamento de placenta. Ao Bernardo, agradeço por ter me ensinado a ser forte e me superar diariamente, desde que fui diagnosticada aos 4 meses de gestação com a doença do ano (2016), o Zika Vírus. Obrigada meus amores, pela aprendizagem de virtudes fundamentais na escrita de uma tese.

Ao meu tio Luiz Pasqualin (*in memorian*) agradeço por ter sido, dentro da família, minha maior fonte de inspiração para percorrer o caminho acadêmico. Há, exatamente, 20 anos atrás, ele defendia sua tese de doutorado na medicina e eu, sem entender quase nada, mas deslumbrada com o conhecimento que circulava naquele momento, achei aquilo “a coisa mais fina do mundo” – aludindo Adélia Prado. Pena foi ter lido “*O Médico, a Criança com Deficiência e sua Família: O Encontro das Deficiências*” só agora. Mas não importa porque “a coisa mais fina do mundo é o sentimento”, assim continuamos ligados pela “família”, esse significante que circula no sangue e transborda na nossa escrita.

Agradeço ao suporte recebido de cinco queridas e importantes mulheres; minha mãe Deise (agradecer novamente a mãe, nunca é demais!), minha irmã Carla (a tão adorada Tia Carlota), minha sogra Azize (nascida de mãe síria, achava que seu nome significava apenas “querida”, mas eu descobri, lá na Capodócia, que na língua turca é “santa”), a amiga Raquel, que de tudo sabe fazer um pouco (para minha sorte!) e a nossa “Jô”, sempre pronta a estender às mãos e a travar boas conversas com as crianças. Todas elas se revezaram nos cuidados dos meus filhos porque só as mulheres entendem as necessidades das outras mulheres. Assim, a ajuda recebida foi imprescindível para que eu pudesse me dedicar às exigências da pesquisa.

À cunhada Ana Carolina, que já é doutora, agradeço as dicas preciosas que facilitaram meu percurso na pesquisa.

Agradeço ao Centro Cultural Brasil-Turquia (CCBT) e a toda comunidade turca a ele ligado, pela acolhida amigável com que sempre fui recebida em seus eventos públicos e na intimidade de suas casas.

A mesquita de Barretos e a comunidade muçulmana pertencente a ela, agradeço a recepção, o respeito e os diálogos.

Agradeço as interlocutoras dessa pesquisa que construíram comigo um saber sobre os casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros. Obrigada pela disposição e confiança!

Agradeço ao Sheik Jihad Hammadeh e ao Sheik Mohamad Bukai pela prontidão na interlocução e pela paciência em responder minhas inúmeras perguntas.

Aos amigos e amigas membros do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes (GRACIAS-USP), agradeço a construção conjunta e partilhada do conhecimento. Em especial, agradeço a “graciosa” Patrícia Prado, que está comigo desde a fundação do grupo sendo uma das pessoas que me inspiram com sua dedicação e perseverança no mundo acadêmico. Obrigada, amiga querida, pois mesmo longe sempre se fez presente! Agradeço também o companheirismo e a docilidade da Camila Motta Paiva e a Ana Molina, por suas eficientes contribuições acadêmicas e por sua serenidade, que faz tudo parecer tão fácil.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão e Profa. Dra. Gisele Fonseca Chagas, pelas contribuições que ampliaram meu conhecimento inicial, permitindo um refinamento teórico e um aprofundamento empírico da pesquisa.

Agradeço a minha Pakise “*abla*”, uma brasileira autêntica; que carrega na voz a brasilidade, nos traços a mistura do árabe e do turco e, sob seus cabelos, o símbolo máximo de sua fé; o *hijab*. Obrigada por ter perfumado minha cozinha com seus temperos e me mostrando que o Oriente vai muito além de “quibe e esfirra”, como me disse certa vez.

À amiga Simone, agradeço a acolhida sincera e o exemplo de fé. Suas palavras sempre me mostram que seguir em frente era a melhor opção.

Aos primos Ângelo e Itamar agradeço as portas da casa e do coração sempre abertas, assim como os ouvidos para escutar minhas intermináveis histórias.

Ao amigo Fernando (professor universitário, cantor e tarólogo – não sei qual das faculdades é a melhor!), agradeço as dicas, despretensiosamente, preciosas desde a execução do meu projeto de pesquisa.

Ao amigo de todas as horas, Adriano Camperoni, agradeço sua ajuda técnica que me salvou de vários problemas.

No mais, agradeço a todos e todas que durante essa caminhada colaboraram para a realização desse trabalho com palavras de incentivo.

RESUMO

Pasqualin, F. A. (2018). *O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP.

Esta pesquisa, fundamentada na Psicologia Intercultural e na Antropologia Social, se propôs a compreender quais são as vivências, relacionadas aos aspectos étnicos e religiosos, existentes no casamento entre uma brasileira (muçulmana ou não) e um muçulmano estrangeiro. Para tal foi adotado o método etnográfico, presencial e virtual, tendo como campo empírico presencial uma comunidade turca muçulmana localizada na cidade de São Paulo e uma comunidade muçulmana localizada na cidade de Barretos, interior de São Paulo. Como campo empírico virtual a pesquisa contou com *blogs* pessoais, comunidades no Facebook e vídeos amadores produzidos por brasileiras casadas com muçulmanos turcos e árabes, uma vez que se entende o espaço cibernético como uma dimensão constitutiva de uma sociedade, onde os sujeitos se constroem e atuam. Os colaboradores desta pesquisa foram brasileiras casadas com muçulmanos turcos ou árabes, tanto do ambiente presencial quanto virtual e membros pertencentes às comunidades especificadas. Como instrumento de coleta de dados, a pesquisa contou com a observação participante da pesquisadora nas comunidades muçulmanas já referidas e em casas de casais interculturais (brasileira casada com muçulmano árabe ou turco) e casais turcos, com as observações feitas em vídeos amadores (disponibilizados no YouTube) produzidos por algumas interlocutoras como também os produzidos por outras brasileiras que se relacionavam ou haviam se casado com um muçulmano turco ou árabe, em notícias jornalísticas ou institucionais viabilizadas na rede, assim como em material televisivo: filmes e novelas. Os registros feitos em caderno de campo também foram utilizados, assim como se utilizou entrevistas abertas realizadas presencialmente e/ou via Skype, WhatsApp ou *e-mail*. Os dados coletados estão inseridos e analisados por eixos temáticos e encontram-se distribuídos ao longo do texto, simultaneamente à teoria. Com efeito, concluiu-se que os encantos estiveram presentes na aprendizagem de uma nova cultura; músicas, sabores, paisagens e o relacionar-se com um homem que ainda guarda o romantismo perdido de muitos brasileiros. Os desencantos se referiram a novos hábitos alimentares, a aceitação da nova religião (islâmica) pela família brasileira e a vivência em terras em que os papéis de gênero são bem delineados. Contudo, também se encontrou nessa pesquisa, a problemática dos relacionamentos realizados de forma integral no mundo virtual, em que muitas brasileiras são utilizadas como trampolim para esses homens deixarem a crise financeira de seus países, o que acaba por resultar em casamentos interculturais com enfrentamento de altos níveis de dificuldades, incluindo brasileiras vítimas de vários tipos de abusos.

Palavras-chave: Casamento Intercultural. Psicologia Intercultural. Antropologia Social.

ABSTRACT

Pasqualin, F. A. (2018). *The (dis)enchantment of intercultural marriage: Brazilian women married to foreign Muslims* (Doctoral Dissertation). University of São Paulo, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP.

This research, grounded on Intercultural Psychology and Social Anthropology, aimed to understand the experiences related to the ethnic and religious aspects of the marriage between a Brazilian woman (Muslim or not) and a foreign Muslim man. The study used the ethnographic method, using virtual and face-to-face methods to collect empirical data, having a Turkish Muslim community located in the city of São Paulo and a Muslim community located in the city of Barretos, in the interior of São Paulo state, for the face-to-face interactions. In order to collect the virtual empirical data, the researcher accessed personal blogs, Facebook communities and amateur videos produced by Brazilian women married to Turkish and Arab Muslim men, since the cyber space is understood as a constitutive dimension of a society, where the subjects build themselves and act. The collaborators of this research were Brazilian women married to Turkish or Arab Muslims, both from the face-to-face and virtual environments, and members belonging to the specified communities. Research included participant observation of the researcher in the Muslim communities already mentioned and in houses of intercultural and Turkish couples as data collection instrument. Intercultural couples were Brazilian women married to Arab or Turkish Muslim men. Amateur videos produced by some interlocutors, available in YouTube, were used for observation. Videos produced by other Brazilian women who had relationship or had married Turkish or Arab Muslim men, reports or institutional news available on the internet and television material such as movies and soap operas were also sources for participant observation. Other materials used were registers made in the field notebook and open face-to-face, Skype, *WhatsApp* or e-mail interviews. Collected data were inserted and analyzed by thematic axes, distributed simultaneously with the theoretical concepts throughout the text. It was concluded that charms were present in learning a new culture; music, flavors, landscapes and the relationship with a man who still keeps the lost romanticism of many Brazilians. However, the disenchantment refers to new eating habits, the acceptance of the new (Islamic) religion by the Brazilian family and the experience in lands where the gender roles are well delineated. However, the research also found the issue of relationships fully developed in the virtual world, in which many Brazilian women are used as a springboard for these men to leave the financial crisis of their countries. This ultimately results in intercultural marriages that face several difficulties, including Brazilian women being victim of various types of abuse.

Keywords: Intercultural Marriage. Intercultural Psychology. Social Anthropology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cigana com bandolim.....	17
Figura 2 – A chaleira turca.....	21
Figura 3 – Telepresença	36
Figura 4 – Sheik Jihad fala redes sociais na internet	40
Figura 5 – Imagem do blog “ <i>Apaixonada pela Turquia</i> ”	42
Figura 6 – Imagem do blog “ <i>Mashallah</i> ”	44
Figura 7 – Relacionamento com estrangeiros pela internet	52
Figura 8 – Cuidado, cidadã brasileira	54
Figura 9 – Atenção, cidadã brasileira	58
Figura 10 – Casamentos por conveniência	60
Figura 11 – Casamento por conveniência	63
Figura 12 – Alerta Consular.....	65
Figura 13 – Itamaraty alerta mulheres	67
Figura 14 – Mulheres em viagem ao exterior	70
Figura 15 – Casamento com estrangeiro pela internet se torna assunto de Estado.....	71
Figura 16 – Larguei tudo pelo meu namorado turco e ele era casado	73
Figura 17 – Namoro na internet, saiba detectar um “cafajeste virtual”	75
Figura 18 – Golpistas e mulheres apaixonadas.....	78
Figura 19 – Namoro virtual e dicas de como não cair em uma roubada	80
Figura 20 – Noivos pela internet.....	84
Figura 21 – Bom senso no relacionamento virtual	87
Figura 22 – Sentidos Opostos: Preciso de um marido importado urgente.....	91
Figura 23 – A importância do casamento	93
Figura 24 – O perigo pode estar a uma teclada de distância.....	94
Figura 25 – Amor <i>halal</i>	96
Figura 26 – Agência Matrimonial.....	97
Figura 27 – Cuidado Hermanas	102
Figura 28 – Homem do deserto.....	108
Figura 29 – Homem árabe.....	108
Figura 30 – Homem turco	109

Figura 31 – Mulher árabe	109
Figura 32 – Dança do ventre	109
Figura 33 – Said	111
Figura 34 – Jade	112
Figura 35 – Bianca e Zyah.....	113
Figura 36 – Onur e Sherazade	114
Figura 37 – Fatmagül	115
Figura 38 – Sila e Boran.....	115
Figura 39 – Casal Islâmico	134
Figura 40 – O muçulmano casa	135
Figura 41 – Amor começa com casamento	136
Figura 42 – Conversa com Sheik Mohammad Al Bukai em Mesquita Santo Amaro.....	139
Figura 43 – Conversa com Sheik Mohammad Al Bukai em Mesquita Santo Amaro.....	139
Figura 44 – Campo de Leitura.....	141
Figura 45 – Site de Paquera.....	147
Figura 46 – Casamento de rua na Turquia.....	153
Figura 47 – Prédio enfeitado no Egito.....	154
Figura 48 – Nunca sem minha filha	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Interlocutoras brasileiras.....	31
Quadro 2 – Blogs acompanhados durante a pesquisa.....	45
Quadro 3 – Grupos seguidos no Facebook	46
Quadro 4 – Canais acompanhados no Youtube	48

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: Os Antepastos	14
1. Ver e ouvir para degustar: os caminhos que antecederam a pesquisa.....	15
2. Bismillah para iniciar: a delimitação do assunto estudado, o objetivo da pesquisa e as estratégias metodológicas	19
 SEGUNDA PARTE: O prato principal.....	 33
3. Fios que (tr)amam: um percurso pela internet.....	34
3.1 O ciberespaço como ponto de (des)encontro: os novos padrões de interação social	35
3.2 Mapeando o ciberespaço: blogs, Facebook, Youtube e Instagram	42
4. Caiu na rede é notícia: o material encontrado nas redes sociais.....	51
4.1 É oficial: quando o amor se torna assunto de Estado	52
4.2 As notícias sobre relacionamento virtual.....	71
4.3 O Islã também se preocupa com relacionamentos virtuais.....	91
5. O Casamento Intercultural: as mulheres, o imaginário e o real.....	105
5.1 Um “amor de novela”: a idealização do homem do Oriente	106
5.2 As migrações por “amor” e adaptação cultural	118
6. O Casamento no Islã: entre a prescrição e a prática.....	134
 TERCEIRA PARTE: A sobremesa	 165
7. Considerações Finais	166
 REFERÊNCIAS	 169
 APÊNDICES	 182
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (presencial).....	183
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (virtual).....	185
Apêndice C – Roteiro Casamento Turco	187
 ANEXOS	 199
Anexo A – Termo de Responsabilidade.....	200
Anexo B – Amor por Internet (original em espanhol)	201

PRIMEIRA PARTE:

Os antepastos

*“Os antepastos são como o início de histórias de viagens.
Sabores e aromas que seduzem seus sentidos e preparam você
para uma viagem de aventura”*

(Boulmetis, 2003, s.p)

1. Ver e ouvir para degustar

"A audição, a repetição contínua age como a visão
e produz o mesmo efeito.
Disseram-te que eras o filho de teu pai e de tua mãe.
Tu não viste com teus olhos que nasceste deles,
mas como te repetiram isso muitas vezes,
isso tornou-se uma realidade"

(Rûmi)

Ezharm. Esse é o nome que ecoa na minha mente desde criança.

Tudo começou quando ainda pequena, uma amiga imaginária, dessas que toda criança, principalmente os filhos mais velhos – como no meu caso – acaba encontrando pelo caminho para lhes fazer companhia, apareceu nas minhas brincadeiras.

Da Ezharm quase nada lembro, apenas o nome ficou porque os familiares ainda gostam de lembrar as minhas conversas com a tal amiga. E de tanto repetirem essas histórias, eu acreditei, e me coloquei a buscar minha amiga de infância.

Afinal, porque não se chamava Maria, Juliana ou Renata? Nomes comuns que circulavam naquela época. Durante muitos anos procurei encontrar alguma referência ou alguma ligação com qualquer outro nome, mas nem a grafia estava clara para mim. Até que um dia, alguém me disse que Ezharm parecia ser nome cigano. E tudo continuou como sempre porque quase todos nunca ouviram nada parecido.

Contam às tias que, a Ezharm brincava muito comigo quando eu acampava no quintal de casa e montava lá a minha cabana, ela também fazia, junto comigo, saias longas com tiras de panos presas por dentro da roupa, às vezes a gente brigava, mas em geral, estávamos sempre juntas rindo, dançando e cuidando dos bebês, que eram as bonecas. Vez ou outra minha mãe (a pedido meu) colocava um prato a mais na mesa porque minha amiga ficava para o almoço. Algumas tias tinham medo da Ezharm.

A criança cresceu e a paixão pelo Médio Oriente também. Vegetariana que come kibe cru, meu sonho era conhecer a Turquia e seus temperos. Certo dia, no ano de 1998, ainda na primeira graduação, Maria Helena (minha tia-avó, hoje falecida), me convidou para acompanhá-la até a Itália e a Grécia, então, mais que depressa aceitei e, a melhor parte da viagem foi saber em Roma, que nosso destino durante vinte e um dias seria a Turquia.

Em Istambul, entre um chá de maçã e outro, num *insight* pergunto ao guia local se ele já tinha ouvido o nome Ezharm e para minha surpresa ele diz que sim, que este nome não era estranho. Fiquei feliz por ter encontrado um sinal, mas tudo continuou como antes.

Terminada a graduação e entusiasmada com um trabalho que realizava no CDP – Centro de Detenção Provisório masculino de Ribeirão Preto, busco fazer meu mestrado na Psicologia Social e encontro um orientador que acolhe minhas ideias, mas que trabalhava com religião afro-brasileira, a umbanda. Aceito o desafio.

Os presidiários entraram na história equiparados a figura do Exú, entidade da umbanda que representa a liberdade, a rua, o movimento, a fertilidade e o poder. Exú é o mensageiro entre o céu e a terra, muitas vezes associado a Hermes, deus da mitologia grega.

No entanto, o trabalho sobre exus não saiu enquanto não “tratei” da minha cigana. Pois é, desde que pisei no terreiro onde desenvolvi minha pesquisa a entidade responsável pelo local disse que eu tinha uma cigana (no plano espiritual) que me acompanhava e, portanto, era preciso no trabalho falar dela primeiro para depois escrever sobre os exus e, assim foi feito. Caso o(a) leitor(a) esteja fazendo algumas suposições, adianto que essa cigana não é a Ezharm, o nome dela é Mariah, embora tenha sido entre os estudos ciganos que encontrei, lá no Paquistão, a grafia do nome da minha amiga imaginária.

Terminado o mestrado, o passeio por terras ciganas continuou e o gosto pela cartomancia ficou. Assim, encontro minha atual orientadora através de um baralho cigano. E, entre arabescos, luas e tâmaras - aludindo a sua tese de doutorado – discutimos sobre o Oriente, o Islã, o sagrado e o feminino; encontramos o tempo da delicadeza: Rûmi¹ e o amor.

Certo dia, pronta para dormir, já tarde da noite, uma vontade incontrolável de buscar um tema para o projeto de doutorado me leva a pesquisar. O sono vai embora e embalada por canções que me levam a percorrer os desertos do inconsciente, me deparo com Ísis.

Segundo a literatura, Ísis foi uma deusa da mitologia egípcia, cultuada como modelo de esposa e mãe, protetora da natureza e da magia, amiga de escravos e aristocratas, equiparada a Hermes, assim como os Exús. Mas eu ainda não sabia onde Isis me levaria.

Na manhã seguinte, um imenso livro sobre os gênios da pintura despenca da minha estante. Ao abrir o volume que acabara de cair, lá estava “*A cigana com bandolim*”, uma das obras mais famosas de Corot.

¹Jalalud-Din Rûmi (1207-1273), conhecido no Oriente como Maulana Rûmi ou simplesmente Maulana (Mevlana, em persa, “nosso senhor”), e no Ocidente apenas por Rûmi é considerado um dos maiores poetas místicos de todos os tempos. Nasceu em Balkh (hoje Afeganistão) e morreu em Konya, Turquia.

Figura 1 - Cigana com bandolim

Fonte: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (2017)

Então, o jeito foi cair na estrada com os ciganos e deixar a caravana me levar. Rodando pelo mundo, vi o vento que balança a saia da cigana, sacudir os penduricalhos no ventre da odalisca, que sem querer, fez o sufi girar.

O vento levou também todos os véus que encobriam meus pensamentos. Como na dança dos “*Sete Véus*”², um a um foi sendo desatado até que pude compreender a mística existente nesta viagem. Segundo Vitray-Meyerovitch (1990), o número sete é encontrado frequentemente nos escritos sufis para enumerar os “graus” a serem percorrido no Caminho³. O número “sete” também simboliza a totalidade dos mundos.

Rûmi com sua eloquência, sobre o amor e o Amado, trouxe a Unidade. Assim, reuni céu e terra, unifiquei o Oriente com o Ocidente, juntei o amor mundano ao Amado e dei sentido aos

² Dança dos 7 véus: dança executada pelas sacerdotisas em homenagem à Deusa Ísis, que representava um ritual de experiências sucessivas de auto-conhecimento até a ascensão espiritual.

³ Segundo o grande místico sufi Abû As’id ibn Abî-I-Khayr, “o caminho não é senão um único passo: dar um passo fora de si mesmo para chegar a Deus” (Vitray-Meyerovitch, 1990, p.80).

mundos que habitavam em mim. Dessa forma, a Ezharm pôde permanecer viva no meu imaginário.

Hoje, a mesa posta é outra, mas ela ainda me atíça para continuarmos brincando. E, nesse faz-de-conta, eu deixei os ciganos me “levarem” para a Turquia, onde “encontrei” os dervixes⁴ que me fizeram girar em torno do meu próprio centro, até o momento em que pude olhar para fora e ver os casos de amor entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros que invadiam o espaço virtual e irrompiam a realidade.

Assim, depois desse passeio, convido o(a) leitor(a) para sentar-se à mesa comigo e com meus convidados, para juntos desfrutarmos desse banquete de ideias preparado com tanta dedicação.

Venha, a Ezharm nos espera!

⁴ Dervixes é como são chamados os sufis ropiantes, praticantes da Ordem Mevlevi, a qual é fundamentada nos ensinamentos de Rûmi. Com a ajuda da música e da dança (giro), os dervixes podem alcançar um estado de êxtase que, segundo eles, os liberta da dor da vida diária, purificando sua alma e enchendo os com amor.

2. *Bismillah* para iniciar: a fundamentação metodológica

“E todo conhecimento é vazio; exceto quando há trabalho; e todo trabalho é vazio; exceto quando há amor; e quando vocês trabalham com amor vocês se unem a si próprios, e uns aos outros, e a Deus.”

(Gibran, 1975, s.p)

Bismillah é a forma abreviada de *bismi-llāhi r-raḥmāni r-raḥīm* que significa “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”. Segundo o glossário de termos islâmicos presente no site “*Mundo Islâmico*”⁵, *bismillah* é a palavra mais usada pelos muçulmanos para pedir a bênção divina. Aparece no início de quase todas as suratas do Alcorão. Ela também abre o texto da constituição de alguns países islâmicos. E, segundo o professor de árabe, do curso que frequentei, o qual trazia a palavra *bismillah* grafada no início de todas as folhas de exercícios que nos entregava, esta palavra deve ser escrita ou dita sempre que se inicia algo, pois tudo o que começa em nome de Deus encontrará um bom final. Assim, enquanto as mãos se preparam para trabalhar – escrever, cozinhar ou qualquer outra ação –, a boca deve pronunciar o *bismillah* porque todas as tarefas devem sair do coração e dirigir-se a *Allah*, ou seja, ao bem.

Dessa forma, é com esta intenção que a utilizo na abertura da minha tese, no intuito de que este trabalho, ao final, possa cumprir seus objetivos acadêmicos e contribuir de maneira efetiva com quem possa se beneficiar do conhecimento gerado por ele; tanto para psicoterapeutas que trabalham com casais e famílias interculturais, bem como o público leigo que busca informação nas redes sociais sobre casamento com muçulmanos estrangeiros, sem nos esquecermos do campo de pesquisa, que ao colaborarem estão produzindo um conhecimento reflexivo sobre si próprios, significando e resignificando sua experiência de um casamento intercultural.

O uso da palavra referida na abertura, também marca minha posição de respeito e aprendizagem com meu campo de pesquisa, pois ao grafá-la, registro sua importância para os religiosos e me posiciono sustentando que não há saber superior ou inferior, de forma que, ciência e religião são conhecimentos similares que contribuem para uma compreensão complexa do fenômeno, como já disse o filósofo Edgar Morin (2000) é preciso reagrupar os saberes para buscar a compreensão do universo.

Nesse sentido, ao optar por uma orientadora vinda da Antropologia para desenvolver uma tese dentro da Psicologia, sinalizo o quanto acredito na importância da interdisciplinaridade. Se há necessidade da utilização do arcabouço teórico da Psicologia Intercultural para o entendimento de meu objeto de estudo; o casamento intercultural entre brasileiras (muçulmanas ou não) e muçulmanos estrangeiros, também se acredita na primordialidade das contribuições do fazer etnográfico, que vêm da Antropologia e colabora para a densidade dos dados. De acordo com Leitão e Costa (2003) é imperativo que os psicólogos travem contato com a produção teórica de outras disciplinas, para que conheçam novos laços de coesão social.

A Psicologia Intercultural está relacionada com um grande número de disciplinas (antropologia, biologia, ecologia, linguística, sociologia) que são bastante preocupadas com a descrição, análise e compreensão das características de populações inteiras, grupos ou coletividades. Com a união dessas disciplinas, mais precisamente, da antropologia e da psicologia, buscou-se promover uma visão ampla e dinâmica dos fenômenos psicossociais que abarcam esse tipo de casamento intercultural, uma vez que se entende o desenvolvimento humano e suas manifestações decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos.

Portanto, não posso entender os muçulmanos estrangeiros, em especial da região do Oriente Médio⁶ (pois foi o grupo que mais apareceu neste trabalho, com excessão dos paquistaneses) e o significado do casamento para eles, sem antes conhecer sua religião.

Não posso falar sobre Islã se eu não conhecer seu espaço de oração que é a mesquita, seu livro sagrado; o Alcorão e conversar com suas autoridades religiosas; os *sheiks*⁷. Não posso desconhecer poetas como Rûmi, Saadi of Shiraz, Kahlil Gibran ou Nâzım Hikmet ou obras literárias como as das escritoras Halide Edip Adıvar e Elif Shafak, assim como as dos escritores Nizami e Orhan Pamuk. É preciso também conhecer as histórias de tradição oral; os famosos contos das “*Mil e uma noites*”, as anedotas de “*Nasrudin*” ou a epopeia turca reunida em “*O livro de Dede Korkut*” que compõem sua cultura. Observar por outros olhos, como ver as fotografias de Ara Güler. Aproximar-me desse “outro” também se fez com os olhos fixos na tela da TV para assistir as infinitas histórias de vida e de amor contadas por meio das novelas turcas que passaram a ser exibidas na televisão brasileira desde o ano de 2015 e de filmes como

⁶ O Oriente Médio é composto por países situados entre África, Ásia e Europa. São eles: Arábia Saudita, Bahrein, Chipre, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Israel, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Palestina, Omã, Qatar, Síria e Turquia. A predominância é de pessoas de origem e cultura árabe, mas há também os persas no Irã e os turcos na Turquia. O Islã é a religião seguida por mais de 65% da população do Oriente Médio, com exceção de Israel em que a maioria é judia.

⁷ Autoridade em assuntos islâmicos.

“*Babam ve Oglum*” (Meu pai e Meu filho), “*İklimler*” (Climas), “*Kocan Kadar Konus*” (Falando sobre seu marido), “*Uzak*” (Distante), “*Ask Tesadüfleri Sever*” (Love Likes Coincidences), “*At*” (O cavalo) e em especial o filme “*Politiki kouzina*”, traduzido no Brasil como “*O tempero da vida*”, o que literalmente seria “*A Cozinha Política*”.

Em “*O tempero da vida*”, a cozinha turca é o pano de fundo da trama em que Fanis, um menino de sete anos, vive com sua família o conflito político de 1964, em que os gregos foram deportados, pelos turcos, para a Grécia apenas com seus pertences pessoais. No desenrolar da história, como disse Nina Horta (2005), a cozinha é a pátria de Fanis, onde, carregado pelos temperos, revive Istambul. Assim, também são as cozinhas de várias turcas, que frequentei, aqui no Brasil, durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Sim, porque a etnografia, entre as turcas, só aconteceu quando deixei a “sala de estar” e fui para o “calor” da cozinha, literalmente.

Pesquisadora: *Eu não estou atrapalhando você?*

Interlocutora turca: *Amiga, você é de casa, veja, está no cozinha comigo!*

(Caderno de campo, Ramadã de 2017)

Lá (nas cozinhas), a Turquia se faz presente nas palavras estampadas em rótulos de produtos que chegam através de outros continentes, nas caixinhas que se abrem exibindo uma infinidade de cores e perfumes, nos utensílios inusitados como suas chaleiras de dois andares ou suas canecas, com cabos alongados, para preparar o café. E, na ausência da carne de porco e seus derivados, como também das bebidas alcóolicas, o Islã se faz presente.

Figura 2 – A chaleira turca

Fonte: Arquivo de campo
Crédito: Flávia Pasqualin

Assim, foi em uma dessas cozinhas, entre uma *baklava*⁸ e outra, que uma interlocutora turca me disse; “*é preciso saber fazer a política do casamento*”. Portanto, como Fanis, parto desse universo chamado cozinha para remontar as histórias de casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros, que por meio dessa cozinha que mistura, dilui, esquentar, esfria e dissolve, que tanto pode ser sua pátria ou seu exílio, esconde em seus aromas a arte e a ciência de governar uma vida ou uma nação.

Dessa forma, estruturei meu trabalho como um banquete; um banquete de ideias, aludindo (despretensiosamente) o “Banquete” de Platão. “Os antepastos” é o caminho inicial percorrido até chegar a temática dos casamentos interculturais e a metodologia utilizada para que sua compreensão pudesse acontecer. “O prato principal” refere-se ao aporte teórico e as experiências etnográficas e, para terminar, ofereço “as sobremesas”, o deleite final do jantar, em que realizo as considerações sobre o caminho percorrido e as histórias encontradas em campo.

Mas, já aviso, se o que se espera é um livro de receitas sobre casamento, essa tese é outra coisa. Embora a pretensão tenha sido explorar todos os ingredientes que compõem esse tipo de casamento, o sal, tido como o tempero da vida, deve ser acrescentado o quanto baste, cabendo ao dom do cozinheiro ou do amante encontrar sua medida ideal, para não salgar nem demais, nem de menos. Contudo, o(a) leitor(a), ao conhecer novos temperos, ou seja, histórias e relatos que aqui serão oferecidos, poderão provar um outro ponto de vista.

Sylvia Dantas (2012) afirmou que o momento que vivemos – a globalização – promove cada vez mais o contato intercultural, ou seja, o contato entre pessoas de distintas culturas. Entretanto, se por um lado se aumenta o diálogo entre culturas, por outro, a autora deixa claro que, nessa perspectiva intercultural, existem mais pontos de conflito do que de sinergia. Segundo ela, a mudança para outra sociedade e cultura coloca em xeque o modo de ser e de ver o mundo, modificando a maneira de se relacionar com as pessoas e, trazendo à tona a questão de quem se é. Esse desconcerto ocorre em virtude das pessoas que são socializadas em uma determinada cultura incorporarem formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos com o local, partilhando de uma mesma memória e de um mesmo universo simbólico que estabelece certas alianças entre as pessoas.

Nesse sentido, de acordo com Dantas (2012), é preciso compreender etnograficamente as culturas em contato para entendermos o indivíduo, exatamente como se buscou fazer nesta

⁸ É um doce elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida em massa filo e banhada em xarope ou mel, existindo variedades que incorporam pistache, avelãs e sementes de sésamo, papola ou outros grãos. Dizem ser uma sobremesa de origem otomana, portanto, tornou-se um dos doces mais famosos na Turquia.

pesquisa que, à princípio, delimitou seu campo de atuação para trabalhar apenas com as brasileiras que se relacionavam com muçulmanos turcos, devido a minha proximidade com a cultura turca. No entanto, no decorrer da pesquisa, casos de brasileiras que se relacionavam com muçulmanos árabes chegavam na mesma proporção e compunham um campo de pesquisa à espera de estudo. A proximidade estabelecida, através da pesquisa de campo, com a comunidade muçulmana de Barretos e com o Sheik Jihad Hammadeh⁹ me colocou diante de algumas mulheres brasileiras que se encontravam a procura de orientação/informação sobre casamento com muçulmanos estrangeiros (de forma geral).

Enquanto muitas pesquisas se deparam com dificuldades para encontrar interlocutores, posso dizer que o que encontrei foram mulheres com dificuldades de encontrar escuta e ansiosas para narrarem suas histórias. Assim, juntamente com minha orientadora, tomamos a decisão de não mais delimitar o campo de trabalho e sim, apresentar nessa tese, as várias vivências que nos chegavam, na tentativa de abranger um momento histórico e político que passa a questão dos casamentos interculturais em nosso país e o Islã no mundo. À *posteriori*, espera-se que novos trabalhos possam surgir para responder questões específicas levantadas nesse momento, mas hoje, devido a escassez de estudos sobre a temática, a opção é por apresentar um panorama geral sobre a questão.

Vale dizer que, no início desse percurso, resolvi procurar literatura pertinente à questão levantada em bancos de dados como Periódicos Capes, Scielo, Teses USP, Google Acadêmico e livros acadêmicos, utilizando o cruzamento das seguintes palavras chave: Islã ou *Islam* ou Islão *versus* casamento ou *marriage*. A surpresa foi que, apesar de amplamente discutido nas redes sociais, encontrei apenas um trabalho sobre o relacionamento de mulheres brasileiras com muçulmanos estrangeiros, sendo uma dissertação de mestrado, na área da antropologia, que embora se refira a esse relacionamento, o foco do trabalho está na construção do *self* dessas mulheres em relação à reversão ao Islã (Barros, 2012). Nos últimos dez anos é possível encontrar no cenário brasileiro uma crescente produção, ainda que pequena, nos estudos referentes ao Islã.

No Brasil, dentro das Ciências Humanas, áreas como a história, a ciência da religião, a sociologia e a antropologia dominam os estudos realizados sobre Islã, abordando em sua grande maioria questões referentes à identidade, conversão/reversão, jurisprudência e gênero (uso do véu islâmico). Já na psicologia foi possível encontrar apenas dois trabalhos, sendo o primeiro

⁹ Brasileiro, teólogo, presidente do Conselho de Ética da União Nacional das Entidades Islâmicas e membro, pesquisador do GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contexto Islâmico e Árabe, pertencente ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP/USP.

deles sobre religião e imigração (Zaia, 2006), embasado na psicologia intercultural. E, o segundo sobre a relação entre a simbologia arquitetônica islâmica inspirada pelo sufismo e as concepções psicológicas de Jung (Raffaelli, 2009).

Maria Cardeira da Silva (2005) também colocou a situação de Portugal ao dizer que o cenário contemporâneo embora congregue uma rede relativamente densa de pesquisadores de diferentes disciplinas e formações, ela é pouco ampla nas suas investigações.

Dessa forma, foi com base nos pressupostos teóricos de Cardeira da Silva (1997), no seu artigo sobre o “*Islão Plástico*”, que se delineou a ideia de que no Brasil, assim como nos demais países do Ocidente, existe um modelo uniformizado de Islã que negligencia as práticas e vivências contextuais, e embora não se tome conhecimento de suas nuances, ele existe e acaba por “conectar” e propiciar novas formas de relacionamentos que, por conseguinte, formam novos modelos de famílias.

Nesse sentido, após refletir sobre as questões que se configuraram nessa trajetória, **justifico** a importância deste estudo sustentada nas palavras de Abu-Lughod (1986) a qual disse ser preciso estarmos alertas à necessidade de entendimento do sistema social tendo em conta homens, mulheres e o seu relacionamento, uma vez que, a gestão da vida pessoal se intersecta com a vida no grupo e toma dimensões políticas na medida em que se cruzam fronteiras físicas e psíquicas, e acrescento também, as fronteiras virtuais. Como disse Mernissi (2012),

... logo que um dos meus colegas da Suécia ou das Filipinas me conta sobre sua vida amorosa, eu me sinto muito mais perto deles e da cultura do que explorando um longo discurso científico ...¹⁰ (p. 8 – tradução minha).

Dessa forma, o estudo desses casamentos é importante para a compreensão do processo de desenvolvimento e transformação da nossa sociedade. Pois, ressalto que a originalidade dessa tese se encontra por ser referência sobre casamentos entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros.

Para tanto, minha **hipótese** inicial foi a de que no casamento intercultural, para além da condição de homem estrangeiro, este último é também muçulmano, podendo ser praticante ou não. Assim, se supôs que para este casal poderia existir uma maior dificuldade de adaptação,

¹⁰ Do original: “... logo que uno de mis colegas de Suecia o de Filipinas me hable de su vida amorosa, me siento mucho más cerca de ellos y de su cultura que escuchándoles un largo discurso científico ...”.

pois se somam as diferenças religiosas também. Pois, o Islã¹¹ é uma religião prescritiva¹² e insere-se em todos os momentos da vida do fiel.

Muitos o denominam de “sistema de vida completo”. A própria palavra *Islam* (termo árabe) significa "entrega". No sentido religioso, Islã, significa "total entrega à vontade de Deus", o que quer dizer, ter a sua rotina diária programada em função das obrigações religiosas, como por exemplo: os cinco períodos de oração durante o dia, a proibição de comer carne de porco e seus derivados e ingerir bebida alcoólica, o recato nas vestimentas e jejum no mês do Ramadã¹³. Acrescento que, mesmo sendo esta brasileira revertida¹⁴, ela geralmente se encontra em processo de aprendizagem da religião.

Sendo assim, a **questão-problema** que deu início a esta investigação foi “Quais são as vivências, étnicas e religiosas, existentes no casamento entre uma brasileira (muçulmana ou não) e um muçulmano estrangeiro?” Ou seja, “Quais são os encantos e desencantos vivenciados por este tipo de casal?”

Quanto a **metodologia**, de acordo com M. C. Lima (2008), as ciências humanas e sociais pressupõem a concepção e adoção de uma abordagem que seja capaz de respeitar suas singularidades. Assim, optou-se pela abordagem qualitativa que, segundo Godoy (1995), tem como pressuposto as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e as intrincadas relações sociais que estabelecem no ambiente em que ocorrem. Dentre os métodos qualitativos conhecidos está a abordagem etnográfica, a qual foi escolhida neste estudo.

Clifford Geertz (2008) considerou que fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado, no caso do campo em questão, trata-se, portanto, de ler o discurso social sobre os ombros daquelas que o inscrevem, as mulheres e suas impressões sobre o casamento intercultural, buscando verificar os encantos e

¹¹ Para quem quiser saber mais sobre a história da civilização islâmica, sobre a doutrina e os rituais do sistema religioso islâmico sugiro buscar em “*Uma história dos povos árabes*” de Albert Hourani, “*Islã: Religião e Civilização: uma abordagem antropológica*” de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto e “*Performances Islâmicas em São Paulo: entre arabescos, luas e tâmaras*” de Francirosy Campos Barbosa.

¹² Isto não quer dizer que os muçulmanos não divergem em suas ações, correntes, etc. Há várias formas de apreender o religioso.

¹³ Mês em que foi revelado o Alcorão. Neste mês, pede-se aos fiéis uma prática mais intensa da religiosidade: fé, caridade, fraternidade, vivência dos valores da vida familiar, leitura mais assídua do Alcorão, frequência à mesquita, controle pessoal e autodomínio.

¹⁴ Revertida é uma categoria nativa que denomina a pessoa que se converteu ao Islã. No entanto, utiliza-se a palavra reversão porque para o Islã todos os homens e mulheres nascem muçulmanos, então, quem antes professava outra ou nenhuma religião, ao tornar-se muçulmano(a) está retornando a sua religião de origem.

desencantos desta relação. Conferindo ao outro o lugar de sujeito, para que ele possa se reconhecer em suas falas e (re)significar suas vivências mais profundas. Tais observações são importantes quando queremos conhecer as ações humanas, já que sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo (Wielewicki, 2001).

Portanto, compartilho a ideia de Crapanzano (1986) que equiparou o etnógrafo a Hermes, o qual “Tem a missão de clarificar o obscuro, de tornar familiar o estranho, de interpretar o que parece ser sem sentido”¹⁵...” (p.91 – tradução minha), mas sempre fazendo-se valer da função dialógica para que o outro possa emergir. Contudo, podemos pensar que o drama da vida, na contemporaneidade, não se encontra apenas em locais “reais”, ele também está estampado nas páginas da *internet*, podendo ser visto e produzido por uma “comunidade virtual”.

Assim, para somar-se à etnografia presencial ou convencional, surge a etnografia virtual que se desenvolve em resposta à necessidade de se estudar essas comunidades. Ela não surge como um novo método, pois ela traz os pressupostos em que se baseia a etnografia dita convencional (Hine, 2000). Para autora, na etnografia virtual o etnógrafo não está mais cara-a-cara com seus interlocutores, mas ele interage com eles através dos meios de comunicação eletrônica.

De acordo com Máximo (2006), a qual vem realizando há mais de dez anos pesquisas sobre a Comunicação Mediada por Computador (CMC), a importância do trabalho etnográfico na compreensão da produtividade social do “ciberespaço”, permite perceber que a existência social dos espaços criados por esse tipo de comunicação está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação.

Segundo Guimarães Junior (2004), a antropologia atual manteve-se um tanto afastada das dinâmicas culturais em torno das tecnologias e afirma que esta falta de atenção ao campo tecnológico é surpreendente, especialmente quando se considera o papel representado por essas tecnologias na vida social e o quanto estas são pontos de convergência para uma série de discursos da contemporaneidade.

Dessa forma, a pesquisa contou como **campo empírico presencial** de estudo, com a comunidade muçulmana turca da cidade de São Paulo, a qual está ligada ao Centro Cultural Brasil-Tuquia e a comunidade muçulmana da cidade de Barretos, localizada no interior de São Paulo.

¹⁵ Do original “*tiene la misión de clarificar lo obscuro, de tornar familiar lo extraño, de interpretar lo que en apariencia no tiene sentido ...*”

No **campo empírico virtual**, o estudo contou com *blogs* pessoais, comunidades existentes no Facebook¹⁶ e vlogs de brasileiras divorciadas e casadas com muçulmanos turcos e árabes.

É preciso dizer que a entrada em campo ocorreu de forma cautelosa, tanto no campo virtual como no presencial, para que eu pudesse conquistar espaço e confiança das interlocutoras e das comunidades, isto quer dizer que, evitei fazer perguntas demasiadas e a utilizar celular ou máquina fotográfica para fazer fotos, no início. Também como Chagas (2014), narrando sua experiência de campo na Síria, e seguindo as orientações de minha orientadora, não sendo eu uma muçulmana, a demonstração de respeito às etiquetas religiosas locais sempre estiveram presentes, nas casas turcas ou na comunidade.

Assim, preferi chegar aos poucos, sentir onde estava pisando e também deixar que a comunidade me conhecesse. Embora muitas vezes quisesse saber mais, me calei na certeza de que novas oportunidades iriam surgir e aqueles, eram apenas os primeiros encontros. Busquei dosar a formação em psicologia, com o fazer etnográfico da antropologia. Fazer etnografia é esforço pessoal para suspender seus conhecimentos e suas crenças para poder ver/sentir o que o outro te mostra. É se deixar “ser afetado” de Favret-Saada (Siqueira, 2005). “Porque pensar é não compreender”, já disse Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa). Acredito que a tática tenha dado certo.

Dessa forma, frequentar a casa das famílias turcas, as festas, ser convidada para uma imersão religiosa em um hotel fazenda com a comunidade turca, juntamente com o olhar atento para as postagens no mundo cibernético possibilitou o conhecimento do micro e do macro espaço em que desfilavam histórias sobre relacionamentos amorosos interculturais, ampliando minha visão e refinando minha escuta.

Como **colaboradores** da pesquisa, participaram membros das comunidades citadas anteriormente, assim como, brasileiras casadas com muçulmanos turcos e árabes, que se encontravam fora e/ou dentro das redes sociais já especificadas, residentes no Brasil, na Turquia e no Egito e autoridades religiosas, como os sheiks. Vale dizer que, as questões éticas referentes ao anonimato das interlocutoras presenciais que aceitaram colaborar com esse trabalho foram devidamente respeitadas e registradas por meio do Termo de Consentimento Livre e

¹⁶ Facebook é um site e serviço de rede social, lançado em fevereiro de 2004. Em outubro de 2012 o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Em média 316.455 pessoas se cadastram, por dia, no Facebook, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. Um estudo realizado em 2009 pela Compete.com classificou o Facebook como a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais. Recuperado de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>.

Esclarecido (Apêndice A), tendo sua aprovação no Conselho Nacional de Saúde¹⁷ (CNS), por meio da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Portanto, todos os nomes de interlocutoras que aparecem neste trabalho são fictícios. Quanto aos dois *sheiks* referidos, *Sheik* Jihad e *Sheik* Bukai¹⁸, seus nomes são reais, já que eles possuem uma fala pública, uma vez que falam em nome da religião. Já disse Ferreira (2009a) em seu artigo “*O sheik é o livro...aquele que ouve, aquele que fala*”, o sheik é o “líder da fala”, ele domina o conhecimento sobre a religião e a professa.

Sarti e Duarte (2013) atentam para os inúmeros constrangimentos vivenciados por pesquisadores que fundamentam seu trabalho de investigação na metodologia etnográfica em face da regulamentação “biocêntrica” da ética em pesquisa. Como por exemplo; devemos registrar, de antemão, o número de colaboradores e o local que será realizada a entrevista ou “aplicado” o questionário, fatores estes incompatíveis à prática etnográfica.

No mais, o trabalho etnográfico exige do pesquisador maturidade e habilidade para se aproximar de seus interlocutores no intuito de que uma relação de confiança possa ser construída, assim como o próprio campo de pesquisa é construído ao longo da mesma, o que tornou a apresentação deste delimitado termo (TCLE), logo no início da minha aproximação com algumas potenciais interlocutoras, bastante constrangedor em alguns casos, suscitando “ranços” das pesquisas pautadas no modelo biomédico, que em sua grande maioria, estão preocupadas apenas com a coleta de seus dados, deixando o seu interlocutor em segundo plano. Assim, algumas mulheres, embora interessadas no assunto, decidiram não colaborar após o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Certa vez, recebi como resposta a seguinte frase: “não me sinto a vontade para ser objeto de pesquisa”. Logo, é evidente a necessidade de ser revisto este modelo de TCLE para as Ciências Humanas que acaba engessando as ações do pesquisador. É preciso avançar nessa questão e não nos contentarmos com um modelo estático e imposto, que omite as diversidades e possibilidades de cada área. Contudo, continuamos a caminhada.

No que se refere ao mundo virtual, embora já não seja tão novo em nossa sociedade, sua constante evolução faz com que as resoluções éticas nas pesquisas brasileiras, para as Ciências Humanas, tornem-se ainda mais inoperantes, uma vez que pouco contribuem para que o

¹⁷ No Brasil, as pesquisas oriundas das Ciências Humanas são reguladas pela Resolução no 196/96 e suas complementares, aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde (Sarti & Duarte, 2013).

¹⁸ Sírio, teólogo, pertencente a União Nacional Islâmica (UNI) e responsável pela Mesquita da Misericórdia, localizada em Santo Amaro – São Paulo, mais conhecida como “Mesquita de Santo Amaro”.

pesquisador possa “mergulhar” no mar de informações e possibilidades que esse mundo oferece.

Estalella e Ardèvol (2007) ao falarem, na Espanha, sobre a ética em campo na investigação etnográfica virtual, propuseram uma ética dialógica e situada, a qual está baseada na negociação entre as partes. Pois, segundo os autores, o trabalho de campo supõe um contato prolongado com seus interlocutores, criando relações de confiança e vínculo que, muitas vezes se estendem para além da finalização da pesquisa.

Desde os anos 90 são muitos os trabalhos sobre interação social na internet que se baseiam na observação participante, o que levou a *American Anthropological Association* propor uma formulação flexível e gradual do processo de obtenção do consentimento informado, sendo ele verbal ou escrito, uma vez que se entende como um processo dinâmico e contínuo ao longo da investigação (Estalella & Ardèvol, 2007). Os autores citam um trecho da resolução americana, a qual afirma; “É a qualidade do consentimento, e não o seu formato, que é relevante”.¹⁹ (American Anthropological Association [AAA], 1998, p. 3 – tradução minha).

No entanto, esta pesquisa respeitou as normas éticas vigentes em nossa sociedade, na qual, obrigatoriamente, resultou na apresentação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Interlocutoras Virtuais (Apêndice B), tendo sido também aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), o qual foi enviado para a interlocutora, mantenedora do blog, logo após o primeiro contato. Pois, embora o que esteja na rede, publicado com livre acesso, seja de domínio público, optou-se por convidar algumas destacadas internautas que possuíam profícua atividade na rede, via *blog*, referente a temática desta pesquisa, para que pudessem ser uma interlocutora e assim, através de um diálogo direto, algumas dúvidas e assuntos pertinentes as postagens pudessem ser melhor explorados entre pesquisadora e interlocutora. Sendo assim, também se preservou o anonimato dessas interlocutoras.

Complemento dizendo que, minha inserção nas comunidades do Facebook se deu apenas como observadora, sem estabelecer nenhuma forma de contato, o que possibilitou analisar os assuntos que apareciam de forma espontânea e recorrente nos grupos, sem a minha interferência. Portanto, em nenhum momento utilizo publicações pessoais desses grupos, apenas materiais de origem pública que por ali circularam.

¹⁹ Do original: “*Es la calidad del consentimiento, y no su formato, lo que resulta relevante*”.

Vale dizer que, para organização do material coletado nas redes sociais foi aberto um grupo “fechado²⁰” no Facebook, denominado “PESQUISA USP/FAPESP”, em que a intenção inicial, para além de sistematizar, era a de inserir, neste grupo, cinco interlocutoras, para que comentassem as postagens arquivadas, sendo essas brasileiras escolhidas porque eram (algumas ainda são) bastante procuradas por outras brasileiras que buscavam informações sobre o relacionamento com homens turcos, árabes, sobre religião ou sobre a própria cultura. No entanto, apenas quatro participaram ativamente no grupo, mas a divergência de opiniões entre as interlocutoras começou a gerar discussões improdutivas e de cunho pessoal, tendo a pesquisadora/administradora – no caso, eu – excluído todos os membros após a seguinte mensagem, encaminhada individualmente para cada membro:

Olá “[nome da interlocutora]”, por motivos de pesquisa, vou deixar o grupo "PESQUISA USP/FAPESP" apenas como um local de arquivo pessoal. Sendo assim, passarei a contatá-la individualmente. Continuo grata por sua colaboração até o momento, na certeza de que poderei contar com sua preciosa colaboração que tanto contribui para entendermos aspectos culturais de um povo. Abraços, Flávia

(Caderno de campo virtual)

Contudo, essas brasileiras continuaram colaborando com a pesquisa de forma individual e o local tornou-se exclusivo para o arquivamento das postagens, como também se tornou um caderno de campo virtual. Vale dizer que, o status do grupo foi alterado para “secreto” e apenas a pesquisadora/administradora teve acesso. Os arquivamentos de materiais divulgados no Facebook foram feitos diariamente (incluindo os meus dois períodos de Licença Maternidade).

Para esses dados coletados no ambiente virtual, o CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) deixa claro ao dizer que não serão registradas nem avaliadas por ele “pesquisa que utilize informações de acesso público ou de domínio público” (Conselho Nacional de Saúde [CNS] - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa [CONEP], 2016, p.2).

²⁰ O Facebook oferece as opções “secreto”, “fechado” ou “público” de privacidade para seus grupos. Sendo que na modalidade **secreta**, qualquer pessoa pode pedir para participar ou convidada por um dos membros para integrar o grupo, pode-se ver o nome do grupo ou quem está no grupo, mas somente os membros podem ver o que está publicado. Na **fechada**, qualquer pessoa pode entrar, mas ela deve ser adicionada ou convidada por um membro, apenas os membros atuais e ex-membros podem ver o nome do grupo e somente os membros atuais podem ver quem está no grupo e as publicações do mesmo. E, na modalidade **pública**, qualquer pessoa pode participar ou ser adicionado ou convidado por um membro, qualquer pessoa pode ver o nome do grupo ou quem está no grupo e qualquer pessoa pode ver o que está publicado.

Na tentativa de me inserir no ambiente virtual, no início da pesquisa, ativo o blog “*Mashallah*²¹”, no entanto, sua serventia se deu apenas no começo para que eu pudesse me aproximar das interlocutoras virtuais que já se destacavam como lideranças no assunto, depois disso, sua utilização foi se tornando obsoleta devido a abertura de inúmeras comunidades no Facebook, arrebanhando o público dos blogs. Algumas dessas comunidades eram e ainda são administradas por antigas blogueiras.

Destarte, no início da pesquisa compunham o grupo de interlocutoras virtuais seis brasileiras; sendo cinco delas casadas com turcos e uma divorciada de um turco, com o decorrer do desenvolvimento do estudo permaneceram quatro dessas brasileiras e somou-se duas brasileiras casadas com árabes (egípcios). Totalizando seis interlocutoras virtuais.

Ao somar as colaboradoras virtuais às presenciais, posso dizer que contribuíram, efetivamente, dez interlocutoras brasileiras; sendo três delas residentes na Tuquia e uma no Egito, contudo, tantas outras mulheres (mulheres brasileiras casadas com turcos ou árabes e mulheres turcas) contribuíram com suas falas para a composição dessa etnografia.

Quadro 1 – Interlocutoras brasileiras

Interlocutoras	Faixa etária	Grau de Instrução	Reside	Marido	Religião	Como conheceu marido	Modalidade de contato
Juliana	20-30	3º grau completo	Turquia	turco	cristã	internet	virtual
Amanda	20-30	3º grau completo	Turquia	turco	não definida	viagem de trabalho	virtual
Gisele	20-30	3º grau completo	Turquia	turco	cristã	viagem de estudo	virtual
Débora (divorciada)	40-50	3º grau completo	Turquia	turco	não definida	viagem de turismo	virtual
Mara	30-40	3º grau completo	Brasil	turco	cristã	viagem de estudo	presencial
Paula	30-40	3º grau completo	Brasil	turco	revertida	grupo familiar	presencial
Viviane	30-40	3º grau completo	Brasil	árabe (egípcio)	revertida	viagem de turismo	presencial
Marcela	30-40	3º grau completo	Brasil	árabe (egípcio)	revertida	internet	virtual
Sandra	30-40	3º grau completo	Egito	árabe (egípcio)	revertida	viagem de turismo	virtual
Carolina	30-40	3º grau completo	Brasil	árabe (sírio)	revertida	trabalho	presencial

²¹ Recuperado de: <http://mashallah-gracias.blogspot.com.br/>

Como **instrumento de coleta de dados**, a pesquisa contou com a observação participante do pesquisador nas comunidades muçulmanas já referidas e em casas de casais interculturais (brasileira casada com muçulmano árabe ou turco) e turcos, com as observações feitas em vídeos amadores (disponibilizados no Youtube) produzidos por algumas interlocutoras como também os produzidos por outras brasileiras que se relacionavam ou haviam casado com um muçulmano turco ou árabe. Utilizou-se também notícias jornalísticas ou institucionais viabilizadas na rede, assim como em material televisivo: filmes e novelas. Os registros feitos em caderno de campo também foram utilizados, assim como se utilizou entrevistas abertas²² realizadas presencialmente e/ou via Skype, WhatsApp ou e-mail, partindo sempre da mesma questão: “*Você poderia me contar sobre a história do seu casamento?*”.

As **análises dos dados** se deram por eixos temáticos e estão disponibilizadas juntamente com o conteúdo teórico, pois julgou-se pertinente que, os dados coletados em campo pudessem “conversar” com a teoria à medida em que eles surgissem no texto, evitando-se assim a apresentação estanque dos mesmos, o que seria contrario ao próprio fazer etnográfico, como afirmou Peirano (2014), “toda etnografia é também teoria (p. 383)”.

Dessa forma, o(a) leitor(a) encontrou nessa primeira parte, o percurso inicial da tese. Pois, uma pesquisa é um banquete de ideias, que como tal, deve ser preparado com rigor; o rigor metodológico. Contudo, tão importante quanto saber o “modo de preparo” é interessante que, o convidado-leitor ou a convidada-leitora saibam a procedência do que está sendo oferecido. A pesquisa, tanto quanto a comida, não nasce de um encontro espontâneo de ingredientes. Elas nascem de um desejo, que vamos agregando item a item – leituras, opiniões, métodos e experiências – até que se forme uma boa mistura, possível de oferecermos à apreciação.

Na segunda parte, apresentada a seguir, é oferecido o “prato principal”, composto pelo aporte teórico da pesquisa e pelas experiências vivenciadas em campo para que a questão problema pudesse ser respondida. Nesse sentido, é apresentado, primeiramente, a imersão da problemática no espaço digital, de onde tudo partiu. Depois disso, a pesquisa percorreu o solo brasileiro, na tentativa de explorar a questão do casamento intercultural e suas idealizações quanto ao “ser estrangeiro” em nossa sociedade para então, finalizar o estudo, explorando o casamento para religião islâmica.

²² A entrevista aberta, segundo Minayo (1993) é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos.

A terceira e última parte, composta pelas considerações finais, é o momento de olhar sobre(a)mesa e, diante de tudo o que foi oferecido, avaliar os encantos e desencantos que compuseram esse banquete.

Bom apetite!

SEGUNDA PARTE:

O prato principal

*“O prato principal nos remete
às lembranças da mais tenra infância”*

(Boulmetis, 2003, s.p)

3. Fios que (tr)amam: um percurso pela internet

“que viagem
ficar aqui
parada”

(Alice Ruiz, 2008, p.13)

Enquanto me preparava para escrever o projeto de doutorado, que a princípio pretendia trabalhar com algum tema inerente ao sufismo²³, me debruço sobre os livros que tratavam dessa temática e também mergulho na rede cibernética para pesquisar o assunto. Certa de que queria trabalhar com a religião islâmica e a Turquia como panos de fundo, numa “horinha de descuido” – aludindo Guimarães Rosa, digito “apaixonada pela Turquia” e para minha surpresa, encontro um blog chamado “*Apaixonada pela Turquia*”.

O blog “*Apaixonada pela Turquia*”, visivelmente bonito, atrai minha atenção e quando me percebo já havia devorado a história que estava ali. Assim foi uma semana, depois mais duas semanas e lá estava eu acompanhando diariamente as postagens e os comentários que surgiam naquele espaço. O blog apresentava uma lista de tantos outros blogs que também falavam sobre os encantos do Oriente e o encantamento de brasileiras por jovens turcos e árabes. Todavia, permaneci “girando” com os dervixes.

Certo dia, conheço uma jovem ribeirão-pretana (minha conterrânea) que havia se casado com um egípcio e me atento para o que Rûmi já havia alertado; “para as sutilezas que não se dão em palavras” (Rumi, n.d/1996, p.7). Então, percebo a repetição e a proximidade das histórias de casamentos entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros que começam a girar no meu entorno.

Mas, somente quando saio do meu centro e olho para fora é que percebo a primordialidade de realizar esse estudo, pois parto da necessidade do próprio campo ao ver questionamentos de mulheres brasileiras sobre a cultura e o modo de ser dos muçulmanos turcos ou árabes. Muitas vezes, se tornava evidente a confusão entre cultura e religião, entre árabes e turcos, entre o virtual e o real.

Dessa forma, selei meu projeto de doutorado com a questão dos casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros e, embora apenas duas de minhas interlocutoras

²³ Segundo Pinto (2010), “o termo sufismo (*tasawwuf*) designa as correntes místicas do islã que foram organizadas em torno de um conjunto de doutrinas, rituais e formas de afiliação coletiva que caracterizam uma determinada tradição esotérica ou ‘via’ mística” (p.101).

efetivas tenham conhecido seus maridos via internet, como visto na Tabela 1, ainda que esse meio possa facilitar o encontros de pessoas distantes e ser apenas mais uma via para se conhecer novas pessoas, ele ganhou cada vez mais espaço nesse campo de pesquisa como uma modalidade que preocupa tanto autoridades brasileiras, quanto autoridades religiosas, já que a maioria das uniões realizadas por meio da internet tendem a apresentar um maior número de conflitos (graves), o que me levou a mergulhar nesse assunto com mais fôlego.

Assim, inicio a busca pelo entendimento dessa problemática navegando nesse mar (in)finito que é o ciberespaço, como pode ser visto no próximo item.

3.1 O ciberespaço como ponto de (des)encontro: os novos padrões de interação social

A medida em que avançam os meios tecnológicos, encurta-se o tempo e ampliam-se as oportunidades de tornar próximo o distante. A invenção de um novo local de encontro – o ciberespaço²⁴ – faz com seja necessário incluir este novo território nas pesquisas atuais (Pasqualin & Barbosa, 2017).

Compreender o espaço virtual como um modo de conceber a etnografia – etnografia virtual, de acordo com Hine (2000), surge em resposta a uma necessidade de estudar comunidades em que a comunicação se dá por meios eletrônicos, podendo complementar a etnografia convencional, a qual se dá por meio presencial do pesquisador na comunidade. Com base nesta premissa é que, neste trabalho buscou-se agregar o mundo virtual ao mundo real, pois desprezá-lo seria ignorar a própria realidade.

A Internet, segundo Guimarães Jr. (1997), conhecida como "rede das redes", constitui-se em uma técnica que condensa várias características do ciberespaço, conceito que lhe é anterior e designa o espaço criado pelas comunicações mediadas por computador (CMC's).

Nesse sentido, entende-se por redes sociais *online* uma estrutura social composta por pessoas ou organizações que possuem interesses em comum e estão conectadas via internet, no ciberespaço. Sabe-se que as redes *online* operam em diferentes setores como, por exemplo, redes de relacionamentos (Facebook, Skype, Orkut, MySpace, Instagram, Twitter, Badoo, Tinder), redes profissionais (Linkedin), dentre outras. Já o blog é uma espécie diário *online*, que também forma uma rede por meio do agrupamento de pessoas nele relacionadas.

Compreender este novo local de encontro – o *ciberespaço* – torna-se fundamental para nos aproximarmos do entendimento dessas novas uniões entre brasileiras e muçulmanos

²⁴ O ciberespaço é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, pág. 92).

estrangeiros, pois o mundo social da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade (Castells, 2003).

De acordo com o autor citado acima, o surgimento da internet faz emergir um novo meio de comunicação e com isso se promove novos padrões de interação social. A comunicação *online* desvincula a necessidade de se estar no mesmo local para se poder socializar. Segundo Castells (2003), “A era da internet foi aclamada como o fim da geografia” (p.170), pois, a internet tem uma geografia própria, feita de redes e nós que processam fluxos de informações gerados e administrados a partir de lugares (Castells, 2003).

Estudos de sociólogos urbanos como Suzanne Keller, Wellman e Claude Fischer mostraram que redes substituem lugares como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades (Castells, 2003). No entanto, esse processo de individuação (termo emprestado de Giddens), segundo Castells (2017), não significa isolamento, pois a interação pode ser dar de uma outra maneira.

Nesta pesquisa, verifiquei que, a “geografia digital” causa uma proximidade imaginária, fazendo Brasil e Egito ou Brasil e Turquia parecerem tão próximos a ponto de desenvolverem um namoro nesse (ciber)espaço de tal forma que, ele seja sustentado, muitas vezes, apenas por suas “tramas” digitais até que se relize o casamento.

Todavia, se hoje, a internet criou um “apagamento” das fronteiras territoriais, ela também superou a materialidade orgânica do corpo humano com ajuda das tecnologias da virtualidade que potencializam e multiplicam as possibilidades humanas de se fazer presente (Sibilia, 2015). Já disse Le Breton (2003) em “*Adeus ao Corpo*”; “Nesse imaginário que tende a redefinir as condições de existência, o corpo torna-se o meio cada vez menos necessário pelo qual as máquinas se desenvolvem e reproduzem (p.17)”.

A Figura 3, exibida a seguir, ilustra uma situação já relatada por algumas internautas, que consiste em cada um levar seu *notebook* para a cama e deixar a câmera aberta durante toda a noite.

Figura 3 – Telepresença

Fonte: https://www.mensagenscomamor.com/images/interna/new/frases_de_amor_virtual.jpg

Dessa forma, o ciberespaço cria a possibilidade de deixar o corpo real para se relacionar com os outros, pois as novas tecnologias permitem uma utilização metafórica desse corpo, uma vez que, pode-se estar em todos os lugares; casa, trabalho, escola, dentre outras possibilidades (Prestes, 2002), como por exemplo; uma aldeia turca. Segundo Prestes (2005), o corpo transcende a fronteira e se dispersa no espaço virtual imaginado. O “corpo liquidificado” pode ir além da pele (Prestes, 2002) e resolver sua solidão via conexão.

Contudo, há que se admitir que a rede pode proporcionar manifestações intensas, de forte compromisso emocional, apesar da ausência de contato físico (Prestes, 2005). Todavia, declarar que um relacionamento começou de forma digital parece, ainda hoje, causar algum desconforto. “*Eu não tenho vergonha de dizer que conheci meu marido na Internet, como muitas mulheres*” (interlocutora casada com um egípcio há 7 anos). Para Prestes (2005) julgar as (im)pertinências do amor por sua forma de início digital parece ser um enfoque de soberba intelectual. Pois, as relações de conquistas na rede não se diferem muito das estabelecidas em bares, *pubs* ou discotecas. O autor também questiona o porquê da resistência sobre as relações que se iniciam na Internet, já que as relações que se iniciam *offline* também não possuem 100% de efetividade.

O trecho, a seguir, foi retirado de um dos blogs acompanhados e apresenta uma reflexão sobre o namoro à distância. A blogueira, sob o título de seu post "*Acompanhada sozinha ou sozinha acompanhada?*" escreve;

Muitas pessoas me perguntam como é que eu aguento ficar namorando tanto tempo a distância.

Realmente é muito MUITO difícil, por muitos motivos. É muito ruim não ter aquela pessoa que amamos, e que se torna também um grande amigo, para compartilhar mais de perto os momentos do nosso dia-a-dia. Festas, eventos, momentos de tristeza onde tudo o que queremos é um abraço, alguém que segure nossas mãos, que olhe nos nossos olhos e nos faça sentir bem.

A resposta para as pessoas que me perguntam sobre esse assunto, sai fácil... "É porque eu o amo muito. Ou espero por ele, ou não o tenho". Então vou lutando através dos meses, com a certeza de que em breve estaremos juntos de novo, definitivamente.

Confesso a vocês que se eu não tivesse nenhuma perspectiva de estar com ele de uma vez por todas, poderia ser muito complicado ou até impossível me permitir levar esse sentimento mais à diante. Mas o que sinto por ele, que foi além dos primeiros meses de paixãoite (das AGUDAS) e chega agora a marca de quase 2 anos de distância. Com atitudes, com a força que tivemos e com as mais adversas situações que chegaram, percebi que o que temos, vai além daquele encantamento inicial. Isso é amor. Racionalmente falando, não me vejo construindo minha família ou meu futuro, com nenhuma outra pessoa senão ele. Com todos os defeitos que ele tem, e com os que eu tenho, eu o quero muito. E ele sempre me mostra que me quer muito também.

...

Apreendi que nada paga o preço de saber que você tem alguém por inteiro, alguém que mesmo que você esteja há 1 milhão de km de distância, se faça presente. Alguém que você não possa ver nos finais de semana e que nem faça parte, fisicamente, dos momentos mais especiais da sua vida, mas que seja alguém que apenas num olhar, através de uma webcam consiga te ver de verdade. Que ao ouvir 2 segundos da sua voz, saiba que tem algo errado com você, que note os seus sentimentos e que consiga te fazer sentir abraçada, sem ao menos, tocar um dedo em você. Alguém que se faz tão próximo

ao ponto de se fazer sentir a mulher mais amada desse mundo, ainda que estejam em continentes diferentes.

(Postado por Juliana, em 21 de dezembro de 2011 - Caderno de campo virtual)

Vale ressaltar que essa interlocutora, já havia encontrado presencialmente seu namorado algumas vezes; tanto ele já tinha vindo ao Brasil, quanto ela já havia ido a Turquia. Contudo, há ainda várias histórias de namoro que nunca saíram do plano virtual, o que considero uma condição preocupante, de acordo com as histórias acompanhadas durante a pesquisa. Explico. Desde que a internet se tornou pública em vários países, entre os anos de 1990 e 1995, e ainda hoje, várias críticas acadêmicas são tecidas sobre esse novo meio de comunicação sob a alegação de que a falta de contato físico entre os indivíduos pode promover além do isolamento social do usuário, pode também promover uma sociabilidade aleatória, assim como, a criação de identidades falsas e a indução de pessoas a viverem fantasias *online*.

Máximo (2006) em seu artigo “*O eu encena, o eu em rede*”, busca compreender a produtividade social do ciberespaço e entender como os sujeitos se constroem e atuam nesses espaços, segundo ela, nos blogs (e, eu amplio para as redes sociais) não é “a vida como ela é”, mas um cotidiano encenado, pois na presença de um outro, o sujeito se apresenta e se projeta com uma determinada definição de “EU”, para a autora, tudo o que é contado é performado. Um bom exemplo é o filme americano “*Catfish*”, lançado no ano de 2010, o qual aborda essa questão. Para Nobre e Moreira (2013), “A internet, por meio de uma gama de conteúdos imagéticos e textuais, oferece diversos roteiros virtuais como convite para o exercício da fantasia” (p. 287).

Castells (2003), no entanto, afirma que esses estudos distorcem a política social da internet dizendo que ela é um terreno fértil para as práticas de fantasias sociais. Diz ele que, a internet é “uma extensão da vida como ela é” (p. 100). O autor atribui as reações negativas da internet ligadas ao período de adaptação ao novo ambiente tecnológico. Turkle (1995) e Bayam (1998) dizem respectivamente, através de seus estudos que, a noção do real existe nas comunicações *online*, assim como muitos usuários criam personalidades compatíveis com suas identidades *offline*.

Entretanto, não podemos negar que existem “perfis” falsos sendo criados no mundo virtual. Inclusive, há comunidades de brasileiras no Facebook que trabalham para divulgar e apresentar às demais brasileiras que se encontram em namoros virtuais com homens estrangeiros, os falsos pretendentes, que muitas vezes possuem mais de um perfil ou já são

homens casados. Nesses locais, as brasileiras disponibilizam as fotos dos homens, com os vários nomes que eles se apresentam. Como também, quando recebem pedidos de amizade via Facebook, antes de aceitarem, divulgam o nome e a foto do cidadão no grupo e perguntam as demais participantes “Alguém conhece esse turco/árabe?”

Claro que, fora da internet também podemos nos deparar com pessoas que se apresentam com identidade falsa, mas a vida fora das telas possui menos “retoques”, o que torna mais fácil sua identificação. Outro ponto é, na internet estamos expostos a uma quantidade bem maior de pessoas em comparação com a vida fora das telas. Segundo Pierre Lévy (1999) “acreditar na disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões” (p.26).

Para Romão (2008), as redes propiciam um outro funcionamento da linguagem porque ela inscreve novas condições de produção, constituição e circulação dos dizeres, o que acaba por promover um universo sem fronteiras e de movências. Segundo Romão (2005),

... a rede é um lego imaginário de posições-sujeitos, que constituem-se em um ambiente não delimitado pelo tempo da história e pela noção de geografia que constitui o impresso (um jornal impresso tem, no mínimo, o nome da cidade, editor, data da impressão, horário do fechamento da edição etc). O permanente e tenso deslocamento no ciberespaço ... cria condições para que o sujeito construa a sua discursividade na fugacidade, também marcada pela possibilidade de dizer e escrever, na tela, a fantasia que lhe é interdita na realidade (p.6).

Sendo assim, preocupado com a comunidade islâmica brasileira, no dia 03 de dezembro de 2017, às 18 horas, Sheik Jihad Hammadeh fez uma transmissão ao vivo, em sua página no Facebook, para falar sobre o uso das redes sociais na internet, por muçulmanos. O vídeo obteve a marca de quinze mil visualizações.

Figura 4 – Sheik Jihad fala redes sociais na internet

Fonte: https://www.facebook.com/jihadoficial/videos/1771906316185121/?hc_ref=ARQMgwyWF7eCtDr4s6ErjodRH2J-EO5ARSJZWBNTt00frkDDnV56XR_s_NxiBaCiIKZc&pnref=story

Em sua fala, Sheik Jihad faz um alerta geral sobre os cuidados que muçulmanos e muçulmanas – e também as demais pessoas – precisam ter ao usar a internet, em específico as redes sociais. Segundo ele, elas podem servir tanto para o bem quanto para o mal, dependendo da maneira com que forem utilizadas. Sua fala está embasada nas observações que veio realizando, ultimamente, na internet, sobre a atuação de alguns fieis. Dessa forma, primeiramente, ele chama a atenção dos seus ouvintes para que as pessoas cuidem melhor de si próprias, não extrapolando as fronteiras entre o público e o privado, não extrapolando os “limites”. Ele exemplifica dizendo que, o que se coloca nas redes sociais é uma extensão da própria identidade e, diz: “*não é todo mundo que tem que saber disso!*”. De acordo com Sheik Jihad, se desconhece o poder das redes sociais que tudo retém na sua memória.

A preocupação do Sheik é compartilhada por Romão (2010) que, em seu artigo, “*Nós, desconhecidos, na grande rede,*” atenta para “implicações incalculáveis” (p.72) que as redes podem oferecer devido a sua vastidão e influência, cada vez maior, no cotidiano das pessoas. E, também por Tapscott (1999), que segundo o autor

A *rede* tem um potencial assustador para destruir a intimidade de uma forma irrevogável e sem precedentes. A maioria de nós acredita que temos o direito de decidir que informações pessoais divulgar, a quem e para quê. Aceitamos que temos de dar ao governo e às corporações algumas informações sobre a nossa vida, para obter empregos,

empréstimos etc. Mas essa informação deve ser usada exclusivamente para o objetivo a que se destina e não pode ser vendida a terceiros. E se a demanda de informação parecer injustificada, sempre poderemos dizer não. Sem controle, a *rede* poderia fazer com que essa ideia se tornasse relevante. À medida que as comunicações humanas, as transações comerciais, o trabalho, a aprendizagem e o jogo vão se incorporando à *rede*, quantidades e tipos inimagináveis de informação vão sendo digitalizadas e difundidas pelas redes. Como podemos proteger a intimidade numa economia digital? (p.22).

Segundo Sibilia (2016), a velocidade e o instantâneo que regem as tecnologias informáticas e as telecomunicações, possuem uma “vocaço devoradora de tempos e espaos ignorando todos os antigos limites” (p.89), o que acaba por implicar nas experincias do cotidiano, na contruo das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos.

Para Sibilia (2015), a diluio da oposio clssica entre as esferas pblicas e privadas promovida pelo uso dos espaos digitais afetam os corpos contemporneos e tambm as subjetividades, redefinindo radicalmente o que se entende por ser humano, natureza e vida. No vdeo referido, Sheik Jihad tambm alerta para os relacionamentos virtuais e para os “gurus islmicos” que tem aparecido na rede. Sua fala, no sentido geral, chama o ouvinte para a realidade quando o lembra que na vida real, fora das telas, o usurio no se exporia de tal maneira.

Dessa forma, ao pensar na conexo paradoxal entre relacionamento virtual e religio islmica, questiono: o que seria essa forma de se relacionar para um muulmano, se no Isl no existe o namoro? Seria esse muulmano secularizado? No praticante? Ou, ele no seria muulmano? E para a brasileira, se for ela revertida, essa forma de relacionamento tambm no est correta e, sendo ela uma no-muulmana, apesar da modernidade eletrnica, estaria optando por vivenciar um relacionamento moda antiga, sem a implicao de qualquer tipo de intimidade antes do casamento? E se h sexo virtual antes do casamento, como fica a religio, que no aceita sexo antes do casamento? E, como fica depois do sexo?

De acordo com Cebrin (1999), “o paradoxo uma caracterstica da nossa sociedade” (p.152) e o ciberespao contribui, enormemente, para isso.

Assim, o prximo item ir mapear esse espao, para que o(a) leitor(a) possa conhecer como a rede se move e sustenta a questo dos casamentos interculturais de brasileiras com muulmanos estrangeiros.

3.2 Mapeando o ciberespaço: blogs, Facebook, Youtube e Instagram

Em 2012 encontro o blog “*Apaixonada pela Turquia*”, o qual já mencionei anteriormente como sendo meu primeiro contato com o campo a ser pesquisado. Visualmente bonito e escrito por uma simpática blogueira, começo acompanhar suas postagens que fala sobre Turquia e sobre um amor distante.

Figura 5 – Imagem do blog “*Apaixonada pela Turquia*”

Fonte: <http://inlovewithturkey.blogspot.com.br/>

Vale dizer que, esse meio de expressão – o blog – foi criado em 1997 por um norte-americano e no Brasil, os blogs começaram a ser escritos por volta do ano 2000 (Silva, M. F., 2010). A palavra “blog” é uma contração entre *web* (página na internet) e *log* (diário de bordo), segundo Schittine (2004). Muitas vezes chamado de diário íntimo virtual, ele é uma espécie de página pronta na Internet, na qual o autor pode publicar livremente qualquer tipo de texto, no entanto, para Schittine (2004) “muitos blogueiros vão tratar nesse espaço de questões pessoais que pertencem ao terreno da intimidade” (p.12), o que vai ao encontro dos blogs que me deparei no decorrer dessa pesquisa.

Contrariando a ideia inicial do diário de papel, em que o intuito era manter a escrita num espaço privado, na internet ele se configura publicamente ainda que mantenha uma “escrita do

eu” (Schittine, 2004, p.9). A autora aponta que a internet abre a possibilidade de ser lido sem que seja preciso o contato face-a-face, podendo ser encorajador para quem começa a escrever. Para ela, um outro motivo que leva à escrita *online* seria a existência de leitores desconhecidos que se interessam pelos assuntos pessoais dos diaristas, ou blogueiros, como se diz no momento.

Paula Sibilia (2016) vai falar em “diário *éxtimo*”, “um trocadilho que procura dar conta do paradoxo dessa novidade, que expõe a própria intimidade nas vitrines globais das telas interconectadas” (p.21).

Para Komesu (2005) blog é um fenômeno outro e não o aperfeiçoamento do diário. Um blog pode exibir texto, imagen, sons, vídeos, como também pode expor as várias vozes emendadas de modo contínuo a fazer um imenso pergaminho eletrônico onde estará marcada a voz do sujeito-*blogger* e outras tantas vozes de sujeitos-navegadores, que irão tecer as marcas do privado no âmbito da coletividade (Ferrarezzi, Bastos, G. G., & Santos, 2011).

Dessa forma, ao acompanhar os conteúdos disponibilizados neste primeiro blog, as discussões e os comentários nele contidos, começo a percorrer os demais blogs que estavam “linkados²⁵” a ele e percebo um número considerável de mulheres, sendo elas jovens (entre 20-30 anos), com formação acadêmica e bons conhecimentos digitais, as quais utilizavam esse “pergaminho eletrônico” para contar suas experiências, expectativas, dores, saudades e descobertas de um amor que atravessava oceanos. Amores recém descobertos e amores que duravam mais de 1001 noites de sonhos.

De acordo com Patti e Giorgenon (2011), “entre o sujeito falante e o outro há sempre criação, representação, e claudicação, uma espécie de muralha de sentidos e equívocos” (p. 82) que vai sendo construída juntamente com os romances que alí são narrados. E, nessa hiância, casamento, cultura e religião vão sendo significados na rede, ao mesmo tempo em que, quem escreve, segundo Schittine (2004), redefine também sua identidade.

Dessa forma, na intenção de agrupar os blogs que eu vinha acompanhando e também para tornar possível minha entrada “real” no mundo virtual e assim, interagir com as blogueiras, ativo o blog “*Mashallah!*”, o qual abordou assuntos relacionados as culturas árabe e turca.

²⁵ Seria o mesmo que “associados”.

Figura 6 – Imagem do blog “Mashallah”

Fonte: <http://mashallah-gracias.blogspot.com.br/>

O blog “*Mashallah!*” seguiu em caráter de “informação e entretenimento” e possibilitou que mulheres interessadas na religião islâmica ou em saber sobre relacionamento com muçulmanos chegasse até mim, devido a minha identificação que ali constava. Geralmente, o primeiro interesse esteve relacionado ao segundo. Embora no blog estivesse explícito que a pesquisa era com brasileiras casadas com muçulmanos turcos, sempre chegaram e-mails de mulheres que estavam se relacionando com muçulmanos das demais partes do Oriente Médio e todas elas, tanto buscavam por algum tipo de informação, como algumas também desejavam contar suas histórias.

Com o exercício do blog, em 2013 passei a seguir vinte e um blogs, sendo dez blogs de brasileiras sobre a Turquia e, ao acompanhar esses blogs percebo também a ligação das blogueiras com mulheres de outros blogs; brasileiras que possuíam relacionamento amoroso com muçulmanos árabes. Ao acompanhar esses blogs me atento que muitas dúvidas e curiosidades circulavam em torno da mesma questão: a religião islâmica. Então, agrupo cinco blogs de brasileiras que possuíam relacionamento com árabes (egípcios, paquistanês, libanês) e também quatro blogs de brasileiras sobre a religião islâmica e dois blogs acadêmicos sobre a religião islâmica.

Quadro 2 – Blogs acompanhados durante a pesquisa

Quantidade de blog	Tipos de blogs
10	Relacionamento brasileira com turco
5	Relacionamento brasileira com árabes
4	Brasileiras sobre religião islâmica
2	Acadêmicos sobre religião islâmica

Embora houvesse outros blogs sobre relacionamento de brasileiras com muçulmanos turcos ou árabes, optei por seguir os blogs que possuíam certa frequência (semanalmente) nas postagens, moderação nos comentários (ausência de ideias ofensivas quanto a raça e/ou religião), assim como os que demonstravam certa liderança sobre os demais ao servirem de referência. Desses blogs, duas blogueiras foram convidadas para se tornarem interlocutoras desta pesquisa, sendo uma casada com turco e outra casada com egípcio.

Alguns blogs começaram a criar grupos no Facebook e então, eu comecei a segui-los via Facebook também. Muitas vezes os grupos se apresentavam com o mesmo nome do blog, outras vezes apenas a administradora era mesma. Vale dizer que, geralmente o grupo apresenta uma opção de privacidade que pode ser secreta, fechada ou pública, como já foi mostrado. São medidas de segurança para tentar garantir um ambiente em que possam acontecer trocas de informações com maior privacidade entre os membros, geralmente mulheres. Já que o blog está aberto para todos, neste novo local é possível “controlar” quem pode participar. O recorte, a seguir, mostra a passagem da blogueira Juliana, comunicando aos seus seguidores sobre sua comunidade no Facebook.

Faz mais ou menos um mês desde a última postagem, o maior tempo que fiquei por aqui sem postar, desde que comecei a direcionar o blog não só pra mim, mas pra quem quisesse ler também.

MUITA coisa aconteceu nesse tempinho e eu quero dividir com vocês. Mas acho que não por aqui, não desse jeito. Já tinha um perfil alternativo no Facebook, mas acabei que nunca usei. Cheguei a criar uma página no Facebook [nome da página] pra dividir mais informações por lá. Mas me dei conta de que era uma página aberta e qualquer pessoa poderia "curtir", inclusive tanta gente que já não tenho mais contato, ou me deletou, bloqueou, ou sei lá o que... daí não teria muito controle.

ENTÃO, resolvi reabrir meu perfil alternativo que vai funcionar como uma página. Lá eu vou deixar postagens como fazia aqui no blog, vocês vão poder falar entre si, como uma grande comunidade e me deixar mensagens se quiserem, na minha caixa de entrada. (Postado por Juliana em 16/07/2012 – caderno de campo virtual)

Contudo, qualquer um também pode criar um perfil alternativo ou “perfil *fake*²⁶” e ser adicionado. Em meus pedidos de adesão, apenas uma única vez houve um pedido para que eu me apresentasse ao grupo, então, me apresentei como pesquisadora e fui bem acolhida pela administradora.

É importante dizer que, nesse início de aberturas de comunidades no Facebook o perfil das mulheres pouco tinha mudado em relação as já referidas blogueiras. No entanto, desde 2015 comecei a perceber a inserção de mulheres acima dos 40 anos, em geral, com filhos e sem maridos, sendo a maioria inserida no mercado de trabalho e ocupando diferentes funções. A partir de 2016, percebo um novo grupo chegando as redes sociais, mulheres acima dos 50 anos, algumas avós. Mas, o que me salta aos olhos, nesse período, são os erros ortográficos primários da língua portuguesa cometido por mulheres de diferentes idades, o que me faz supor uma baixa escolaridade. Fato também observado por uma de minhas interlocutoras, a qual menciona a problemática em um de seus vlogs.

Assim, acompanhei 26 grupos no Facebook, como já disse, alguns deles eram uma versão do blog num novo formato e outros encontrei por sugestão do próprio Facebook que aponta nomes de grupos sobre assuntos relacionados aos grupos que você já frequenta, como também por comentários de participantes dos grupos iniciais. Para tanto, adotou-se como critério participar apenas dos grupos que tinham como objetivo discussões sobre cultura turca ou árabe, relacionamento amoroso, e religião por este compor o meu foco de pesquisa.

Quadro 3 – Grupos seguidos no Facebook

Grupos do Facebook	Quantidade de grupos seguidos
Cultura turca ou árabe	11 grupos
Relacionamento amoroso	9 grupos
Religião	6 grupos

²⁶ Perfil *fake*: Perfil falso.

Dentre esses grupos, dezoito eram fechados, seis eram secretos e dois eram públicos. Todavia, repito que, por motivos éticos, não abordei neste trabalho nenhum assunto, em específico, que tenha sido discutido nos grupos com privacidade fechada ou secreta, nem utilizei recortes de diálogo mesmo que de forma anônima por entender esse conteúdo como privado.

Na internet, de acordo com Eysenbach e Till (2001), a dicotomia entre público e privado, às vezes, pode não ser apropriada, e as comunidades podem estar nesse meio. Segundo ele, várias medidas podem ser utilizadas para estimar o nível de percepção da privacidade e uma delas é a necessidade de uma assinatura ou alguma forma de registro para ter acesso a um grupo de discussão, assim, a maioria dos assinantes são suscetíveis de considerar o grupo um "lugar privado" no ciberespaço. Dessa forma, utilizei apenas materiais públicos, como reportagens jornalísticas e notas oficiais que foram publicados nesses ambientes. Neste momento, imagino que o(a) leitor(a) deva estar se perguntando, “*mas acompanhar todos esses canais apenas para isso?*” “Não”. Minha observação nos grupos foi eficiente para refinar ideias, fazer com que outras surgissem, percebesse os assuntos que se repetiam com frequência e assim, elencar questões de relevância para a tese.

Durante o tempo que desenvolvi a pesquisa, notei a velocidade que os meios de comunicação se aperfeiçoam, se modificam e se recriam na tentativa acertada de angariar novos públicos. Já disse Jungblut (2004) que “O ciberespaço é, por excelência, um espaço altamente mutante. Nele tudo está em constante transformação” (p. 113), o que segundo o autor, torna-se difícil realizar sua topografia.

Em 2014 surgiram os vlogs.

Montanha (2011) em seu estudo sobre vlogs aponta a escassez de trabalhos sobre esta temática no cenário brasileiro e atenta para a necessidade da academia olhar para este novo fenômeno contemporâneo que são os vlogs (nome usual dado aos videologs). O autor cita a definição de vlog baseado em Burgess e Green (2009), o qual vai dizer que vlog é uma forma predominante do vídeo “amador” no Youtube²⁷, estruturado com base em um monólogo e feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com uma webcam²⁸ e pouca habilidade em edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos a vida cotidiana.

²⁷ Youtube é um website que consiste na publicação de vídeos, proporcionando aos sujeitos-navegadores a possibilidade de postar seus vídeos, compartilhá-los e realizar comentários (Lampoglia, Moreira & Silva, 2011).

²⁸ Câmera de vídeo, com microfone acoplado, que captura imagens de baixa resolução e som, transferindo-os para o computador.

Uma das primeiras notícias sobre vlog publicadas no Brasil data de novembro de 2004, veiculada na Folha de São Paulo, em que se atribui a confecção de vlogs pelos brasileiros a chegada da conexão de banda larga e a queda dos preços das câmeras digitais (Montanha, 2011). Embora a reportagem de 2004, já aponte o uso de vlogs, eu notei sua popularização no meu campo de pesquisa no final de 2013. Primeiramente, eles surgiram em alguns blogs, mas com maior frequência eles apareceram em páginas pessoais no Facebook. Nesse período, acompanhei, sistematicamente, três vloggers e todos os vlogs postados por elas sobre Turquia, relacionamentos e cultura. Os canais foram “A²⁹”, iniciado em 13 de agosto de 2010 (começou falando de poesias e no final de 2013 direcionou para relacionamentos), contendo 112 vlogs relacionados a temática, 3.533 inscritos e 309.564 visualizações. Chegou a conter 63 vlogs relacionados a temática desse estudo e hoje muitos deles foram retirados. O canal “B”, iniciado em 9 de novembro de 2013, possui 629 inscritos e 13.636 visualizações. E o canal “C”, iniciado em 11 de novembro de 2013, com cerca de 500 vlogs, sendo a maioria relacionados a temática de relacionamentos, possui – até o momento – 8.367.559 visualizações. Todos os vlogs relatados possuem em média de 7 a 20 minutos.

Quadro 4 – Canais acompanhados no Youtube

Nome do canal	Nº de vlogs relacionados a temática do estudo	Nº de inscritos	Nº de visualizações
A	112	3.533	309.564
B	63	629	33.483
C	500	Não está visível	2.547.144

É importante dizer que, vários outros vlogs e vídeos foram assistidos por tratarem de assuntos relacionados ao tema pesquisado, mas os três canais, aqui, destacados foram os precursores no assunto e, portanto, eram tidos como referência. A responsável pelo canal “C” continua produzindo seus vídeos e vlogs, embora, depois do ano de 2016, ela tenha abordado mais questões culturais referentes a Turquia e menos sobre relacionamentos.

Assim, após os vlogs, em outubro de 2015, a pedidos das muçulmanas turcas e também de algumas brasileiras muçulmanas casadas com turcos, abaixei o aplicativo Instagran³⁰ no

²⁹ Este canal está extinto, no momento dessa escrita. A responsável por ele optou por realizar outras atividades.

³⁰ O Instagram teve como função primordial deixar as fotos, que tiramos com o celular, mais elegantes, por meio da disponibilização de filtros e molduras para serem aplicados. Contudo, ele se popularizou quando ganhou uma

celular e, automaticamente, no computador para acompanhar a movimentação das mulheres que estabeleci contato durante a pesquisa, podendo, dessa forma, conhecer um pouco mais meu universo de pesquisa.

Naquele momento e ainda hoje, o Instagram é o aplicativo social mais utilizado por essas mulheres, contrariando as brasileiras que utilizam mais o Facebook. Mas adianto que, nesse meio, embora alguns vídeos fossem veiculados, percebi esse ambiente mais como exposição de fotos da vida cotidiana (família, trabalho, arte, paisagens e questões políticas) e menos como local de diálogo, exatamente como se propõe a plataforma. No entanto, esse recurso foi fundamental para pensar a questão da exposição das mulheres na rede.

Pode ser visto, claramente, que as mulheres turcas com quem mantive contato, sendo todas elas religiosas praticantes, raramente colocaram suas fotos na rede. Assim, também se procedeu, de forma mais rigorosa, com uma colega muçulmana de origem paquistanesa. As turcas utilizam com maior frequência fotos dos filhos, fotos de comidas que fizeram (hábeis cozinheiras!), fotos de seus trabalhos artísticos, do seu local de trabalho ou então, alguma charge política. Geralmente, essas mulheres usavam/usam como “foto de perfil³¹” a imagem de uma flor ou uma paisagem. Já a paquistanesa nunca colocou sua imagem nas redes sociais, apenas fotos dos filhos e do marido. Esse comportamento pode ser explicado quando pensamos no recato e na modéstia esperado da mulher muçulmana, tendo como seu símbolo principal o *hijab*³², embora nem todas usem – tanto muçulmanas brasileiras quanto de outras nacionalidades.

Contudo, sendo essas mulheres vindas de um país em que a maioria da população é muçulmana, a exposição do corpo não é a mesma que nós, brasileiras (muçulmanas ou não) e brasileiros, conhecemos. Assim, se a exposição do corpo não é a mesma, tão igual é a exposição da vida pessoal em redes sociais e também fora delas. Público e privado, para elas, demonstram ser devidamente marcados e separados.

Pace (2005), em seu livro “*Sociologia do Islã*”, ao falar sobre a segregação socioreligiosa, a qual é marcada pela diferença de gênero, afirma que o domínio público e a esfera do privado não tiveram tanto sua origem baseada no sistema de crença islâmico, mas sim nos “mecanismos sociais de organização dos papéis masculinos e femininos que se criaram e consolidaram na

vertente de rede social ao permitir aos seus usuários que fosse possível “seguir” outros usuários, como também, deixar comentários nas fotos.

³¹ A “foto de perfil” é a foto de identificação da pessoa nas redes sociais.

³² *Hijab* é o lenço utilizado pela mulher muçulmana para cobrir seus cabelos, pescoço e colo. Sobre esse assunto indico a leitura de “*Diálogos sobre o uso do véu (hijab): empoderamento, identidade e religiosidade*” de Francirosy Campos Barbosa Ferreira, disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/6617/4864>.

sociedade tribal e patriarcal” (p.151) do passado e resistiu ao tempo. Dessa forma, segundo o autor, a esfera pública foi domínio do homem (mercado, política, negócios, guerra, e a esfera doméstica ficou à cargo das mulheres (transmissão dos valores tradicionais e educação dos filhos e filhas), portanto, dois espaços foram criados; o público e o privado, o que segundo Pace, criou uma “fronteira imaginária que a mulher não pode transpor sem infringir regras de comportamento social e religiosamente definidas” (p.152).

Tal observação, me fez pensar na imagem da mulher brasileira, tanto nas redes virtuais, quanto fora dela. Então, questiono: Como sua exposição é vista por homens provenientes de países com população, majoritariamente, muçulmana? Em conversa de campo, com um estudante de pós-graduação, no campus da USP, ele muçulmano egípcio, ao ser questionado sobre o assunto, me respondeu, rapidamente, que muitos jovens internautas, mal-intencionados, se aproveitam dessa atuação mais liberal das brasileiras e as chamam para conversar via *webcam* com a finalidade de observar seus trajes, ou a falta deles. Ainda, complementou dizendo que muitos namoros virtuais também se dão para essa finalidade. Sua resposta foi ao encontro de problemáticas encontradas no campo virtual.

Em 2016 surgiram as “*lives*”³³ no Instagram e, posteriormente, no Facebook. Nesses vídeos, as responsáveis pelo perfil interagem em tempo real com suas seguidoras e respondem perguntas sobre relacionamentos com árabes e turcos. Vez ou outra, aparece alguma convidada contando sua história para as demais.

Realizar etnografia na internet é estar *online* a cada piscadela. Assim, durante minha inserção no ciberespaço pude acompanhar a frenética evolução dos meios de comunicação nesse local, as transformações vivenciadas pelas internautas durante esse período e também pensar nas diferentes atuações de mulheres nesse espaço e fora dele. Destarte, alguns blogs foram desativados e outros perderam a frequência nas postagens, algumas comunidades no Facebook fecharam e outras abriram, outras comunidades mudaram seus administradores, novas lideranças surgiram e outras se fortaleceram. Alguns vlogs sobre relacionamento amoroso deram lugar a outras temáticas. As mudanças estiveram sempre presentes nesse espaço, tanto por meio dos avanços tecnológicos quanto por meio das transformações na vida e no relacionamento de cada internauta.

Contudo, nesse período foi possível (tentar) mapear o ciberespaço e tomar conhecimento dessa realidade virtual que se instalou na sociedade real. Dessa forma, depois de percorrer as

³³ Vídeos ao vivo.

estruturas por onde passam as tramas que sustentam e dão vazão à temática estudada foi o momento de mergulhar e pescar o que estava disponível na rede.

4. Caiu na rede é notícia: o material encontrado nas redes sociais

“Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização”

(*Futuros Amantes*, Chico Buarque)

Neste capítulo optou-se por relatar o material encontrado nas redes sociais por meio de eixos temáticos, de acordo com os assuntos que apareceram com maior frequência. Não se dividiu os dados coletados por meio dos diferentes veículos de comunicação como blogs, vlog ou Facebook. Desta forma, acredita-se que a compreensão da temática fique mais clara, já que o foco está nos conteúdos e não nos meios em que eles são divulgados, pois, algumas notas, notícias e/ou reportagens aparecem tanto em blogs como em páginas do Facebook e ainda repercutem sendo comentadas nos vlogs. Vale dizer, novamente, que, o Instagram foi utilizado apenas para fortalecer a interação entre pesquisadora e campo etnográfico, tornando-se mais um meio de contato e observação, já que nesse ambiente – até o momento – não circulam discussões a respeito da temática estudada.

O material, aqui disponível, foi coletado nas redes sociais e organizado dentro do grupo denominado “PESQUISA USP/FAPESP”, no Facebook, o qual está em modalidade “fechada”, como já mencionado anteriormente.

Desde a criação do grupo em 05 de dezembro de 2013, foram arquivadas inúmeras postagens que discorrem sobre assuntos relacionados à cultura turca, adaptação cultural, relacionamento com homens turcos, relacionamento com a família turca, alertas oficiais sobre “golpes” amorosos na internet, como também está contido neste local artigos jornalísticos publicados tanto no Brasil como na imprensa estrangeira, sobre relacionamentos com muçulmanos e publicações de notas oficiais do governo brasileiro.

Informo a(o) leitor(a), que estão contemplados, nos próximos itens, apenas os materiais mais relevantes dentre todos os que foram coletados. Para tal escolha, procurei me basear na veracidade e na repercussão do material dentro dos grupos.

Como se sabe, a quantidade de informação veiculada na internet é, demasiadamente, grande e, julgando-se ser esta uma pesquisa qualitativa, não caberia aqui primar pela

quantidade. Sendo assim, apresento, nos itens a seguir, as temáticas exploradas no mundo virtual.

4.1 É oficial: quando o amor se torna assunto de Estado

As observações que vinha fazendo no campo virtual e também no campo presencial, desde minha entrada oficial no doutorado em julho de 2013, foram reforçadas quando vi, em meados de 2014, uma nota oficial, sobre relacionamentos com estrangeiros via internet, percorrer algumas comunidades no Facebook. A publicação havia sido feita pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil³⁴ (MRE), também conhecido como Itamaraty.

A questão sobre os casamentos ocorridos via internet entre brasileiras e estrangeiros, não especificamente estrangeiro muçulmano, começou a chamar atenção das autoridades brasileiras. Essas notas circularam por grupos no Facebook, blogs e foram comentadas em vlogs.

Figura 7 – Relacionamento com estrangeiros pela internet

Fonte: <http://www.portalconsular.mre.gov.br/administracao/aviso/relacionamentos-com-estrangeiros-pela-internet>

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

³⁴ Órgão do Poder Executivo brasileiro, responsável por assessorar questões referentes as relações do Brasil com outros países, nas vertentes política, comercial, econômica, financeira e consular.

No informe mostrado na Figura 7, o Ministério das Relações Exteriores comunica que vem recebendo numerosas queixas de cidadãs brasileiras vítimas de roubos, fraudes e violência cometidos por cônjuges estrangeiros que conheceram pela internet e com os quais tiveram pouco ou nenhum convívio presencial antes do casamento. Dentre os relatos recebidos estão listadas denúncias de cárcere privado, alertando sobre a frequência, nesses casos, em que os maridos estrangeiros mudam completamente de comportamento, logo após a formalização do matrimônio, tornando-se agressivos e manipuladores ou interrompendo repentinamente o contato com as vítimas, após obterem visto de permanência no Brasil. Assim, o Ministério recomenda às brasileiras e aos brasileiros muita cautela com os relacionamentos virtuais mantidos com estrangeiros com o propósito de celebrar casamento, a fim de protegerem-se contra golpes e situações de risco. Sugerem, entre outras precauções, buscar obter referências do cidadão estrangeiro por parte de terceiras pessoas de conhecimento comum, além de evitar manter o contato restrito aos meios de comunicação à distância, previamente ao matrimônio.

Sobre a cautela nos relacionamentos virtuais, Sheik Jihad orienta (no vídeo referido, do item 3.1) que, não é a alegação que deve ser verificada, e sim a conduta da pessoa em questão. Portanto, deve-se ir além das palavras que são ditas – as quais, muitas vezes, são filtradas ou interpretadas via tradutores *online*. Assim, se por um lado, o relacionamento virtual pode ser visto como um facilitador atual para se encontrar namorado ou namorada, pois, segundo Donnamaria e Terzis (2009), a tela pode exercer uma função protetora ao evitar o mal-estar que a exposição física pode provocar em um encontro e, tanto o anonimato quanto a distância podem favorecer a espontaneidade entre o casal, por outro, é preciso estar atento porque a tela pode, também, ser a moldura de um palco.

Deve a brasileira verificar como essa pessoa se relaciona no ambiente virtual, verificar o conteúdo de suas postagens e suas amizades nesse ambiente. Muitas brasileiras alertam as demais para visualizarem a lista de amigos no Facebook, pois um homem que possui várias brasileiras adicionadas nesse local, significa que está a procura de diversão. Ainda assim, esses cuidados também não garantem total segurança porque o próprio ambiente virtual é um terreno escorregadio, líquido, que pode diluir traços perigosos entre perfis e postagens, preparados com a finalidade de ludibriar as pessoas. Por isso, a nota orienta não manter contato apenas via internet.

Dentre as dicas dadas, pelas interlocutoras desta pesquisa, e também realizadas por elas antes de firmar o matrimônio estão; primeiramente, fazer com que o homem venha ao Brasil para se encontrarem, conhecer sua família e amigos via internet e depois no local, se for viajar ao país do pretendente, procurar se hospedar em hotel e nunca na casa dele, levar dinheiro o

suficiente para eventuais emergências para não depender do dinheiro dele e ter domínio da língua inglesa.

O site do Itamaraty também recomenda que

Antes de viajar, cidadãs brasileiras devem portar relação com os números de telefone da Embaixada e/ou do Consulado instalado na região em que pretendem transitar ou permanecer. Deve-se, ainda, visitar a seção "Seu destino" do Portal Consular, onde é possível encontrar informações específicas sobre cada país, como dados sobre visto, leis locais, áreas a evitar, condições de criminalidade, de segurança, saúde, considerações médicas e assuntos gerais de interesse de viajantes. (Ministério das Relações Exteriores, 2015, s.p)

Depois dessa primeira nota, outras surgiram. Com caráter mais específico, algumas embaixadas também começaram a divulgar notas de alerta, como vemos a seguir:

Figura 8 – Cuidado, cidadã brasileira

Fonte: http://Islamabade.itamaraty.gov.br/pt-br/alerta_mulheres.xml

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

Na figura 8, a Embaixada do Brasil em Islamabad, capital do Paquistão, pede “extremo cuidado e atenção” às brasileiras que têm se comunicado pela internet com homens paquistaneses ou que iniciaram um relacionamento virtual com os mesmos. A nota divulga que

essa forma de comunicação e relacionamento tem sido cada vez mais procurada por homens paquistaneses como forma de obter vistos de turismo para o Brasil com vistas à imigração irregular. E, na maioria dos casos estes homens já são legalmente casados no Paquistão, e usam mulheres brasileiras como plataforma para obter vistos e estabelecer-se irregularmente no Brasil. A embaixada recomenda que sejam verificadas identidade, situação socioeconômica e estado civil com o máximo cuidado, de forma a evitar situações que possam colocar a brasileira em situação de risco. Afirmam que, casos de relacionamentos iniciados dessa forma, resultaram em abuso moral, violência doméstica e cárcere privado, conforme foram registrados. Recordam ainda que os costumes do Paquistão, especialmente no que se refere ao tratamento das mulheres, diferem em muito dos brasileiros e devem ser levados em consideração.

Em outubro de 2014, duas estudantes de jornalismo, para cumprirem as exigências de uma disciplina, procuraram por minha orientadora de pesquisa, a qual também me indicou, para participar da gravação de um pequeno vídeo, chamado “*Brasileiras que amam paquistaneses*”³⁵. O vídeo foi publicado em dezembro do mesmo ano e apresenta quatro brasileiras contando suas histórias com homens paquistaneses. Três delas conheceram seus paquistaneses via internet (Facebook e site de relacionamentos), sendo apenas uma delas casada há 10 anos – depois de 2 anos de “namoro” virtual, as outras duas relacionavam-se apenas virtualmente, sendo que uma delas foi avisada de que seria a segunda esposa. A quarta brasileira conheceu seu paquistanês em viagem a um país muçulmano e depois ele veio ao Brasil, mas disse que o relacionamento não deu certo devido a grande diferença cultural, principalmente no que tange o controle sobre o comportamento feminino. Todas afirmaram que os paquistaneses são homens amorosos e isso impressiona a brasileira que não está mais acostumada com isso. Uma das brasileiras que, no momento da gravação, ainda não havia se casado disse que “o diferente é encantador”. Contudo, a brasileira casada, falou que é um relacionamento difícil por conta da “diferença de cultura, pensamento e de religião”, mas afirma ser um “relacionamento que vale a pena”, essa brasileira era revertida ao Islã.

A ênfase dada sobre o tratamento recebido pelas mulheres no Paquistão, tanto na nota divulgada pelo Itamaraty, quanto em um dos depoimentos exibidos no vídeo referido, nos remete, rapidamente, a tensa questão que associa religião a Direitos Humanos, em especial quando se trata da religião islâmica e direitos humanos das mulheres. Com cerca de 96% da sua população sendo muçulmana, de acordo com o *Pakistan Bureau of Statistics* (2017), o(a)

³⁵ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=DkOOn-4j9gc>.

leitor(a) poderá atribuir esse “tratamento” como condição inerente à religião, conforme a mídia gosta de acentuar.

Embora o Paquistão não faça parte do grupo de países pertencente ao Oriente Médio, no senso comum (de acordo com observações que realizei e os relatos que ouvi de muitas muçulmanas), tudo é colocado no mesmo pacote. Se for muçulmano³⁶, logo é árabe; se for árabe está no Oriente Médio. Dessa forma, “a tela do racismo, dos estereótipos culturais, do imperialismo político e da ideologia desumanizante que contém o árabe ou o muçulmano” (Said, 1990, p. 38) é acionada. Na nota que se segue, exibida na Figura 9, também é mencionado sobre “os costumes do Mundo Árabe” que diferem, em muito, dos brasileiros e devem ser levados em consideração.

Assim sendo, uma de minhas interlocutoras, brasileira casada com egípcio, disse certa vez que, estava aborrecida e cansada do comportamento “folgado” do marido que não dividia as tarefas da casa e os cuidados do filho com ela. Mas, evitava falar sobre essa situação porque pensava em se tratar de um comportamento do homem árabe-muçulmano, então, não queria que as pessoas recriminassem sua escolha matrimonial. Até que, certo dia, no trabalho, no horário do café, as demais colegas começam a se queixar dos maridos e ela percebe, que as reclamações eram, exatamente, as mesmas que ela tinha. Os maridos eram brasileiros e não-muçulmanos. Só para lembrar, o Brasil ocupa um dos piores rankings mundiais quando o assunto é Mulher e Direitos Humanos, temos a quinta maior taxa de feminicídio do mundo (Martins, 2017). E, se precisamos usar uma lei conhecida por Lei Maria da Penha³⁷ é

... porque o Brasil mata cerca de uma mulher a cada duas horas, o golpe final que o patriarcado nos impõe. Porque para morrer do jeito que morremos – nas mãos de pessoas de confiança, dentro de casa, através de armas brancas ou métodos que exigem contato próximo – é porque passamos uma vida sofrendo pequenas violências toleradas pela sociedade (Soares, 2016, s.p).

Dessa forma, é possível concluir que a questão do machismo não é inerente a uma religião ou a um país. Percebe-se o machismo bem próximo da falta de alfabetização e educação –

³⁶ De acordo com o Fórum Pew para Religião e Vida Pública a maior parte dos muçulmanos (61,7%) vive na região da Ásia-Pacífico, onde estão os quatro países com mais muçulmanos no mundo: Indonésia, Índia, Paquistão e Bangladesh. Em seguida aparecem o Oriente Médio e o Norte da África (19,8%) e a África Subsaariana (15,5%). (Lima, J.A., 2014, s.p)

³⁷ Lei Maria da Penha é a denominação popular da lei número 11.340, de 7 de agosto de 2006, a qual visa aumentar o rigor das punições sobre crimes domésticos e familiares praticados contra mulheres.

embora muitos(as) letrados(as) também não escape a ele – somados a falta de punição adequada para crimes dessa natureza. O que quero dizer é para que o leitor, em especial a leitora, se atente para os índices de alfabetização e educação do Paquistão, os quais, segundo IndexMundi (2017) são um dos piores do mundo, ocupando a posição 199 dentre os 215 países avaliados. O Brasil ocupa a oposição 131.

De acordo com Geertz (2008), ao pensarmos sobre mulheres e direitos humanos dentro de um país, devemos considerar que esse sistema de signos foi interpretado e significado por seus atores sociais locais propiciando a transmissão e a manutenção desses conteúdos por meio da cultura. Assim, deve-se entender que a baixa escolaridade está, intimamente, relacionada com as questões sociais; baixo desenvolvimento econômico, menor consciência sobre direitos e deveres, perpetuação de preconceitos e legados históricos restritivos. Para Barbosa (2016a)

... o que vemos em países islâmicos e fora deles é um desconhecimento desses direitos (direitos humanos) e inversões no tratamento do sexo feminino. Há sim crimes de honra, há sim um impedimento do acesso de mulheres ao conhecimento, há sim violências contra mulheres, e é para isso que os movimentos feministas olham; entretanto, se esquecem que as mobilizações devem partir de dentro do próprio grupo ou dialogado com o mesmo. A ideia de que mulheres muçulmanas silenciam suas violências é tão opressora quanto a opressão que elas mesmas sofrem. As pautas e agendas dos movimentos de mulheres no Egito, Paquistão, Irã etc. são diversas e devem ser consideradas dentro do seu próprio grupo. A tal ideia de liberdade à qual estamos acostumadas não é a mesma que se configura em comunidades islâmicas. Tenho expressado frequentemente que é preciso considerar as agendas dos movimentos feministas/femininos do universo islâmico. Mulheres egípcias ou iranianas não necessariamente reivindicam as mesmas coisas que muçulmanas brasileiras (s.p).

Isso posto, outra nota de alerta foi divulgada pela Embaixada do Brasil em Amã, a capital da Jordânia, como pode ser vista a seguir.

Figura 9 – Atenção, cidadã brasileira

Fonte: <http://ama.itamaraty.gov.br/pt-br/News.xml>

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

A nota divulgada em 02 de fevereiro de 2015 traz em letras garrafais o seguinte aviso: “ATENÇÃO, CIDADÃ BRASILEIRA. TENHA MUITO CUIDADO! SEU FUTURO, SUAS FINANÇAS, SUA INTEGRIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA, OU MESMO A DE SEUS FILHOS OU FAMILIARES, PODEM ESTAR EM RISCO!” E novamente aparece a preocupação com os relacionamentos via internet ao dizerem que

Se você tem se comunicado pela internet com homens árabes e iniciou um relacionamento virtual, tenha extremo cuidado e atenção. Essa forma de comunicação e relacionamento tem sido cada vez mais procurada por homens árabes como forma de obter vistos de turismo para o Brasil com vistas à imigração irregular. Em muitos casos, esses homens já são, na verdade, legalmente casados em seus países de origem, e usam mulheres brasileiras como plataforma para obter vistos e estabelecerem-se irregularmente no Brasil (ministério das Relações Exteriores, 2015, s.p).

A nota recomenda que identidade, situação socioeconômica e estado civil sejam verificados com o máximo cuidado, de forma a evitar situações que possam colocá-las em situação de risco.

Avisam que, casos de relacionamentos iniciados dessa forma, resultaram em abuso moral, violência doméstica e cárcere privado, conforme foram registrados. Recordam ainda que “os costumes do Mundo Árabe – especialmente no que concerne ao tratamento das mulheres – diferem em muito dos brasileiros e devem ser levados em conta nestes casos.” E para finalizar, divulgam que nos últimos 3 meses foram registrados:

- 3 episódios de tentativa de estrangulamento;
- 2 episódios de espancamento, sendo 1 caso de cidadã brasileira grávida de 8 meses;
- 1 episódio de espancamento de filhos (crianças) de casamento anterior;
- 2 episódios de denegação de visto por apresentação de documentação falsificada;
- 1 episódio de ameaça de decapitação;
- 6 episódios de abandono afetivo, sendo 1 caso de cidadã brasileira em resguardo de pós-parto;
- 1 caso de reincidência (aplicou o mesmo golpe em duas cidadãs brasileiras diferentes, com intervalo de 3 três anos);
- 1 episódio de bigamia (estrangeiro já era casado na ocasião do casamento com cidadã brasileira);
- 1 episódio de chantagem, com ameaça de divulgar fotos íntimas na internet (Ministério das Relações Exteriores, 2015, s.p).

Devemos ainda lembrar que estes são os casos notificados, pois muitas vezes essa é uma questão muito delicada e demora a ser delatada, principalmente, aos órgãos oficiais. Assim, presume-se que outros casos devam existir, mas ainda não foram contabilizados. Digo isso com base em uma interlocutora dessa pesquisa, a qual chegou a gravar um vlog especial – devido ao número de histórias, deste tipo, que recebia – dizendo que esses casos ultrapassavam as questões de dificuldades de um relacionamento intercultural e tornavam-se assim, casos de polícia, orientando, então, as brasileiras a procurarem órgãos oficiais para serem ajudadas.

Contudo, novo alerta disparado pelo Itamaraty percorreu os grupos do Facebook como também alguns blogs.

Figura 10 – Casamentos por conveniência

Fonte: <http://www.portalconsular.mre.gov.br/administracao/aviso/casamentos-por-conveniencia>

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

A mensagem contida na Figura 10, informa que foram recebidos vários relatos de algumas Embaixadas do Brasil nas regiões do Oriente Médio e do norte da África sobre aumento do número de solicitações de vistos permanentes por motivo de casamento e reunião familiar entre nacionais brasileiras e cidadãos árabes de nacionalidades diversas. Nesta nota, surge um novo dado que é a existência da grande diferença etária entre a cidadã brasileira e o nacional árabe, o qual, em geral, revela ser desprovido de recursos financeiros ou qualquer vínculo empregatício.

O Ministério das Relações Exteriores informa que está ciente da emergência de padrão específico de fluxo migratório em que cidadãos estrangeiros valem-se de resoluções normativas para constituir casamento com cidadã brasileira e assegurar sua permanência no Brasil e por esse motivo, numa tentativa de dificultar e inibir potenciais casos de casamentos fraudulentos ou por conveniência, Embaixadas do Brasil foram instruídas a realizar seleção rigorosa dos pedidos de visto nas bases descritas.

A nota ainda informa que, em alguns casos, poderá ser exigido termo de manutenção e responsabilidade da nacional brasileira, antecedentes criminais, histórico bancário e, nos casos de concessão de visto de turista, passagem de ida e volta. E, em todos os casos, serão realizadas entrevistas e, em caso de suspeitas, o visto não será concedido.

O Ministério das Relações Exteriores aconselha fortemente que cidadãs brasileiras jamais deem consentimento a esse tipo de iniciativa antes de consultarem as Representações diplomáticas e consulares do Brasil e que denunciem quaisquer suspeitas de golpes ou fraudes nesse sentido. Recordar-se que casamentos constituídos unicamente para emissão de vistos é considerado fraude punível pela lei brasileira (Ministério das Relações Exteriores, 2015, s.p).

Sobre o termo de manutenção mencionado, ou Termo de Responsabilidade (Anexo A) que a brasileira deve providenciar para que o cônjuge possa residir legalmente aqui, eu tive a oportunidade de acompanhar dois casos referentes a tal questão. Esse termo de responsabilidade é realizado em favor do chamado e deve ser passado ou autenticado em cartório brasileiro. Nele, a brasileira declara, para todos os efeitos legais e jurídicos, que assume inteira responsabilidade pela vinda, permanência, manutenção e qualquer despesa no Brasil, assim como, se necessário, pelo retorno do cônjuge ao país de origem.

No primeiro caso, eu acompanhei uma brasileira ao cartório, onde ela realizou todo o procedimento citado acima, e ainda precisou de duas testemunhas, antes de viajar ao Egito para trazer o marido. A outra situação que acompanhei durante uma visita à Mesquita de Barretos (SP) foi a de um egípcio que havia conhecido a esposa pela internet, casado por procuração e após alguns dias na casa da atual esposa, ele estava completamente surpreso com alguns costumes brasileiros e com as atitudes de sua mulher. Ao conversar com o egípcio, ele me disse que a esposa durante o relacionamento pela internet achava o Islã muito bonito, dizia que não fumava e não bebia, no entanto, ela nunca quis fazer uma oração com ele ou ao menos se interessou para saber melhor sobre a religião durante a permanência dele aqui. Ele me disse que não podia ter uma esposa assim e queria voltar ao Egito mas, ele não tinha recursos para isso, e a esposa não tinha dinheiro para pagar a passagem de volta. Não tive oportunidade de conversar com a esposa. Soube, por uma de minhas interlocutoras, que foi um processo difícil para ambos. O conflito foi resolvido via Polícia Federal e ele voltou ao Egito após 3 meses de Brasil.

Em 2016, obtive a informação de uma brasileira casada com muçulmano egípcio que, ao registrar seu casamento na Embaixada Brasileira do Cairo, no mesmo ano, antes de assinarem as devidas documentações, o cônsul brasileiro a levou para uma reunião em particular, por quase 1 hora, e a alertou de todos os acontecimentos que tem ocorrido sobre esse tipo de união. A reunião, em particular, também ocorreu com seu marido. Contudo, ambos mantiveram o propósito de casamento. Ela também informou que este é um procedimento que estão realizando

para todos os casos de casamento de brasileiras com egípcios. Sobre essa união, após se casarem no Egito e virem para o Brasil onde residiram, o casamento durou 6 meses.

Para além dos casos de violência, os quais são bastante velados e, na sua maioria, chegaram ao meu conhecimento após terem sido resolvidos legalmente, como a extradição do estrangeiro ou o retorno da brasileira para o Brasil, uma outra questão que circula nas redes e também fora delas é o fato da dependência financeira do marido “importado” e, daí se entende a chamada “casamento por conveniência”.

Em um dos blogs acompanhados foi possível encontrar a seguinte publicação;

A economia do Egito está uma DROGA, por isso os salários lá estão ruins, o turismo está ruim e o país está muito mal das pernas... Isso leva desemprego, salário ruim e vida ruim. Por isso MUITOS egípcios estão conhecendo mulheres na internet, querendo casamento e consequentemente "ganhando" visto para morar no Brasil ou em outros países... É triste mas é verdade, MUITOS estão apenas atrás de uma forma de viver uma vida melhor (e isso não é pecado, ne?). (Postagem feita pela blogueira em 27 de novembro de 2015 – caderno de campo virtual).

Não apenas o Egito, mas muitos outros países daquela região passam por difíceis situações econômicas, em especial depois da Primavera Árabe³⁸. Recentemente, temos o caso dos sírios que entram no Brasil como refugiados do regime de Bashar Al-Assad. Eles chegam por meio de contatos estabelecidos com parentes que já vivem no Brasil, por intercessão de entidades muçulmanas brasileiras ou como única oportunidade de deixar seu país devido a facilidade de entrada que o Brasil oferece, embora não ofereça políticas adequadas para a recepção e permanência desses refugiados. Dentre o grande número de famílias imigrantes, há também uma grande quantidade de homens, em idade de casamento (20-30 anos), como pôde ser observado em campo, ainda que não haja registros formais disponíveis. Inclusive, uma de minhas interlocutoras, que aparece na Tabela 1, é casada com um refugiado sírio, os quais se conheceram enquanto ela desenvolvia um trabalho de assistência a refugiados na cidade de São Paulo. É preciso dizer que, os homens que estão no Brasil, em situação de refúgio, possuem seus direitos garantidos quanto a permanência em nosso país, não dependendo do casamento com uma brasileira para se fixarem, embora essa possibilidade possa facilitar sua integração.

³⁸ Levante revolucionário que teve seu início na Tunísia e no Egito, em dezembro de 2010, e se espalhou para vários países do Oriente Médio e Norte da África. Os protestos ficaram conhecidos mundialmente e as reivindicações se deram contra os governos ditatoriais daqueles locais.

Contudo, conseguir um visto de entrada no Brasil para obter uma oportunidade de deixar seu país de origem, aspirando construir uma vida melhor, mobiliza a intenção de muitos outros homens na internet, além dos egípcios e sírios. São eles; paquistaneses, argelinos, marroquinos, iraquianos, dentre outros. Sendo que os egípcios foram os mais encontrados em campo. Sobre esse assunto, inclusive um *meme*³⁹ circulou por alguns grupos, o qual pode ser visto a seguir;

Figura 11 – Casamento por conveniência

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1472474542790664&set=a.523078181063643.1073741825.100000843961527&type=3&theater>

Assim como os egípcios e os sírios, a maioria desses homens são jovens solteiros que se encontram entre os 20 e 30 anos de idade, podendo, eventualmente, se encontrar homens mais velhos, o que é bastante difícil devido a própria pressão da sociedade em que vivem para se casarem cedo. A maioria deles possui diploma superior e bom domínio da língua inglesa. Muitos desses homens no intuito de conhecerem uma mulher estrangeira, frequentam *sites* de aprendizagem de línguas como o “LiveMocha”, por exemplo, que funciona também como uma espécie de rede social, em que eles podem interagir com falantes nativos. Durante a pesquisa, eu me cadastrei no site referido e recebi inúmeros pedidos de amizade, sendo a maioria acompanhados de mensagens elogiosas quanto as minhas características físicas. Desses homens,

³⁹ Termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade (Recuperado de: <https://www.significados.com.br/meme/>).

grande parte eram indianos, paquistaneses e egípcios. Ao visitar as informações sobre eles, dentro do próprio *site*, foi fácil observar a quantidade moças que eles possuíam como “amigas”.

Sobre a situação econômica desses estrangeiros, como a maioria dos países árabes e em especial o Egito, conforme foi dito anteriormente, se encontram em um momento delicado de sua economia, logo, eles não possuem boa condição financeira em seus países, ao contrário do imaginário brasileiro sobre o homem estrangeiro, como me disse uma interlocutora casada com um turco; “*quando digo que sou casada com turco e moro no exterior, as pessoas acham que eu rica*”. Assim, muitos daqueles que buscam relacionamento virtual para contraírem matrimônio com uma estrangeira podem fazer por ser uma maneira mais fácil de se casar, pois não precisam juntar dinheiro para pagar os valores elevados do dote⁴⁰, já que a estrangeira desconhece, na maioria das vezes, essa prescrição islâmica e seus direitos sobre ela.

De acordo com as observações realizadas durante a coleta de dados, os maridos que possuíam melhores condições financeiras foram aqueles que conheceram suas esposas enquanto residiam ou estudavam no exterior, ou então, que já haviam estudado em países europeus ou da América do Norte. Esses homens, geralmente, foram os que se apresentaram menos religiosos.

Sobre a religiosidade, segundo minha interlocutora Juliana, casada com turco, diz ela; “*aqueles que são muito tradicionais*⁴¹ *não se casam com estrangeiras*”. Entretanto, de acordo com os dados coletados nos campos presencial e virtual foi possível encontrar casais interculturais em que o homem era muçulmano praticante, no entanto, as esposas eram revertidas.

Já os homens que buscam relacionamento virtual na tentativa de praticar golpes financeiros, primeiramente, seduzem a vítima com imediatas promessas de casamento e palavras de amor e logo após, contam longas histórias sobre problemas de saúde na família ou qualquer outra história que envolva dinheiro até o momento em que o pedem para a mulher com que está se relacionando virtualmente. Com base nos preceitos islâmicos e, de acordo com os Sheiks consultados, um homem que se diz muçulmano nunca irá pedir dinheiro para uma mulher por mais que ele necessite, pois, ele sabe de suas responsabilidades e tentará outros

⁴⁰ Ver capítulo 6.

⁴¹ A expressão “turco tradicional” ou “turco moderno” é muito presente nas falas das brasileiras como também nas falas do próprio povo turco. O significado atribuído para turco tradicional é o homem mais religioso, bastante nacionalista e muito apegado à família e aos valores familiares. Contudo, uma de minhas interlocutoras faz uma importante ressalva ao dizer que, ainda que o homem turco seja “tradicional” ele é mais “light” que o homem árabe. Devemos considerar aqui, a própria história política da Turquia que, desde 1923 quando se tornou uma República, ela é regida por uma constituição secular, a qual proíbe a influência de qualquer religião – incluindo o Islã –, o que afeta o comportamento de seu povo. Já o “homem moderno” é menos religioso, geralmente, já morou em outro país e é menos nacionalista.

meios. No entanto, amplio essa problemática para além da religião, como disse o próprio Sheik Jihad, no vídeo já referido, “*e daí que ele diz que é muçulmano*”, em todas as religiões há bons e maus fieis, portanto, segundo o Sheik, deve-se observar a conduta para saber se é uma boa pessoa.

Assim, a preocupação sobre essa situação “conveniente” para o homem, recai sobre a brasileira, que envia dinheiro ou “importa” o marido, assumindo, muitas vezes, responsabilidades além de suas possibilidades. Como alerta Sheik Jihad, no vídeo supracitado, “*se ele não consegue vir pra cá com o próprio dinheiro, como é que ele vai se sustentar aqui?*” “*Vocês vão procurar emprego? E como vão se sustentar até conseguirem?*” Ainda acrescento, e a barreira do idioma, que por si só, já restringe as oportunidades de vagas disponíveis?

Dessa forma, há várias questões que devem ser consideradas antes de assumir algum compromisso.

A seguir, podemos ver mais um alerta do Ministério das Relações Exteriores que percorreu alguns grupos no Facebook.

Figura 12 – Alerta Consular

Fonte: <https://www.facebook.com/ItamaratyGovBr/photos/a.147451148621511.22424.125578787475414/1082839871749296/?type=3&theater>

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

Desta vez, o Ministério das Relações Exteriores reforça que vem recebendo numerosas queixas de cidadãs brasileiras vítimas de roubos, fraudes e violência cometidos por cônjuges estrangeiros que conheceram pela internet e com os quais tiveram pouco ou nenhum convívio presencial antes do casamento. Novamente, ele recomenda fortemente às brasileiras e aos brasileiros especial cuidado com os relacionamentos virtuais mantidos com estrangeiros com o propósito de estabelecer relacionamentos ou celebrar casamentos, a fim de protegerem-se contra possíveis golpes e situações de risco. Mais uma vez, enfatiza para que algumas precauções sejam tomadas, tais como; obter referências do cidadão estrangeiro por parte de terceiras pessoas de conhecimento comum, além de evitar manter o contato restrito aos meios de comunicação à distância, previamente ao matrimônio. No entanto, agora recomendam conhecer as práticas e leis do país sobre direitos das mulheres em casos de matrimônio e questões como guarda de menores em caso de eventuais disputas entre o casal.

Uma de minhas interlocutoras, chamada aqui de Débora, possui vários vlogs em seu canal, os quais abordam questões sobre divórcio e guarda dos filhos na Turquia. Por já ter vivido um divórcio em terras turcas, ela orienta as brasileiras quanto aos cuidados que devem tomar para evitar aborrecimentos e sofrimentos. Uma das dicas que ela dá é ter o filho em território brasileiro, dessa forma ele terá cobertura das leis brasileiras, como também poderá ter dupla cidadania; a brasileira e a turca. Já os nascidos em terras turcas podem ter apenas uma cidadania, no caso a turca. Sobre esse assunto, o próprio Itamaraty informa que

Em alguns países, sobretudo no Oriente Médio, crianças cujo pai tenha nacionalidade local podem ter saída do país proibida se não houver autorização paterna por escrito. Mesmo que a criança tenha passaporte brasileiro e/ou tenha mãe e pai brasileiros, a viagem da criança ocorrerá somente se houver autorização paterna, caso assim determine a lei local. Ressalta-se que, em muitos casos, a norma é válida para todo tipo de situação, incluindo aquelas em que a mãe tenha guarda exclusiva da criança. Nesses casos, **cidadãs brasileiras devem ter em mente que, ao levar o filho menor para determinados países, o mesmo poderá enfrentar restrições, pela lei local, para retornar ao Brasil.** Recomenda-se leitura cuidadosa sobre a legislação do país escolhido antes de qualquer viagem (Ministério das Relações Exteriores, n.d., s.p – grifos meus).

Na mesma linha de pensamento e, reforçando a questão sobre ter filhos, Rantanen (2017), em seu artigo “*Violência doméstica – Quando o sonho vira pesadelo*”, que percorreu alguns grupos no Facebook, orienta;

Tenha sempre seu passaporte em dia, num lugar seguro ao seu alcance, e dinheiro para comprar uma passagem. Sempre! Tenha também o endereço e o telefone da embaixada do Brasil e pesquise sobre abrigos e ONGS que ofereçam apoio a mulheres que sofrem violência no país para onde você pretende se mudar (aqui no diretório do **BPM**⁴² você pode conhecer algumas dessas instituições pelo mundo). Isso não é paranoia, é precaução. Ter essa informação em mãos pode não só salvar sua vida, mas fazer com que você salve a de alguém.

Assim que se mudar, comece a cuidar de sua independência e integração. Se estiver num país onde você não sabe a língua, procure um curso, não se negue a aprender. Pense que saber o idioma te proporcionará resolver seus problemas sozinha, começar uma carreira, estudar, começar um negócio próprio, estar ativa na sociedade. Por mais “chato” que um curso ou programa de integração possa ser, não deixe essa oportunidade passar.

E aqui vem o **conselho mais importante** que deixo, baseando-me na dor de minhas amigas: pense bem antes de ter filhos logo. No caso de todas elas, os maridos só mostraram mudança de comportamento no segundo ano de casamento e foi entre este período e o terceiro ano que a situação se tornou insustentável. Todas, sem exceção, tiveram filho no primeiro ano do casamento, três delas porque o marido queria mais do que tudo ser pai logo e, de maneira romântica, como um príncipe encantado, as convenceu de que aquele era o melhor momento (s.p - grifos meus).

Segundo Débora, “*Quando a gente conhece os obstáculos, tem mais chance de ter sucesso*”. No final de 2015, mais uma mensagem do Itamaraty foi veiculada nas redes sociais.

⁴² BPM significa “*Brasileiras pelo Mundo*” e é o nome de um site que informa *links* importantes, sendo todos eles relacionados ao bem estar e assistência à mulher em vários países pelo mundo. Seu endereço eletrônico é <http://www.brasileiraspelomundo.com/associacoes-diretorio>

Figura 13 – Itamaraty alerta mulheres

Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/itamaraty-alerta-mulheres-sobre-cuidados-em-relacionamento-com-estrangeiros-pela-web>

*Nota: endereço, atualmente, excluído da internet

Com o título “*Itamaraty alerta mulheres sobre cuidados em relacionamentos com estrangeiros pela web*” (Governo do Brasil, 2015), a nota traz, logo abaixo do mesmo, a seguinte informação: “Disponível em 16 países, o Ligue 180 Internacional recebe denúncias de abusos contra brasileiras por parte de parceiros no exterior”. O texto informa que, atualmente, os casos de violência contra a mulher, no exterior, podem ser reportados por meio do Ligue 180 Internacional, uma versão do disque-denúncia, disponível em 16 países, resultado de uma parceria entre o Ministério das Relações Exteriores e a Secretaria de Política para as Mulheres, do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. No vídeo “*Itamaraty revela mudança de foco no atendimento do 180 internacional*”, disponibilizado junto ao texto, Luiza Lopes da Silva (Diretora do Departamento consular e de Brasileiros no Exterior) conta que o “180” começou como uma ferramenta para auxiliar vítimas de tráfico que buscavam ajuda. Passado um ano, ao examinarem uma “massa crítica” de 12 meses de ligações e, procurarem pelas ligações de tráfico, encontraram, e salienta que foi uma surpresa, mulheres em situação de violência de gênero, sobretudo violência doméstica, física e/ou psicológica e financeira. A diretora finaliza o vídeo dizendo “... *foram relatos tão dramáticos, que é hoje um alerta em nosso portal consular*” (Governo do Brasil, 2015).

A nota trouxe, mais uma vez, uma orientação para as brasileiras que se relacionam com estrangeiros pela Internet. Nele foi pedido para que as brasileiras tenham cautela antes que o

envolvimento se torne algo mais sério e resulte, por exemplo, numa viagem ao exterior. *"É um alerta de bom senso. É uma questão de cautela que nós devemos ter sempre nos relacionamentos com desconhecidos"*, afirma a diretora do Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior, Luiza Lopes da Silva (Governo do Brasil, 2015, s.p).

Segundo depoimento de Luiza Lopes da Silva no texto, existem casos de mulheres que se enchem de esperanças, formam uma opinião, e nem mesmo familiares e amigos conseguem fazê-las desistir de uma viagem, pois elas depositam todas as expectativas no relacionamento virtual. Ela acrescenta que, por meio do serviço, e também das representações diplomáticas, o Itamaraty recebe relatos dramáticos de mulheres que iniciam relacionamentos pela internet utilizando ferramentas de tradução ali disponíveis, sendo que o casal não tem nem mesmo o domínio de um idioma em comum, fato esse encontrado, inúmeras vezes, em campo convencional durante a execução desta pesquisa. Ainda segundo o órgão, muitos estrangeiros buscam relacionamentos com mulheres brasileiras apenas interessados no visto brasileiro. *"Para nós brasileiros, é difícil entender, porque nós pensamos que uma cidadania cobiçada é uma cidadania americana ou europeia. Mas a brasileira também é, e nossas compatriotas descobrem isso da maneira mais dura"*, ressalta a diretora (Governo do Brasil, 2015, s.p).

A nota informa que o interesse na cidadania brasileira ocorre devido à dispensa de visto para entrar em países da União Europeia, e este fato faz com que alguns estrangeiros busquem contato com mulheres brasileiras e se casem com foco na obtenção do visto. De acordo com a diretora, a ideia do Itamaraty não é desestimular esse tipo de relacionamento, mas apenas atentar para os cuidados necessários para o sucesso nesse tipo de envolvimento. Diz ela *"Claro que têm histórias que dão certo, de relacionamentos que são bem-sucedidos e são felizes, mas infelizmente nós conhecemos mais da outra categoria, porque são esses que batem na porta do consulado"* (Governo do Brasil, 2015, s.p).

O alerta de "bom senso" das autoridades governamentais brasileiras, muito se aproximam das palavras de orientação proferidas por Sheik Jihad, no vídeo supracitado. Somam-se a eles, a postagem de um turco, o qual dá aulas de seu idioma, aqui no Brasil. Segundo ele;

Moças e mulheres dispostas a investir tempo e dinheiro aprendendo um idioma sem muitas vezes terem todas as informações do partner turco por quem estão dispostas a deixar tudo (às vezes até filhos) para trás e iniciar uma vida "perfeita no país das maravilhas". Nunca viram um membro da família dele, não tem referência alguma dele, não tem endereço, telefone fixo. O cara simplesmente pode bloquear/deletar e sumir do

mapa, como fumaça. E o que sobra? Um coração em pedaços e o ódio de quem foi enganada ... (Mustafa, 2016, s.p).

Dessa forma, o que vejo se repetir é o pedido, insistente feito as brasileiras internautas para que não olhem apenas para vida encenada dentro da tela de um computador.

Em 2018, revisando o material coletado e fazendo nova “varredura” nos portais pesquisados, na intenção de averiguar a situação de brasileiras em relação ao tema pesquisado, vejo que o Ministério das Relações Exteriores atualizou seu Portal Consular e unificou as orientações exibidas, nas notas referidas anteriormente, em uma única página e fazendo dela orientação permanente, como mostra a seguir, a Figura 14.

Figura 14 – Mulheres em viagem ao exterior

Fonte: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/antes-de-viajar/mulheres-em-viagens-ao-exterior>

As orientações, se iniciam pedindo para que brasileiras se atentem as diferenças culturais e religiosas dos países que vão visitar e estão distribuídas por itens, sendo eles; Emergências, Violência doméstica, Crimes sexuais, Tráfico de pessoas, Sequestro internacional de menores, Mutilação genital, **Relacionamentos pela internet**, Casamento forçado, **Casamentos por conveniência** e Solicitando ajuda.

No item *Violência doméstica*, o portal anuncia que “considerando o grande número de casos de violência doméstica envolvendo cidadãs brasileiras no Líbano, foi elaborada a cartilha *Emigrante brasileira no Líbano*, com informações úteis sobre eventuais problemas que

nacionais podem ter naquele país” (Ministério das Relações Exteriores, 2018, s.p). A cartilha pode ser acessada por meio de um *hiperlink* ao clicar em “*Emigrante brasileira no Líbano*”.

No item sobre “*Casamentos por conveniência*” o(a) leitor(a) poderá acessar um *hiperlink* de mesmo nome, o qual apresenta uma carta oficial explicando a situação desses tipos de casamento. Em um dos trechos da carta podemos ler

Têm sido recebidos vários relatos de algumas Embaixadas do Brasil, sobretudo nas regiões do Oriente Médio e do norte da África, sobre aumento do número de solicitações de vistos permanentes por motivo de casamento e reunião familiar entre nacionais brasileiras e cidadãos africanos, árabes e de nacionalidades diversas. Em alguns casos, verifica-se a existência de **grande diferença etária entre a cidadã brasileira e o nacional estrangeiro**, o qual, em geral, revela ser **desprovido de recursos financeiros ou qualquer vínculo empregatício**. Em alguns outros casos, verifica-se, ainda, a existência de barreiras linguísticas entre a brasileira e o estrangeiro (Ministério das Relações Exteriores, 2018 – grifos meus).

Dessa forma, a movimentação de brasileiras que eu vinha percebendo no campo virtual foi atestada pelos órgãos do governo.

4.2 As notícias sobre relacionamento virtual

Assim como os alertas consulares sobre relacionamentos virtuais, apresentados no item anterior, a grande maioria das reportagens que circularam no ciberespaço sobre esse assunto, também atentam para perigos que esse tipo de relação pode oferecer.

Dessa forma, não utilizei a ordem cronológica em que as reportagens circularam pela rede. Mas, comecei pela reportagem que possui como temática uma brasileira envolvida com um homem muçulmano estrangeiro, por ser o foco desta pesquisa.

Figura 15 – Casamento com estrangeiro pela internet se torna assunto de Estado

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/24/sociedad/1385321768_847980.html

A reportagem “Casamentos com estrangeiros pela internet tornam-se assunto de Estado”, publicada em 24 de novembro de 2013 pelo jornal “*El país*”, caderno Sociedade, traz a história de uma brasileira chamada Tatiane Fernandes, de 29 anos, que havia acabado de chegar do Egito graças a uma passagem que a Embaixada brasileira no Cairo pagou para tirá-la do país. Na reportagem, a brasileira conta que havia vendido tudo o que tinha em casa, inclusive havia deixado duas filhas no Brasil, para vivenciar um relacionamento iniciado na internet. Ao chegar no Egito a recepção não foi como ela havia pensado,

Quando cheguei, o irmão, com quem eu me relacionei, tinha mostrado para todo mundo fotos e vídeos íntimos dos nossos encontros virtuais. Foi um drama, meu marido apanhou muito dos seus irmãos. Eu fui ameaçada com fotos de mulheres queimadas com ácido”, lembra a brasileira (Martín, 2013, s.p).

Após este acontecimento, a brasileira foi agredida por seu atual namorado pela “primeira e última vez”, disse a moça. Foi expulsa da casa dos parentes do namorado e proibida de se encontrar com ele.

Também roubaram a prata que eu levei, dinheiro, meu lingerie, roupas, os documentos que eu arrumei aqui para me casar no religioso, quebraram meu computador... Pedi

socorro à embaixada quando já não tinha nada e havia uma semana que dormia num carro (Martín, 2013, s.p.).

A brasileira conta que chegou a sofrer depressão e teve um derrame que paralisou a metade do seu rosto. Nesta mesma reportagem, é informado que o Itamaraty não tem dados sobre o fenômeno, mas alerta para o alto número de casos e acrescentam o relato de Sandra Fadel, líder comunitária brasileira no Cairo, que diz "*são tantos que nem se imagina. Só neste ano já ajudei 50 mulheres*" (Martín, 2013, s.p.).

Uma questão que volta a se repetir é a idade da vítima, na casa dos 40 anos. Geralmente, classe média e média-baixa, com casamento anterior. Segundo dados da entrevista, essas mulheres iniciam relacionamentos com homens da Ásia, Oriente Médio e inclusive da África com os quais se casam, por procuração ou presencialmente. Na maioria das vezes, comunicam-se por meio do tradutor do Google e o que começa como um bate-papo logo se torna um romance, principalmente quando se refere aos homens da cultura islâmica. Diz a brasileira, "*Eles te pedem em casamento no segundo dia*" (Martín, 2013, s.p.). Sim, no Islã não há namoro, então, o casamento acontece sem demora, mas embora estes homens possam se nomearem muçulmanos, essa não é uma prática islâmica. O muçulmano irá se casar depois de conhecer e conversar com os familiares da noiva. Sobre essa questão, o(a) leitor(a) encontrará explicação no capítulo 6, dessa tese.

A entrevista traz o comentário de Marcelo Ferraz, assessor da Divisão de Assistência Consular do Itamaraty, que diz

Destes relacionamentos podem surgir **dois problemas**: um é o do **estrangeiro pleiteando o visto para vir para o Brasil**, e em alguns casos ele entra no país e nunca mais dá notícias à mulher, e o outro é quando ela vai para o país estrangeiro e acaba tendo **graves problemas de adaptação**, violência ou até fraude (Martín, 2013, s.p. – grifos meus).

Fadel, a voluntária no Cairo, reconhece que a proposta de casamento é sedutora para o público feminino e diz

Elas se encantam quando eles falam de compromisso, quando escutam essa promessa de proteção.... É como um sonho de princesa. Só que, depois, se revela apenas como uma forma de controle. A última menina que ajudamos veio até aqui sem falar uma

palavra de inglês –comunicava-se com o namorado pelo tradutor da internet e por gestos- e com 500 dólares, quando a diária em qualquer hotel vagabundo não é menos de 50 dólares (Martín, 2013, s.p).

Ela ainda recomenda que “É preciso ter um mínimo de noção para iniciar uma aventura assim” (Martín, 2013, s.p). Pergunto; Noção de quê? Realidade?

Figura 16 – Larguei tudo pelo meu namorado turco e ele era casado

Fonte: <http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2014/06/larguei-tudo-pelo-meu-namorado-turco-ate-descobrir-que-ele-era-casado.html>.

Assim, a britânica conheceu o jovem turco quando estava em férias na Turquia, na ocasião tinha 19 anos, e ele 24. Na época, ela era modelo e ao conhecer o namorado turco, ele considerou que aquele trabalho era vulgar e “desrespeitoso”, até que ela parou de modelar. O mesmo aconteceu com as roupas decotadas. A vida social com as amigas também deixou de existir. No início, como consta na reportagem, ela ficava satisfeita com o carinho e até com o cuidado, excessivo, do namorado. Segundo ela, ele era um perfeito cavalheiro e dessa forma, o casal passava horas conversando no Skype, enquanto eles estavam longe um do outro.

Em 2013, segundo a jovem britânica, o turco sugeriu que eles comessem uma família e a ela apaixonada, acabou engravidando durante uma viagem de volta a Turquia. Até então, o jovem parecia encantado com a ideia de ser pai. Mas, dias depois, ele desapareceu do Facebook e parou de atender chamadas e e-mails. Conta ela, que ficou desesperada, preocupada e chegou a pensar que ele havia se ferido.

Com o sumiço do jovem turco, ela passou a procurar membros da família dele, a qual nunca havia sido apresentada e obteve como resposta que ela parasse de procura-lo porque ele já era casado e um “turco tradicional” não iria se casar com uma britânica moderna. Ela comenta que "Estava tão chocada que não conseguia falar. Eu só olhava para a tela pensando que deveria ser um erro. Pensei que eu sabia tudo sobre ele" (Zahir, 2014, s.p)

Contudo a jovem continuou disposta a ser mãe solteira, mas devido a depressão, sofreu um aborto natural quatro meses depois.

E relata para o jornal

Já ouvi falar sobre a reputação dos homens turcos, mas achei que Sabri fosse diferente, pois ele era barman no bar que meu tio tinha na Turquia. Achei que, por consideração a minha família, ele fosse melhor que os outros do seu país. Me enganei, me arrependi e hoje vejo que o que falam sobre cuidados com romances de férias, é verdade. Não caiam nessa, meninas (Zahir, 2014, s.p).

Ao analisarmos a fala da jovem que diz ter achado que o conhecia, sinalizo dois fatores que se repetem em relacionamentos interculturais, o primeiro é o fato de geralmente se conhecer o parceiro em ocasião de viagem e depois a manutenção desse relacionamento via internet, vejamos o Quadro 1; cinco das minhas interlocutoras conheceram os maridos em viagem, sendo uma em viagem de trabalho, duas em viagem de estudo e três em viagem de turismo. Devemos nos atentar para o fato de que quando estamos em viagem, estamos provando um outro “tempero”, pode ser exótico, causar encantamento, mas devemos ter cautela porque quase nada conhecemos do que estamos provando, por isso, as cinco interlocutoras adotaram estratégias para conhecer a família dos pretendentes, como também eles foram apresentados para as respectivas famílias. O segundo é a questão da generalização étnica, ocorrida após uma grande decepção, o que se torna compreensível, no entanto, impossível. Sabemos que qualquer sociedade é composta por sujeitos diversos e seria o mesmo que dizer; toda brasileira é boa de samba ou todo brasileiro joga futebol. Muitos depoimentos encontrados na rede trazem generalizações tanto negativas, quanto positivas, tais como “os turcos são românticos”.

A seguir, a reportagem traz a história de uma cabelereira brasileira que conheceu um turco pela internet, via Facebook.

Figura 17 – Namoro na internet, saiba detectar um “cafajeste virtual”

Fonte: <http://maringa.odiario.com/geral/2013/07/namoro-na-internet-saiba-detectar-um-cafajeste-virtual/759486/>

Alto, forte, belo rosto, divorciado e disse que trabalhava na Marinha da Turquia. Passava um mês no mar e outro no continente e por isso era solitário, diz Claudia (a cabelereira) que ficou encantada (Pimenta, 2013).

Ela conta que teve a vida mudada radicalmente, pois com a ajuda de um programa tradutor, os dois conversavam várias horas diariamente e diz que chegou a perder o emprego por negligenciar o serviço para ficar conversando com o namorado virtual.

Como consta na matéria, eles haviam combinado um encontro real para daí alguns meses, mas uma semana antes da vinda, uma jovem entrou em contato com ela perguntando sobre sua relação com o turco. Comenta a cabelereira, "Meu mundo caiu quando ela me mostrou fotos dele se masturbando na *webcam* no período em que nós estávamos namorando". (Pimenta, 2013, s.p)

Depois do ocorrido, ela ficou decepcionada e fez uma vasta pesquisa sobre seu amado na internet e descobriu que “ele era casado, tinha filhos e trabalhava em uma empresa de vigilância” (Pimenta, 2013, s.p).

Revoltada com a situação, ela contou as mentiras do turco a todas as meninas do perfil virtual dele e ainda criou um grupo no Facebook, hoje desativado, para trocar informações com mulheres que estavam na mesma situação que ela. A reportagem informa que em duas semanas o grupo já tinha 200 pessoas.

Conta ela, à repórter, que descobriu diversas histórias. “Muitos homens do Oriente Médio querem casar com brasileiras pelo visto. Alguns se aproveitam da carência e tentam arrancar dinheiro. Muitos são turcos, egípcios, mas existem também os 'Scammers', que se passam por soldados americanos no Afeganistão (Pimenta, 2013, s.p).

A matéria traz a opinião de uma psicóloga, Alessandra Dellatorre, sobre a questão, a qual diz “Mulheres carentes, ansiosas por ter um relacionamento, com baixa auto-estima e com reais problemas de relacionamento, geralmente são as vítimas dos ‘cafajestes’ virtuais” (Pimenta, 2013, s.p).

Segundo a psicóloga, não há problema em conhecer pessoas na internet, mas se torna problema quando o encontro real demora a acontecer e atenta para o fato de que a conversa pelo computador é fantasiosa, já que imaginamos a reação da outra pessoa. E, geralmente se fantasia algo do desejo, por isso, alerta ela que é importante ter o contato real rápido, para verificar se a expectativa é verdadeira.

A matéria também apresenta dicas para se flagrar um "mentiroso" na internet.

- Procure pelo nome em buscadores. É sempre bom verificar se a história contada bate com a realidade. Além do Google, tente também outras ferramentas como o Bing;
- Desconfie dos horários de acesso à internet. Quem não costuma utilizar à noite, ficando online apenas no trabalho ou em lan houses, pode indicar que o cidadão é casado;
- Busque imagens no Google. Na busca por fotos do Google (<http://images.google.com/>), o buscador exibe onde aquela imagem foi originalmente postada. Com isso, é possível descobrir se a foto do seu amor virtual foi "roubada" de outra página;
- Faça videoconferências. Os argumentos de "não quero conversar na webcam" ou "não sei como usar" podem ser meras desculpas para continuar mantendo uma situação mentirosa;
- Contate amigos do suspeito. Com isso, você pode descobrir que não é a única vítima;
- Fique atento a contradições. É importante ficar atento para possíveis contradições de seu parceiro (ou parceira) virtual. Se as histórias começarem a não fazer sentido, abra os olhos;
- Repare nos amigos em redes sociais: um perfil com muitos amigos de um determinado padrão (por exemplo, muitas pessoas de determinado sexo) pode levantar suspeita. Às vezes, o perfil foi feito especificamente para enganar homens ou mulheres. Já os perfis falsos tendem a não ter muitos contatos;

- Acesse o perfil do Facebook com outra conta: o Facebook permite que os usuários da rede tenham políticas de privacidade exclusivas para cada contato. Por isso, é interessante acessar o perfil do suspeito com a conta de um amigo, para conferir se há conteúdos restritos a você e visíveis aos outros;
- Desconfie de fotos muito profissionais: é comum que gente mal intencionada roube fotos de modelos para chamar a atenção na internet.
- Fique atento a encontros offline. É recomendável que o local seja movimentado para evitar ciladas. No entanto, se após meses de conversa pela internet a pessoa não quer marcar um encontro real, é provável que ela esteja mentindo;
- Tenha o pé atrás com pedidos estranhos (principalmente sobre presentes ou dinheiro): não faltam histórias na internet de gente que foi enganada, de casos de pessoas que caíram em golpes ao enviar dinheiro. Portanto, fique esperto se a pessoa com a qual você conversa é muito pidona (Pimenta, 2013, s.p).

Donnamaria e Terzis (2009) apontam que a insegurança sobre a insuficiência de indícios de realidade pode ser saudável em relacionamento virtual quando coloca o sujeito atento para buscar informações reais. No entanto, quando há ausência dessa insegurança, o sujeito pode ser colocado em risco ao se entregar a um relacionamento que, além de virtual, é também fictício. Os autores salientam que, para este tipo de relacionamento, é preciso que o sujeito tenha maturidade para não submergir em um estado de ilusão e, desta forma, tornar-se mais sujeito a frustrações.

Mas será mesmo apenas uma questão de maturidade?

Então, mais uma reportagem que trouxe a reflexão sobre os perigos dos romances virtuais foi exibida no “*Fantástico*”, programa de entretenimento exibido pela Rede Globo, e depois disponibilizada no portal G1, pertencente a mesma mantenedora.

Figura 18 – Golpistas e mulheres apaixonadas

Fonte: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/golpistas-usam-internet-para-tirar-dinheiro-de-mulheres-apaixonadas.html>.

A matéria que aparece na Figura 18, alerta mulheres que procuram parceiro na internet e atentam para o fato de que por trás de promessas de amor e declarações apaixonadas pode estar um golpista querendo dinheiro fácil.

Muitas vezes pode-se pensar que essas mulheres possuem pouca informação, mas como mostra a reportagem, são mulheres bem-sucedidas e profissionais respeitadas.

Eu vi uma foto de um homem que deixou uma mensagem em português. E eu achei interessante. Se identificou sendo de Londres. Ele me achou uma pessoa muito bonita. Ele também era bonito, atraente. Começamos a nos relacionar como se estivéssemos namorando mesmo”, conta uma das vítimas (Golpistas usam, 2014, s.p).

Os casos ocorreram com duas psicólogas que não quiseram se identificar, portanto, aparecem com nome fictício. Em um deles, o golpista coloca até uma criança para conversar com a vítima, dizendo ser filha dele.

Marina: Conversei duas vezes com a menina. Ela perguntou se ia ser minha filha.

Fantástico: Isso te tocou, né?

Marina: Isso me tocou. Possibilidade de ter uma filha, me tocou, sim. Ele soube envolver (Golpistas usam, 2014, s.p).

Como mostra a reportagem, por trás do tal inglês apaixonado estava uma quadrilha especializada em extorquir dinheiro de mulheres. Eles usam a ferramenta de tradução da própria internet para se comunicarem com as vítimas. Depois que percebem que a pessoa está envolvida, inventam uma história qualquer para pedir um adiantamento e prometem vir ao Brasil e devolver o dinheiro. Explica Marina; “Ele me contou que ele tinha uma herança para receber do pai dele, mas a condição é que ele fosse casado. Ele me pediu em casamento e aí começou a processo” (Golpistas usam, 2014, s.p).

A outra vítima, que aparece na reportagem com o nome de Ana, conta que fez vários depósitos na conta do golpista, o que totalizou US\$ 11,4 mil. Já Marina, transferiu o total de R\$ 102 mil.

Uma terceira brasileira, residente no interior de São Paulo, Luiza (nome fictício) foi procurada por um golpista, mas desconfiou. Diz ela; “*Eu percebi na rede social que ele buscava mulheres maduras e não juvenzinhas. Então, eu já liguei os fatos*” (Golpistas usam, 2014, s.p).

Ela pediu ajuda a um especialista em segurança na internet e prepararam uma armadilha para o golpista: ele teria que dar o endereço de um e-mail para ser rastreado, mas o falso pretendente não caiu e perguntou se ela queria levá-lo à polícia. Logo, presume-se que são pessoas com muito conhecimento tecnológico e bastante conhecimento também sobre a relação humana, diz Wanderson Castilho (perito em segurança digital) para o repórter. Ele conta que já atendeu mais de 200 casos como esse. “*Manda flores, manda presentes. Qual mulher que não gosta de ganhar flores ou presentes?*” (Golpistas usam, 2014, s.p), diz Luiza.

Segundo a matéria, existem várias quadrilhas espalhadas pelo mundo, mas as principais estão na África, na Nigéria especificamente. E como tantas outras, a matéria aponta alguns requisitos para se evitar cair em golpes

- Identifique de onde partiu o convite de amizade, se ele conhece alguém na sua rede social;
- Desconfie de quem não quer aparecer na câmera nem falar ao telefone;
- Guarde todas as mensagens e releia com atenção o histórico em busca de alguma mentira ou contradição (Golpistas usam, 2014, s.p).

Casos como esses nunca foram encontrados, por mim, nos grupos em que participei, no entanto, vez ou outra, apareceram mulheres perguntando se deveriam ou não depositar dinheiro

para o namorado virtual, mas as quantias pedidas eram bem inferiores das apresentadas nessa reportagem. E as respostas dos demais membros dos grupos sempre foram negativas.

Na reportagem a seguir, mais uma vez aparece uma história de mulher brasileira enganada via internet.

Figura 19 – Namoro virtual e dicas de como não cair em uma roubada

Fonte: <http://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/ana-maria/namoro-virtual-especialista-em-direito-digital-da-dicas-de-como-nao-cair-em-uma-roubada>

As histórias são quase todas iguais; possuem o mesmo elemento que encanta as brasileiras, que se deixam envolver: o amor romântico.

Era romântico e me chamava de minha princesa, meu bebê, meu anjo branco. Eu estava muito atraída e fui ficando completamente apaixonada. Conversávamos todos os dias, sempre quando ele estava no trabalho. Ele colocou que estava em um relacionamento sério no Facebook, me garantiu que viria ao Brasil depois de um mês e combinamos a viagem, conta a brasileira ao repórter (Redação M, 2013, s.p).

Na esfera virtual, segundo Vieira e Cohn (2008), as pessoas se sentem mais “livres” para demonstrarem seus sentimentos. Para as autoras, o virtual complementa o real e não se opõe a ele, elas citam que alguns internautas consideram as relações virtuais mais “fortes” que as relações presenciais, devido ao fato de a primeira não estar ancorada no que é sensível à pele,

ou seja, não tem no corpo seu foco principal. Este tipo de relação, mais do que as relações presenciais, estaria pautada no mundo das ideias; no amor.

O amor é considerado por alguns autores (Torres, 2004; Costa, J. F., 1998) como fruto de uma construção social, o qual não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, podendo variar em função do espaço e do tempo onde está situado (Neves, 2007). Logo, ele não tem caráter universal. Talvez isso explique, o porque muitos muçulmanos estrangeiros dizem “*No Ocidente o amor termina no casamento, e no Oriente ele começa com o casamento*”. Em sendo assim, como fica o casamento de brasileiras com muçulmanos estrangeiros? Nem a “linguagem” do amor seria a mesma para esses casais?

Neves (2007) com base em Sternberg (1995), conclui que as histórias que construímos e que contamos sobre o amor fazem parte de uma matriz cultural, as quais teriam uma função social reguladora. Assim, se no dito Ocidente existe “*Romeu e Julieta*”, a trágica história de amor contada por Shakespeare no século XVI, no dito Oriente existe “*Layla e Majnun*”, escrita por Nizami no século XII, uma história de amor igualmente triste. Contudo, a sina das personagens femininas, com alguns séculos de diferença entre uma e outra, é a mesma; tanto Julieta quanto Layla foram desautorizadas pelos pais a se casarem com os homens que amavam.

Segundo Araújo (2002),

O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução. Da antigüidade à idade média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada (s.p).

Ainda assim, tanto antes como hoje, no século XXI (ou ainda nele!), muitas mulheres continuam tendo suas vidas conduzidas em função de homens ou por homens.

Pois, por mais que autores como Giddens (1993) apontem para uma sociedade a caminho do amor-confluyente, os ideais do amor romântico parecem ainda afetar as aspirações de muitas mulheres. Já disse Simone de Beauvoir (1976, p. 498 citado por Neves, 2007, p. 613) que, “O amor foi apontado à mulher como uma suprema vocação e, quando se dedica a um homem vê

nele um deus” Assim, ela foi incentivada a romantizar também a vida sexual, e o casamento tornou-se uma ideia de felicidade (Araújo, 2002). Assim, ter um marido seria garantia de felicidade.

De acordo com Neves (2007), discursos que aspiram à romanticidade parecem continuar a ecoar no pensamento coletivo e a propagar-se como legitimação para a sustentação da intimidade. Tais discursos, segundo a autora, discursos “genderizados”, sobre o amor romântico têm fortes implicações nas relações entre os sexos, porque, estão imbuídos de concepções de poder desiguais que dão continuidade a um sistema patriarcal.

Talvez Giddens (1993) nos ajude a compreender esse fato quando nos diz que algumas mulheres tentam recuar para ideias e modos de comportamentos preexistentes, com sonhos de maternidade e esperança de amor eterno. A busca por um amor romântico seria uma maneira de tentar preservar o mito de família organizada, próspera e feliz?

Singly (2000) discute a idade de ouro da família, que compreende o início do século XX até os anos 60, e a apresenta como um grupo regulado pelo amor, com papéis masculinos e femininos bem definidos, na qual os adultos estão a serviço dos outros adultos e das crianças, exatamente como preconiza o Islã.

O homem deve ir ao trabalho e a ele se consagrar o mais que possa. É sua missão de “pai”. A mulher deve ficar em casa para tornar o interior aprazível, ocupar-se das crianças e do marido, assegurar a felicidade de cada um. A “família feliz” permite a cada um dos membros ser feliz (Singly, 2000, p. 15). Contudo, o autor também diz que as famílias atuais, denominadas por ele como “modernas 2”, não estão em ruptura completa com a família apresentada acima e denominada como “moderna 1”, na medida em que o amor se impôs ainda mais, pois hoje, os cônjuges só ficam juntos se houver amor. Embora nos dias atuais, o elemento central não seja mais o grupo reunido, mas os membros que o compõem – individualização.

J. F. Costa (1998) salienta que o amor tomou essa proporção nos tempos atuais porque o universo moral de origem dos sujeitos, não tem mais o poder ideal de outros tempos. Segundo ele, se hoje as pessoas estão cercadas de violência, competição, frivolidade e egoísmo, o amor ergueu-se como uma “trincheira entre o sujeito moral e a barbárie do mercado” (p.20).

No entanto, o amor que impera nas famílias atuais é o amor confluyente, ativo, contingente que entra em choque com o amor romântico, com as ideias de “para sempre” e “único” (Singly, 2000), logo, com os desejos que aparecem nos discursos de muitas brasileiras que procuram o amor de um muçulmano.

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) colocam que os grupos familiares atuais convivem com uma flexibilidade dos papéis masculino e feminino para dar conta da multiplicidade de

tarefas que lhes cabem, ressaltando que a divisão de papéis constituinte do “modelo antigo” não perdura nos dias atuais, transformando o conceito de família e refazendo a ideia família feliz.

Goldenberg (2003) nos alerta que não há um modelo ocidental de família, mas vários, assim como no Oriente, acrescento eu. No entanto, devo discordar quando diz que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade. O que vi nesse campo de pesquisa também comporta esse modelo. Algumas mulheres buscam um homem “nos moldes antigos”; provedor e cuidador da casa. A própria Goldenberg coloca como um dos resultados de suas pesquisas que, homens e mulheres nutrem um ideal romântico de relacionamento e possuem expectativas de relacionamento estável, sério, fiel e duradouro, padrões encontrados, na nossa sociedade, nos casamentos de tempos atrás. Sustento minha colocação com a fala de uma interlocutora, a qual diz: *“Os árabes são muito gentis, educados, talvez como aquele homem à moda antiga, que não há mais. É um ponto que encanta a mulher”*. (Viviane, casada com egípcio – caderno de campo).

Com efeito, segundo Neves (2007), a passagem definitiva do mito do “amor romântico” para a realidade do “amor confluyente” implica assumir que é necessária a reestruturação dos discursos sociais em matéria de igualdade de gêneros no que toca, também, ao espaço da intimidade (p.623).

Contudo, esta busca por um amor romântico no relacionamento virtual, também nos alerta para o fato de que é preciso estar ciente de que no amor *online*, a possibilidade de “dar asas” à imaginação, e assim dialogar com a fantasia (tanto a nossa quanto a do outro), é muito maior quando o contato é realizado nos limites de uma tela de computador, já que esta distância física permite tempo para tecer e alimentar o imaginário:

Anônimo: faz... 27/09/2005,10:41: Conheci um carinha através do Orkut [...] Logo depois trocamos msn e começamos a conversar... Pode parecer ridículo, mas me apaixonei por esse cara sem nunca ter visto pessoalmente [...] Tenho um namoro sólido de anos, e isso abalou [...] Cheguei a terminar com meu namorado por causa desse cara...Mas não passou de uma ilusão [...] Pelo MSN ELE tinha controle da situação [...] e eu não [...] Sofro muito por causa de uma "bobeira" [um feitiço que virou contra o feiteiro] (Vieira & Cohn, 2008, p.103).

Anônimo: 04/11/2006, 09:05: O amor virtual é mais forte que o real exatamente porque está longe da realidade. A realidade corrompe tudo. O amor virtual, que nunca é confrontado com a realidade, fica no campo das ideias, onde tudo é perfeito, na nossa

imaginação tudo pode ser como a gente quer. Infelizmente, a realidade é diferente (Vieira & Cohn, 2008, pp.104-105).

Assim, se o ciberespaço agiliza o encontro com o amor, ele também apressa as descobertas sobre esse amor.

Enlouqueci e comecei a ir atrás de mais informações - ele enganava várias mulheres da mesma maneira e tinha mais de dez perfis falsos na internet! (Redação M, 2013, s.p)

E como saber se estamos prestes a cair em uma armadilha?

A reportagem traz orientações da advogada Gisele Truzzi, que de forma geral, são as mesmas apresentadas anteriormente. E, aconselha; “Desconfie até que se prove o contrário - em relacionamentos reais já é difícil desenvolver confiança, imagine na net” (Redação M, 2013, s.p). Para ilustrar esse pensamento, apresento a imagem que segue.

Figura 20 – Noivos pela internet

Fonte: <https://www.facebook.com/revistacircuito/photos/a.125092557582010.27214.116154615142471/734442426647017/?type=3&theater&ifg=1>

Vale dizer que, durante a realização desta pesquisa, recebi várias mensagens de homens provenientes de países muçulmanos, tais como Turquia, Argélia, Egito e Marrocos. Tal fato se deve a minha inserção em vários grupos no Facebook sobre relacionamentos com muçulmanos

estrangeiros. A maioria das mensagens foram de homens me convidando para namorar ou casar e, claramente usavam um tradutor online.

bem-vindo eu admiro você madame eu desejo que você seja minha namorada obrigado
(Homem argelino, 16/06/2014 - caderno de campo virtual)

Apenas uma das mensagens recebidas via Facebook não apresentava foto no perfil do usuário e no local destinado ao nome aparecia “Usuário do Facebook”, como também a mensagem era melhor elaborada e trazia um endereço de e-mail para troca de informações.

I'm Xxxxx i come across your profile and i want to know you more. kindly reply to me at (xxxxxxxx @ yahoo .com) so that i can send you my picture and more about me. Remember the distance does not matter what matters is the love we share with each other. i am waiting to hear from you soon. Regards, Xxxxx⁴³ (Nacionalidade não exibida, 08/12/2014 – caderno de campo virtual)

Contudo, nenhuma mensagem foi respondida e conseqüentemente, nenhum desses homens buscou contato novamente. Nos recortes exibidos acima é possível identificar um padrão de comunicação já mencionado em algumas reportagens; o pedido de compromisso imediato. É preciso saber que, mesmo este homem sendo de um país islâmico, no qual não há a tradição do namoro, como nós conhecemos, tão pouco uma união é firmada sem nenhuma conversa com familiares, portanto, uma mensagem desse tipo já sinaliza ALERTA.

Débora, minha interlocutora, em seu canal no Youtube, faz incansáveis alertas as brasileiras sobre o perigo do namoro virtual. Em um de seus vlogs ela aponta algumas falas que é preciso prestar atenção; Primeiro, “abriu conta nova para facilitar a comunicação”, segundo ela, estes homens fazem isso porque possuem outras namoradas virtuais e essa atitude facilita a vida dele para não ser descoberto. Segunda, “sou ateu”, querendo dizer que a família é moderna e a moça não precisa se preocupar, já que o Islã está carregado de significados, pelo dito Ocidente, como religião opressora de mulheres. Terceira, “eu sou diferente”, para ela,

⁴³ "Sou xxxxx eu vim através de seu perfil e eu quero saber mais de você. Amavelmente responda-me em (xxxxxxxx @ yahoo .com) para que eu possa lhe enviar minha foto e mais sobre mim. Lembre-se a distância não importa, o que importa é o amor que nós compartilhamos um com o outro. eu estou à espera para ouvir você em breve. Atenciosamente, Xxxxx (tradução minha).

quando o homem começa a se explicar é porque, realmente é igual a todos os demais. Quarta fala, “diferença de idade não importa”, como ela já colocou, tanto neste vlog como nos demais, a diferença de idade, sendo a mulher para mais, não é nada usual na Turquia. E novamente enfatiza, que se o homem for proveniente de países árabes, ele possivelmente estará interessado no passaporte brasileiro e/ou no dinheiro da mulher porque a situação econômica desses países está bastante ruim. Caso seja turco, ele estará mais interessado em diversão/sexo.

Outra importante vlogger e interlocutora desta pesquisa, a Amanda, também faz alertas sobre casamento precipitado com o namorado virtual, e acentua que suas dicas servem para turcos e pessoas de outros lugares. Em um de seus vlogs, ela compara o casamento precipitado a assinar um contrato sem ler. Alerta para a falta de conhecimento do outro que o namoro virtual proporciona e diz que “não é uma semaninha de amor, romance, que você vai conhecer quem ele é”.

Ela atenta ao fato de que na Turquia, muitas mulheres querem se casar virgem e são educadas para isso. Então, os homens aproveitam para terem suas experiências sexuais em viagens, com estrangeiras. Sobre essa questão – a virgindade –, Débora diz que muitos “*homens ainda exigem que as mulheres sejam virgens*”, por isso, muitas delas recorrem a cirurgia para reconstituição do hímen.

Para Amanda, não adianta ler blogs, ver documentários ou vlogs sobre o país porque “*isso é só uma ideia*”, e é enfática ao dizer que “*a Turquia que você vai descobrir aqui, só Deus sabe.*” Ela diz isso, com base em que não se pode prever o que irá encontrar quando o namoro passar do virtual para o real, porque em tão pouco tempo e com informações adquiridas apenas online, torna-se difícil traçar uma margem de segurança para que não se caia em situações complicadas e perigosas que acabam colocando a própria vida da brasileira em risco. Devemos lembrar, inclusive, que há casos de brasileiras que se casam por procuração e, vão conhecer o marido, pessoalmente, só após o casamento.

Ela conta sua própria experiência e precisa que seu namoro começou presencialmente, pois namoraram 3 meses cara-a-cara, depois morou 2 meses na mesma casa, com os pais dele. Depois disso o marido passou 2 meses no Brasil e namoraram 9 meses virtualmente, devido ao fato do namorado, na época, ter ido estudar na Inglaterra. Contudo, eles moraram mais 3 meses juntos antes de se casarem. Conta ela que foram 2 anos de namoro e acrescenta que 98% das amigas dela (brasileiras casadas com turcos) também fizeram a mesma coisa e hoje possuem uma vida tranquila.

Amanda faz uma ressalva e atenta para o fato de que não são todas as famílias que irão permitir que a namorada more na mesma casa da família do namorado turco, muitas não

permitem nem por um período de férias. Mas é preciso criar estratégias. Outra interlocutora, Juliana, mudou-se para a Turquia e foi morar com a amiga turca do seu namorado. No Egito, essa situação pode ser ainda mais rígida, pois uma de minhas interlocutoras, Viviane, casada com um egípcio, conta que quando foi conhecer a família do então namorado, precisou ficar hospedada na casa do cunhado, sendo que lá permaneceram apenas as mulheres. O cunhado, irmão de seu namorado, foi dormir na casa da mãe deles porque dormir debaixo do mesmo teto, só depois de casada.

Outra matéria que circulou pelo ciberespaço foi o texto de Aline Oliveira, apresentado a seguir, no site “*Brasileiras pelo Mundo: o ponto de encontro virtual*”, em 12 de novembro de 2014.

Figura 21 – Bom senso no relacionamento virtual

Fonte: <http://www.brasileiraspelomundo.com/turquia-bom-senso-no-relacionamento-virtual-091910128>.

O texto de Oliveira (2014) traz pontos importantes sobre o relacionamento intercultural que devem ser levados em consideração. Baseada em sua experiência pessoal por ser casada com um turco e também por ser uma das pessoas de referência nas redes sociais, devido ao seu canal no Youtube, ela recebe muitos e-mails de brasileiras que querem informações, sobretudo, ao que se refere a relacionamentos com turcos, trabalho e cultura na Turquia.

Ela conta, no texto, que nos últimos anos, o número de relacionamentos entre brasileiras e turcos cresceu consideravelmente e uma enorme parcela desses romances surgiram na Internet. Geralmente, em redes sociais, sites de jogos ou de idiomas.

Os namoros costumam começar por iniciativa do turco que muito insistente e galanteador rapidamente faz juras de amor e promete casamento. Algumas mulheres relutam no início, mas depois de um tempo acabam cedendo às investidas. Os meses se passam e o casal começa a programar o primeiro encontro. Nesse momento é que as coisas tendem a se complicar. Quase 100% dos casos que conheço têm o mesmo perfil: o turco quer que a namorada vá para a Turquia primeiro e também decide que eles irão viver em seu país após o casamento (Oliveira, 2014, s.p).

Oliveira faz uma importante colocação que é sobre o relacionamento entre pessoas de diferentes países, uma mistura que por si só já provoca grandes desafios e choques culturais. Contudo, ela enfatiza que no caso de brasileiras com muçulmanos turcos,

... por se tratar de uma união entre uma ocidental e um muçulmano (quase todos os turcos são muçulmanos por criação, praticantes ou até mesmo fervorosos), as dificuldades e riscos aumentam drasticamente e o preço maior a ser pago quase sempre é cobrado da brasileira que precisa deixar seu país, aprender um novo idioma, conquistar a família do noivo (turcos raramente se casam sem a aprovação dos pais sejam eles religiosos ou não e seus pais geralmente interferem bastante na relação), se adaptar aos costumes muçulmanos e ainda lidar com o impacto de ser expatriada (Oliveira, 2014, s.p).

Outra questão apresentada por ela, e de extrema importância, é a questão da adoção do Islã como religião, pela brasileira.

E em MUITOS casos, o namorado turco impõe direta ou indiretamente a conversão de sua amada ao Islã, algo totalmente proibido pelo próprio Alcorão. O certo é a pessoa decidir por livre arbítrio se quer ou não se converter, mas várias famílias turcas tradicionais costumam pular essa parte dos ensinamentos! (Oliveira, 2014, s.p).

Como se pode ver, são várias questões que mexem com a identidade da brasileira, são vários fatores para serem administrados. E acrescenta que

Além desses sacrifícios mais comuns que a brasileira costuma enfrentar, também existe a possibilidade de riscos à sua própria segurança e a necessidade de apelar para a

Embaixada ou Consulado do Brasil na Turquia caso o namorado não seja exatamente o que aparentava na Internet. (Oliveira, 2014, s.p).

A autora aponta a fragilidade dessa união que acontece baseada em promessas de amor feitas via *Skype*, tão aceleradas quanto o ritmo do ciberespaço. E apresenta mais um agravante que é o uso do Google Tradutor⁴⁴ para estabelecer o diálogo entre o casal.

Nessa velocidade, as fronteiras são facilmente transponíveis e voando 12 horas direto, hoje, podemos sair de São Paulo e chegar em Istambul no mesmo dia! No entanto, há várias barreiras neste caminho que vão se revelando a medida em que se aterrissa.

O desfecho dessas histórias em muitos casos é sombrio. Conheço várias brasileiras frustradas que voltaram ao Brasil com uma lembrança bem amarga de rejeição (por parte da família turca), decepção (devido ao comportamento diferente do homem turco) e/ou choque por não ter se adaptado à cultura turca, e só quando o sonho de encontrar o amado se despedaçou é que elas se deram conta de que queimaram etapas cruciais (Oliveira, 2014, s.p).

A autora deixa claro que não são todas as histórias envolvendo turcos e brasileiras que acabam mal. Entretanto, é preciso lembrar que Aline começou seu relacionamento de maneira presencial, traçou planos e os testou antes de firmar compromisso e, também a sua fluência e profissionalismo na língua inglesa possibilitou que ela pudesse exercer uma atividade remunerada independente da burocracia exigida para o visto de trabalho a estrangeiros, fatores importantes que a auxiliam a não contar apenas com a sorte para ter sucesso.

Assim, na intenção de alertar e conscientizar, ela deixa algumas dicas as brasileiras

Cheque todas as informações pessoais do seu namorado (endereço residencial, telefone fixo, móvel, etc.);

Proponha que ele te visite no Brasil antes de você ir até a Turquia;

Peça para conhecer a família dele por vídeo (principalmente os pais)

Aborde temas polêmicos tais como: religião, vestimenta, valores morais para saber até que ponto vocês são diferentes.

⁴⁴ Serviço de tradução on-line gratuito do Google que traduz instantaneamente textos e páginas da web.

Desconfie se:

Ele esconde de você a lista de amigos no Facebook dele (provavelmente ele é comprometido ou apenas está se divertindo com você);

Some da Internet e volta um tempo depois com alguma desculpa;

Te pede dinheiro sob o pretexto de dívidas, parente doente, etc. (o homem muçulmano é criado para ser provedor e não para pedir dinheiro à mulher);

Controla as suas roupas, te obriga a excluir homens das suas redes sociais e tem crises de ciúmes excessivas;

Possui discurso autoritário e extremamente machista do tipo: você não pode isso, você me deve obediência;

Demonstra uma personalidade violenta e temperamental. Homens assim podem acabar partindo para a agressão física quando são contrariados (Oliveira, 2014, s.p).

Diz Oliveira que, sem querer desanimar ninguém, ela busca dar informações importantes sobre a cultura turca e relacionamentos virtuais fracassados, de modo que as internautas possam tirar suas próprias conclusões e decidir por si próprias se o relacionamento que estão vivendo vale mesmo a pena. Oliveira afirma que

Não há felicidade sem riscos e sacrifícios. Eu paguei para ver e hoje vivo muito feliz! Porém, o nosso instinto de autopreservação deve ser mantido em alerta sempre, a fim de evitar que essa busca não se transforme em um verdadeiro pesadelo! (Oliveira, 2014, s.p).

Em 1 de Agosto 2015, depois de ter ouvido mais uma comovente história sobre um relacionamento via internet, a orientadora dessa tese, Profa. Francirosy, escreveu em sua página do Facebook “*O príncipe encantado não está na rede/dicas para mulheres escaparem de armadilhas na rede...*”. Esta postagem contendo 14 itens a serem observados pelas mulheres teve em pouco tempo 99 compartilhamentos. O texto informal transformou-se no artigo *O perigo da crença do “príncipe encantado muçulmano”*, publicado em 2016.

Francirosy inicia seu texto dizendo que

Como pesquisadora de comunidades muçulmanas há 18 anos, um tema vem sendo recorrente entre nós: os casamentos interculturais, os relacionamentos desastrosos entre

brasileiras e muçulmanos estrangeiros e/ou brasileiros. Tenho sido incansável em tentar alertar o máximo de mulheres desavisadas dos hábitos islâmicos de casamento. A primeira informação é ensiná-las que não existe namoro, contato físico, solicitação de “nudes” via redes sociais, pedido de dinheiro para pagar despesas de homens estrangeiros. Nada disso é islâmico (Barbosa, 2016 b, s.p).

O que chamou mais atenção foi o número de compartilhamentos atingidos pela postagem e o número de mulheres que entraram (e ainda entram) em contato com a autora após terem lido o texto.

Dessa forma, a realidade virtual mostrada neste item, por meio das reportagens que circularam nas redes sociais, e também no item anterior, por meio dos alertas consulares, já havia chamado a atenção de autoridades religiosas, como podemos ver a seguir.

4.3 O Islã também se preocupa com relacionamentos virtuais

No ano de 2012, já circulavam dois vídeos nas redes sociais – dentro das comunidades religiosas – gravados por sheiks atuantes no Brasil, nos quais estão explícitos a preocupação deles frente a onda de casamentos realizados via internet.

O primeiro a circular no ciberespaço, como pode ser visto a seguir, foi publicado no Youtube, em 17 de outubro de 2012, e traz a fala de Sheik Rodrigo Rodrigues, na ocasião, pertencente a Mesquita do Pari, na cidade de São Paulo.

Figura 22 – Sentidos Opostos: Preciso de um marido importado urgente

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=F9C6Werq-nE&feature=youtu.be>

Neste vídeo⁴⁵, o sheik aborda duas realidades que começam a surgir em nossa sociedade; a primeira é sobre as brasileiras revertidas ao Islã que procuram marido. De acordo com religião, a mulher muçulmana só pode contrair matrimônio com um homem muçulmano, diferente do homem muçulmano que pode se casar com mulheres de origem judaica ou cristãs. Essa questão está explicada no capítulo 6. Dessa forma, a muçulmana brasileira fica restringida nas suas possibilidades já que há um maior número de brasileiras revertidas em relação ao de brasileiros revertidos, assim como, por também estarmos em um país de tradição cristã, o número de homens muçulmanos é reduzido.

Contudo, Sheik Rodrigo fala da preferência das brasileiras revertidas por maridos árabes, deixando os brasileiros revertidos para segundo plano. Segundo ele, este comportamento está relacionado à ideia de que marido “importado” é melhor e, atribui esse desejo ao imaginário feminino constituído por contos de fadas, novelas e cita inclusive, a personagem Jade⁴⁶, da novela “O Clone⁴⁷”. Segundo as brasileiras revertidas, com quem conversei, essa preferência se dá por esses homens praticarem um Islã “puro”, o que significa homens vindo de países muçulmanos, que receberam educação muçulmana, já que os brasileiros muçulmanos se encontrariam em processo de aprendizagem da religião, assim como elas. Para o Sheik, as chances são maiores de um matrimônio dar certo quando ambos são brasileiros revertidos e atenta ao fato de que, os filhos oriundos dessa união serão a primeira geração de filhos de brasileiros revertidos ao Islã.

A segunda realidade é sobre as mulheres que aparecem na mesquita após terem conhecido algum muçulmano na internet e, por conta disso, buscam saber melhor sobre o Islã, gostam e acabam por fazer a *shahada*⁴⁸, no entanto, quando o relacionamento não dá certo “*quem paga o pato é o Islã*”, diz o Sheik. Pois, elas abandonam a crença e por vezes, relacionam a pessoa à religião e acabam denegrindo a imagem do Islã. Assim, ele orienta que primeiro é preciso definir prioridades, saber se a mulher quer se casar ou buscar uma nova religião porque o casamento não pode ser o único impulsionador para se adotar uma religião. Ele também enfatiza

⁴⁵ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=F9C6Werq-nE&feature=youtu.be>

⁴⁶ Protagonista da novela O Clone, Jade se casa com Said, o marido apaixonado, que a cobre de joias.

⁴⁷ Se durante as notícias veiculadas sobre o conhecido ataque terrorista chamado “11 de setembro” juntou-se o Islã à violência, em contrapartida, nessa mesma época, despontava outro sucesso televisivo no Brasil: a novela *O Clone*, veiculada pela Rede Globo de 01 de outubro de 2001 até 15 de junho de 2002, a qual uniu os mesmos personagens – árabes e muçulmanos – de uma forma divertida e estereotipada. Segundo Ferreira (2009b), mesmo que alguns estereótipos ainda tenham permanecido, o enredo trazia alegremente alguns costumes marroquinos e aspectos da religião que agradaram o gosto do público, como o marido Said (interpretado pelo ator Dalton Vigh) que além de representar um galã, cobria a esposa de joias e provia o sustento da casa.

⁴⁸ Testemunho frente a um muçulmano, em se que afirma “a existência de um Deus Único e que Muhammad é Seu Profeta e Mensageiro”, tornando após essa recitação, um muçulmano.

que é preciso conhecer melhor o pretendente e seus familiares porque “*não existe, no islã, casar no escuro*” – diz o Sheik. Dessa forma, evita-se vários transtornos.

O outro vídeo⁴⁹ exibido nas redes sociais foi gravado pelo Sheik Mohamad Bukai. O vídeo foi publicado no Youtube, com o título “*A importância do casamento 2/2*”, em 23 de outubro de 2012 e faz parte de um ciclo de aulas proferidas aos fiéis.

Figura 23 – A importância do casamento

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?t=18&v=e4YXo9GnmKU>

Neste vídeo, Sheik Bukai fala sobre casamento a pedido dos alunos. Logo no início, ele menciona a importância do casamento na vida das pessoas, uma vez que provoca mudanças na vida de qualquer indivíduo. Segundo ele, casamento também é importante para a sociedade uma vez que, ao se estabelecer uma família, os filhos que virão, dentro de um “casamento virtuoso”, serão uma contribuição para a comunidade. Como não podia deixar de ser, aos 3’40” do vídeo, o Sheik fala sobre os casamentos que acontecem via internet e relata um caso que atendeu na mesquita. Conta o Sheik que; “*Chegou uma pessoa da Turquia, as coisas dele estavam no aeroporto, estavam vindo, só haviam conversado na internet...ela de um país, ele de outro país e combinaram tudo, chegaram aqui na mesquita para o casamento*”

Assim, ele orienta que precisa haver o período do noivado para se conhecer o pretendente e evitar problemas futuros, diz ele que muitas irmãs (referindo-se as muçulmanas) “*acreditam em qualquer coisa que o homem fala na internet*” e reforça que é “*preciso ter muito cuidado*

⁴⁹ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?t=18&v=e4YXo9GnmKU>

com isso”. Logo, ele recomenda que antes de acreditar em qualquer promessa precisa conhecer a pessoa. Sheik Bukai fala que todos os dias se ouve nas mesquitas sobre casamentos que não deram certo e terminaram com “choro”, por isso, aconselha que antes de se casar é necessário procurar a mesquita mais próxima para obter orientação.

A comunidade chamada “Pérolas do Alcorão”, existente no Facebook, também realizou uma postagem, em 06 de janeiro de 2015, para alertar as muçulmanas sobre os relacionamentos via internet.

Figura 24 – O perigo pode estar a uma teclada de distância

Fonte: <https://www.facebook.com/PerolasAlcorao/photos/a.107385649376527.10127.107379662710459/686705198111233/?type=1&theater>

O texto deixa explícito que o alerta “é direcionado especialmente para as irmãs”. Nele, é pedido para que as muçulmanas tenham cuidado com relacionamentos virtuais, e enfatizam, “sobretudo com estrangeiros”. Orientam para que não compartilhem dados pessoais, dados bancários e não enviem dinheiro.

Um dado novo que aparece nesta postagem, e que é bastante comentado em vlogs, é o alerta para pessoas que já sofreram desilusão amorosa, vejam

Não permita que traumas amorosos do passado te ceguem para a realidade dos relacionamentos *online*. Todo cuidado ainda é pouco. Não permita tornar-se uma isca de pessoas má intencionadas (Pérolas do Alcorão, 2015, s.p).

Muitas mulheres dentro das comunidades no Facebook comentam sobre desilusões anteriores com brasileiros e inclusive com árabes e turcos. Quando o ocorrido foi com brasileiro, elas parecem apostar em um homem estrangeiro, o qual geralmente possui atitudes românticas e se difere do brasileiro com quem se relacionou. No entanto, quando o ocorrido foi com árabes ou turcos e elas continuam procurando companheiros da mesma nacionalidade ou mesma religião (islâmica), dizem algumas que tiveram má sorte ou não souberam escolher direito, mas, insistem porque gostam tanto do biótipo desses homens quanto acreditam que ainda irão encontrar a pessoa certa.

No mais, o texto corrobora com as orientações dadas, insistentemente, pelos Sheiks de que é preciso buscar informações sobre a pessoa com quem se conversa. E ainda faz uma orientação religiosa de que

... é dever da muçulmana e do muçulmano recatar o olhar e a língua. Se existe a intenção de casamento, solicite ajuda de um familiar, ou do seu wali (guardião) (Pérolas do Alcorão, 2015, s.p).

Em 12 de março de 2015, a União Nacional Islâmica também demonstrou preocupação com a questão e, divulgou, em sua página no Facebook, a nota “*Casamento pela internet, cuidado!*” publicada pelo Ministério das Relações Exteriores, já exibida anteriormente.

União Nacional Islâmica

CASAMENTO PELA INTERNET, CUIDADO!

Inúmeras denúncias de brasileiras vítimas de estrangeiros que conheceram pela rede mundial de computadores chegam diariamente ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE). Em virtude dos fatos, o órgão de governo publicou em seu portal uma nota alertando sobre os perigos desse tipo de relacionamento:

“O MRE vem recebendo numerosas queixas de cidadãs brasileiras vítimas de roubos, fraudes e violência cometidos por cônjuges estrangeiros que conheceram pela internet e com os quais tiveram pouco ou nenhum convívio presencial antes do casamento. De acordo com os relatos recebidos, que incluem denúncias de cárcere privado, é frequente, nesses casos, que os

maridos estrangeiros mudem completamente de comportamento, logo após a formalização do matrimônio, tornando-se agressivos e manipuladores ou interrompendo repentinamente o contato com as vítimas, após obterem visto de permanência no Brasil”, diz a nota. A seguir conclui o MRE: “Nessas condições, recomenda-se às brasileiras e aos brasileiros especial cuidado com os relacionamentos virtuais mantidos com estrangeiros com o propósito de celebrar casamento, a fim de protegerem-se contra golpes e situações de risco. Sugere-se, entre outras precauções, buscar obter referências do cidadão estrangeiro por parte de terceiras pessoas de conhecimento comum, além de evitar manter o contato restrito aos meios de comunicação à distância, previamente ao matrimônio” (União Nacional Islâmica, 2015).

Presume-se então que, se a comunidade religiosa está divulgando alertas sobre este assunto é porque estão tomando conhecimento de vários casos. Exemplo disso é a imagem exibida a seguir, endereçada a muçulmanos e muçulmanas.

Figura 25 – Amor *halal*⁵⁰

⁵⁰ Lícito perante a religião.

Durante essa imersão no mundo virtual, acompanho também algumas comunidades de língua espanhola no Facebook de mulheres latinas que amam turcos, ou mulheres latinas que amam árabes (denominação feita por elas) para acompanhar a situação em nossos países vizinhos, a qual já haviam me alertado em campo. Dentre as comunidades e as páginas acompanhadas está a *Agencia Matrimonial Musulmana Internacional (Agency Marriage Muslim)*, como pode ser vista na Figura 26.

Figura 26 – Agência Matrimonial

Fonte: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1125621150844728&id=175537465853106&substory_index=0

A Agência Matrimonial está em uma página pública e, portanto, de livre acesso para os internautas, contendo muitas fotos de casamento, sendo todas elas, claramente, fotos de revista. O local promove encontro entre muçulmanos para casamento, mas pede para que a conversa seja feita *inbox*, ou seja, via mensagens em particular, assim nada é visualizado na página pública. Vez ou outra, algum internauta, geralmente homem, escreve publicamente sobre seu interesse em procurar esposa, mas não há comentários públicos sobre essas postagens. No entanto, em 3 de junho de 2016 houve uma postagem (feita pelo próprio mantenedor da página) que recebeu vários comentários públicos e uma grande quantidade de compartilhamentos, dentre os comentários; mulheres pedindo ajuda. A postagem é um alerta sobre “Amor pela internet”, a qual está exibida a seguir (a versão original se encontra em Anexo B). Tomo a decisão de colocá-la na íntegra porque acredito que o conteúdo apresentado traz vários pontos importantes que devem ser lidos em sua totalidade, não valendo desmebrá-lo. Sendo assim,

Amor pela internet - ou namoro com um muçulmano pela internet

Uma saudação de paz às minhas amigas não muçulmanas e minhas irmãs muçulmanas em todo o mundo!! Há muito tempo que queria fazer este artigo para as **raparigas latinas não muçulmanas ou recém convertidas que têm um "Namorado Muçulmano" num País Islâmico e estão pensando em ir visitá-lo, casar-se, ou trazê-lo para o seu país de origem na América Latina ou na Europa.** Este é um tema tão complexo como vasto, mas sinto-me no compromisso social de as avisar!! E olhem bem que não digo ajudar ou aconselhar, mas sim avisar e isso é por uma razão: **a fraude matrimonial que se tem espalhado nos últimos anos.** Amiga, se um muçulmano te faz de sua namorada está a faltar com respeito e ponto! No Islã o conceito de namoro, simplesmente não existe!!! No entanto, vou fazer-te um breve resumo de pequenas histórias, avisos e histórias que te podem interessar se tiver um caso com um muçulmano. No fim de tudo isso, se ainda é seu desejo investir seu tempo, dinheiro e / ou esforço em uma relação desse tipo, pelo menos eu terei cumprido a minha missão ao avisar-te... Não deixe de ler porque seu futuro está no meio! **Há avisos nas mesquitas e artigos sobre o assunto, não é algo novo, é um assunto que se tem popularizado cada vez mais;** imagine a gravidade do assunto o qual foi nomeado em alguns lugares como: **"bandidos ou fraudes matrimoniais"** que é caracterizado pelo abuso tanto de mulheres que acabaram de se converter ao Islã como de mulheres que desconhecem a religião, por isso são vítimas mais fáceis de enredar. Porque é precisamente com mulheres latinas? **Porque somos vítimas mais ingênuas, românticas e talvez dispostas; devido à cultura as mulheres latinas somos mais dadas a procurar relações duradouras, a entregar-nos com mais empenho e a levar até ao extremo a nossa luta em nome do amor!** No entanto, não é exclusivo e se na Europa, principalmente, o reino unido. **A Mecânica é a seguinte: Você conheceu um cara pela internet, ele é romântico e atraente (em alguns casos), é atencioso como ninguém, não pode viver sem você e está em contato com você dia a dia, você tem mostrado inúmeras vezes o seu amor por você mesmo parou de dormir Noites inteiras para conversar contigo. Ele a pediu em casamento no melhor dos casos, porque há quem cinicamente mantém apenas uma amizade ou um namoro. O próximo passo é planejar a sua viagem ao seu país para se casar ou começar a investigar o visto dele para o seu país...???** Você é uma **mulher mais velha de 30, divorciada e com pelo menos um filho??** Você é uma **garota jovem com estabilidade econômica,**

cansada das relações infrutíferas que te partiram o coração?? Cuidado, você é um alvo ainda mais fácil !! Notarás que o país de origem do seu "Noivo, namorado ou amigo íntimo" é um país onde há situações de miséria, violência, problemas políticos e / ou sociais; talvez as fronteiras do mundo estejam fechadas para eles, e a única forma de sair do seu país é com impossíveis vistos de estudante, ou por casamento, exemplos: **Paquistão!!! Índia, Argélia, Egito, Irã, Afeganistão, Iraque, Somália, Tunes, Marrocos, Chade, etc, etc... o que procuram é uma vantagem econômica, um visto ou um trampolim que os aproxime do seu destino final, seja um trabalho estável no seu país para poder manter a sua família no seu país de origem, ou para saltar para um país vizinho, quer seja Estados Unidos, Canadá o Reino Unido etc.** Em outros casos, os homens já vivem num país europeu, mas já venceu o visto ou estão lá ilegalmente e, naturalmente, nunca aceitarão a verdade. **Atenção!! Os países de origem indi que são o Sri-Lanka, o Paquistão, o Afeganistão, o Nepal, o Bangladesh e a própria Índia são países exageradamente machistas! Não pela religião, mas pela sua cultura, tão arcaica que até as mulheres dão o dote ao homem quando se casam!** Que tal??? Além de ser muito racista entre outras coisas... Amiga: acreditar que seu caso é único e diferente e por isso você não vai te acontecer, é exatamente um dos motivos que te torna mais vulnerável, porque você é ingênua e será mais fácil fazer você cair! Se neste momento começa a odiar-me, talvez seja uma prova de que estou certo e as minhas palavras começam a tocar as fibras mais relutantes do teu subconsciente que tentou avisar-te vezes sem conta. Agora abra os olhos por favor!!! Eu não ganho nada em investir o meu tempo escrevendo este artigo, só quero te ajudar. **Estes homens não têm limites nas suas aspirações e serão capazes mesmo de se casar e engravidar antes de conseguir a sua missão (fugir para outro país ou com outra mulher mais jovem, mais magra, religiosa, de origem islâmica, rica ou qualquer outro pretexto)** ou abandonar-te fazer-te acreditar que é a culpada, ou o que lhes parecer mais apropriado. Enquanto isso te examinar todo o dinheiro que puderem e te farão responsável pelas suas vidas, papéis, visto, trabalho e até de mandar dinheiro em suas casas ou trazer sua família para o seu país com sua ajuda e seu dinheiro! O romance acaba no momento em que te casas com eles, o homem em questão começa a pressionar-te para que lhe consiga o visto, e a partir desse momento será sua empregada pessoal a tempo inteiro, colocará todo o peso da sua autoridade como marido em seus ombros e a responsabilidade da sua vida, ele dirá que tudo é seu dever como uma boa esposa! No melhor dos casos isso é tudo, eles te usam e te abandonam mais tarde, mas na maioria

falar contigo começa com outra, e quando desaparece é porque ele está a dedicar 100 % a outra rapariga que pode dar-lhe mais benefícios do que tu!!!! Alguns homens já estão casados e estão à procura de uma segunda esposa e não te dizem, nem à primeira mulher. Tudo isto te digo minha amiga porque conheço casos pessoalmente! Não estou a inventar!! Não ganho absolutamente nada!!! Repito: quero ajudar-te! Na minha experiência (que é comum entre muitas muçulmanas e não-Muçulmanas, **este artigo é baseado na experiência de muitos e avisos internacionais em mesquitas, artigos e outras fontes**) os casos de sucesso e amor sincero são, no máximo, 10 %, Se achas que o teu é um desses, descobre os sinais de um homem honesto:

1. Não te pede para ser a namorada dele, pede aos teus pais que sejas a esposa dele.
2. Fala com a tua família e apresenta-te aos seus familiares por igual e mantém o contacto entre eles.
3. Fala-te claramente do teu dote matrimonial.
4. Está preparado para viver contigo no seu próprio país indefinidamente!
5. Está disposto a gastar dinheiro em si e a realizar os seus próprios procedimentos migratórios se necessário.
6. É economicamente estável e está pronto para o casamento! Ele não precisa de ti para começar como homem ou tirá-lo do seu país.
7. Nunca te esconder da tua família e nunca te apresentar com os amigos, pois não te partilhará como brinquedo, te dará um lugar especial no seu mundo.
8. Nunca te pedirá que se exhiba em frente à webcam.
9. Não te pedirá que negues a tua origem, os teus filhos ou a tua nacionalidade ou qualquer outra coisa que seja importante para ti. Se tiver dúvidas sobre o teu futuro marido, contata um irmão muçulmano que te faça o favor de lhe fazer uma entrevista para conhecer as suas intenções, se o homem for sincero contigo não irá contestar esse requisito. **Por favor, tenha em mente que: os muçulmanos são seres humanos que cometem erros, e mesmo que sejam muito religiosos isso não garante que sejam boas pessoas ou que suas intenções sejam boas! É verdade que os muçulmanos são muito românticos e fingem ser perfeitos mas não são, e são cheiooos atentos que talvez te chamem diariamente, mas às vezes chamam várias mulheres porque têm pacotes internacionais de telefonia que são muito baratos, não confunda os cuidados com as intenções, cuida-te!!! Investiga, exija informação e não te deixes enganar!!**

Para encerrar gostaria de convidar você para conhecer o Islã através do ponto de vista das mulheres muçulmanas, que temos muito a oferecer e **podemos orientá-la melhor do que qualquer homem!** Se queres aproximar-te de Alá ou aprender a religião, vem às irmãs que estarão sempre dispostas a ajudar-te.

Fonte: Islã: temas para as mulheres.

(Agência Matrimonial Muçulmana, 2016, s.p. – grifos e tradução meus)

De acordo com a postagem exibida, é possível verificar que a situação dos demais países latinos, em especial a Colômbia, a qual me pareceu bastante ativa no mundo virtual sobre essa questão, não difere muito da realidade brasileira. Pois, o que é percebido por lá, sobre os casos de relacionamentos virtuais entre mulheres (revertidas ou não), equivalem aos casos acompanhados por aqui. Dentre as observações está o perfil dessas mulheres; acima dos trinta anos, geralmente divorciada, com filho(s) e emocionalmente frustradas. Na maioria das vezes, são mulheres que desconhecem as regras de conduta da religião ou são recém-revertidas que buscam um muçulmano para se casar, como já foi falado anteriormente.

No tocante ao por que das mulheres latinas serem alvos escolhidos, discordo do posicionamento do texto quando diz serem as latinas “mais ingênuas e românticas”. Mulheres europeias também são alvos. Quanto ao ser romântica, a mulher latina, de forma geral, ainda possui uma educação cultural voltada ao casamento pois, sua realização pessoal, geralmente está atrelada ao casar e ter filhos, como veremos no item 4.1. Enquanto as europeias encontram outras formas de realização pessoal.

É citado, no texto, sobre a popularização do assunto nos últimos tempos, embora eu constate que, mesmo com algumas notícias percorrendo o mundo virtual brasileiro, o problema ainda não “caiu na real”. Sua invisibilidade na grande mídia (TV) e também nas mesquitas não condizem com os alertas oficiais do governo. Creio que o Itamaraty não se daria ao trabalho de lançar tantas notificações se a quantidade de casos fosse inexpressiva e assim sendo, não vejo nas mesquitas brasileiras os avisos que o texto cita sobre as mesquitas por lá. Contudo, devo dizer aqui, que está sendo preparado (por mim e minha orientadora) um informativo, no formato de livreto, para ser distribuído nas mesquitas brasileiras alertando para o assunto.

No mais, o texto endossa as falas dos Sheiks, aqui apresentadas, sobre a conduta de um muçulmano perante o casamento e perante a atenção que se deve ter nas redes sociais quando o assunto é relacionamento à distância.

Essa mesma Agencia Matrimonial já havia, em 2013, se pronunciado sobre esse assunto, como pode ser visto a seguir

Figura 27 – Cuidado Hermanas

Fonte: <https://www.facebook.com/175537465853106/photos/a.183321418408044.46150.175537465853106/470762916330558/?type=3&theater>

A página já informava sobre localização de onde os casos ocorriam, tais como “zonas da América, do Canadá e do Reino Unido, embora seja verdade que também é dado noutros países ocidentais e árabes”. (Agencia Matrimonial Muçulmana, 2013, s.p).

O dado novo que vejo nessa informação é que em países árabes as mulheres também são vítimas desses homens, segundo o informe. Então, questiono; mas, se uma das recomendações seria conhecer a religião islâmica e as normas esperadas para a realização desse casamento, o que acontece, então, quando a vítima vive em um país de maioria muçulmana? E quando se é muçulmana (brasileira ou não)?

Percebo que há muitas camadas a serem desvendadas. Para tanto, minha primeira análise é que, o conhecimento sobre a religião se faz realmente necessário porque, por meio dele, pode-se traçar parâmetros de comparação entre o que se está vivendo e o perfil desejado ou esperado desse homem religioso, numa tentativa de evitar possíveis engodos. Mas busco em uma autora marroquina a compreensão para tal fato, pois segundo Mernissi (2012) “O mundo islâmico hoje é uma galáxia totalmente nova onde a Internet abriu um espaço não censurado onde os Don

Juans⁵¹ árabes, encorajados pela publicidade consumista, provam seus encantos conversando com moças inocentes⁵²” (p.13 – tradução minha).

Mernissi (2012) desperta minha atenção para o que disse Kristeva (1988); esses homens que se imaginam e se comportam como se fossem Don Juan, buscam apenas a conquista porque somente importa o prazer da conquista e quanto as vítimas, restam-lhes queixar de sua maldade.

No entanto, nesse mundo virtual, de acordo com o que foi mostrado, nos deparamos, essencialmente, com três tipos de casos; o primeiro e, mais e corriqueiro, são os homens – independente de suas nacionalidades – que buscam sim, o prazer da conquista e aqui se inclui a satisfação de desejos sexuais (sexo virtual), exatamente como Don Juan que após a relação sexual deixava suas “vítimas”. É a sedução por ela mesma. O segundo caso são os homens que, para conseguirem seu propósito de buscar uma oportunidade de deixar seus países, devido as questões sociais que enfrentam (guerra, desemprego, etc.) utilizam-se da sedução para se casarem, fazendo as mulheres de trampolim para conquistar seus objetivos. Nesse caso, é a sedução como forma de exercer poder. Contudo, antes de me debruçar sobre o terceiro caso, ainda na tentativa de responder a questão anterior, lanço outra pergunta: Por que essas mulheres se deixam seduzir?

Freud (1969) relaciona o estado amoroso ao narcisismo, sendo assim, a escolha do objeto amoroso se dá pelo narcismo ou por seu apoio. De acordo com Mezan (2005), sobre a sedução, o narcisismo tem a propriedade de idealizar seus objetos, de neles projetar uma luz que os faça parecer perfeitos e, a imagem do ideal de perfeição que sustenta a vibração narcísica é o que Don Juan faz ressoar nas mulheres, embelezando todas as que passam a sua frente, vendo em cada uma algo que as tornem desejáveis. Segundo o autor, seu desejo as enobrece e daí nasce a sedução, que navega à deriva nesse mar chamado internet e confere sentido a tantas falas ouvidas em campo sobre o romantismo de árabes, turcos e paquistaneses. Sobre esse assunto, M. Bastos (2016) escreveu no site *Brasileiras pelo Mundo*

Egípcios, particularmente, são poetas natos. Falar palavras doces e amorosas não é dificuldade nenhuma para eles, e não contêm nenhuma espécie de seriedade. Eles chamam todo mundo de “habibi” – meu amor. Todo mundo mesmo, até o frentista do posto. Chamam todas as atendentes, colegas e qualquer uma que cruzar o caminho dele

⁵¹ Cavaleiro espanhol que viveu no século XVIII e cuja a lenda diz ter sido um grande sedutor de corações femininos (Mezan, 2005, p. 15).

⁵² Do original “*El mundo islámico hoy es una galáxia totalmente nueva donde Internet há abierto um espacio no censurado donde los donjuanés árabes, alentados por la publicid consumista, prueban sus encantos chateando com muchachas inocentes*”.

de “princesa, amor do meu coração” e afins. Isso, para eles não é demonstração de sentimento e sim de educação. Portanto, não se iluda ao escutá-las (s.p)

Outra coisa que já reparei, é que o “Eu te amo” no Egito não tem a magnitude que tem para nós. Eles amam comer morango, eles amam assistir futebol. Eles sempre amam, nunca utilizam o verbo gostar. Então, a frase não tem o mesmo peso, pompa e circunstância. (s.p)

Quanto aos turcos, segundo a colocação de uma das interlocutoras dessa pesquisa é que esse modo de falar de amor e casamento tão rapidamente é um estilo deles flertarem, porque na cultura turca as famílias dão importância ao compromisso selado desde o início, sendo essa uma maneira que eles aprenderam para conquistar, já que as mulheres turcas valorizam isso (Pasqualin & Barbosa, 2016a).

Para finalizar, o terceiro caso, são os homens que seduzem e são seduzidos, são os que se casam com o propósito de constituir uma família e para esses casos, o que determinará a duração dessa relação será a maneira que tanto o homem quanto a mulher irão enfrentar as vicissitudes de um casamento intercultural, nosso próximo assunto.

5. Casamento Intercultural: as mulheres, o imaginário e o real

“Medo não me alcança
No deserto me acho,
faço cobra morder o rabo,
escorpião virar pirilampo.”

(Carta de Amor – Maria Bethânia)

Desde que comecei a acompanhar as histórias que recheavam os blogs e depois algumas comunidades, eu ficava cozinhando sempre a mesma ideia em meus pensamentos; como são corajosas essas mulheres! Atravessam oceanos como quem pula poças d’água. Deixar família, amigos, estudos, carreira e por vezes, os filhos, me parecia um sinal de ousadia, liberdade ou, talvez, valentia. Me causou estranheza. Seria amor?

Claro que, em tempos de avanços tecnológicos, viajar ficou fácil; podemos ir de avião, trem, carro ou pela rede cibernética. Encurtou-se o tempo e ampliou-se as oportunidades de tornar próximo o distante.

Haydu (2009) aponta que nos dias atuais, há grandes fluxos migratórios, fenômeno comum nas grandes metrópoles que, impulsionados por fatores variados, como por exemplo, desastres naturais e conflitos políticos e/ou ideológicos trazem pessoas de diferentes locais do mundo. Para Rittiner (2006), o contato entre os povos também acontece devido às migrações de turismo, aos estágios ou aos estudos em países estrangeiros. Nesta sociedade globalizada, a facilidade de comunicação e locomoção contribuiu para o crescente aumento dos casamentos interculturais e consequentemente das novas famílias.

Contudo, os casamentos interculturais⁵³ não são um modelo recente, mas a globalização tem facilitado o encontro de parceiros de origens diversas, como foi mostrado nos itens anteriores. Segundo Medeiros (2011) “... as pessoas ainda buscam sua felicidade através do casamento, apesar do grande aumento no número de divórcios” (p.57).

Todavia, minha intenção, neste item, é que o(a) leitor(a), possa se atentar para os fatores que envolvem esse tipo de relacionamento desde a idealização do marido estrangeiro até o

⁵³ Na literatura encontramos várias formas de referenciar esse tipo de casamento; casamento inter-cultural, internacional, *interethnic*, interracial, *cross-cultural*, bicultural, binational, biracial ou ainda *intermarriages*. Segundo Lind (2012), estes conceitos são algumas vezes tidos como sinônimos, outras vezes, parecem designar aspectos particulares de um relacionamento exogâmico, de toda forma, esses conceitos nem sempre parecem ser muito claros, talvez, por ser ainda uma área recente de estudos. Assim, adoto a terminologia “Intercultural” utilizada por Perel (2002), que considera o “inter” como “o mundo da origem – raça, religião, cultura e/ou nacionalidade” (p.194), o qual, segundo a autora, é regido por uma rede de ligações, já que o casamento acontece entre duas famílias e não apenas entre duas pessoas.

momento em que ele, finalmente, faz seu pouso e estabelece sua morada. Certa da singularidade de cada caso e da impossibilidade de dar conta de todas as suas especificidades é que busquei, de forma geral, apresentar as questões sobre as “migrações por amor” e mais especificamente, discorrer sobre os relatos que encontrei nesse campo sobre a adaptação cultural, procurando dimensionar para o(a) leitor(a) as duas vias desse casamento; tanto sobre as brasileiras que vão residir no exterior, quanto as brasileiras que aqui permanecem e enfrentam a adaptação dos maridos.

5.1 Um “amor de novela”: a idealização do homem do Oriente

Primeiro você se sente uma personagem da novela de Glória Perez, a música, a culinária, os modos e os cheiros da Turquia são bizarramente hipnotizadores [...] o tempo de estadia na Turquia pode te levar do amor ao ódio, quanto mais tempo na Turquia, você vai perceber que o exótico partia muito mais da sua imaginação. Você sim se ilude muito mais do que os turcos te iludem, só que você não sabe disso. (Débora, divorciada, residente há 16 anos na Turquia - Caderno de campo virtual)

Segundo Medeiros (2011) os estereótipos (definições de gênero e papéis desempenhados) na escolha do cônjuge parecem influenciar tanto como forma de incentivo à escolha de um(a) estrangeiro(a), como na influência sobre a aceitação social do casamento exogâmico e na reação das autoridades, como ilustrou o recorte acima.

No entanto, em meu campo de pesquisa, diferentemente das pesquisas que existem sobre casamentos interculturais entre brasileiras e homens europeus, quando se fala em homens da região do Oriente Médio, a reação das autoridades não é a de boa aceitação como já foi mostrado. Também os familiares não consideram esse homem uma boa escolha, a menos que ele esbanje uma vida financeira agradável, o que não tem ocorrido com a maioria dos homens vindos dessa região. Quanto a família do marido, geralmente, a dificuldade de aceitação também se dá pelo simples fato da mulher ser estrangeira e não compartilhar a mesma cultura. Em alguns casos, pode ser atenuado se a brasileira for muçulmana, como pode ser visto no capítulo 6.

Débora, uma de minhas interlocutoras, menciona essa realidade em seus vlogs ao citar a opinião/interferência da própria família ao se dizer que vai casar com um turco, como foi o caso vivido por ela. Posso contar que, quando fui à Turquia, em viagem de turismo, há 20 anos atrás, ouvi de familiares para nunca conversar com homens turcos porque eles roubavam mulheres!

Tal ideia, sobre o conceito de homem oriental criado pelo Ocidente e discutida por Said (1990) em seu livro “*Orientalismo*”, em oposição ao europeu tido como o racional, considera esses “outros” – os orientais – como irracionais, depravados, diferente, dentre outros termos pejorativos. Mas, assim como Canetti (2006), em sua viagem ao Marrocos, durante as semanas que passei na Turquia

Não queria perder nada da força de seus gritos estranhos. Queria me expor aos sons em si mesmos, sem diluir nada por obra de um conhecimento insuficiente e artificioso. Não lera nada sobre o país. Seus costumes me eram tão desconhecidos quanto as suas gentes. O pouco que, ao longo da vida, se ouve dizer sobre um país e um povo caiu por terra nas primeiras horas (p.25).

Dessa forma, percebe-se que há muitas generalizações quando se fala em Oriente Médio, como se ele fosse um palco teatral, e nas profundezas desse palco estaria um “repertório cultural cujos itens individuais evocam um mundo fabulosamente rico: a Esfinge, Cleópatra, o Éden, Tróia, Sodoma e Gomorra, Ísis e Osíris ... Maomé e dúzias mais” (Said, 1990, p. 73). Segundo o autor, nomes que no imaginário ocidental representam monstros, demônios, heróis, terrores, prazeres ou desejos, pois, psicologicamente, o orientalismo seria uma forma de paranoia, um conhecimento de outro tipo, que não o histórico.

Contudo, se nesse casamento, os estereótipos exercem, na maioria das vezes, influência negativa em relação as autoridades e também em relação aos familiares, ao chegar na mulher brasileira, o que averigui foi o contrário.

Já disse Kristeva (1994) que o “estrangeiro condensa em si a fascinação e a abjeção que a alteridade suscita” (p.101), ou seja, atração e repulsa.

Assim, se por vezes esse “homem do deserto” é visto como bárbaro, em outros momentos ele também carrega um “orientalismo sensual” construído por meio de histórias sobre os insaciáveis desejos sexuais dos sultões, por pinturas ocidentais que retratam os hárens e suas odaliscas semi-nuas, pelas ondulações da dança do ventre e pelos galãs da teledramaturgia que encenam homens viris e apaixonados.

Então, pergunto para minhas interlocutoras: Por que um árabe ou um turco? E ouço respostas como; “*gosto do nariz grande*”, “*eles tem cara de homem*”, “*sabem cuidar da mulher*”, “*sempre gostei da raça*”, “*são românticos*”. Para Mara, outra interlocutora dessa

pesquisa, a “*combinação de brasileira com turco é perfeita porque eles gostam de sexo como as brasileiras*”, diz ela.

Nesse sentido, encontrei também no trabalho de Karan (2009), mais precisamente, na fala de um de seus interlocutores sobre o matrimônio com homens árabes, a seguinte frase; “... as brasileiras gostam dos árabes. Não há uma [brasileira] que não tenha experimentado um árabe. Nossa raça é quente, e as brasileiras gostam disso” (p. 176).

Dessa forma, ao observar essas respostas é possível perceber que a construção imaginária desse homem não passa por aspectos intelectuais, ela se dá por meio de características que tocam os sentidos e não a razão; a sedução, como falado no item anterior. Segundo Dumovich (2016), esse encanto se torna possível porque também é “marcado por um *ethos* romântico” (p.122), ou seja, prevalece a imaginação sob o racional, o qual pode ter seu efeito potencializado quando se utiliza a rede cibernética, como já foi visto.

De acordo com Dib (2011), se o Ocidente é o lugar da civilização, associado ao masculino, do racional, logo, o Oriente é visto como o outro, o seu oposto e assim, assumirá seu posto como o lugar da Natureza, do primitivo e do feminino, como pode ser visto nas imagens a seguir, encontradas após realizar uma rápida busca pelo Google Search, ao digitar palavras recorrentes no meu campo de pesquisa, tais como; “homem do deserto”, “homem árabe”, “homem turco”, “mulher árabe” e “dança do ventre”.

Figura 28 - Homem do deserto

Fonte: Recuperado de:
https://static.cineclick.com.br/sites/adm/uploads/banco_imagens/54/400x300_519ec30b4a802.jpg

Figura 29: Homem árabe

Fonte: Recuperado de:
<https://i.pinimg.com/736x/00/5e/c9/005ec9a59b1cbc723b98a80476a9d069.jpg>

Figura 30 - Homem turco

Fonte: Recuperado de:
<http://tracara.com/wp-content/uploads/2012/11/Burak-bali-Beg.jpg>

Figura 31 - Mulher árabe

Fonte: Recuperado de:
http://1.bp.blogspot.com/-ExY4bdnnNAQ/T0A2gfVPS9I/AAAAAA6k/Is1siG0ScEs/s1600/tumblr_luteg6KdVU1qfdtcjo1_500.jpg

Figura 32 - Dança do ventre

Recuperado em:
<http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/40/406597.jpg>

Assim, se o Ocidente é a terra da razão, o Oriente é terra das emoções e dos instintos, como bem ilustra a poesia de Kobanni⁵⁴, poeta sírio que por vezes se apresenta sob um eu lírico feminino, outras masculino, mas sempre carregado de exotismo, pois se o Ocidente inventa o Oriente, como afirma o Orientalismo de Said, o Oriente também se reinventa e faz uso da imagem a ele atribuída;

Ama-me com toda a fúria dos bárbaros com todo o calor do deserto, com a fúria da tempestade; não pense como os demais seres civilizados, a civilização perdeu seus

⁵⁴ Segundo Omran (2010), Kobanni é “Nascido na cidade de Damasco, Síria, em 1923, Kabanni talvez seja o poeta do amor mais popular da literatura árabe contemporânea. Autor de mais de cinquenta livros, sua poesia se concentra em dois grandes temas, o nacionalismo árabe e o amor” (p.29).

instintos, ama-me como um terremoto, como a surpresa da morte inesperada deixa meus seios arderem em brasa ataca-me como uma loba faminta e perigosa. (citado por Omran, 2010, p. 31)

Eu senti que amar uma estrangeira ou casar-me com ela seria como assinar um contrato de casamento em hieróglifos. O marido de uma mulher estrangeira vai servir toda a sua vida como intérprete. Por minha própria natureza, eu não posso amar uma mulher que eu não sinta o cheiro do hortelã, do tomilho selvagem, do manjerição, da genista, do jasmim, da flor de guilly e das dalias que enchem os campos do meu país. (citado por Omran, 2010, p. 34)

Para Dumovich (2016), a representação da “cultura árabe-islâmica”, entre as mulheres revertidas da Mesquita da Luz (localizada no Rio de Janeiro), onde realizou trabalho etnográfico para sua pesquisa de mestrado, é composta por imagens que refletem a produção orientalista e romântica do século XIX, que muito se assemelha as imagens apresentadas pela busca realizada no Google *Search*; beduínos de turbantes, homens representando virilidade, mulheres sensuais cobertas por véus e paisagens idílicas do Oriente Médio. Tais imagens também são, facilmente, encontradas estampando as chamadas “fotos de capa” que ilustram a página de identificação das comunidades que participei no Facebook, como também detectou a autora supracitada nas postagens feitas por suas interlocutoras no Facebook. Imagens que segundo Dumovich, mais parecem retiradas das “*Mil e uma noites*” ou da novela “*o Clone*”. Vale dizer também que, a aquisição, feita por algumas brasileiras, de elementos culturais árabes ou turcos (ou dessa região), tais como; música, adornos, artigos religiosos, expressões linguísticas e comidas passam a integrar o cotidiano dessas mulheres (revertidas ou não), modificando seu comportamento e sua imagem, compondo assim, um “orientalismo romântico”, segundo Dumovich (2016). Como elas mesmas dizem; “*fulana se ‘enturcalhou’*”.

Assim, nesse espelhamento cria-se um outro idealizável e esse homem ideal que vem do Oriente aparece numa brincadeira que acompanhou minha inserção nesse campo de pesquisa. Pois, sempre que eu informava o tema do meu estudo surgia a pergunta (seguida de risos): “*você está procurando um Said?*”

Foi quando intrigada com a repetição da pergunta, decidi me debruçar também sobre o universo das novelas que circulam na televisão brasileira e trazem aos seus(suas)

telespectadores(as) imagens e histórias sobre a região do Médio Oriente e do Magreb⁵⁵ que ajudam a construir um imaginário social sobre essas culturas que carregam, na grande maioria, o Islã como pano de fundo.

Lopes (2003) aponta a presença maciça da televisão nas casas brasileiras e também sua intensa penetração na sociedade brasileira, o que contribui para alimentar um repertório comum por meio do qual as pessoas de diferentes classes sociais, gerações, sexo, raça e religiões se posicionam, sendo a telenovela o produto de maior popularidade e lucratividade da televisão brasileira. De acordo com a autora, a novela constitui-se em veículo privilegiado do imaginário nacional, que tanto expressa dramas privados em termos públicos, como dramas públicos em termos privados.

Em se tratando de novelas com grande audiência, em especial as que abordam a cultura de alguns países do Oriente Médio e do Magreb, no âmbito nacional, temos “*O Clone*”, mencionada anteriormente, ambientada parcialmente no Marrocos, que registrou o ponto mais alto de audiência na TV Globo em uma telenovela e foi exportada para 91 países, conquistando recorde de audiência no Kosovo (Ferreira, 2015). A autora cita Valdigem (2005), o qual diz que em Portugal a novela também obteve sucesso de audiência e ajudou a desconstruir estereótipos negativos de muçulmanos portugueses e acrescenta ela, que, fato igual ocorreu no Brasil. Pois, o enredo da novela trazia alegremente alguns costumes marroquinos e aspectos da religião que agradaram o gosto do público, como o marido Said que além de representar um galã, cobria sua esposa Jade (personagem interpretada por Giovanna Antonelli) de joias e provia o sustento da casa. No entanto, Jade não o queria para marido porque era apaixonada por um brasileiro, mas a família não aceitava.

Figura 33 – Said

Fonte: Recuperado de:
https://www.flogao.com.br/o_clone/137242634

⁵⁵ Os países que compõem o Magreb são: Marrocos, Saara Ocidental, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia. Grande parte deles têm o Islã como religião praticada pela maioria da população.

É preciso dizer que, ainda hoje, algumas mulheres, nas redes sociais, chamam de Jade as demais mulheres que estão se relacionando com homens da região do Oriente Médio. As primeiras afirmam que as demais pensam que irão viver “num cenário de novela” – referindo-se as belas roupas, paisagens e ter um homem apaixonado e provedor, como também apontou Débora, minha interlocutora. As vestimentas e as maquiagens utilizadas por Jade permanecem inspirando algumas muçulmanas brasileiras, com as quais me encontrei nesse percurso. Para Ferreira (2015), a personagem possuía um modo ímpar de usar o lenço, que deixava à mostra os brincos, algo que não é usual entre as muçulmanas, as quais procuram usar joias por baixo dos lenços, contudo, a autora ainda relata que este modelo passou a ser visto com maior frequência nas comunidades islâmicas de São Paulo, principalmente entre as mulheres mais jovens e solteiras.

Figura 34 – Jade

Fonte: Recuperado de:
<http://dicastruquesmaquiagem.blogspot.com.br/2011/01/maquiagem-da-jade-da-novela-o-clone.html>

De acordo com Said (1990) a televisão, os filmes, a mídia em geral, oferece informações cada vez mais padronizados e, acrescento eu, estereotipadas, no que diz respeito ao Oriente, que acabam por intensificar a lógica imaginativa sobre esse lugar “misterioso”, chamado Oriente.

Tempos depois, em 2012, foi veiculada a novela “Salve Jorge”, a qual também foi transmitida em horário nobre⁵⁶ na TV Globo e contou com autoria de Glória Perez (mesma autora de “O Clone”). “Salve Jorge” teve parte de sua trama ambientada na Turquia, em especial explorando as regiões de Istambul e Capadócia. A novela discorreu sobre o tráfico de mulheres brasileiras para a Turquia, embora, na realidade o país não apareça na rota de destino

⁵⁶ Horário que compreende o período do jantar, no qual há maior audiência devido ao fato de que, grande parte da população, nesse período, já retornaram de seus trabalhos.

dessas mulheres e sim países como Espanha, Itália, Holanda, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão (Matos, 2015).

No entanto, a ficção trouxe no seu enredo, a história de Bianca (interpretada por Cléo Pires), brasileira que em viagem a Turquia se apaixona por Zyah (interpretado por Domingos Montagner), um guia turístico da Capadócia, que aparece em cenas exuberantes em cima de seu cavalo, o qual percorre as regiões desérticas do local. Ele é um homem orgulhoso de suas tradições. Bianca é uma mulher independente e moderna. A moça volta a Turquia para viver sua paixão e além da dificuldade de conciliar visões de mundo tão diferentes, ela enfrenta a família do turco, que não aprova o romance. Há também a rival Ayla (interpretada por Tânia Kalill) que pertence a cultura de Zyah e, portanto, conhece e compreende as tradições do local e é a preferida pela família. Depois de viver a paixão com Bianca e ela dizer que não se adapta aquela vida tradicional, Zyah se casa com Ayla. Bianca retorna para o Brasil, mas arrependida volta à Turquia e tenta reatar com Zyah. Contudo, Zyah termina a novela ao lado de Ayla, celebrando a gravidez da esposa e, Bianca volta ao Brasil (Memória Globo, s.d). Um enredo que pouco se difere de tantos outros que encontrei durante a realização da pesquisa.

Figura 35 – Bianca e Zyah

Fonte: Recuperado de:
<http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/2012/11/19/salve-jorge-bianca-vai-pra-cama-com-zyah-e-abandona-stenio/?topo=52,1,1,,186,e186>

A própria história da personagem Bianca foi inspirada na trajetória da bailarina carioca Maria Clara Süsseskind, a qual participou na novela fazendo o papel de uma cigana que ensinava dança do ventre para Bianca. Diz Maria Clara; *“Vim pela dança e fiquei por um grande amor”* (Lobo, 2012).

Em setembro de 2015, *“As mil e uma noites”* deu início à temporada de novelas turcas que passou a ser veiculada na televisão por meio da Rede Bandeirantes conquistando várias fãs,

as quais pude acompanhar em comunidades criadas no Facebook para debaterem assuntos relativos a novela.

Figura 36 – Onur e Sherazade

Fonte: <http://www.worldpurchases.com.br/p-4576029-Box%20Novelas%20Turcas%20Sila%20+%20Fatmagul%20+%20Mil%20e%20Uma%20Noites%20Completas%20e%20Dubladas>

Sobre seus personagens, Onur (interpretado por Halit Ergenç) e Sherazade (interpretada por Bergüzar Korel) fizeram o par romântico da trama que foi inspirada no livro “*As mil e uma noites*”. Sherazade é arquiteta, na empresa em que Onur Aksal era um dos donos, viúva e mãe de um garotinho de 5 anos. Ela havia se casado com um homem de família tradicional, mas perdeu o marido em um acidente de carro. A família de seu ex-marido foi contra o casamento e, por isso, não recebia qualquer tipo de assistência quando seu filho Kaan teve leucemia e precisou de dinheiro para pagar uma cirurgia muito cara. Desesperada para salvar o filho, Sherazade resolve pedir dinheiro emprestado para seu patrão, Onur Aksal, o qual oferece o dinheiro em troca de uma “noite de amor” com ela. Como o sultão Shariar, após uma traição, Onur diz não acreditar mais nas mulheres e as queria apenas por prazer, mas ele acaba se apaixonando por Sherazade após a fatídica noite e, faz de tudo para poder conquista-la. Após muito sofrimento, Onur e Sherazade se casam.

Depois de “*As mil e uma noites*”, cujo título em turco foi “*Binbir Gece*” (Noites Árabes) foi a vez de “*Fatmagül: a força do amor*”, em turco *Fatmagül'ün Suçu Ne?* (Que culpa tem Fatmagül?). De acordo com B. Lima (2016), a história é inspirada no livro homônimo do autor Vedat Türkali, publicado nos anos 70 e foi escrito para denunciar o machismo da sociedade

turca⁵⁷, que por lei, um estuproador que se casasse com sua vítima ficava impune desse delito. Foi a partir do debate gerado pelo livro, que a lei começou a ser repensada.

Figura 37 – Fatmagül

Fonte: <http://www.resumodanovela.net.br/band/fatmagul/>

Dessa forma, com as novelas turcas mantendo o ibope da Rede Bandeirantes em alta, não demorou para emissora divulgar a próxima novela que se chamou “*Sila – prisioneira do amor*”.

Figura 38 – Sila e Boran

Fonte: <http://filestore72.info/download.php?id=5e2a7302>

A novela conta a história de Sila (interpretada por Cansu Dere) uma jovem que quando pequena foi vendida pelo pai a uma rica família de Istambul para que ele pudesse pagar o tratamento de saúde do irmão. Em Istambul, ela foi criada como uma jovem ocidental: entende-se aqui por acesso fácil aos estudos, possibilidade de namoro e vestuário igual a uma jovem

⁵⁷ Essa prática também se encontra em outros países da região, tais como Índia, Paquistão, dentre outros.

européia ou americana. Depois de muitos anos, já moça, seu pai biológico reaparece pedindo para que vá visitar sua mãe biológica sob o pretexto de que ela estava muito doente. Contudo, o verdadeiro motivo para levar Sila a Mardin⁵⁸ era para que a jovem se casasse, a fim de pagar uma dívida de sangue⁵⁹, que seu irmão havia adquirido com a principal família da tribo. Então, Sila é obrigada pelo irmão a se casar com o líder da tribo. Revoltada, faz várias tentativas fracassadas de fuga. No entanto, com o passar do tempo e depois de muito contestar os costumes locais, ela vai se apaixonando pelo próprio marido após presenciar atitudes éticas e bondosas de Boran.

Se Sila é uma personagem da ficção, temos Cansu Dere na realidade. A atriz, em entrevista⁶⁰ concedida para Rede Bandeirantes, disse que, assim como sua personagem – com a qual ela se identificava bastante – ela nunca havia visitado a região leste do país. Cansu diz: *“foi muito difícil para mim passar um tempo ali”*. Ela ainda ressaltou que a novela tenta apresentar o personagem de uma maneira mais estética, e que na vida real as histórias são bem mais fortes, referindo-se a cultura machista e violenta.

Portanto, relatos como o que se segue, devem ser analisados com muita cautela.

Quando cheguei em Istambul, uma grande surpresa. Achei a cidade linda, fiquei encantada com as pessoas, com a cultura e arquitetura. A Turquia é um país muçulmano e encontrei um país super europeizado, moderno e cosmopolita (Ortiz, 2012, s.p).

É preciso dizer que cidades como Istambul, Ancara e Izmir não representam a realidade das demais cidades daquele país, em especial, no tocante ao universo feminino. Seria como dizer que São Paulo representa a realidade brasileira. Impossível. Assim, quando uma brasileira, que possui uma vida cosmopolita, me diz que está apaixonada e pretende se casar com um turco ou um árabe que mora em uma aldeia, no interior de seu país e possui uma vida agrícola, num lugar lindo, eu pergunto: *“Você se casaria com um brasileiro que mora em uma região agrícola, no interior do Brasil?”* E, pergunto novamente porque as respostas são sempre as mesmas; *“não”, “por que com um turco seria diferente?”* Silêncio.

Assim, para além de seus sedutores galãs, as novelas turcas contemplam um pouco do universo feminino vivido naquele país. Com milhões de telespectadores em todo o mundo, inclusive em países como a Arábia Saudita, as personagens femininas que se mostram

⁵⁸ Província situada no sudeste da Turquia, grande parte de sua população é da etnia curda.

⁵⁹ Associada a “limpar” a honra de uma família.

⁶⁰ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=ihqfev4I4v0>.

empoderadas tornam-se fonte de inspiração para as demais (Nawa, 2017). Segundo a autora, as novelas refletem a realidade tanto quanto ajudam a moldá-la, pois, embora algumas histórias busquem encorajar os direitos das mulheres, elas, frequentemente, reforçam, de forma silenciosa o *status quo* da mulher controlada pelo homem, pois, a identidade dessas mulheres estão sempre construídas em função deles, parafraseando Beauvoir (1967, p.9 citado por Aguiar, 2014, p.13) é “toda uma corte de ternas heroínas machucadas, passivas, feridas, ajoelhadas, humilhadas”.

Abu-Lughod (2003) diz que no Egito, assim como em outros contextos pós-coloniais, formas culturais como o melodrama televisivo, exibido pelas indústrias nacionais de televisão, são consideradas instrumentos eficazes de desenvolvimento social, consolidação nacional e “modernização”, já que contribuem para moldar, como se deseja, o comportamento das pessoas.

Pois, se no Oriente Médio essas novelas servem para “modernizar” comportamentos femininos, no Brasil as novelas turcas despertaram, em suas telespectadoras, sentimentos nostálgicos de um romantismo perdido. Pois, nas redes sociais, na ocasião em que passava “*As mil e uma noites*”, as telespectadoras postavam: “*Não se encontra mais ‘homens’ tipo esse Onur*”, “*Onur Aksal é o homem que toda mulher gostaria de ter, amoroso, cuidadoso*”, “*Quero um HOMEM é desse*”.

Segundo Neves (2007), a questão do amor romântico está nas pautas da agenda feminista, pois se acredita que ele seja responsável por levar as mulheres a crerem que a felicidade dependeria da sua entrega aos seus parceiros, o que pode originar histórias de violência, de discriminação e de desigualdade, como visto no item 4.1.

Se por vezes, nas novelas turcas, as mulheres buscam seus direitos e sua liberdade, por outras também buscam na figura masculina o complemento que parece faltar em suas vidas, com exceção de Fatmagül. No entanto, personagens e telespectadoras parecem endossar o que Dowling (2002) afirma em seu livro “*Complexo de Cinderela*” quando diz que “o desejo inconsciente dos cuidados de outrem – é a força motriz que ainda mantém as mulheres agrilhoadas. ... Como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar sua vida.” (p.26), esperam por um “príncipe encantado”. Para a autora, as mulheres são criadas para depender de um homem e quando esse falta, sentem-se nuas e apavoradas sem ele. Assim, torna-se mais fácil enfrentar um desafio externo (nesse caso, a própria imigração ou a “importação” de um marido) do que responder ao desafio que vem de dentro – “o impulso de arriscar-se e crescer” (Dowling, 2002, p.25).

É preciso ressaltar que há várias histórias dentro desse campo de pesquisa, mas em meio a tantas delas, vejo que há um enredo insistente: a busca por um marido. E, essa suposição

parece se confirmar quando vejo depoimentos de mulheres recém-casadas dizendo as demais brasileiras para acreditarem em seus sonhos porque com elas “*deu certo*”. Então, como nas novelas, o casamento seria o final feliz para essas histórias? E depois do casamento?

Depois do casamento a vida continua porque um dos pares precisou migrar e sendo imigrante, precisou vivenciar a adaptação cultural, temas que são discutidos no próximo subitem.

5.2 Migrações por amor e adaptação cultural

É importante dizer que, a bibliografia sobre a migração feminina começou a aparecer nos anos 80, quando se começou a procurar as causas específicas da mobilidade das mulheres e suas consequências (Roca, 2007) porque até então, eram invisíveis nesse cenário onde o homem era o protagonista. Segundo os autores, o aumento dos estudos sobre migração a partir dos anos 90, nos informa não só que os fluxos migratórios são cada vez mais de mulheres que se locomovem de forma independente, como também detectam as diferentes motivações entre homens e mulheres quando o assunto é migração. Se a bibliografia sobre a mobilidade das mulheres é significativa (motivações econômicas e políticas), por outro lado, sobre as “migrações por amor” quase nada se sabe.

Segundo Assunção (2016), as uniões entre brasileiras e homens europeus começaram a chamar a atenção dos pesquisadores por volta do ano 2000 e, reforço que, até o momento, este é o primeiro estudo que tem como foco a união de brasileiras com homens da região do Oriente Médio.

Assim, a imigração feminina, para além das questões econômicas, permitiu flexibilizar modelos matrimoniais rígidos, como a baixa idade da mulher para se casar ou o casamento entre parentes, também criou novos modelos de conjugalidades e “desempenhos de gênero no casamento que fragilizam a condição da mulher estrangeira nesse cenário matrimonial” (Lima & Togni, 2012, p.136).

Roca (2007) informa que saem anualmente da China e da Ásia por volta de 300 mil mulheres e da Rússia entre 10 e 15 mil com o propósito de casamento. Sendo que as russas são intermediadas, na grande maioria, por mais de mil agências matrimôniais. Para os autores, as mulheres do Leste Europeu, apesar da boa educação e de pertencerem a países com ofertas de trabalho equilibradas para homens e mulheres, elas se mostram bastante insatisfeitas com os homens de seus países (aficionados por bebida, violentos e irresponsáveis).

Essa realidade sobre as mulheres do Leste Europeu é bastante comentada entre as mulheres turcas que já haviam me contado algumas histórias a esse respeito. Segundo uma interlocutora turca, essas moças são criadas para deixarem seus países, exatamente, pelos motivos apontados na pesquisa referida. Na Turquia, até mesmo pela proximidade geográfica, é o grupo de mulheres que mais se casam com turcos. De acordo com uma de minhas interlocutoras, os turcos são “bons maridos”, diz ela: “*como são muçulmanos, eles não bebem e são responsáveis financeiramente pelo sustento da casa*”, tornando-se alvo dessas mulheres que desde cedo estudam diversas línguas, dentre elas o turco, o que facilita sua adaptação cultural, como também são preparadas para serem esposas tradicionais, o que significa; cuidar da casa, do marido e dos filhos, assim como a maioria das mulheres turcas. Há vlogs de brasileiras que falam sobre o “encantamento” dos homens turcos pelas “russas” (como são generalizadas as mulheres do Leste Europeu) devido a beleza nórdica que possuem. Esse fato também foi equiparado por outra interlocutora, casada com um egípcio, sobre a realidade no Egito.

Roca (2007) investiga os casamentos interculturais na Espanha e por lá, as mulheres do Leste Europeu também estão no gosto popular, seguido das latinas (brasileiras, colombianas, cubanas). No entanto, segundo o autor, existem algumas diferenças entre essas mulheres (Leste Europeu e latinas) que são exploradas nos anúncios de agências matrimoniais. Assim, associado as mulheres do Leste estão descrições como: cultas, elegantes, conversam bem, são sérias, receberam boa formação universitária em muitos casos, e não sobrepõem a carreira à vida em família, como pode ser visto no anúncio a seguir;

As mulheres russas não são "carreiristas" como suas colegas ocidentais: para elas a família vem antes do trabalho, mas todas as pessoas se adaptam ao modelo da sociedade em que vivem: depois de algum tempo passado na Espanha, sua futura esposa provavelmente vai querer trabalhar... é muito importante para elas, uma vez que elas vivem no exterior, se sentir-se útil⁶¹ (Roca, 2007, p. 251 como citado em *Inter-matrimonios* – tradução minha).

⁶¹ Do original: “*Las mujeres rusas no son tan ‘carreristas’ como sus colegas occidentales: Para ellas la familia pasa antes que el trabajo, pero toda persona se adapta al modelo de sociedad en el que vive: después de algún tiempo pasado en España, su futura esposa tendrá probablemente ganas de trabajar... es muy importante para ellas, una vez que viven en el extranjero, sentirse útiles.*”

Enquanto que, segundo Roca (2007), as mulheres latino-americanas são descritas por sua vitalidade, simpatia, doçura e, um elemento fundamental que é a língua espanhola ou a proximidade da língua portuguesa ao espanhol. A beleza física também é explorada em ambos os casos, mas no discurso sobre as latinas, a beleza parece ter um peso ainda maior, como pode ser visto a seguir, no site “*Latin Lover Internacional*”

As mulheres latinas são consideradas as mais bonitas do mundo, elas sempre estiveram em concursos de beleza e são as que mais vezes ganharam o título de Miss Universo. Mas elas não são apenas bonitas fisicamente, elas são mulheres sinceras, fiéis, honestas, de família, caseiras, amorosas, doces ..., além de ser boas esposas e mães⁶² (Roca, 2007, pp. 248-249).

Ouso dizer que, o imaginário existente sobre a mulher latina não é compartilhado apenas entre europeus, nesse mundo globalizado, os homens da região do Médio Oriente também parecem compactuar sobre a representatividade da mulher latina e daí a procura por elas, conforme visto.

Em Portugal, segundo Lima e Togni (2012), ser “mulher brasileira” agrega valor frente a mulheres de outras nacionalidades, em específico as portuguesas, que são vistas como “‘mais fechadas’, ‘mais difíceis de conquistar’, em contraposição à ‘alegria’ e ao fato das brasileiras serem ‘mais soltas e pessoas mais disponíveis’” (p.137). Para as autoras, embora algumas brasileiras, residentes em Portugal, compartilhem de algumas simbologias sobre ser mulher brasileira, elas rejeitam o estereótipo “sexualizado e exotizado”, que está, muitas vezes, ligado à prostituição de brasileiras provenientes de classes populares.

Lima e Togni (2012) apontam que, mesmo para brasileiras altamente escolarizadas e qualificadas profissionalmente, ainda existe a “necessidade” de auto-realização baseada no ideal da família conjugal. Contudo, de acordo com as autoras, o mercado matrimonial no Brasil parece não favorecer as brasileiras, pois segundo a pesquisa, existe um aparente excedente de mulheres no país, o que não deve ser utilizado para explicar o fenômeno dos casamentos interculturais.

⁶² Do original: “Se considera que las mujeres latinas son las más hermosas del mundo, ellas han estado siempre en los concursos de belleza y son las que más veces han ganado en Miss Universo. Pero no solamente son hermosas físicamente, son mujeres Sinceras, Fieles, Honestas, Familiares, Hogareñas, Amorosas, Dulces, ... son buenas esposas y madres”.

No entanto, Goldenberg (2011a) coloca que as brasileiras repetem, insistentemente, que “falta homem no mercado”, e as que se mostraram mais satisfeitas com suas vidas, entre as brasileiras pesquisadas, são aquelas casadas há muitos anos. De acordo com os depoimentos das participantes em sua pesquisa, a autora constata a existência de uma riqueza extremamente valiosa para as brasileiras: o marido.

Nesse sentido, podemos pensar, então, que devido à “crise interna” no mercado de casamentos as brasileiras buscam esse companheiro no “mercado externo”?

Segundo Lima e Togni (2012), os homens brasileiros são associados, por mulheres brasileiras, “ao sexo e à infidelidade, ‘aos que querem todas ao mesmo tempo’, e os portugueses ao afeto: são mais ‘carinhosos’, ‘companheiros’, ‘cuidadosos’ e ‘gentis’” (p. 138). Rosa (2011) em seu artigo “Cariocas e Estrangeiros” também expõe a opinião de suas entrevistadas sobre os brasileiros. Segundo elas, os europeus seriam “educados, gentis, apreciadores da beleza da mulher brasileira e guardariam as características de um cavalheiro, tal como no “conto de fadas, o homem brasileiro seria grosseiro, exigente e vulgar” (p.4). Assunção (2016), sobre casamento de brasileiras com holandeses, apontou que as brasileiras entrevistadas por ela descrevem os holandeses como não-machistas, mais leais e honestos, em comparação com os homens brasileiros. Posso dizer que, em meu campo de pesquisa, as mulheres também citam seus descontentamentos com o homem brasileiro, em especial, reclamam sobre a falta de compromisso com o relacionamento amoroso e ressaltam o caráter romântico e protetor do homem árabe, turco ou paquistanês, os quais estão envoltos em um “imaginário orientalista”, como visto anteriormente..

Sandra, uma de minhas interlocutoras casada com um egípcio, diz que o machismo do homem do Oriente Médio (majoritariamente, muçulmano) é diferente do machismo do homem brasileiro, o primeiro tem caráter de proteção e o segundo de competição. Outro ponto crítico é a questão do corpo, diz uma interlocutora; “*os homens do ‘Oriente’ te aceitam como você é, se você é gordinha, tudo bem!*”

Goldenberg (2011b) aponta que, assim como o marido, o corpo também se constitui como um capital para as brasileiras. Para a autora, o Brasil é um país de praias e altas temperaturas durante quase todo o ano, o que favorece a exposição desse corpo e o coloca em evidência. Goldenberg (2011b), ao citar as ideias de Bourdieu, mostra que

O autor acreditava que a “dominação masculina”, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança

corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis. (p.79)

Em sendo assim, o homem do “Oriente” parece libertar algumas brasileiras desse imposto “compromisso” com o corpo. Um grande paradoxo a se pensar, enquanto muitos “ocidentais” querem “libertar” as mulheres muçulmanas de seus véus (*hijabs*).

No entanto, devo ressaltar, que o observado, entre os turcos (na faixa etária dos 30 anos), pertencentes, principalmente, a classe média alta (os quais, em sua maioria, são bastante ocidentalizados), é que questões referentes a beleza e corpo parecem influenciar nessa aproximação intercultural, fato também observado e apontado por Débora, uma de minhas interlocutoras, em seus vlogs. Certa vez, ao explicar meu trabalho, resumidamente, a um jovem turco, digamos moderno (categoria nativa para jovens pouco religiosos, em geral, que já moraram fora do país), ele me disse; “*nem precisa estudar isso, os turcos gostam das brasileiras porque são as mais bonitas*”. Contudo, entre as camadas mais populares e religiosas, beleza e corpo parecem, realmente, não influenciar como também apontou Fátima, uma interlocutora responsável por uma comunidade religiosa no Facebook (com mais de 7500 seguidores), na qual estão inseridos muitos árabes e brasileiras.

E quando se fala em religião, no exterior, a brasileira enfrentará vários atritos quanto a sua religiosidade, sendo ela revertida ou não; sendo muçulmana, de acordo com o que foi visto, parece ser mais tranquilo por se compreender algumas normas religiosas e também compartilhar de suas aplicações, mas há a preocupação, como relatado na maioria dos casos, em fazer tudo correto, pois se sentem avaliadas pelos demais familiares. Segundo Marcela, uma de minhas interlocutoras, ela diz que foi muito bem aceita pela sogra egípcia desde o começo, inclusive diz que ganhou uma *abaya*⁶³ linda da sogra, que usou em sua primeira ida a mesquita. Escreve ela em seu blog,

Eu sempre tenho costume de rezar duas *rakats* quando chego na mesquita, mas confesso que fiquei nervosa. Porque no Brasil sempre fui aprendiz de muçulmana, todos nas mesquitas de SP estavam aprendendo também. Já no Egito, era como se estivesse fazendo minha prova final, para ver se realmente sei tudo. Mas orei do meu Egito, pedindo a Deus que aceitasse aquele momento, mesmo se eu estivesse fazendo alguma

⁶³ Vestimenta feminina que cobre todo o corpo.

coisa errada (para quem não sabe, a oração islâmico é um pouco complicada para quem não fala árabe, e exige alguns movimentos específicos) (caderno de campo virtual).

Quando a brasileira não é muçulmana, dependendo da família de seu marido, haverá grandes dificuldades para sua aceitação (o que pode ser visto, mais detalhadamente, no capítulo 6) e há uma maior dificuldade em compreender e aceitar alguns hábitos e costumes religiosos, como por exemplo; a ausência do Natal, o qual é sempre o primeiro a ser citado, a comida e a higiene pessoal.

Débora diz que sente “*saudades do cheiro do Natal*”. Ela fala que existe a fase: “*tá o Natal nem é tão importante mesmo*”, mas depois, soma-se essa ausência a saudade dos familiares reunidos e em seu caso, depois que morou na Turquia, nunca mais teve um Natal no Brasil, voltou apenas para passear, pois, por ter sempre trabalhado na Turquia, a vinda para o Brasil nesta época do ano tornou-se impossível, já que para os turcos o trabalho ocorre normalmente nos dias 24 e 25 de dezembro.

Amanda conta que essa data costuma ser um tormento para os imigrantes de países com tradição católica, ela diz

Eu sinceramente nunca liguei para o Natal, só mesmo para as gordices dele, e então, não sinto tanto essa data. Mas entendo quem sofra. A falta da ceia, da casa cheia, dos presentes e todos os símbolos afeta muito o imigrante, principalmente se ele já está há um bom tempo sem ir para o Brasil. (caderno de campo virtual)

Gisele, sobre o Natal, escreve em seu blog, sua experiência em Istambul

Eu, esperançosa em celebrar o Natal com outras brasileiras também sedentas, procurei por um restaurante que oferecesse a tradicional ceia de Natal, mas foi difícil encontrar. Pouquíssimos oferecem e alguns deles oferecem ROSBIFE com Romã no lugar de Peru. Rosbife???? Talvez isso seja tradição de Natal em algum país, mas sinceramente, se for pra comer rosbife, prefiro ir em um restaurante legal e escolher o prato que eu quiser no cardápio.

Por isso meus caros e minhas caras, se não for pra fazer uma ceia em casa, com amigos cristãos, desista do Natal tradicional por aqui, porque dificilmente será algo nivelado com nossas expectativas!!! Aí pensamos na família inteira reunindo no Brasil, comendo

peru, farofa, bacalhau, rabanada, hummm... melhor nem pensar!!! (Caderno de campo virtual)

Sobre minha experiência de ter vivenciado (a ausência) (d)o Natal durante o Campo de Leitura escrevi

Enfim chegou o Natal, mas por aqui não é Natal. Estranho. A princípio tudo parecia normal, mas com o cair da noite do dia 24 de dezembro o Facebook estava lotado de mensagens de Natal, e eu havia levado o presente do Papai Noel da minha filha para entregar lá. Minha família ligava e mandava mensagens no WhatsApp, eu percebia o clima de festividade deles e por ali era apenas mais uma noite. Meu marido não se incomodou. Eu também achei que não ligaria, mas quando vi e ouvi os fogos ao longe, senti um aperto no coração, uma tristeza, uma sensação de “fora do lugar”, pois afinal minha cultura é cristã embora eu não esteja ligada a nenhuma religião. Minha filha me perguntou se teria festa e expliquei a ela a diferença. Às 22 horas, nossa “vizinho” de chalé, o Emre, nos trouxe um saco de pistache e uma caixa de chocolate, disse que era presente, nos perguntou como estávamos nos sentindo por passar o Natal longe da família e ficamos conversando na varanda do chalé até bem tarde (Caderno de campo).

O Natal em si pode ser uma data fácil de relevar para algumas brasileiras, mas é fato que o Natal não está apenas associado ao nascimento de Jesus. Natal inclui família e comida, como pode ser visto no relato acima. Estes dois últimos itens aparecem rotineiramente nos posts e vlogs das brasileiras imigrantes durante todo o ano, mesmo as brasileiras que adoram a comida local, ficam imensamente felizes quando recebem paçoquinha, guaraná, leite condensado, feijão e alguns chocolates brasileiros. Sem contar na saudade do “cheiro do café da manhã”, confessado até por uma amiga turca que morou no Brasil.

Sobre a distância dos familiares, este parece ser o ponto mais problemático. Segundo Débora, “*gente nasce e gente morre e você está distante.*” Ela conta que as conversas com os familiares sempre ocorrem por Skype e por isso, é sempre um susto enorme quando algum deles liga em seu telefone, pois é sempre o prenúncio de algo ruim. E conta sobre o aniversário do filho que acabara de acontecer e, por ser um dia especial, eles assaram pão de queijo e colocaram o notebook na mesa da cozinha, para que a comemoração se estendesse além da Turquia. Sobre

o assunto ela chegou a gravar um vlog. E declara, “*a gente vive um mundo paralelo*”, “*contato reduzido*”.

Quanto a comida, o fato do muçulmano não comer carne de porco e nenhum de seus derivados porque ela é considerada imprópria para consumo de acordo com a religião pode gerar alguns conflitos. Como consta na surata “*Al Bacara*”; “Ele vos vedou a carniça, o sangue, a carne de suíno e tudo o que for sacrificado sob invocação de outro nome que não seja o de Allah. Porém, quem, sem intenção sem abuso, for impelido a isso, não será recriminado, porque Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo” (Alcorão, 2:173), assim qualquer produto que tenha essa origem não entra dentro da casa de um muçulmano, por exemplo: gelatina e linguiça (como nós conhecemos, a deles é feita com carne *halal*, conhecida em turco como *sucuk*). Não só a carne, mas todos os alimentos e produtos consumidos por um muçulmano deve ter origem *halal*, ou seja, lícita, o que significa seguir as determinações alcoranicas. Segundo El Tarrass (n.d)

Os mecanismos, que formam o sistema *halal*, envolvem desde a cadeia produtiva até o resultado final e seguem requisitos básicos, como o manejo consciente da terra e meio ambiente, que incluem o uso de agrotóxico legal, tratamento de efluentes, higiene funcional, equipamentos, processamento com produtos *halal*, armazenamento etc.(s.p)

Essa questão é fácil de ser resolvida quando se está em um país em que há um número expressivo de muçulmanos porque o mercado seguirá essas normas, mas no Brasil ainda é muito difícil encontrarmos produtos *halal*, o que causa um grande estresse para o imigrante muçulmano porque até o pão em uma padaria, os mais religiosos não irão consumir porque ele pode levar banha de porco. Assim, as mulheres da comunidade turca onde realizei trabalho de campo, fazem elas mesmas uma infinidade de comidas em casa e procuram trazer muitos produtos da Turquia. O marido de Viviane, em seu primeiro ano no Brasil deixou de comer carne vermelha, passou a consumir peixe (consumo liberado, de acordo com as normas alcoranicas) e adotou uma alimentação quase vegetariana, consumindo carne *halal* apenas quando conseguiam comprar nas cidades de São Paulo e/ou Barretos. No entanto, depois de um tempo, voltou ao consumo da carne vermelha sem ser *halal* porque segundo o casal o valor desse tipo de carne, no Brasil, era alto para as condições econômicas deles, outros casais se mantêm na abstinência da carne vermelha.

Quanto aos hábitos de higiene, existem normas para purificação do corpo após a relação sexual e também após o uso do banheiro, práticas que não irei detalhar nesse momento, mas

apenas informar que, algumas não-muçulmanas em relacionamento com muçulmanos, com quem me deparei nessa caminhada diziam ser “bobeiras”.

Assim, no Brasil, país em que o número de muçulmanos é pequeno em proporção ao número de cristãos, a aceitação do estrangeiro muçulmano e também da brasileira que se reverte ao Islã (normalmente por conta desse romance⁶⁴), costuma causar conflitos na família da esposa brasileira. Muitas vezes, repercutem brincadeiras associando o estrangeiro islâmico a homens-bomba, sendo que, alguns acabam por relevar a brincadeira e outros procuram desviar-se das chacotas esquivando-se do convívio familiar, o que acaba por afastar a brasileira de seus parentes, quando o casal reside no Brasil.

Viviane, casada com egípcio, comenta que as primas e algumas amigas acabaram de afastando dela após ter se revertido ao Islã. Ela considera que o fato de não beber e não frequentar mais “barzinhos” dificultou os encontros entre elas. A vinda do marido para o Brasil também causou alguns conflitos, no início, porque ele “implicava” cada vez que ela comprimentava algum homem da família ou era comprimentada por eles com abraços ou beijos na face e até mesmo aperto de mão, sendo preciso que ela mudasse seu comportamento. Hoje, há 5 anos residindo no Brasil, ele já incorporou vários costumes brasileiros e ele mesmo comprimenta outras mulheres com aperto de mão (sendo que para o Islã, o toque em pessoa do sexo oposto não é permitido, exceto pais, irmãos e avós, ou seja, pessoas com as quais você não tem possibilidade de adquirir matrimônio, segundo a religião). Ele também começou a beber, fez novas amizades e passou a sair com os amigos, certa vez disse ela; *“eu prefiria ele mais estrangeiro”*, fazendo referência ao comportamento do marido que estava parecido com o de um homem brasileiro e, complementou; *para que eu me casei com um muçulmano?*

Quando Mara conheceu o marido, diz ela que ele achava estranho vários costumes no Brasil, inclusive o comportamento das mulheres, mas ela foi explicando para ele como é que as coisas funcionavam por aqui e, segundo ela, *“em casa ele é cada dia mais brasileiro e eu gosto cada vez mais da Turquia”*. Contudo, Mara é enfática ao dizer que é preciso unir as culturas e não deixar a sua cultura de origem e *“enturcar”*. Ela diz que trava uma luta diária para ser ela mesma, ser autêntica e para que o casamento dê certo, comenta ela; *“é preciso muita negociação e saber a hora certa de colocar suas palavras”*.

Para Phinney (2004), quando as pessoas são expostas a outras culturas, em especial, durante e após a migração, elas enfrentam questões identitárias, pois como acredita a Psicologia Intercultural, o comportamento humano desenvolve-se e expressa-se em contextos culturais.

⁶⁴ Sobre esse assunto indico a leitura do livro *“Ya habibi: conversão feminina ao Islã no Rio de Janeiro”* de Liza Dumovich.

Por conta disso, muitas brasileiras, em especial as não-muçulmanas, aconselham as demais a trazerem o marido para morar no Brasil, pois segundo elas “aqui eles vão mudando”, ou seja, aproximando-se mais do comportamento brasileiro. Mas, o estrangeiro não seria uma alternativa a esse problematizado homem brasileiro? Por que, então, transformá-lo em um?

Portanto, deve-se considerar que o processo de adaptação vai envolver a transformação dos valores, das crenças e dos costumes do imigrante (DeBiaggi, 2002). Esse processo é chamado pela própria Psicologia Intercultural de “aculturação psicológica”, que segundo Dantas (2017), consiste em um processo de ressocialização pelo qual o indivíduo passa em decorrência da mudança do contexto cultural, o que “representa uma ruptura expressiva do quadro de referência, sentido e pertencimento anterior” (p. 62). Esse ajustar-se ao novo ambiente é naturalmente um gerador de estresse.

O estresse de aculturação refere-se a um tipo de estresse em que os fatores estressantes são identificados como tendo sua origem no processo de aculturação, podendo reduzir o estado de saúde do indivíduo tanto físico como mental. Os estudos mostram que problemas de saúde mental geralmente emergem durante a aculturação, contudo esses problemas não são inevitáveis e dependem de uma série de características contextuais e individuais envolvidas no processo de aculturação. [...] é comum que ocorram aumento de ansiedade, depressão, sentimentos de marginalização e alienação, aumento de sintomas psicossomáticos e confusão identitária (Dantas, 2017, p.62).

Dessa forma, é preciso estar ciente que, tanto a brasileira que permanece no Brasil irá enfrentar a adaptação do marido estrangeiro, quanto a brasileira que parte irá enfrentar sua própria adaptação cultural, sendo que em ambos os casos, essa fase se dará juntamente com a adaptação do casal ao casamento.

Sobre essa mulher imigrante, em especial a brasileira, Assunção (2016) atentou para que é preciso olhar as diferentes etapas da vida em que elas se encontram. Assim, como pode ser visto na Tabela 1, percebemos que as brasileiras que partiram, nessa pesquisa, estão na faixa etária dos 20-30 anos, época em que terminam os estudos e ainda não possuem filhos, sonham com a construção de uma família e, conforme verificado, são as que possuem maiores chances de obter um relacionamento duradouro.

Durante a execução da pesquisa, acompanhei o caso de uma brasileira, revertida, que havia acabado de retornar do Líbano com os dois filhos, sendo que o mais velho (filho de seu

primeiro casamento) não havia se adaptado (é sabido também, que para a criança deixar o Brasil é preciso autorização do pai, o qual nem sempre consente) e gerado alguns conflitos com o atual marido. A autora também salienta sobre as “pressões sociais” que mudam de acordo com o ciclo da vida de cada um; quando se é solteira há cobrança para se casar, depois que se casa a cobrança é para ter filhos e depois, surgem novas cobranças relativas aos cuidados dos filhos. Assim, em muitos grupos que acompanhei e também fora deles, poucas foram as mulheres que optaram por deixar filhos e seguir na tentativa de encontrar a felicidade ao lado de um estrangeiro, pois a maioria delas recriminam tal atitude e julgam que, em primeiro lugar devem estar os filhos.

Dessa forma, para Assunção (2016), “a idade é um fator importante para ponderar os riscos, vantagens e desvantagens de uma união que envolve a imigração para outro país” (p.64). Contudo, depois dos filhos criados, as mulheres voltam a se permitir novas possibilidades. Segundo uma interlocutora, “*você não sabe o que é uma mulher de 50 anos (risos)*”, e continua “*já criei meus filhos, trabalhei, ajudei marido sustentar a casa, agora vou viver a minha vida!*”. Certamente, essa frase já daria outra tese, mas a coloco aqui para ilustrar as etapas da vida de uma mulher e também como uma provocação, afinal, de quem era a vida que ela vivia?

Assunção (2016) também levanta a hipótese de que muitas podem migrar justamente pelos filhos (levando-os ou não), como uma tentativa de buscar uma vida melhor para si e para eles, pois, com base no trabalho de Piscitelli (2011), a autora discorda do termo “migrações por amor”, já que nele pode estar contido “afetos, interesses e dinheiro” (p. 66), eu prefiro manter o termo já que é assim que elas nomeiam a mudança, embora concorde com a autora sobre seus possíveis significados. Pois, durante a pesquisa, conquanto algumas mulheres que conversei (com filhos anteriores ao casamento intercultural) verbalizassem muito pouco sobre a situação financeira atual era evidente que havia tido uma melhora ou ao menos, uma certa tranquilidade em poder dividir as responsabilidades financeiras. Essas mulheres, geralmente, eram provenientes de uma classe média baixa.

Contudo, embora as “esposa imigrante” tenha uma boa acolhida no país que irá viver com seu marido, em detrimento aos demais tipos de imigrantes, já que está lá porque alguém a deseja naquele local, a falta de relações interpessoais, uma vez que o marido passa a ser seu único vínculo afetivo e de quem irá depender economicamente por um tempo indeterminado (ou para sempre), faz com que elas percam sua autonomia (Roca, 2007).

Débora foi casada com um turco durante dez anos e há seis anos estão separados. Ela conta que desde o quinto mês de casamento começou a perceber as dificuldades, em especial a intromissão exagerada da sogra na vida do casal. Eles tiveram um filho e por conta da criança

ela ainda reside na Turquia, pois para se mudar ao Brasil é preciso ter a autorização do pai da criança, o qual não autoriza. Conta ela que, das dificuldades da vida de imigrante, a pior delas foi vivenciar o processo de divórcio em terra estrangeira e sozinha. Antes de chegar a essa decisão, ela conta que pensou muito, esperou, fez terapia, mas o fato de exercer uma profissão regulamentada e ter liberdade financeira foi o que a ajudou deixar uma situação que há muito tempo a deixava infeliz.

Trabalhar em outro país costuma ser quase impossível para algumas profissões, pois cada nação irá impor suas normas burocráticas para a validação de um diploma internacional, como também para obter um visto de trabalho. Das mulheres com quem conversei, vi apenas dois tipos de trabalho serem compatíveis com as brasileiras portadoras de diploma, em nível superior, na Turquia; guia turístico (quando havia bom domínio de inglês e turco) e professora de inglês (quando havia bom domínio gramatical e fluência na língua inglesa), algumas delas deixaram sua formação original para poder trabalhar nessas áreas. Apenas uma das brasileiras que tive contato, formada em letras, trabalhava em escola regular internacional, tendo passado por diversos testes para a aprovação. Outras, conseguiram realizar trabalhos, via internet, para o Brasil, como tradutoras ou jornalistas. No mais, tive conhecimento de algumas brasileiras que ofereciam serviços de estética para a comunidade de mulheres brasileiras naquele país. Minha interlocutora no Egito, como advogada, conseguia prestar serviços, também via internet, para o Brasil. Entretanto, muitas mulheres acabam ficando com os afazeres domésticos e os cuidados dos filhos, uma realidade que se aproxima das demais brasileiras em condição de “esposa imigrante”, seja onde for.

O domínio da língua do país hospedeiro é fator primordial para a adaptação cultural. Quando não há o conhecimento da língua, o(a) estrangeiro(a) se torna dependente do cônjuge ou ainda de uma terceira pessoa para fazer sua intermediação com o local, como, por exemplo, em consultas médicas. As relações familiares se darão via tradução e a interação será limitada, como também essa relação de dependência do cônjuge nativo, com o tempo, acaba por sobrecarregá-lo, como comenta Juliana; *“essa situação também é estressante porque ele (marido) terá uma pessoa dependente dele 24 horas por dia”*. Ela conta que pequenos acontecimentos ganham grandes proporções quando ainda não há o domínio do idioma e lembra-se de um episódio em que ela e o marido se desentenderam quando ele foi buscá-la na saída de seu trabalho, em uma escola de inglês. O marido falou em turco onde ela deveria esperá-lo e, mesmo eles utilizando os celulares para facilitar, ela usava erroneamente uma palavra para afirmar o ponto que estava e consequentemente, o marido compreendia outra localização. Ao considerar o trânsito (caótico) de Istambul, o que era para ser realizado em

poucos minutos gastou boa parte do tempo deles, no retorno para casa, após um dia trabalho. Contudo, o episódio contado de maneira isolada, pode causar no(a) leitor(a), um julgamento apressado, talvez como a falta de paciência do casal, no entanto, quando fazemos o esforço de dimensionar a situação dentro de vários outros episódios cotidianos, é possível entender o esforço que ambos devem fazer, rotineiramente, para se adaptarem a nova realidade.

Segundo Dantas (2017), a aquisição da língua é o maior desafio aculturativo. Para a autora, o conhecimento anterior da língua ou da cultura são fatores que podem amenizar o impacto. Nesse sentido, algumas interlocutoras como Débora, que já está na Turquia há mais de 15 anos, diz que a pessoa que migra precisa de uma “bagagem cultural”, que significa dominar a língua do país para o qual se está mudando ou então, ter bom domínio do inglês, o qual é considerado língua universal. Ela acrescenta que ter tido experiências anteriores, mesmo que tenham sido apenas viagens de turismo, para outros países também ajuda nessa fase de adaptação. De acordo com Amanda, *“todos passam, com maior ou menor intensidade”*, por esse processo chamado adaptação cultural.

Dessa forma, em 2012, quando o amor não podia mais esperar, Juliana mudou-se para Turquia, na época, com 22 anos e recém-formada. Enfrentou a mudança e fixou residência em Istambul, onde dividiu apartamento com uma colega turca. Na bagagem, além de muita saudade da família, ela levou dinheiro o suficiente para se manter por 6 meses e também uma rede de contatos de brasileiras que residiam na Turquia. Ela conta que, os primeiros meses de Turquia foram maravilhosos, pois foi inserida na cultura turca por meio dessa amiga que a apresentou para o prédio todo onde moravam e, acabou sendo “adotada” por uma vizinha que a levava para passear e se preocupava até com o que ela ia comer. Frequentou algumas reuniões chamadas de “*Gün*”⁶⁵ em que teve oportunidade de conhecer mais sobre a cultura. Nesse período, seu namorado cumpria o serviço militar em uma cidade bem afastada de Istambul e por lá ficou nos primeiros 4 meses em que ela havia se mudado. Juliana foi visitá-lo apenas duas vezes, nesse período, porque o serviço militar na Turquia é bem diferente do que conhecemos no Brasil. Lá não se dorme fora da base militar durante o tempo em que o homem estiver servindo o Exército e há apenas um dia de folga na semana.

Portanto, depois da fase chamada “lua de mel”, considerada como o primeiro período da adaptação cultural, de acordo com a teoria *U-curve*, cunhada por Lysgaard (1955), segundo

⁶⁵ *Gün* (significa “dia”, em português): são reuniões de mulheres turcas muçulmanas, as quais não trabalham fora de casa. Assim, elas se reúnem, no período da tarde, cada semana na casa de uma mulher, para conversar, bordar e tomar chá. Todas levam um prato de comida e uma quantia pré-determinada em dinheiro que é oferecido para a dona da casa. Geralmente elas juntam esse dinheiro e compram algo para elas mesmas.

González e Oliveira (2011), momento em tudo é fascínio e excitação na cultura hóspede (é importante dizer que essa teoria sofre algumas críticas, pois nem sempre o período inicial, da fase de adaptação, se inicia dessa forma, podendo acontecer carregado de estresse) vem o choque cultural, ou estresse como prefere John Berry. Juliana mudou-se do apartamento da amiga turca e foi residir com amigas brasileiras. Por lá, presenciou histórias tristes de brasileiras com turcos, enfrentou problemas de saúde, de visto, além dos problemas que já enfrentava para que seu namoro fosse aceito pela família do namorado.

Durante as primeiras semanas, a maioria dos indivíduos fascina-se com o novo. ... Mas essa mentalidade não sobrevive muito tempo se o sujeito permanece no estrangeiro e tem que lidar seriamente com as condições reais de vida ali. ... O choque cultural é causado pela ansiedade resultante de perder todos os nossos sinais e símbolos familiares de inter-relação social. Estes sinais incluem as mil e uma formas pelas quais nos orientamos com base nas situações da vida quotidiana. ... Quando o indivíduo adentra uma nova cultura, dele se retira a maioria dessas dicas de interpretação, senão todas. É como um peixe fora da água. ... Uma série de suportes tem sido retirados dos pés do indivíduo, que sente frustração e ansiedade (Oberg, 1954, s.p citado por Gonzáles & Oliveira, 2011 – tradução deles).

Segundo Dantas (2012), depois do momento de euforia, a pessoa pode se decepcionar e chegar até a depressão, por isso é importante que, no casamento, a brasileira possa entender que nem tudo vai ser como o imaginado, o planejado, como disse Amanda; *“A Turquia que você vai encontrar, só Deus sabe”*.

Gonzáles e Oliveira (2011) vão afirmar que, de acordo com Berry (1997), a pessoa possui quatro possíveis estratégias para realizar o processo de adaptação, sendo elas; integração, separação, assimilação ou marginalização. Para Berry (2004), a “integração” é considerada a melhor delas pois, nela a pessoa mantém suas heranças culturais, consegue mudar-se e ainda se acomodar as necessidades dos outros grupos, o que requer constantes negociações, as quais são baseadas em segurança e respeito. Essa negociação pode ser identificada quando Débora diz que *“teve e ainda tem muitos problemas em se adaptar com a cultura turca”*, no entanto, ela demonstra conseguir realizar a acomodação dos novos conhecimentos de maneira satisfatória, pois conseguiu permanecer e ainda desenvolver sua carreira, embora diga que, só ficou no país porque teve um filho lá e por isso, precisa ficar.

Conta Débora que, na ocasião em que a novela “1001 Noites⁶⁶” foi exibida, ela gravou alguns vídeos, com cenas comentadas da novela e fez tutoriais para que o público pudesse entender melhor a cultura turca. Ela disse que bastou ver o primeiro capítulo para que logo assistisse os outros dez de uma só vez. Débora diz que reviveu a própria história naquelas cenas e isso a fez chorar muito, pois todas as dificuldades que havia passado estavam ali, na novela. Diz ela em um de seus vlogs que, “*nunca seria uma boa nora turca*” e acrescenta, “*não é uma crítica a eles, é a mim mesma*”. Refletindo sobre sua situação, ela fala:

Eu não soube fazer [...] na minha época não havia nem Google search, não existia Orkut. [...] O que eu sou não são virtudes nessa sociedade. Eu sou muito independente, sempre paguei minhas contas. Isso os assusta. Nunca passei muito tempo em casa. Outra coisa que relembrei (pausa) mania de tampar o sol com a peneira, eles têm medo das palavras, eles escolhem muito bem as palavras e eu não sou assim. [...] Complicado quando se tem um casamento internacional, intercultural (Caderno de campo virtual).

Nesse relato, podemos ver que a integração, como disse Berry (2004), além de ser um processo que ocorre em um nível social e cultural, ela também se dá em um nível psicológico. E, então, segundo Gonzáles e Oliveira (2011), a pergunta não é mais “como devo interpretar os comportamentos das pessoas neste país?” ou “sinto-me pertencendo mais a esta nova cultura ou à minha cultura originária?”, e sim “quem sou eu aqui?” (p.1127). Nesse sentido, Juliana diz

[...] uma coisa foi o que eu planejei e outra foi o que eu encontrei aqui. Tudo estava errado (sobre seu comportamento), eu tinha que ser uma outra pessoa. [...]. Não pode rir alto, sentar assim. [...] Sou uma pessoa careta até no Brasil e meu marido ainda reclamava das minhas roupas (Caderno de campo virtual).

Hoje, Juliana diz que está vivendo uma fase boa porque os dois primeiros anos foram críticos, mas conseguiu superar muitas dificuldades como; a língua, o trabalho, as amizades e acrescenta; “*largar o teu país é largar tudo!*”. Ela diz que agora já se comunica muito melhor em turco (o inglês sempre dominou bem, tanto que trabalha como professora desse idioma). No momento, ela já consegue traçar planos para ter um bebê, mas desabafa dizendo que as várias

⁶⁶ A novela 1001 Noites foi exibida pelo grupo Bandeirantes de televisão, às 20h20, de 9 de março de 2015 a 15 de setembro do mesmo ano. Foi a primeira novela turca transmitida no Brasil.

dificuldades de adaptação cultural que enfrentou a levaram por muitas vezes a pensar em “*e se eu tivesse ficado no Brasil*”. Mas voltar, também implicaria em um novo recomeço e para isso, também era preciso respaldo financeiro, comenta ela.

Contudo, além das dificuldades culturais enfrentadas no novo país, há também o choque cultural quando se volta ao país de origem. Débora diz que quando volta ao Brasil costuma se assustar com o preço das roupas, calçados e até da água! Sente medo da violência e dos inúmeros assaltos que ocorrem rotineiramente em nosso país, assim como se surpreende com o tamanho das roupas das brasileiras, que segundo ela, parecem usar duas medidas a menos que o tamanho correto. Para ela, é “*voltar para casa e não se sentir em casa.*”

Sobre os sentimentos relatados por Débora, alguns estudiosos irão definir como “choque cultural reverso” (DeBiaggi, 2004). DeBiaggi (2004) afirma que

Muitos migrantes não estão preparados para o retorno e não estão cientes do quanto eles ou suas comunidades de origem mudaram durante sua ausência. Os psicanalistas León e Rebecca Grinberg (1989) explicam que o imigrante que pensa em retornar para a terra natal não percebe que o retorno constitui uma outra migração (p.144).

Togni e Raposo (2007) dizem que o casamento intercultural sempre foi visto como problemático na sociedade, pois a endogamia parece ter sido a “tendência natural” e uma regularidade normativa. Os autores ainda sustentam que, estudos contemporâneos sobre parentesco e família têm incutido em suas análises uma variedade de grupos familiares: como por exemplo, as famílias mono/homo parentais, a coabitação, os arranjos formais e informais de pais adotivos e, no entanto, essas mudanças são, em vários momentos, contestadas tanto na sociedade como na comunidade científica, sendo a família nuclear o ideal de modelo na vida institucional e política.

De acordo com Khel (2017)

Como ocorre com todos os bens sujeitos à escassez, parece que hoje a família nuclear em vias de extinção tem sido mais valorizada e idealizada do que nunca, criando uma dívida permanente e impagável que pesa sobre os membros das famílias que se desviam do antigo modelo. A indústria cultural se alimenta dessas idealizações. A dramaturgia popular, veiculada pelo cinema e pela televisão, apela constantemente para a restauração da família ideal, ao mesmo tempo em que vende sabonetes, marcas de margarina e conjuntos estofados para compor o cenário da perfeita felicidade doméstica (s.p).

Contudo, segundo Truzzi (2008) desde 1980, estudiosos vêm defendendo a tese de que a família no Brasil não pode ser compreendida apenas por traços homogêneos acomodados em um padrão singular que evoluiu da família patriarcal à família conjugal moderna, mas sim a partir de arranjos diferenciados, segundo especificidades de classe, gênero, idade e, acrescenta o autor, etnia e religião. Dessa forma, se reforça a crença de ser importante conhecermos os casamentos interculturais que possuem a religião islâmica como uma de suas especificidades.

Para Fonseca (2005), a família não pode ser pensada da mesma forma em todo lugar porque a própria noção de família varia de acordo com a classe social e acrescento, com os preceitos morais da religião que se segue. Para essa compreensão, o próximo capítulo aborda o casamento no Islã.

6. O casamento no Islã: entre a prescrição e a prática

“Deus colocou o desejo no homem e na mulher
A fim de que o mundo fosse preservado por esta união”

(Rûmi)

Os muçulmanos consideram o casamento (*nikah*) – realizado entre um homem e uma mulher – como parte integrante de sua devoção religiosa. Sua recomendação faz parte das revelações anunciadas pelo profeta, como pode ser visto a seguir; “Entre os Seus sinais está o de haver-nos criado companheiras da vossa mesma espécie, para que com elas convivais; e colocou amor e piedade entre vós. Por certo que nisto há sinais para os sensatos” (Alcorão; 30:21) e “... elas (esposas) são vossas vestimentas e vós (homens) o sois dela” (Alcorão; 2:187), dentre tantas outras. Para concluir, temos este *ahadith* afirmando que “Quando o homem casa, ele preenche a metade de sua religião. Então, que tema a Allah com a metade restante”.

Dessa forma, cumprir metade de todas as virtudes islâmicas seria a vivência da paciência, generosidade, tolerância, gentileza, amor, compaixão, cuidado, aprendizado, ensinamento, misericórdia, resignação, perdão, dentre tantas outras virtudes precisas na vida de casado, como explica Mahdi (2013).

Em assim sendo, entende-se, ao acompanhar o pensamento islâmico, que o celibato não seja uma prática agradável a Deus, já o casamento sim, como pode ser visto na imagem a seguir, divulgada em uma página pública do Facebook.

Figura 39 – Casal Islâmico

Fonte: <https://www.facebook.com/175537465853106/photos/rpp.175537465853106/1445561818850658/?type=3&theater>

De acordo com Bouhdiba (2006) “o *nikah* situa o indivíduo no seio da Umma⁶⁷” (p.129), uma vez que o integra ao grupo e o grupo integra-se a ele, daí o desprezo pelo celibatário.

Segundo Abdalati (1989) podemos compreender que, para um muçulmano, o casamento é um compromisso perante a própria vida e a sociedade, algo que dignifica e dá sentido à própria existência. O autor afirma que, “Sob o ponto de vista islâmico, o matrimônio é um dever religioso, uma salvaguarda moral e uma responsabilidade social” (p.177).

Figura 40 – O muçulmano casa

Fonte: Recuperado de:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1786584801597422&set=a.1494039880851917.1073741828.100007377585056&type=3&theater&ifg=1>

Sendo assim, ao ler na Figura 40, que o muçulmano “ama por Allah” compreende-se que, primeiramente, deve estar o amor por Allah, como em tudo o que um muçulmano faz. Diz Sheik Bukai; “*Faça por Allah!*”. Como pode ser visto no trecho a seguir, sobre o verdadeiro amor, retirado de uma carta escrita por Sheik Tosun Bayrak al-Jerrahi al-Halveti (1994) aos seus discípulos

Allah ensina ao homem a amar através de Seu próprio amor; E é assim que ele fez o homem amar a mulher. É por isso que o Amado de Deus (Profeta Mohammad) disse: "Eu

⁶⁷ Termo que designa a grande comunidade muçulmana.

fui feito para amar a mulher". Ele não disse: "Eu amo a mulher". Ele atribuiu a seu Senhor o amor a mulher⁶⁸ (s.p – tradução minha).

No comentário de Henry Corbin sobre os “*Fidèles d’amour*” de Ruzbehan Baqli de Shiraz podemos compreender, em suas palavras, a importância desse amor

É o amor humano (Eros) que dá acesso ao *tawhid*⁶⁹ esotérico [união mística], porque o amor é a única experiência efetiva capaz de, no limite, fazer-nos pressentir e às vezes realizar a unidade do amor, do amante e do amado (Ruzbehan Baqli Shirazi et le soufisme de Fidèle d’amour, p. 67 citado por Carvalho, em Rumi, n.d/1996, p. 28)

Dessa forma, para os sufis e ousou dizer, para os muçulmanos de forma geral, é só através do amor que nos unimos a *Allah* e essa capacidade para o amor, que vem d’Ele, é buscada por meio da depuração do coração, conseguida através da vivência das virtudes (sendo o casamento um bom exercício) que é a verdadeira *jihad*⁷⁰ da alma, como disse o Professor Ramadan (2017), em seu vídeo⁷¹ “*Sur le mariage, la vie en couple*”. O amor no Islã é construído no dia-a-dia, por isso, muitos fieis dizem “*o amor começa no casamento*”, como mostra a figura que se segue.

Figura 41 – Amor começa com casamento

Fonte: Recuperado de:
<https://www.facebook.com/photo.php?fb1>

⁶⁸ Do original: “*Así se forma una trinidad, tres en uno: el Señor, el hombre y la mujer. Allah le enseña al hombre a amar a través de Su propio amor; y es así como ha hecho al hombre para que ame a la mujer. Por esto el Amado (referência ao Profeta Mohammad) de Allah ha dicho. ‘Fui hecho para amar a la mujer.’ El no dijo: ‘Amo a la mujer.’ Él le atribuía a su Señor el amor a la mujer*”.

⁶⁹ Conceito que remete a unicidade divina. Deus é único e soberano.

⁷⁰ Palavra árabe que significa esforço, empenho ou dedicação.

⁷¹ Recuperado em: https://www.youtube.com/watch?v=L7UugSJ_fek&t=562s

Todavia, uma vez que não existe o namoro na religião, o pedido de casamento feito à família da pretendente (ato realizado pelo homem) é a demonstração das boas intenções do muçulmano em conduzir o relacionamento com a retidão esperada para um fiel e assim cumprir essa recomendação religiosa que é o casamento.

Nesse sentido, é possível compreender uma fala corriqueira encontrada em campo que é “*os muçulmanos*⁷² *casam, os brasileiros não*”, a qual é dita por algumas mulheres sobre a prontidão de árabes e turcos para se casar e, em especial, num curto período de tempo após a data em que se conheceram, como pode ser visto no parágrafo a seguir:

Carla converteu-se meses antes de se casar com o sheik egípcio Khaled Taky Eldim, radicado no Brasil. "Eu trabalhava em uma clínica dentária, ele foi fazer o tratamento e me conheceu. Em uma semana ele me mandou flores, na outra semana ele me pediu em casamento. Eu não aceitei, fiquei relutante. Mas ele me chamou a atenção pela educação e pela tranquilidade." (Costa, C., 2015, s.p)

Devido à importância dada ao casamento pelos muçulmanos é que ele sempre está em pauta; tanto nas comunidades em conversas informais entre jovens e casados, nos estudos e cursos religiosos, em blogs e sites islâmicos. Vale ressaltar que, para o Islã, sua importância e sua prescrição se aplica tanto para as mulheres quanto aos homens e mesmo aqueles que não são muçulmanos praticantes ou não se denominam um, mas vivem submersos em uma cultura islâmica, estes acabam, muitas vezes, por compartilhar das mesmas ideias.

De acordo com Geertz (2008), a religião compila um padrão de significados, incorporado em símbolos – como é o caso do casamento, que passa a ser transmitido por gerações através de concepções simbólicas, dessa forma, ser uma pessoa casada numa sociedade, predominantemente, muçulmana é carregar consigo vários atributos que irão contribuir para uma melhor aceitação dentro da mesma.

Em conversa com Sheik Mohammad Bukai, ele informou que existem várias situações que envolvem o casamento, as quais podem torná-lo além de recomendável; obrigatório, proibido, desagradável, dentre outros. Nessa conversa, três fatores foram mencionados quando se analisava a disponibilidade do homem para o casamento, foram eles: condições psicológicas, físicas e financeiras. Segundo ele, algumas vezes, é preciso esperar a pessoa amadurecer até

⁷² A palavra “muçulmanos”, na maioria das vezes, aparece em campo como denominativo de homens da região do Oriente Médio, podendo este ser um praticante ou não da religião.

que esteja apta a assumir as responsabilidades existentes no casamento, já as condições físicas se referem a boa saúde e, quanto a questão financeira, ela também se faz importante porque para o Islã aqueles que não possuem recursos para casar devem se manter castos até que Allah os enriqueça com Sua graça (Alcorão, 24:33). O fator financeiro é muito importante para o homem porque no Islã é dele a responsabilidade pelo sustento do lar, como mostra o Alcorão: “Aquele que possui condições que a mantenha segundo seus meios e aquele cujo sustento seja limitado que o faça de acordo com o que Allah lhe provê” (Alcorão, 65: 7), sendo isso, é esperado que o homem tenha condições financeiras o suficiente para o sustento, devendo a esposa viver de acordo com o que o marido pode oferecer. Dessa forma, a articulação desses fatores é que irão indicar o caminho a ser tomado em relação ao casamento.

Em 2017, na Mesquita de Santo Amaro foi ministrado pelo Sheik Mohammad Bukai e Sheik Caido Bashir Mudera⁷³, em parceria com a SOBEM (Sociedade Beneficente Muçulmana de Santo Amaro) o curso “*Islam: religião, cultura e língua árabe*” destinado aos brasileiros revertidos e a todos os interessados. Neste curso, o Sheik Mohamad Bukai ministrou cinco aulas⁷⁴ que tiveram como tema central o casamento. Na sua exposição durante a **primeira aula**, ele relatou que o ser humano foi criado em par; o homem e a mulher (referindo-se a Adão e Eva), e desde então eles vivem juntos, embora, nos dias atuais, alguns aspectos da modernidade contribuam para que isso venha se modificando.

Assim, como na conversa realizada em campo sobre a mesma temática, ele iniciou sua fala abordando a importância da família, não apenas para o Islã, mas também para as demais religiões.

⁷³ Moçambicano e teólogo, atuante na Mesquita da Misericórdia, localizada em Santo Amaro – São Paulo.

⁷⁴ Todas as aulas estão disponíveis no Youtube, nos seguintes endereços:

Aula 1: <https://www.youtube.com/watch?v=WYD4IAS8jUI>;

Aula 2: <https://www.youtube.com/watch?v=vcAP7yt364k>;

Aula 3: https://www.youtube.com/watch?v=HizToHO_Gp4;

Aula 4: <https://www.youtube.com/watch?v=Lone8ENcqmA> ;

Aula 5: <https://www.youtube.com/watch?v=EShoqkrwMw&t=766s>

Figuras 42 e 43 – Conversa com Sheik Mohammad Al Bukai em Mesquita Santo Amaro

Fonte: Caderno de campo (28/04/2016)
Crédito: Camila Motta Paiva

Sobre a família, Sheik Bukai falou da sua responsabilidade em trazer um novo ser humano ao mundo e cria-lo de forma adequada, o que significa suprir suas necessidades físicas e dar suporte a sua educação, como ele diz “*O ser humano é a mais nobre de todas as criaturas porque ele tem o espírito que vem de Deus*”. Segundo suas falas, aí reside a importância do casamento; tornar lícito o ato sexual porque por meio dele pode-se gerar uma criança.

Para Sheik Bukai, o que significa também dizer, para o Islã, já que ele domina o conhecimento sobre a religião e a professa, o casamento é o meio mais adequado e único para que um homem e uma mulher possam estabelecer relações íntimas e assim formar uma família.

Vale dizer que, os encontros realizados entre um homem e uma mulher não casados devem ser públicos ou na presença de uma terceira pessoa, caso não exista essa pessoa quem ocupará o terceiro lugar será *Shaitan*⁷⁵, como dizem alguns crentes. Portanto, quando surge o interesse do homem ou da mulher em conhecer melhor o/a pretendente, o casal pode combinar para conversarem, sempre que for na presença de um familiar, amigo ou local público. Após esse curto espaço de tempo, que pode variar de acordo com o casal (em geral, dura semanas ou poucos meses), se houve simpatia entre o casal, é realizado noivado (*khutba*) momento que se faz o pedido oficial de casamento. Para realização do noivado, quase sempre, os pais do homem

⁷⁵ Palavra árabe, equivalente ao que conhecemos por diabo, na tradição cristã.

vão até a casa da pretendente para pedir aos pais da mesma, sua mão em casamento, sendo aceito, o casal está noivo, já que não existe namoro no Islã. O período do noivado também é curto (poucos meses) e dura o suficiente para que o casal converse, conheça as intenções de cada um e arrume os preparativos para oficializar o casamento, caso seja confirmado o desejo de se casarem. Também neste período o casal não pode se tocar. Como dizem em campo “*Se você quiser começar certo um relacionamento, entre pela porta da casa e não pela janela*”.

Contudo, segundo uma de minhas interlocutoras, nos últimos dez anos, jovens muçulmanos nascidos no Brasil, de origem árabe-islâmica, encontraram uma maneira para vivenciar o período de namoro que é o chamado “*Katb el Kitab*”, que significa literalmente “escrito no livro”. A realização do *Katb el-Kitab* permite que os pretendentes possam se tocar, beijar e saírem sozinhos antes do casamento oficial porque perante a religião já estão casados, mas caso o relacionamento não dê certo, eles podem desmanchar a união sem grandes aborrecimentos pois, é pressuposto que a mulher preserve sua virgindade. Porém, se o relacionamento se desenvolve de maneira que agrada o casal, esses então oficializam a união e fazem uma festa para celebrar. É importante salientar que, segundo minha interlocutora, ela nunca observou esse tipo de comportamento em jovens muçulmanos revertidos e nem em jovens muçulmanos orientais, tendo visto apenas em jovens brasileiros nascidos de famílias árabe-muçulmanas. Segundo Sheik Bukai, “*o Katb el-kitab é o próprio contrato que é feito entre o noivo e o procurador da noiva, seja o pai ou outra pessoa, então, a partir desse Katb el-kitab eles se tornam marido e mulher*”.

Como afirma Bouhdiba (2006), a visão islâmica sobre a sexualidade não é de negação, uma vez que consideram o amor como lei da vida e, sendo ele realizado torna-se uma maneira de agradecer a Deus. De acordo com o autor, o amor muçulmano é um amor sem pecado e sem culpa, no entanto, sua fruição deve caminhar de mãos dadas com a responsabilidade. Sobre esse assunto, Sheik Bukai sempre cita o exemplo da eletricidade. Nesse exemplo, diz ele que devemos observar a lâmpada, pois dentro dela existe o encontro de dois polos, o positivo e o negativo, que irá produzir a luz. Mas, se esse encontro ocorrer fora da lâmpada o resultado não será o mesmo, pode ocorrer desde um choque até um incêndio (brinca ele). E ele pergunta, “*Por que isso ocorre já que ambos são um encontro?*” e, em seguida, responde “*Porque dentro da lâmpada existe um ambiente que foi preparado*”. Nesse sentido, assim é a família quando constituída dentro do casamento “*vai gerar filhos abençoados, uma sociedade abençoada*” diz Sheik Bukai, e complementa, “*os direitos da criança no Islã começam antes do nascimento, eles começam quando você vai escolher um marido ou uma esposa*”. Nesse modelo religioso, entende-se que o casamento é a base da sociedade muçulmana.

Em dezembro de 2013, durante um “*Campo de Leitura*”⁷⁶, realizado por uma comunidade turca situada no Brasil (a qual realizei parte do meu trabalho de campo), tive a oportunidade de conversar com o Sr. Hamazan - um estudioso do Alcorão e um dos alunos do líder religioso desse grupo.

Figura 44 – Campo de Leitura

Crédito: Flávia Andréa Pasqualin

Assim, o Sr. Hamazan, ao responder uma de minhas perguntas sobre família diz;

... o objetivo é construir uma sociedade perfeita, família é a semente. Família perfeita irá educar melhor os filhos. Muito importante para o Islã. Há tarefas da esposa como educar os filhos e tarefas do marido que é sustentar a casa. Mas o homem também deve colaborar nas tarefas da casa! Veja o exemplo do profeta que ajudava sua esposa nos afazeres domésticos. (Pasqualin & Barbosa, 2016b, p.115 - tradução simultânea feita por um dos turcos participante, falante do português)

⁷⁶ Todos os anos, no período de férias escolares, geralmente no final ou início do ano, a comunidade turca situada no Brasil, a qual desenvolvi parte da minha pesquisa de campo, se reúne para realizar um retiro religioso, chamado por eles de “Campo de Leitura” onde realizam leituras e práticas religiosas.

Nessa perspectiva, a formação de uma família vai muito além de uma simples realização pessoal. A família também está ligada ao dever cívico perante a humanidade.

Portanto, de acordo com a religião, há que se observar algumas diretrizes para que esse casamento possa acontecer de forma satisfatória. Para Sheik Bukai, elas existem para que os direitos de ambas as partes possam ser respeitados e dessa forma, procurar garantir a felicidade do casal. Como costuma dizer Sheik Jihad, o Islã, como um todo, existe para facilitar a vida dos fiéis.

Segundo Abdalati (1989), o Islã postulou algumas normas para assegurar o sucesso desse casamento, são elas: 1) o conhecimento mútuo; os cônjuges devem tomar conhecimento de que não há conduta imoral, enganosa ou exploradora de nenhuma das partes envolvidas; 2) o homem, em especial, deverá escolher sua esposa baseado na sua devoção religiosa, integridade moral, caráter e não tomando por base sua beleza, fortuna ou prestígio familiar; 3) à mulher é dado o direito de escolha para assegurar que o homem escolhido seja companheiro merecedor de seu respeito e amor; 4) a mulher é dado o direito ao dote de acordo com o nível financeiro do homem, como também é dado o direito de escolher um pequeno dote ou dote algum; 5) o casamento deve ser realizado publicamente e de forma alegre, assegurando o livre consentimento de ambas as partes, sem o qual o casamento não é válido; 6) todos os casamentos para que tenham caráter legal devem ser testemunhados por dois adultos e registrados em documentos oficiais; 7) o sustento da mulher é dever do marido, seus bens ou propriedades adquiridos antes e depois do casamento só a ela pertencem. Dessa forma, diz o autor que ambos devem se “esforçar-se por satisfazerem as condições de idade conveniente, compatibilidade geral, dote suficiente, boa vontade, livre consentimento, abstenção de egoísmo no sentido de propriedade, intenções honradas e sensatez” (p.179).

Sendo assim, entende-se que os cônjuges devam ser solteiros ou legalmente desempedidos. Ainda assim, para o homem muçulmano está vedado casar-se “com as mulheres que desposaram os vossos pais” (Alcorão, 4:22), como também com

... vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas nutrizes, vossas irmãs de leite, vossas sogras, vossas enteadas que estão sob vossa tutela – filhas das mulheres com que tendes coabitado; porém, se não houverdes tido relações com as mães, não sereis recriminados por desposá-las. Também está vedado casar com vossas noras, esposas de vossos filhos carnais, bem como unir-vos, em matrimônio, com duas irmãs (Alcorão, 4:23)

E sobre as mulheres aptas a se desposar, também existem algumas recomendações, tais como: a mulher pretendida para se casar com um muçulmano não precisa ser, necessariamente, muçulmana, podendo ser judia ou cristã, como diz esse versículo (*ayat*) da surata “*Al Máida*”: “Está-vos permitido casardes com as castas, dentre as crentes, e com as castas, dentre aquelas que receberam o Livro⁷⁷ antes de vós, contanto que as doteis e passeis a viver com elas licitamente ...” (Alcorão; 5:5). Conta-se que o Profeta disse que, em geral, a mulher é pedida em casamento pela sua fortuna, beleza, nobre linhagem ou qualidades religiosas, mas bendito será aquele que escolher a sua companheira pela sua piedade em vez de qualquer outra qualidade (Abdalati, 1989).

Contudo, de acordo com a grande maioria dos casos encontrados em campo, se a família for religiosa a tendência será fazer com que o homem se case com uma muçulmana, da mesma nacionalidade, porque existe a preocupação com a educação religiosa dos filhos do casal, em sendo a esposa muçulmana, há uma garantia maior de que as crianças seguirão o Islã como também sobre a própria felicidade do casal que compartilhará de ideias em comum. Entretanto, uma mulher muçulmana não poderá se casar com um não muçulmano, pois este homem deverá ser muçulmano nato ou revertido.

Em “*O palhaço e sua filha*”, da autora Halide Edip Adivar (2011), a menina Rabia conversa com a senhora Sabiha sobre essa questão, vejamos

“Senhora, o que acontece se uma garota muçulmana se casar com um cristão?” “Mas que pergunta! Não acontece nada, pois algo do gênero nunca ocorre; é contra a lei.” “... Mas homens muçulmanos se casam com mulheres cristãs...” “Ah, minha filha, os homens são diferentes, você não sabia?” (p.15).

Segundo três interlocutoras (duas de origem turca e uma de origem brasileira), todas elas afirmaram que essa recomendação existe para proteger os direitos da mulher

... porque se o homem não for muçulmano e não deixar a mulher viver com o Islã, a vida para ela ficará uma tortura. Pela natureza nós somos mais fracas. E no casamento, para andamento de um casamento os casais, principalmente as mulheres, não conseguem agir como querem em muitas ocasiões (interlocutora turca)

⁷⁷ O Islã utiliza a terminologia “Povos do Livro” para designar os povos (judeus e cristãos) que tiverem seus livros sagrados revelados por Deus, no caso, a Torah e a Bíblia respectivamente.

... hoje eu não uso o véu, mas chegará um dia que irei usá-lo, e aí se meu marido não for muçulmano e não quiser que eu use? (interlocutora turca)

... assim podemos viver nossa religião com mais tranquilidade e também é mais fácil quando a gente compartilha as mesmas ideias (interlocutora brasileira)

(Caderno de campo)

Em conversa com Sheik Jihad, ele explica que essa recomendação existe para preservar os direitos da mulher para que ela possa praticar sua religião, o que corrobora as falas das interlocutoras. E acrescenta que, da mesma forma o muçulmano casado com uma mulher de outra religião deve respeitar sua prática religiosa. Todavia, à mulher muçulmana também é dado o direito de escolha do parceiro, com tanto que seja muçulmano, como mostra esse versículo da surata “*An Nissá*”; “Ó crentes, não vos é permitido herdardes as mulheres, contra a vontade delas, nem as atormentardes ...” (Alcorão, 4:19). Também viúvas e divorciadas têm liberdade para se casarem com alguém de sua escolha (Azim, n.d). Das brasileiras que participaram dessa pesquisa, apenas uma havia sido casada antes de contrair matrimônio com o muçulmano estrangeiro, as demais eram solteiras. Assim como, apenas uma possuía idade⁷⁸ superior à do marido, mas a família dele não sabia porque essa não é uma prática usual e nem bem aceita, embora a primeira esposa do Profeta Mohammad, Khadija, fosse 15 anos mais velha que ele.

Nesse sentido, Sheik Bukai, em sua **segunda aula** sobre casamento, atenta para a questão da religiosidade da pessoa escolhida. Para ele, a pessoa que tem “temência” a Deus sabe quais são os seus direitos e quais são os seus deveres frente ao parceiro porque é um conhecedor da importância do casamento, de modo que, comportamentos injustos podem ser evitados. No entanto, ressalta que religiosidade não quer dizer apenas que a pessoa é religiosa, mas que, para além de sua religião, ela também possui bom caráter. Segundo ele, pode haver pessoas religiosas e sem caráter porque elas praticam apenas os rituais religiosos, como já foi alertado em itens anteriores. Por isso, diz ele, que é preciso olhar para o comportamento do pretendente e conhecer também a família do mesmo ou mesma, uma vez que não considera ser suficiente apenas conhecer a pessoa.

⁷⁸ A questão da idade costuma ser bastante debatida em campo, tanto no presencial quanto no virtual. Algumas mulheres citam o exemplo do Profeta Mohammad que se casou com Khadija (sua primeira esposa), viúva e 15 anos mais velha que ele. No entanto, a família espera que a esposa seja jovem devido a preocupação em gerar filhos, já que crianças são muito bem vindas em sociedades muçulmanas.

Com efeito, verifica-se que, no Islã, é sempre preferível, tanto para homens quanto para mulheres, o casamento com pessoas da própria religião como mostra esse versículo da surata *Al Bâcara*

Não desposareis as idólatras até que elas se convertam, porque uma escrava fiel é preferível a uma idólatra, ainda que esta vos apraza. Tampouco consentais no matrimônio das vossas filhas (muçulmanas) com os idólatras, até que estes se tenham convertido, porque um escravo fiel é preferível a um livre idólatra, ainda que este vos apraza. Eles arrastam-vos para o fogo infernal; em troca, Deus, com Sua benevolência, convoca-vos ao Paraíso e ao perdão e elucida os Seus (Alcorão, 2: 221).

Por isso, entre os muçulmanos, geralmente, a pretendente é indicada pela própria família; pode ser uma vizinha, filha de uma amiga, uma prima ou alguma outra moça conhecida da família. Como me disse Paula (34 anos, uma de minhas interlocutoras de origem árabe); *“Todos os casamentos que fui até hoje, os noivos se casaram por indicação, o pessoal da minha idade já começou a escolher, mas duas conhecidas que se casaram com brasileiros (não-muçulmanos) se deram super mal. Bem melhor os casamentos que os pais arrumam (risos).”* E me explica, *“É assim, alguém indica e a família vai na casa da noiva pra ela servir o chá/café, sabe? Se você sentir aquele algo a mais pelo cara, aí você fala que quer noivar e casa”*. Sobre essa tradição de servir o café, uma interlocutora turca conta (em tom de brincadeira) que, há uma tradição na Turquia, na qual a noiva faz café para a família do noivo e, na xícara do noivo se coloca sal ao invés do açúcar, pois, se ele tomar e não reclamar é porque será um bom marido!

No início desta pesquisa, me deparei com um muçulmano, sua esposa e um filho bebê no shopping da minha cidade enquanto caminhava com uma amiga muçulmana. Ambas as mulheres – a esposa e minha amiga – usavam *hijab* o que tornou o encontro inevitável, já que raramente avistamos mulheres de *hijabs* em Ribeirão Preto, cidade situada no interior de São Paulo. Assim, a conversa logo estava dada e o homem muçulmano, de origem libanesa, me contou que morava no Brasil há oito anos e havia sido roubado pela namorada brasileira. Cansado das dificuldades da vida de um imigrante, pensou em voltar para sua cidade no Líbano, mas sua mãe disse que ele precisava se casar com alguém do “costume” dele e então, mandou que ele voltasse para “buscar” a filha de uma vizinha, a qual ela sabia que estava procurando casamento e era uma boa pessoa. Foi o que ele fez.

Casos como o narrado acima é comumente encontrado em campo, tanto presencial como virtual. No virtual, há várias histórias em que as brasileiras contam que foram deixadas pelos namorados virtuais porque esses já tinham uma pretendente arranjada pela família, o que torna ainda mais difícil a aceitação de uma pretendente estrangeira pela mesma. Dentre os maridos de minhas interlocuras, apenas um era prometido para uma prima e outro era consultado, insistentemente, por sua mãe sobre as moças indicadas por ela. Esses dois homens, um de origem turca e outro de origem síria, provinham de famílias bastante religiosas.

Bouhdiba (2006) narra a naturalidade com que esses casamentos arranjados acontecem, sendo muitos deles arranjados desde a infância;

Toda sua infância e toda sua adolescência, tal menino e tal menina são educados segundo a ideia de que eles estão prometidos um ao outro. Eles percebem-se, por antecipação, como futuros marido e mulher. ... pode-se afirmar que o ‘flerte’ com a prima, com a vizinha, a filha ou a irmã de um amigo está longe de ser excepcional (p.260).

Leila El Hayek, num depoimento para o filme “*Caminhos para o Hajj - Ahmed Hayek*”, o qual conta a história de vida de seu próprio pai, um muçulmano libanês, diz “*O casamento foi ele (o pai) que escolheu. E a gente casou, graças à Deus deu tudo certo*” (Campos, 2017: 13’41”). Logo em seguida, sua irmã Zaine El Hayek, complementa “*Nós fomos criadas assim. É a cultura. ... Aceitamos numa bod*” (Campos, 2017:13’47”). Contudo, de acordo com o Alcorão, ambas as partes devem aceitar o casamento, caso um deles não concorde o casamento não pode ser validado.

É importante dizer que, para a maioria dos jovens muçulmanos (oriundos de famílias islâmicas) a opinião da família é quase uma sentença, sendo muito difícil um filho contrariar a decisão dos pais. Uma de minhas interlocutoras turcas, contou que havia se apaixonado por um jovem turco mas os pais não concordavam e, então, ela sabia que não poderia levar aquela paixão adiante. Zeynep, nome fictício, me disse; “*quem ama mais você no mundo? Os pais. Então, eles querer o melhor pra mim*”.

Atualmente, jovens muçulmanos europeus e norte-americanos podem procurar por parceiros e parceiras por meio de sites de namoro voltados para praticantes da religião, como o site “*SingleMuslim.com*” criado por Adeem Younis há 17 anos, o qual diz ter desenvolvido o site porque estava cansado de passar constrangimentos cada vez que sua família resolvia levar uma pretendente para jantar na sua casa. Seu site, no ano da entrevista, tinha cerca de 1 milhão de membros e dizia formar cerca de quatro casais por dia. Segundo a reportagem, também

existem outros sites como é o caso do “Muslimmatrimony.com” que permite buscar usuários que seguem diferentes vertentes do islamismo, assim como filtrar os resultados pelo idioma falado. Há ainda o “Ishqr.com”, que diz ser o lugar perfeito para feministas em busca de um companheiro feminista, ousado e humilde (Green, 2014).

Figura 45 – Site de Paquera

Recuperado em:
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141212_musulmanos_namoro_online_hb

De acordo com a reportagem citada acima, os sites se tornam mais uma oportunidade de encontrar parceiros ou parceiras além do recrutamento feito pela família, uma vez que praticantes da religião não frequentam bares ou boates. No entanto, essa é uma prática de jovens muçulmanos ocidentais, pois em países do Oriente Médio encontrar a pessoa ideal via sites de relacionamento não é uma prática usual. Diz um jovem tunisiano, na reportagem, *"Famílias muito religiosas preferem que seus filhos conheçam seus parceiros pelos meios tradicionais, através da família. Para eles, conhecer alguém pela internet não é algo natural, e isso é visto de forma suspeita"* (Green, 2014, s.p).

Juliana, minha interlocutora, contou que o marido turco enfrentou a opinião da mãe por três anos para que ele não se casasse com uma estrangeira. Já cansada de tantas adversidades, ela pensou em voltar para o Brasil, mas para que a namorada⁷⁹ não fizesse isso, o turco tentou mais uma vez conversar com seus pais.

Segundo Juliana, há um respeito muito grande pelos pais, que aos olhos de uma brasileira pode parecer algo excessivo, mas se os pais não cedessem, ela acredita que muito provavelmente, eles não teriam se casado. O namorado chegou a dizer para ela: *"eu te amo, de*

⁷⁹ É importante explicar que na Turquia, entre jovens ditos “modernos”, existe o namoro. Na maioria das vezes, de uma forma bastante conservadora para os padrões brasileiros, pois, ainda que o jovem seja moderno, sua família pode não ser.

todo o meu coração, mas enquanto meus pais não permitirem, não posso fazer isso com eles". Ela acredita que os pais acabaram cedendo porque já não aguentavam mais ver o filho solteiro e diz ela; *"o que pode ser uma tristeza enorme para pais aqui"*, pois já tinham se passado quase 3 anos, e ele ainda não tinha mudado de ideia. Ela conta que numa última conversa, o namorado havia chorado muito e os pais disseram que já não aguentavam mais ver o filho daquele jeito e aceitariam. A sogra já havia feito de tudo para acabar com o romance, pois queria que o filho se casasse com uma vizinha. Ela alegava que Juliana era estrangeira e não conhecia os costumes turcos. Durante esses episódios, a mãe chegou a ficar 3 meses sem falar com o filho e Juliana conta que ele ficou "transtornado". Contudo, uma irmã da sogra, que mora na Europa, tentou ajudar o casal e conseguiu que a irmã aceitasse conhecer a futura nora. Mesmo depois do encontro, continuaram não querendo a união até que acharam por bem pedir um conselho ao *Iman*⁸⁰. Na ocasião, a família do turco fez uma oração⁸¹ específica do Alcorão (a qual Juliana não soube dizer o nome) para que a resposta viesse em sonho. Tendo vindo a resposta positiva, a sogra resolveu vê-la novamente. No início, a família turca questionava muito sobre a religião dela, os sogros questionavam sobre as cinco orações diárias, sobre se ela estava ou não lendo o Alcorão. A pedido do próprio turco, ela não disse para a família que era cristã – o que lhe rendeu várias discussões com ele – mas também nunca pediu para que se tornasse uma muçulmana ou mentisse para a família. Com o tempo, depois de casada, ficou obvio que ela não era muçulmana, e os sogros disseram para o marido; *"Eh, sabemos que ela não é muçulmana. Está claro"*. E ficou por isso.

Então, podemos pensar que este tipo de casamento intercultural pode ser um motor para a reversão de brasileiras ao Islã?

⁸⁰ Autoridade religiosa no Islã.

⁸¹ De acordo com alguns fieis consultados, esta é uma tradição do Profeta que ensinava aos seus companheiros a invocação (*istikhāra*) como traz o site religioso "Islam em Linha", no item "A Oração Para Consultar Deus (Salat Al-Istikhāra)". Segundo o site, o Profeta dizia que *"Se algum de vós tem a intenção de fazer alguma coisa, que pratique uma oração de duas genuflexões, à parte das obrigatórias"*. Em seguida, deve dizer: *Allahummaa ini astakhiruka bi-ilmika wa'astakdiruka bi kudratika wa as'aluka men fadlikal-ázim fa-inaka takdiru wala akder wa ta'alamu wala 'alam wa anta 'allamu-ghuyub. Allahumma in kunta ta'alamu ana haza el-amr(menciona o que é) amr khairun li fi dini wa ma'ashi wa akibete amri, fakkedirhu li wa yasserhu li summa barek li fih, wa in kunta taalamu Anna hazal-amr sharrun li fi dini wa maashi wa aakibaeti amri, fa-osrifhu anni wa-esrifni aanhu wa kadder lil-khaire summa ardini bihi*. Traduzido por: Senhor Deus! Eu baseio minhas escolhas no Teu saber, recebo a minha capacidade da Tua, imploro a Tua generosidade infinita; és de fato, capaz, enquanto eu não sou; Tu sabes, eu não sei. Senhor Deus! Se Tu sabes que este assunto (e ele dia a ação que tem intenção de realizar) é bom para mim na minha religião, na minha vida atual e na futura (ou no meu próximo ou distante porvir) destina-o, torna-o fácil e o abençoa para mim. Se Tu sabes que este assunto (e o designa também) é ruim para mim na minha religião, na minha vida neste mundo e no outro (ou no meu próximo ou distante porvir), afasta-o de mim e afasta-me dele. Destina-me o bem, onde este se encontre e faz com que eu fique satisfeito. (Recuperado em: <http://islamemlinha.com/index.php/artigos/5-pilares-do-islao/item/a-oracao-para-consultar-deus-salat-al-istikhara>)

Durante a realização dessa pesquisa foi possível observar nas redes sociais, em conversas com interlocutoras responsáveis por comunidades no Facebook, como também em conversas com Sheik Bukai, o grande número de brasileiras que buscam conhecer a religião e se convertem ao Islã devido a relacionamentos amorosos, em especial, os virtuais. Como por exemplo; "Meu namorado é de Bangladesh e é muçulmano. Ele nunca falou nada sobre a religião, dizia que eu não ia entender. Mas eu falei que eu viria aqui (mesquita) pra entender" (Costa, C., 2015, s.p).

Nota-se, também, o número de mulheres que se reverterem ao Islã está ligado muito mais aos casamentos com muçulmanos árabes (são a maioria), do que com muçulmanos turcos, fato também observado por uma de minhas interlocutoras, casada com um muçulmano egípcio, sobre seu grupo de amigas. Contudo, não é possível responder a essa questão de forma simplista, mas como uma primeira tentativa de entendê-la, acredita-se no fato da Turquia, pós-Atatürk⁸², ter se mantido oficialmente secular e vivido fortemente uma “ocidentalização” implantada pelo regime kemalista, principalmente, nos grandes centros em que ele começou. Assim, uma primeira hipótese é quanto ao grau de religiosidade desses jovens. Pois, todas as brasileiras casadas com muçulmanos turcos, pertencentes a uma comunidade turca que está no Brasil a serviço de ideais comerciais e religiosos são revertidas ao Islã, o que confirma minha hipótese quanto ao envolvimento religioso do homem e não quanto a sua nacionalidade.

Dessa forma, se averigua que, o Islã tem se aproximado, na maioria das vezes, da mulher brasileira via relacionamento amoroso, como aponta algumas pesquisas, tanto por meio dos relacionamentos virtuais, seja com muçulmanos árabes ou turcos, como por meio de relacionamentos presenciais via imigração dos mesmos em nosso país.

Todavia, sendo a brasileira revertida ou não, outra recomendação presente no Alcorão é a questão do “dote” (*mahr*⁸³) que deve ser oferecido pelo homem muçulmano, tanto para o casamento com muçulmanas quanto para não-muçulmanas, como pode ser visto: “E concedei às mulheres, no casamento, suas *saduqat*⁸⁴ ...” (*Alcorão*, 4:4).

A intenção da exigência do dote ao homem, segundo Abdalati (1989), é para garantir à mulher que o homem está preparado para arcar com suas responsabilidades financeiras e também para mostrar à mulher o quanto ela é desejada.

⁸² Fundador da República da Turquia. Viveu entre os anos de 1881 a 1938. É aclamado pela maioria da população na Turquia como “o pai dos turcos”.

⁸³ *Mahr* significa “presente da noiva”, no Brasil foi traduzido como “dote” e, assim é referido no campo religioso brasileiro, motivo pelo qual adoto neste trabalho. Segundo Moura (2002), o dote é uma antiga prática, herdada dos portugueses, que conferia a família da noiva oferecer a família do noivo uma quantia em bens ou dinheiro, a “moça sem dote corria o risco de morrer solteira” (p.246). Por isso, é válido esclarecer que esse termo não existe no Islã.

⁸⁴ Mesmo que *mahr* (dote).

Muitas vezes, essa questão é vista por não-muçulmanos como uma compra; a compra da mulher. E, referem-se ao casamento islâmico como puramente contratual, no entanto, pode-se ver que o Islã não nega o caráter contratual e ainda recomenda a presença de um tutor (*wali*⁸⁵) para realizar as negociações financeiras pertinentes ao casamento, mas soma-se a ele também o compromisso espiritual quando se invoca as responsabilidades morais que devem estar presentes na condução do casamento.

Em conversa com Sheik Bukai sobre o dote, ele reforçou que essa é uma garantia para a mulher, uma prova de que o homem tem capacidade de sustentar sua esposa e sua família. E disse, com sorriso no rosto; “*você precisa mexer no bolso para ele levar o assunto com mais seriedade, não assim com brincadeira*”. Sheik Bukai disse também que o dote não, necessariamente, precisa ser algo material, ele pode ser o ensinamento de versículos do Alcorão, pré-acordados entre os noivos. No entanto, o dote deve ser para a mulher uma segurança financeira mediante um divórcio ou uma viuvez, pois os valores advindos do dote pertencem apenas a mulher, podendo ela gastar como e onde quiser. De acordo com Ali (2010), o dote tem servido historicamente como uma importante fonte de capital econômico para as mulheres. É preciso ter em mente que, na maioria dos países de tradição islâmica o mercado de trabalho para a mulher é escasso, assim como, no caso de ter filhos, as estruturas para essa mulher deixá-los em segurança enquanto enfrenta uma jornada de trabalho.

Segundo Sheik Jihad embora o dote seja obrigatório, a falta de pagamento do mesmo durante a realização do contrato de casamento ou até mesmo a falta de mencioná-lo neste momento não irá anular o casamento, porém se após o casamento houver alguma divergência, a mulher receberá um dote, o qual será negociado entre as partes envolvidas. Ele ainda acrescentou que, se o marido falecer, esse dote será retirado da herança dele, antes dela ser dividida, e doado a esposa.

Contudo, diz Sheik Jihad, no Alcorão existem um conjunto de leis sobre o casamento que servem para proteger o casal e principalmente a mulher, como é o caso do dote, assim, um homem proveniente da religião islâmica sabe de sua responsabilidade ao contrair matrimônio, mas a mulher – no caso, a brasileira – que não é muçulmana e provém de um país de tradição católica, desconhece seus direitos e acaba ficando desprotegida caso algo de insatisfatório venha ocorrer no casamento.

⁸⁵ *Wali* pode ser o pai da noiva (geralmente é) ou qualquer pessoa do sexo masculino responsável por ela, incluindo até um líder muçulmano (alguém influente na comunidade islâmica) caso ela não tenha um. O *wali* deve ser muçulmano.

No cenário do Brasil o que pode se ver é, mesmo sendo a brasileira muçulmana, seus pais ou irmãos não poderiam desempenhar o papel de *wali* para realizar as negociações porque eles, na maioria das vezes, não são muçulmanos e desconhecem as regras para tal, uma vez que a questão do dote não faz parte da nossa cultura. Assim sendo, não se torna algo relevante que poderá impossibilitar ou dificultar a realização do casamento como acontece no Egito, por exemplo. Segundo algumas interlocutoras, a crise econômica interna do país e as altas exigências feitas pelas egípcias quanto ao dote faz com que o casamento com uma estrangeira (em especial, a latina) se torne mais viável para os egípcios que não possuem uma situação financeira favorável para assumir um casamento em seu país.

Durante a realização desta pesquisa, a maioria das brasileiras casadas com árabes ou turcos que me deparei não havia recebido o dote durante o contrato de casamento, tanto as que se casaram no Brasil quanto as que se casaram no país do marido, o que pode reforçar a ideia de que o casamento com as latinas pode ser mais “barato” devido ao não pagamento do dote. Quanto aos turcos, a questão pode ser um pouco diferente, como explicarei logo mais.

Muitas vezes é declarado no contrato do casamento religioso o valor do dote, mas a noiva também pode perdoar essa dívida caso o homem não tenha aquele valor para oferecer, como ocorreu com uma de minhas interlocutoras casada com um turco. Uma vez que, ela perdoou o marido desse pagamento, ele não possui mais a obrigação de saldá-lo, caso contrário, em algum momento de suas vidas o marido deveria quitar o valor combinado. Outra interlocutora, casada com um egípcio no país do marido, assinou que concordava com uma quantia mínima (porque desse valor ainda era preciso pagar imposto ao governo), mas disse que o marido prometeu a ela um bracelete de ouro que será dado assim que tiver condições financeiras. Contudo, ela salienta que o cunhado egípcio, que se casou com uma conterrânea, deu vários objetos (colares, pulseiras e anéis) de ouro e um apartamento para a cunhada. Estes são alguns exemplos de como o dote pode ser negociado e como tem ocorrido com as brasileiras.

Todavia, segundo Abdalati (1989), seja qual for o dote que o homem ofereça à sua esposa, este pertence somente a ela, assim como tudo o que ela tiver adquirido antes e/ou depois do casamento lhe pertence com exclusividade. A comunhão dos bens não é obrigatória.

Outra questão referente ao dote, especificamente na Turquia, que escutei de algumas brasileiras é que “ele está fora de moda”. No entanto, ao levar essa questão sobre o dote “fora de moda” na Turquia para uma de minhas interlocutoras turcas, ela me explica que isso não está correto, segundo ela, ele não está fora de moda já que é uma prescrição religiosa. Hart (2007) vai dizer que, de acordo Virgin (1985, p.573) “a poligamia, o dote e o casamento arranjado são considerados atrasados pelo Estado turco e, conseqüentemente ilegal”. Segundo Hart (2007)

essas práticas são associadas a atitudes sociais atrasadas, “orientais”, e por essa razão as pessoas (turcas) preferem se afastar de discussões que possam revelar essas práticas.

Contudo, salienta-se que, mesmo entre as famílias tradicionais (religiosas) começa a haver mudanças na maneira de efetuar o pagamento do dote. Uma de minhas interlocutoras casada com um turco relata que

... o primo do meu marido contou que está impossível casar na Turquia, que as mulheres estão pedindo 20 pulseiras de ouro e a família do noivo se mata pra comprar, faz dívida, dão para o noivo entregar a noiva e depois ela vende e compra coisas para a própria casa e não para ela. E ele fala, não é melhor, então, comprar a geladeira? O sofá? (Caderno de campo)

De acordo com Stuart Hall (2014) os fluxos culturais e o consumismo global criam “identidades partilhadas”, pois quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas. No entanto, Hall, assim como Burity (2001) e Coll (2002), combate a ideia de homogeneização cultural advinda da globalização e, adota o conceito de “tradução”, o qual descreve as formações de identidades que atravessam e intersectam fronteiras. Pois para ele, as pessoas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem serem assimiladas ou perderem suas identidades porque elas são o produto de várias histórias e culturas interconectadas, assim, elas se “traduzem” e perdem qualquer tipo de pureza, como parece ocorrer com o dote na Turquia, já que as situações relatadas acima evidenciam a introdução de um costume “ocidental” que é utilizar o dinheiro ganho no casamento para mobiliar a casa, todavia esse dinheiro vem por meio do dote. Assim, a globalização pode difundir valores e com isso acabar por uniformizar um dado grupo, no entanto ela não esteriliza identidades, pois os grupos culturais não recebem os valores globais como um “pronto-a-vestir”, eles selecionam-nos e até modifica-os quando necessário (Lucas, 2011), o que Hall chamou de tradução. Entretanto, podemos pensar também que essa forma de “dotar” a futura esposa, hoje, seja para além das questões relacionadas a globalização, uma forma de resistência da religião em se fazer presente numa sociedade que tentou apagar a religiosidade de seu povo. Uma forma de preservar a identidade muçulmana em meio aos fluxos culturais.

Ulf Hannerz (1997) já falou das culturas em fluxo, culturas que se encontram e se reorganizam num dado espaço e atentou para que, embora esse processo pareça fácil não se deve interpretá-lo como uma questão simples, pois ele deve ser visto como uma fonte infinita

de “deslocamentos no tempo” (p.15), podendo alterar também o espaço, como é o caso peculiar da Turquia sobre a comemoração do Ano Novo com enfeites natalinos. É sabido que em países muçulmanos o Natal não é comemorado já que não são seguidores de Jesus Cristo, no entanto, é possível observar nesta época, em Istambul, a decoração natalina como nós, de tradição cristã, conhecemos. Pode-se ver árvores de Natal na Turquia com a inscrição “*Mutlu Yallar*”, que significa Feliz Ano Novo! Para os moradores de Istambul e Ankara, por exemplo, Papai Noel e árvore de Natal foram relacionados a passagem do ano. Nas cidades menores não se encontra nenhuma referência ao Natal.

Assim também acontece com as celebrações do casamento que irão depender do país, da região e da família em que ele é realizado. Pode-se dizer que há várias maneiras de comemorá-lo. Na Turquia, por exemplo, existe um roteiro clássico para o casamento turco, o qual apresento em “Apêndice C”, tomando por informante minha interlocutora virtual Juliana (a qual realizou todos os passos descritos em seu casamento), algumas mulheres da comunidade turca e também relatos da minha experiência etnográfica.

Contudo, de forma geral, é recomendado que o casamento islâmico seja celebrado publicamente como preconiza a religião, pois da sua exposição provém sua validade. Disse o Sheik Al-Islam Ibn Taymiyah

Não há dúvida de que um casamento que é anunciado publicamente é válido, mesmo que não seja testemunhado por duas testemunhas, mas se ele estiver escondido e mantido em segredo, será um assunto sobre o qual haverá algum debate. Se há testemunhas e também é anunciado publicamente, não haverá dúvidas em relação a sua validade. Mas, se não há testemunhas e não é anunciado publicamente, então é inválido de acordo com todos os estudiosos ⁸⁶.... (Abdul-Rahman, 2004, p. 7 - tradução minha)

Algumas regiões da Turquia, geralmente em cidades menores, ainda guardam esse preceito religioso mais preservado, como pode ser visto nos “casamentos de rua” em que o noivo vai até a casa da noiva para buscá-la e juntos, seguem à pé, festejando, com os demais convidados e os músicos rumo ao cartório.

⁸⁶ Do original: “There is no doubt that a marriage that is publicly announced is valid, even if it is not witnessed by two witnesses, but if it is hidden and kept secret, it will be a subject on which there will be some debate. If there are witnesses and it is also publicly announced, there will be no doubt as to its validity. But if there are no witnesses and it is not publicly announced, then it is invalid according to all scholars”

Figura 46 – Casamento de rua na Turquia

Fonte: Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=7ai3b0pzOg4>

Segundo Marcela, interlocutora casada com um egípcio, uma das novidades vivenciadas por ela no dia casamento, realizado no Egito, foi o homem que adentrou a casa da sogra carregado de luzinhas coloridas, perguntando em árabe, quem era a noiva! As luzes estavam presas em um fio que foi pendurado do lado de fora do prédio, pois segundo sua sogra, esse é um costume para celebrar o casamento e uma maneira para que as pessoas saibam que ali existe uma nova união.

Figura 47 – Prédio enfeitado no Egito

Crédito: Foto gentilmente cedida pela interlocutora Marcela

No dia da festa, Marcela conta que a casa estava em rebuliço com os preparativos das comidas. Ela foi levada para tomar banho na casa da vizinha e depois voltou para se arrumar no quarto da sogra. Depois de pronta, ela ouviu as mulheres gritando o tradicional lalalalalalalalalal⁸⁷ e entendeu que era para ela aparecer, assim viu o marido sorrindo, que pegou em seu braço e saíram pelas ruas rumo ao estúdio para fazer fotos. O caminho foi percorrido com as mulheres (cerca de 10) andando atrás do casal e gritando o lalalalalalalalala.

No Brasil, dentro de uma mesquita realiza-se apenas o casamento religioso, momento em que a mesquita fornece um documento atestando a união do casal. Segundo Sheik Bukai, esse documento é entregue apenas para os casais devidamente casados no civil ou para aqueles que já deram entrada nos papeis para oficializar a união. É importante dizer que, para a cerimônia religiosa, a qual é bastante simples, é preciso apenas a presença de uma autoridade religiosa, a noiva e seu wali, o noivo e duas testemunhas. Não existe decoração com flores e nem música, também a noiva não usa vestido especial, assim como o noivo não precisa trajar roupa de gala. Contudo, geralmente, além da cerimônia religiosa, a ocasião aceita muita festividade, as quais são variadas e irão depender de cada país, assim como da região, da condição financeira dos noivos e também da disposição deles para tal. No próximo item desta tese, o leitor poderá acompanhar todas as festividades que envolvem um casamento tradicional realizado na Turquia. Sobre as interlocutoras dessa pesquisa, a maioria se casou apenas no civil, outras além do civil fizeram festa também e apenas uma delas se casou apenas no religioso porque aguarda legalização dos documentos do marido que está no Brasil como refugiado.

Em sendo assim, após vivenciar os procedimentos para a oficialização do casamento é preciso mantê-lo, pois ao assumirem esse “contrato matrimonial”, marido e esposa devem zelar pela permanência do mesmo, o que, segundo os sunitas, afasta seu caráter temporário como é o caso do “*Nikah al-mut’a*”, aceito na vertente xiita do Islã.

Nikāḥ al-mut’ah significa, literalmente, “casamento de prazer” (Hans, 1994), também conhecido no Irã por *sigheh*. Vale dizer que, esse tipo de casamento tem uma duração pré-determinada, que pode durar de 15 minutos a 99 anos e ao final do contrato pode-se prolongá-lo ou não (Moretão, 2016). Segundo a autora, esse tipo de casamento, com exceção a temporalidade, é regido pelas mesmas leis que o *nikah*, como por exemplo, o pagamento do dote e o direito dos filhos nascidos desse casamento. Embora ele seja realizado, em grande parte, devido a questão sexual, o *nikāḥ al-mut’ah* também pode ser feito por meio de acordos que não envolvam sexo, como por exemplo, “uma mulher que quer ficar em casa sem o véu na frente

⁸⁷ Zaghareet: Típico grito árabe onde se bate a língua no céu da boca. Utilizado geralmente para desejar sorte. Pode ser usado também em despedidas, como forma de lamento.

de um parente distante que está morando com a sua família, eles podem estabelecer um *sigheh* restringindo apenas a essa questão, sem envolver qualquer ato sexual.” (Moretão, 2016, pp. 38-39) No mais, segundo a autora supracitada, ele é uma alternativa para que, tanto viúvas (que possuem poucas perspectivas de casamento) quanto homens jovens que ainda não possuem vida financeira para realizar o *nikah*, não se privem dos prazeres sexuais. No entanto, uma das críticas é que esse tipo de união pode levar a prostituição. Feministas como a iraniana Ziba Mir-Hosseini fazem duras críticas a esse tipo de casamento por considerar que de um lado estão mulheres divorciadas, viúvas e pobres e de outro estão homens casados e ricos, o que caracteriza uma exploração do lado mais fraco, quando se acrescenta ainda que na maioria das vezes essas mulheres não podem divulgar a união sob pena de não receberem o “dote” ao final do contrato.

Vale dizer também que, o casamento *Orfi* ou *Urfi*, realizado no Egito, embora seja aceito pelos sunitas, não é considerado um bom casamento (principalmente para estrangeiras) já que ele não é registrado oficialmente e, portanto, não fornece os mesmos direitos, compromissos e segurança como o *nikah*, que é o casamento oficial (Telum, 2016). Sobre esse tipo de casamento é possível encontrar em alguns blogs os alertas de brasileiras, para que as demais, caso venham realizá-lo, que o façam com cautela, como pode ser visto a seguir;

... há uma coisa que as brasileiras devem ficar de olhos bem abertos. Com o casamento Ourfy (ou traduzido como *orfi* em alguns casos). Se ele (o pretendente) está te falando para casar no advogado, que não precisa de todos esses documentos e que casamento Ourfy tem o mesmo valor do casamento que é feito no Ministério da Justiça, ele está mentindo. O casamento Ourfy no Egito está para a União estável no Brasil há uns anos atrás quando ela existia, mas não valia para nada. Esse casamento é reconhecido pela religião, pela família e amigos, mas não tem valor legal nenhum. Não importa o que colocou lá de indenização, o juiz não dará nenhum parecer favorável a você por isso e ele não tem nenhum efeito para obtenção de visto de cônjuge. Ele é apenas uma justificativa perante a sociedade e um alibi perante Allah para fazer sexo e morar junto. Eu fiz o casamento Ourfy e contei aqui, mas por que o casamento oficial é muito burocrático e exige um longo processo que eu já havia dado início, mas não poderia me hospedar no hotel ou morar com ele sem nenhum papel enquanto esperava (Bastos, M., 2017, s.p)

Outro tipo de casamento que também aparece como alerta para as brasileiras é o *Nikah al-Misyar* traduzido como “casamento de passagem”, “casamento do viajante” que é utilizado por alguns homens para se casarem com estrangeiras. Esse casamento é literalmente traduzido

por “visita entre vizinhos” (Jurdi, 2001), existente na vertente sunita. De acordo com Jurdi (2001) a primeira aparição desta forma de contrato de casamento reporta-se a data de 1985. Segundo a autora, o casamento *misyar* se originou na Arábia Saudita, e “em 1995 tornou-se um fenômeno social e se espalhou para o Egito e para outras partes da região do golfo, como Kuwait, Bahrein, os Estados Unidos, Emirados Árabes e Catar” (p.58). O *Misyar* não requer que o homem e a mulher vivam juntos, ela pode morar sozinha ou com seus pais, não cabendo ao homem sustentá-la, assim como, ela também fica privada de vários direitos existentes no casamento permanente. Nesse tipo de relacionamento, o casal pode se encontrar apenas para atividades sexuais, o que costuma ser utilizado por homens que moram longe de suas famílias (outra cidade ou país) ou que estão em viagem, sendo mais praticado no Egito e na Árabia Saudita, segundo alguns fiéis. Ele sofre críticas dos próprios sunitas por ser equiparado ao *Mutah*. O casamento *Misyar* é melhor aceito pelos adeptos da escola Hanbali, no entanto, ainda que exista contrato e dote, a sociedade diz que é uma forma de legalizar amantes, já que na maioria das vezes ele é mantido em segredo (Jurdi, 2001).

Pois bem, voltemos a preservação do casamento, mais exatamente as responsabilidades individuais do casal como atentou Sheik Bukai, na **terceira aula** de seu curso.

Sobre esse assunto, o Alcorão na surata Al-Ahzab, diz “Realmente, tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo para aqueles que têm esperança em Allah e no Dia do Juízo Final, e invocam Allah frequentemente” (Alcorão; 33:21). Assim, o profeta Mohammad é o modelo de marido que os fiéis devem seguir.

Posso dizer que, após ter passado dez dias em um retiro espiritual com uma comunidade turca, assim como ter acompanhado essa comunidade por mais de cinco anos frequentando a casa de muitos casais o que pude constatar, principalmente durante o retiro onde a vivência era intensa, foi o tratamento atencioso dos maridos dispensados para suas esposas e filhos. Esse tratamento foi o que me saltou aos olhos desde a primeira vez que estive na Turquia há vinte anos atrás, enquanto todos me diziam para que eu tivesse muito cuidado com os homens turcos porque eles eram rudes e roubavam as mulheres. Certamente, não se pode generalizar nem para o bem e nem para o mal, mas é fato que muçulmanos praticantes se empenham para seguir o modelo do profeta Mohammad.

Chagas (2012) comenta que, embora nas últimas décadas os estudos sobre “masculinidades” venham ganhando maior espaço na literatura acadêmica, ainda é falha a maneira como esses estudos se desenvolvem, uma vez que acabam por colocar esse homem em categorias generalizantes e fixas, as quais dispensam especificidades como contextos históricos, sociais e culturais que estão envolvidos na construção dos diferentes tipos de masculinidade.

No entanto, de acordo com a autora, começa despontar discussões que envolve a convergência de temas como sexualidade, trabalho, classe, etnia e violência que buscam compreender as dinâmicas que estruturam as relações sociais em diferentes contextos culturais e geográficos, porém pouca atenção tem sido dada aos aspectos religiosos. Ainda segundo a autora, Clifford Geertz (1993) já havia notado que “sistemas religiosos são capazes de fornecer um modelo para ação, moldando as visões de mundo e de si dos atores sociais (p.146)”.

Assim, se ainda pouco compreendemos sobre o comportamento dos homens muçulmanos, quase nada sabemos sobre seu papel no casamento. Relembro ao leitor sobre o caráter prático da religião islâmica, a qual traz os papéis de homens e mulheres bem definidos. De forma geral, cabe ao homem o sustento financeiro da casa, o que inclui esposa e filhos – como já foi dito anteriormente, e a mulher o envolvimento com questões práticas para o funcionamento da casa, sendo de responsabilidade de ambos a educação dos filhos.

Segundo o *ahadith* de Ibn Ômar, o Profeta disse;

Cada um de vós é um pastor, e cada um de vós leva a responsabilidade quanto àqueles que se encontram a seu cargo. Assim como o governador é um pastor, o homem, em sua casa, também é um pastor, e a mulher é uma pastora quanto à sua casa, seu marido e seus filhos. Portanto, cada um de vós é um pastor, e responsável por aqueles que se encontram a seu cargo (An Nawawi, n.d, p.216).

Portanto, de acordo com o dito do Profeta, não existe superioridade do homem sobre a mulher já que ambos são pastores, o que há são diferentes papeis a serem desempenhados. Contudo, é válido ressaltar que as funções da esposa podem ser divididas com o marido, assim como o sustento da casa pode ser dividido com a esposa, se assim ela desejar. Dentre os casais que tive maior contato durante a pesquisa, tanto os interculturais (brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros) quanto os turcos (turcas casadas com turcos) apenas uma esposa (brasileira) se dedicava, exclusivamente, aos cuidados da casa e dos filhos. Todas elas eram portadoras de diploma de terceiro grau. Dentre as brasileiras, todas afirmaram que seus maridos participavam nos cuidados da casa, sendo que alguns maridos preferiam atuar no preparo da comida.

Aïcha El Hajjami (2008), em seu texto sobre a condição das mulheres no Islã, aborda um *ahadith* que relata sobre o exemplo dado pelo Profeta ao assumir diferentes tarefas nos cuidados da sua casa que eram reservadas tradicionalmente às mulheres e consideradas aviltantes para um homem, o que para ele era um ato pedagógico de humildade e de reeducação, útil para

combater a vaidade masculina. Para a autora, a condição de inferioridade que está confinada boa parte das mulheres muçulmanas é fruto de uma mentalidade patriarcal que utilizava/utiliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres.

Todavia, de forma mais específica, segundo Abdalati (1989) é esperado que a esposa cumpra o seu papel perante o marido sendo sua principal obrigação contribuir para a felicidade do casamento. Ele informa que a esposa deve cuidar do conforto e do bem-estar do marido, sem nunca o ofender ou ferir seus sentimentos como também deve ser fiel, digna de confiança e honesta. Sobre esse assunto, me recordei de uma experiência vivenciada no Campo de Leitura, a qual apresento a seguir

Certo dia, cheguei para o café da tarde com as mulheres e como sempre alguém vinha me ajudar, mesmo que eu dissesse que não precisava. As turcas sempre encontravam algo para fazer por mim. Neste dia, assim que cheguei e me ajeitava para sentar, Ayca veio com um prato cheio de doces e disse que era para meu marido, movimentando o queixo em linha reta, como se quisesse sinalizar algo. Achei estrando porque eu nem sabia onde ele estava e geralmente ele estava com os homens. Seguindo a direção que ela me indicava, eu o vi. Então, fui levar o prato até ele. Neste dia, ele estava sentado há uns 7 metros do local onde estávamos, olhando minha filha brincar na piscina. Por ter ficado olhando nossa filha, ele não havia participado do café da tarde com os homens. Acredito que essa foi uma das primeiras lições sobre ser uma mulher casada nessa comunidade. (Caderno de Campo)

Dessa forma, é notável que as obrigações das mulheres recaem sobre a organização e a boa vivência dentro do lar. Quanto a intimidade⁸⁸, acrescenta o autor supracitado que, a mulher deve fazer-se desejar; ser atraente e sempre atenciosa, sem se negar ao marido, assim como ele deve proporcionar satisfação a mulher. Também vejo esse tipo de pensamento ecoar nas falas e no comportamento de algumas mulheres turcas, como na fala de uma paquistanesa que aparece no vídeo⁸⁹ de Caiuby Novaes (1995), intitulado “*Um casamento no Paquistão*”. Nele, Sônia – a noiva – diz;

⁸⁸ Sobre esse assunto, o leitor poderá encontrar maiores esclarecimentos no trabalho (mestrado) de Camila Motta Paiva intitulado “*As mulheres, os perfumes e as preces: um olhar simbólico sobre a sexualidade no Islã*”, em andamento.

⁸⁹ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=q9dwdC4-3nc>

Acho que agora no Paquistão as pessoas estão se modernizando mais. Antes, a mulher fazia tudo para o casamento dar certo. Ela se sacrificava muito para não se divorciar e voltar para a casa dos pais. Na sociedade ocidental, a garota é independente antes de se casar. Ela se casa, e se vier o divórcio, ela será independente de novo. Aqui a garota nunca é independente (Caiuby Novaes, 1995, 8'50'').

Mas, de acordo com a doutrina religiosa, não cabe só a mulher a responsabilidade desse casamento, assim, as obrigações do marido recaem sobre a responsabilidade financeiras e, é preciso salientar que também cabe ao marido as obrigações de ordem moral. Para Abdalati (1989),

A Lei de Deus manda o marido tratar a mulher com equidade, respeitar os sentimentos dela e mostrar-lhe bondade e consideração. ... não é permitido a nenhum homem manter a esposa no intuito de lhe fazer mal ou entravar-lhe a liberdade. Se não sentir amor ou simpatia pela sua mulher, esta tem o direito de exigir a extinção dos laços matrimoniais, e ninguém se poderá opor que comece uma nova vida (p.182).

Verifica-se, então, que as obrigações de um devem ser os direitos do outro. Segundo Mara, interlocutora casada com turco, os turcos são educados para casar e serem os provedores, enquanto das mulheres é esperado que cuide da casa para que tudo esteja bem quando o marido voltar. Diz ela; “*A mulher sabe o lugar dela, sabe o que terá que fazer*”. No entanto, devemos lembrar que, com as atuais crises financeiras, a mulher no Oriente começa a buscar espaço no mercado para contribuir com o sustento da casa, o que, conseqüentemente, esbarra com esse homem no espaço público e o interpela no espaço privado.

O professor Tariq Ramadan (2017), em entrevista⁹⁰ para “*Press TV*”, intitulada como “*The Importance of Marriage in Islam*”, ressalta a importância de observar as diretrizes islâmicas para a condução de um casamento e exemplifica dizendo que, assim como o fiel mostra seu amor a Deus cumprindo as regras diárias das cinco orações, ele também deve observar as regras para guiar seu casamento.

⁹⁰ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=TzZZ7J8OsP0&t=506s>

Contudo, quando os propósitos do casamento não são cumpridos de forma adequada, o Islã permite o divórcio, o qual foi abordado na **quarta aula** ministrada por Sheik Bukai, assim como também abordou a questão da poligamia.

O Islã permite o divórcio, mas é só depois de esgotar todas as tentativas de recuperar o casamento. Azim (n.d) diz que embora o Islã reconheça o divórcio, ele o desencoraja por todos os meios. Segundo este *ahadith*; “entre todos os atos lícitos, o divórcio é o mais odioso por Deus.”

Abdalati (1989) acrescenta que antes dessa última decisão é preciso que as partes envolvidas tentem resolver seus problemas e, se essa tentativa falhar, dois medianeiros devem se encarregar de tentar a reconciliação do casal, mas, caso essas tentativas tenham falhado, então, é concedido o divórcio, podendo ser pedido por um dos cônjuges. Certa vez, em atividade de campo, uma interlocutora turca me disse a seguinte frase; “*aqui (Brasil) eu vejo as pessoas falando o que vão fazer se casamento não dá certo, a gente casa pra casamento dá certo*”.

Segundo Azim (n.d), o Islã considera motivos relevantes para divórcio: crueldade do marido, abandono sem razão, adultério, marido que não preenche suas responsabilidades conjugais dentre alguns outros motivos.

Um fator importante, comentado por Sheik Bukai durante a aula é que no Islã só existe a “separação total de bens”, sendo o dote a única garantia financeira para a mulher, mas caso seja a esposa a solicitante do divórcio, o marido tem o direito de reaver o dote, caso ele queira. Do contrário, quando o homem pede o divórcio o dote fica com a mulher, sem que haja contestação. Outro fator relevante é que o casal deve esperar 3 meses para ter certeza de que a mulher não está grávida, somente após esse período com a confirmação de que a mulher não está esperando um bebê, o casal pode se separar. Caso esteja, ele deverá sustentar o filho se ainda optar por se separar.

Embora o Islã tenha tentado garantir vários direitos às mulheres, de acordo com Hosseini (2009), as interpretações da lei islâmica advindas de uma sociedade patriarcal, fez com que o contrato de casamento islâmico refletisse a disparidade entre os direitos dos homens e das mulheres, principalmente no tocante a sua dissolução. Se por um lado os juristas muçulmanos definem casamento como um ato bilateral, em que uma mulher desempenha um papel ativo: oferecendo ou aceitando casamento, por outro, quando o assunto é divórcio, sua vontade fica subordinada à do marido, o qual tem o direito de dizer *talaq* (repúdio), já a mulher não tem o direito de ser libertada de seu casamento sem o consentimento do marido. Contudo, a mulher permanecerá casada apenas se lei do país for teocrática, caso não seja, ela poderá se divorciar no civil.

No entanto, a questão do divórcio é corriqueiramente levantada em campo, principalmente no tocante aos filhos. “*Nunca sem minha filha*”, filme exibido em 1991 com a atriz Sally Field, a qual interpretou uma mãe americana que lutava para deixar o Irã com sua filha, ainda é lembrado por brasileiras que tentam alertar outras mulheres sobre essa questão, como pode ser visto abaixo:

Figura 48 – Nunca sem minha filha

Fonte: Recuperado de: <https://dadaegito.wordpress.com/2011/08/15/as-leis-do-amor-para-os-muculmanos/>

Neste contexto, de acordo com Hosseine (2010) é preciso lembrar que a interpretação das leis e das práticas religiosas sempre mudam com base nas relações de poder em que estão inseridas, assim como, através da interação com outras culturas e sistemas do valor. Portanto, segundo a autora, deve-se reconhecer que as leis e as práticas religiosas não são fixas, imutáveis e uniformes, mas sim são produtos de circunstâncias sociais e culturais particulares, e de relações de poder locais. Por isso, deve a brasileira, de acordo com as orientações do Portal Consular: Ministério das Relações Exteriores, a fim de efeitos jurídicos registrar seu casamento em órgão brasileiro, como informado a seguir

O casamento celebrado por autoridade estrangeira é considerado válido no Brasil. Para produzir efeitos jurídicos no País, deverá ser registrado em Repartição Consular brasileira e, posteriormente, transcrito em Cartório do 1º Ofício do Registro Civil do município do seu domicílio no Brasil ou no Cartório do 1º Ofício do Distrito Federal. A transcrição deve ser efetuada preferencialmente na primeira oportunidade em que um

dos cônjuges viaje ao Brasil ou no prazo de 180 dias a contar da data do retorno definitivo ao País. (ministério das Relações Exteriores, 2018, s.p)

A poligamia, outro assunto bastante discutido em campo (principalmente no campo virtual) é o direito que possui o homem muçulmano para se casar simultaneamente com até quatro esposas. É importante dizer ao leitor, que essa é uma prática pré-islâmica tendo o Islã, apenas, regulamentado-a.

Azim (n.d) vai abordar essa questão com base na superioridade populacional de mulheres em relação aos homens, o que justificaria tal prática, no sentido de que ela possibilita mais mulheres para ter uma família.

A surata “*An Nissá*” informa que “... podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então, com uma só” (Alcorão, 4:3). Sendo assim, o homem deve tratar suas esposas em condição de igualdade, logo, não são muitos os que possuem condição financeira para tal. Embora seja difícil precisar com exatidão, pois muitos desses casamentos são registrados apenas no religioso, o que dificulta o trabalho do pesquisador, alguns sites islâmicos como “*The Religion of Islam*” estimam que cerca de 2% dos homens muçulmanos praticam a poligamia. Na Turquia a poligamia é oficialmente proibida, devido sua constituição ser baseada na constituição europeia, mas isso não significa que ela não exista. Segundo algumas interlocutoras, é possível, de acordo com os noticiários do próprio país, encontrar na população rural, alguns casos de poligamia, estando somente a primeira esposa dentro dos regimes da lei.

Contudo, se algumas brasileiras se espantam com a possibilidade do marido ter uma segunda esposa, outras admitem com naturalidade essa situação, como é o de caso Sandra (30 anos), uma de minhas interlocutoras casada com um egípcio e revertida ao Islã há sete anos. Sandra, vive há 1 ano na cidade em que o marido trabalha, já a primeira esposa vive numa cidade próxima, assim ele dorme por quatro noites na casa com a primeira esposa e os três filhos provenientes desse relacionamento e três noites com ela, mas pelas manhãs quando vai ao trabalho sempre tomam café juntos. Para ela, essa relação não é hipócrita já que ambas as mulheres estão cientes e ambas possuem situação legalizada o que garante seus direitos, diz ela; “*quantas famílias, no Brasil, não descobrem que o marido tinha outra família quando ele morre?*”. Sandra tem um filho de 9 anos que vive no Brasil.

Assim, tomando por base minha interlocutora, como também o depoimento de outra brasileira registrada no vídeo “*Brasileiras que amam pasquistaneses*”⁹¹ (Oliveira et.al, 2014:11’45’’) e de tantas outras vozes que ecoam em comunidades de Facebook e relatos nos chegam, percebo que a questão da poligamia é melhor aceita por brasileiras que já foram casadas, possuem filhos ou estão na faixa etária acima dos 40 anos. Já brasileiras que nunca se casaram ou não possuem filhos dizem não aceitar essa situação, assim como procuram registrar no contrato de casamento que não aceitam a possibilidade do marido vir a ter uma segunda esposa, fato relatado entre brasileiras que se casam com egípcios.

Após ter percorrido pelas normas islâmicas que buscam dar sustento aos seus fieis para que esses possam ter uma vida conjugal harmoniosa, segundo os ensinamentos do Profeta Mohammad, entende-se que para além do amor é necessário outras faculdades para sustentar um casamento. Diz Sheik Jihad Hammadeh (2014) no vídeo⁹² “Entre o céu e a terra: casamento”

Às vezes as pessoas falam ‘é necessário ter amor e ponto final’, eu digo ‘não’, o Alcorão diz não. Mais importante que o amor no casamento é o respeito porque uma pessoa que ama pode cometer injustiças, pode desrespeitar falando que ama. Uma pessoa que respeita, mesmo não amando não comete injustiça. Então, mais importante é o respeito. Para ficar completo: amor e respeito (4’47’’).

Sheik Bukai, em sua **quinta aula**, sendo esta a última, vai dizer que com o tempo de casamento após o respeito, o carinho, a solidariedade, um outro sentimento deve surgir que é a misericórdia; a capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente. É aproximar seus sentimentos do sentimento do outro. Compaixão. Contudo, essa temática não esteve presente no meu campo de pesquisa devido a pouca idade dos relacionamentos com que me deparei. Certamente, existem casais interculturais maduros que possam se encontrar nessa fase, ou não. Na Turquia, por exemplo, algumas interlocutoras se referem, carinhosamente, a essa turma de brasileiras que chegou por lá bem antes das redes sociais, como a “Turma da Velha Guarda”.

Com efeito, tentei elucidar ao(a) leitor(a) o que diz a religião islâmica sobre o casamento e, para tanto, busquei apresentar nesse espaço o que dizem os Sheiks atuantes em grandes centros religiosos no Brasil, o que diz a literatura religiosa e o que encontrei nesse campo de pesquisa. Dessa forma, finalizo a “*Segunda Parte: O prato principal*” com a ideia de Geetz

⁹¹ Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=DkOOn-4j9gc>

⁹² Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pDDR1uYqA4>

(2008) de que, “é muito variável o hiato entre o que a religião recomenda e o que as pessoas fazem realmente, culturalmente” (p.90).

TERCEIRA PARTE:

A sobremesa

“as sobremesas são o epílogo de todo conto de fadas”

(Boulmetis, 2003, s.p)

7. Considerações Finais

“Acreditem que
entre cada uma de minhas linhas
faltam cem”

(Le Corbusier, 2007, p.139)

O deleite da conclusão de um trabalho vem banhado em uma inquietude profunda que, se por vezes parece doce, por outras nos amarga os dias porque sabemos que é hora de se levantar e ir embora. Mas antes de partir, olhamos sobre(a)mesa e vemos tudo o que se passou.

Revido meu percurso dentro desse campo, durante o tempo em que realizei esse trabalho, desde os momentos iniciais junto ao grupo de estudos GRACIAS, percebo que me aproximo de minhas interlocutoras e de tantas outras mulheres que me deparei nesse caminho quando digito “apaixonada” pela Turquia em meu computador. Pois, amante da cultura do Oriente Médio como sempre fui, meu olhar de principiante (leigo e apaixonado) procurava sempre pelos encantos desse universo, o que acabava por limitar minhas buscas, embora fosse, extremamente, necessário para iniciar.

No entanto, a possibilidade de trabalhar com a etnografia, a qual nos permite um “olhar de perto e de dentro” acabou por despertar meus sentidos e, como num casamento, a convivência diária com a cultura, com as pessoas, com os livros, filmes e novelas, possibilitou o amadurecimento da minha visão e da minha audição fazendo com que eu-pesquisadora confrontasse meu próprio imaginário sobre a questão.

É preciso deixar claro, que não foi adotada uma visão maniqueísta dos casamentos (“deu certo” ou “deu errado”), mesmo porque é sabido – até mesmo pelo senso comum – que todo casamento, com estrangeiros ou não, passa por adversidades e ajustes ao longo do tempo e mesmo um casamento que tenha chegado ao fim, não significa que “deu errado”. Dessa forma, meu objetivo foi mostrar as vivências que esse tipo de casamento desperta. E, nessa caminhada os encantos estiveram presentes na aprendizagem de uma nova cultura; um novo ritmo musical, outras cores e sabores, novas paisagens e o relacionar-se com um homem que ainda guarda o romantismo perdido de muitos brasileiros, como também carrega o exotismo do deserto em sua história. Contudo, os desencantos também apareceram e minha hipótese inicial de que a religião poderia representar uma maior dificuldade na adaptação desse casal se confirmou, tanto em relação aos novos hábitos alimentares, quanto em relação a aceitação da nova religião (islâmica)

que adentra na família brasileira; vinda do estrangeiro ou da brasileira que se reverte, pois, muitas vezes, os familiares do casal só a conhece pelos noticiários da TV. A vivência da brasileira em terras islâmicas também provoca um certo estranhamento inicial e por vezes, sérias dificuldades, já que os papéis de gênero costumam ser bem delineados nessas sociedades.

Dessa forma, os casamentos que demonstraram maior satisfação conjugal, assim como, maior longevidade foram os casais em que as brasileiras eram revertidas e os maridos muçulmanos praticantes ou então, quando as mulheres eram cristãs (praticantes ou não) e os homens não eram muçulmanos praticantes, assim como, possuíam experiência de moradia em países ocidentais e família pouco religiosa, ou seja, compartilhavam de ideias em comum.

Contudo, um outro desencanto também apareceu nesse campo de pesquisa surpreendendo minhas expectativas iniciais. Pois, quando encontrei a questão problema desta tese, eu imaginei um problema bem menor do que ele realmente se tornaria.

Para mim, o encantamento do estudo vinha da coragem dessas mulheres em largar tudo por um amor e cruzar oceanos e desertos para viver ao lado de seus *habibes* e *aşkins*. De fato, algumas dessas mulheres demonstraram coragem, determinação e enfrentamento para viver seus relacionamentos. No entanto, outra parcela de mulheres, numa ânsia desenfreada e inconsequente para se ter um marido e viver seus ideais de “amor romântico”, me despertou um outro pensamento: Seria medo? Pois, no decorrer dos estudos, entre leituras e histórias dolorosas, passo a considerar que o que move muitas dessas mulheres não é a coragem, mas sim o medo, como disse Colette Dowling em “*Complexo de Cinderela*”, tão aculturado em nossa sociedade entre as mulheres que nem o reconhecem mais, mas que as mobilizam na busca desesperada de alguém para cuidar delas porque muitas ainda são criadas desacreditadas de suas competências e capacidades em poder assumir as rédeas da própria vida. São princesas que aguardam por um príncipe para serem felizes, venha ele a cavalo ou a camelo. A intimidade idealizada sob os moldes do amor romântico por algumas brasileiras, encontra ressonância nos padrões de casamento preconizados pela religião islâmica, embora a maneira que o muçulmano irá vivenciá-lo, caberá a cada um e daí a insistência para que se conheça a conduta da pessoa. Como na etnografia, a convivência “de perto e de dentro” com o futuro marido e sua cultura ajuda a trazer para a realidade as ideias que estavam em um campo imaginal.

É sabido que sempre buscamos, desejamos e idealizamos porque assim se faz a caminhada, mas é preciso que haja cautela e bom senso como aconselhou algumas notas de alerta de órgãos do governo e também os religiosos consultados. A “política do casamento” intercultural tem início muito antes do território delimitado de uma casa, ela se inicia quando

se transpõe as fronteiras legais e culturais entre os países e deve estar presente, no vasto mundo da internet, ainda que ele não tenha fronteiras.

Mesmo sendo muito difícil mensurar, com exatidão, os casos de casamentos entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros, pude, por meio do trabalho de campo em grandes mesquitas brasileiras e do acompanhamento das redes sociais, concluir que, essa realidade existe, cresce e preocupa, cada vez mais, todos nela envolvidos.

Ainda que possam prevalecer histórias felizes, a frequência com que os casos problemáticos aparecem já é o suficiente para que sejam feitas tentativas de entendê-los e, assim, contribuir a fim de que esse número possa ser sensivelmente atenuado. Com efeito, não se trata de negar a utilização das tecnologias na busca de um amor ou de novas vivências, uma vez que o mundo virtual é uma realidade. Mas, é preciso saber utilizar estes novos recursos de maneira correta, seguindo orientações de especialistas, os quais sugerem cautela e cuidado na exposição de informações e intimidades e, principalmente, não só investigar a conduta da pessoa com quem está se relacionando, como também buscar conhecer a religião – o Islã – com pessoas capacitadas para isso, no caso os Sheiks.

Durante a execução dessa pesquisa, não foram poucos os encantos que tive acesso, como também não foram poucos os desencantos que presenciei após alguns meses de relacionamento, tais como; quadros de depressão profunda ou de necessidade de intervenção policial, o que se torna muito mais difícil quando vivenciado fora de seu país de origem. Portanto, produzir conhecimento para que, em especial, as mulheres possam ter acesso a uma realidade menos distorcida e/ ou alterada pelos pré-conceitos em torno da religião islâmica e da cultura do Oriente Médio é além de um desafio acadêmico, também pessoal, porque me encontro na condição de mulher, ainda que eu não esteja buscando um Said.

Com efeito, ao concluir o trabalho, vejo onde Ísis, aquela que é modelo de esposa e mãe na mitologia, quis me levar. Pois, é ainda no espaço das cozinhas que muitas mulheres se encontram para pensar casamentos, idealizações e possibilidades. É lá, que muitos sonhos se congelam e expectativas descem ralo a baixo. Mas, há aquelas que querem e sabem transformar o espaço em panteão e por lá se consagrar. Aqui ou lá, no Oriente ou no Ocidente, muitas de nós, nos encontramos na busca para significar o nosso “giro” nessa jornada porque até agora estamos procurando por mais espaços além das cozinhas e por mais modelos, além de esposas e mães.

REFERÊNCIAS⁹³

- Abdalati, H. (1989). *O Islam em foco*. WAMY - Assembléia Mundial da Juventude Islâmica.
- Abu-Lughod, L. (1986). *Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin society*. Berkeley, University of California Press.
- Abu-Lughod, L. (2003). Melodrama egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno? *Cadernos Pagu*, (21), pp. 75-102. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200005>
- Adivar, H. E. (2011). *O palhaço e sua filha*. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil.
- Agência Matrimonial Muçulmana. (2016). *Amor pela internet - ou namoro com um muçulmano pela internet*. Recuperado de: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1125621150844728&id=175537465853106&substory_index=0
- Aguiar, F. F. de P. (2014). *Jasmine: A representação do Oriente e da mulher sob a ótica da Disney*. (Monografia de Graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação-Jornalismo. Recuperado de: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/FINAL.pdf>
- Alcorão. Os significados dos versículos do Alcorão Sagrado. (Hayek, S. El., Trad.).
- Ali, K. (2010). *Marriage and Slavery in early Islam*. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts London, England.
- Al-Halveti, T. B. Al-J. (1994). *O verdadeiro Amor*. Recuperado de: http://www.masnavi.org/jerrahi/Textos_em_espanhol/Verdadero_Amor/verdadero_amor.htm
- Angelini, A. L. (2007). Psicologia Intercultural e Psicologia Educacional: uma contribuição histórica. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 27, n. 2. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200006&lng=pt&nrm=iso>.
- An Nawawi, A. Z. Y. C. (n.d). *O jardim dos virtuosos*. Hayek, S.(Trad.). Ellas Editora Gráfica.
- Araújo, M. de F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>

⁹³ De acordo com o estilo APA (American Psychological Association)

- Assunção, V. (2016). Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida. *Revista Estudos Feministas*, 24(1), 63-80. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p63>
- Azim, S. A. (n.d). *A mulher no Islam: mito e realidade*. Federação das Associações Muçulmanas do Brasil [FAMBRAS].
- Bayam, N. (1998). The emergence of online community. *Cybersociety 2.0: Revisiting Computer Mediated and Community*. Thousand Oaks (CA): Sage.
- Barbosa, F. C. (2016a). Por entre os véus dos feminismos islâmicos. *Revista Diáspora*. Recuperado de: <http://www.revistadiaspora.org/2016/12/16/por-entre-os-veus-dos-feminismos-islamicos/>
- Barbosa, F. C. (2016b). O perigo da “crença” do príncipe encantado “muçulmano”. *Revista Forum*. Recuperado de: <https://www.revistaforum.com.br/2016/05/18/o-perigo-da-crenca-do-principe-encantado-muculmano/>
- Barros, L.D. (2012). *YA HABIBI: Crise de vida, afeto e reconfiguração do self religioso na conversão de mulheres ao islã, na Mesquita da Luz*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – Rio de Janeiro.
- Bastos, M. (2016). Conheci um árabe na internet, e agora? *Brasileiras pelo Mundo*. Recuperado de: <https://www.brasileiraspelomundo.com/conheci-um-arabe-na-internet-491834095>
- Bastos, M. (2017). O que você precisa saber antes de se casar no Egito. *Brasileiras pelo Mundo*. Recuperado de: <http://www.brasileiraspelomundo.com/o-que-voce-precisa-saber-antes-de-se-casar-no-egito-111259524>
- Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: an International Review*, v. 46, n. 1, p. 5-68, 1997. Recuperado de: http://iaccp.org/sites/default/files/berry_1997.pdf
- Berry, J. W. (2004). Migração. Aculturação e Adptação. In: : Psicologia, e/imigração e cultura. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Berry, J. W. et. al. (2012). *Cross-Cultural Psychology: research and applications*. Cambridge-United Kingdom: Cambridge University Press.
- Bouhdiba, A. (2006). *A sexualidade no Islã*. São Paulo, SP: Globo.
- Burguess, J. & Green, J. (2009). *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.
- Burity, J. (2001). *Globalização e Identidade: desafios do multiculturalismo*. Recuperado de: Fundação Joaquim Nabuco-RJ; <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>.
- Camargo-Moro, F. (2005). *A ponte das turquesas*. Rio de Janeiro: Editora Record.

- Canetti, E. (2006). *As vozes de Marrekech: anotações sobre uma viagem*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Cardeira da Silva, M. (1997). Islão plástico. *Etnográfica*. vol. I (1), pp. 57-72.
- Cardeira da Silva, M. (2005). *Análise Social*, vol. XXXIX (173), pp.781-806.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Castells, M. (2017). *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra.
- Cebrián, J. L. 1999). *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. São Paulo, SP: Summus Editorial
- Chagas, G. F. (2012). "Ser um defunto nas mãos do shaykh": sufismo e a produção de masculinidades em uma rede sufi damascena. *História (São Paulo)*, 31(1), pp. 145-162. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742012000100009>
- Chagas, G. F. (2014). A(s) estrada(s) para Damasco: reflexões sobre as experiências de trabalho de campo em uma sociedade do Oriente Médio. *Revista Antropolítica*, n. 37, pp. 403-423, Niterói, 2. sem. Recuperado de: <file:///C:/Users/flavi/Downloads/266-558-1-SM.pdf>
- Coll, A. N. (2002). Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização. *Cadernos de Proposições para o Século XXI*, 2. São Paulo: Instituto Polis. Recuperado de: <http://polis.org.br/publicacoes/propostas-para-uma-diversidade-cultural-intercultural-na-era-da-globalizacao/>
- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa [CONEP]. (2016). Recuperado de: http://www.conselho.saude.gov.br/Web_comissoes/conep/index.html
- Costa, F. J. (1998). *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Costa, C. (2015). Quem são os brasileiros que se convertem ao islã? *BBC Brasil*. Recuperado de: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150916_brasileiros_muculmanos_cc
- Crapanzano, V. (1986) El dilema de Hermes: la máscara de la subversión en las descripciones etnográficas. In: Clifford, y Marcus, (eds.). *Retóricas de la Antropología*. Editorial Júcar, Madrid, España.
- Dantas, S. D. (2012). Para uma Compreensão Intercultural da Realidade. In: S. D. Duarte (org.). *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. ISBN: 978-85-63007-03-2. Pp 189-206. Recuperado de: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/grupos/dialogos-interculturais/publicacoes/dialogosinterculturais.pdf>

- Dantas, S. (2017). Saúde mental, interculturalidade e imigração. *Revista USP*, 0(114), 55-70. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p55-70>
- DeBiaggi, S. D. (2002). *Changing gender roles: Brazilian Immigrant families in the U.S.* New York, LFB Scholarly Publishing.
- DeBiaggi, S. D. (2004). Homens e Mulheres mudando em novos espaços: Famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Dib, M. (2011). Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo orientalismo através da Pintura. *Revista UFG*, Ano XIII nº 11. Recuperado de: https://www.proec.ufg.br/up/694/o/11_artigos_mulheres.pdf
- Dowling, C. (2002). *Complexo de Cinderela*. São Paulo: Ed. Melhoramentos.
- Dumovich, L. (2016). *Ya Habibi: Conversão feminina ao islã no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Ponteio.
- El Hajjami, A. (2012). A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. *Cad. Pagu*, Campinas, n.30, June 2008. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332008000100&lng=en&nrm=iso. Acesso 09 Nov.
- El Tarrass, D. A. (n.d). Halal vai muito além do Abate. Fambras Halal. Recuperado de: <http://www.fambrashalal.com.br/halal-abate>
- Estalella, A. & Ardèvol, E. (2007). *Field Ethics: Towards Situated Ethics for Ethnographic Research on the Internet*. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. ISSN 1438-5627. Recuperado de: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/277/609>.
- Eysenbach, G. & Till, J. E. (2001). *Ethical issues in qualitative research on internet communities*. Disponível em: <http://www.bmj.com/content/323/7321/1103.full>
- Ferrarezi, L.; Bastos, G.G. & Santos, J. C.F. (2011). Blogs e Museus eletrônicos: um estudo discursivo. In: Romão, L.M.S. & Galli, F. C. S. (Orgs.). *Rede Eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Ferreira, F. C. B. (2009a). O sheik é o livro...aquele que ouve, aquele que fala. *Teoria & Sociedade*. nº 17. E 1 – janeiro-junho. pp.84-113. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/31990192-Aquele-que-ouve-e-aquele-que-fala.html>
- Ferreira, F. C. B. (2009b) Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião. *Etnográfica*, Lisboa, v. 13, n. 2, nov. Recuperado de: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365612009000200009&lng=pt&nrm=iso

- Ferreira, F. C. B. (2015). Telenovela e Islã: dos estereótipos à visibilidade. *Revista Horizonte*. Vol. 13, No. 38, Abr./Jun. 2015 - Dossiê: Islamismo: Religião e cultura. Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/707>
- Fonseca, C. (2005). Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saude soc.*, São Paulo, v. 14, n. 2, ago. 2005. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200006&lng=pt&nrm=iso
- Freud, S. (1969). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914), S.E., Imago, R.J.
- Geertz, C. (1993). *The interpretation of cultures: selected essays*, New York, Basic Books.
- Geertz, C. (2008). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gibran, K. G. (1975). *O Profeta*. Rio de Janeiro, RJ: ACIGI.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP. pp. 59-75.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. In: *Revista de Administração de Empresas/EAESP/FGV*. São Paulo, v. 35, n. 3, pp. 20-29.
- Goldenberg, M. (2003). Novas famílias nas camadas médias urbanas. In: *Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro/ Divisão de Psicologia da 1 Vara da Infância e da Juventude da Comarca da Capital do Estado do Rio de Janeiro* (Org.). Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, 2003, v. 1, p. 18-26.
- Goldenberg, M. (2011a). Afinal, o que quer a mulher brasileira?. **Psicologia Clínica.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652011000100004&lng=en&nrm=iso. access on 09 Nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103->
- Goldenberg, M. (2011b). Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*. Ed.18 | Vol.9 | N2 |
- Golpistas usam internet para tirar dinheiro de mulheres apaixonadas. (2014, dezembro). *Portal G1*. Recuperado de: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/golpistas-usam-internet-para-tirar-dinheiro-de-mulheres-apaixonadas.html>
- Green, L. (2014). Sites de paquera para muçulmanos conquistam usuários. *BBC-Brasil*. Recuperado de: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141212_muculmanos_namoro_online_hb
- Guimarães Jr., M. J. L. (1997). *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de lavirtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai. Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/236450907/A-Cibercultura-e-o-Surgimento-de-Novas-Formas-de-Sociabilidade>

- Guimarães Jr., M. J. L.. (2004). De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. *Horizontes Antropológicos*, 10(21), 123-154. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000100006>
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora Lamparina, 2014.
- Hannerz, U. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3(1), 7-39. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>
- Hans, W. (1994). Hans Wehr Dictionary of Modern Written Arabic: a compact version of the inter internationally recognized fourth edition. New yourk: Spoken Languages Servirces
- Hart, K. (2007). Love by arrangement: the ambiguity of ‘spousal choice’ in a Turkish village. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. Recuperado de: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9655.2007.00438.x/abstract>
- Haydu, M. (2009). Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação. *Ponto-e-Vírgula*. 5: 157-184. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/17427739-Refugiados-angolanos-em-sao-paulo-entre-a-integracao-e-a-segregacao.html>
- Hine, C. (2000). *Virtual Ethnography*. London: Sage.
- Horta, N. (2005). O Tempero da Vida. *Folha de São Saulo*: Caderno Ilustrada. Recuperado de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1803200522.htm>.
- Hosseine, Z. M. (2010). Criminalizing Sexuality: Zina Laws as Violence Against Women in Muslim Contexts. The Global Campaign to Stop Killing and Stoning Women and Women Living Under Muslim Laws. Recuperado de: <http://www.zibamirhosseini.com/documents/mir-hosseini-article-criminalizing-sexuality.pdf>
- Hourani, A. H. (1994). *Uma história dos povos árabes*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- IndexMundi. (2017). *Taxa de alfabetização - Mundo*. Recuperado de: <https://www.indexmundi.com/map/?v=39&l=pt>
- Jungblut, A. L. (2004). A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. *Horizontes Antropológicos*, 10(21), 97-121. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000100005>
- Karam, J. T. (2009). *Um outro arabesco: etnicidade sério-libanesa no Brasil neoliberal*. São Paulo: Martins.
- Khel, Maria Rita. (2017). A família tradicional é realmente o que queremos? *Fronteiras do Pensamento*. Recuperado de: <https://www.fronteiras.com/artigos/a-familia-tradicional-e-realmente-o-que-queremos>
- Kristeva, J. (1988). *Histórias de Amor*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco.
- Leitão, C. F., & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2003). A Psicologia no novo contexto mundial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 421-430. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300009>
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lima, B. (2016). Fatmagül é a novela mais feminista já feita. *Nova Cosmopolitan*. Recuperado de: <https://cosmopolitan.abril.com.br/celebs/6-provas-de-que-fatmagul-e-a-novela-mais-feminista-ja-feita/>
- Lima J. A. (2014). Quantos muçulmanos já existem no mundo? *Conexão Jornalismo*. Recuperado de: <http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/astral/religiao/quantos-muculmanos-ja-existem-no-mundo-63-36656>
- Lima, M. A. P. & Togni, P. C. (2012). Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 135-144, jan./jun. Recuperado de: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/13-Migrando-por-um-ideal-de-amor-Ipotesi_16.1.pdf
- Lima, M. C. (2008). *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. São Paulo: Saraiva.
- Lobo, T. (2012). Conheça a Turquia que aparecerá em ‘Salve Jorge’ e foi reproduzida em cidade cenográfica. *O Globo*. Recuperado de: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/conheca-turquia-que-aparecera-em-salve-jorge-foi-reproduzida-em-cidade-cenografica-6471336#ixzz4mCGv8mSL> .
- Lopes, M. I. V. de. (2003). Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 26, pp. 17-34, apr. ISSN 2316-9125. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>
- Lucas, G. C. J. (2011). Identidade e Globalização: o casamento como componente do patrimônio identitário Nyúnguè. *Revista Litteris* – ISSN: 19837429 n. 8 – setembro.
- Mahdi, A. R. A família no Islã. *The Religion of Islam*. 2010. Recuperado de: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/390/familia-no-islã-parte-2-de-3/>. Acessado em: 21/12/2016.
- Martín, M. (2013). Casamentos com estrangeiros pela internet tornam-se assunto de Estado. *El País: Sociedad*. Recuperado de: http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/24/sociedad/1385321768_847980.html
- Martins, H. (2017). Taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo. *Agência Brasil*. Recuperado de: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-08/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-quinta-maior-do-mundo>
- Matos, É. (2015). Mulheres são exploradas sexualmente em 66% dos casos. *Jornal do Comércio*. Recuperado de:

http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2015/11/cadernos/jornal_da_lei/465396-o-genero-feminino-e-explorado-sexualmente-em-66-dos-casos.html .

- Máximo, M. E. (2006). *Blogs: o eu encena, o eu em rede: Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sociotécnicas*. Florianópolis, 2006. 283 f. (tese de Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Medeiros, M. das G. L. (2011). Trajetórias, Formas de Conjugalidade e Relações e Relações Sociais de Gênero entre Casais Binacionais. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 56-64, jan. / jul. Recuperado de: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1709/1895>
- Mernissi, F. (1991). *The veil and the male elite: A feminist interpretation of women's rights in islam*. New Yourk, NY: Basic Books
- Mernissi, F. (2012). *El amor em el Islam: A través del espejo de los textos antiguos*. (e-book). Editora Aguilar.
- Mezan, R. (2005). *A sombra de Don Jun e outros ensaios*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Minayo, M. C. de S. (1993). *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Ministério das Relações Exteriores. (2018). *Mulheres em viagens ao exterior*. Recuperado de: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/antes-de-viajar/mulheres-em-viagens-ao-exterior>
- Montanha, F. A. R. P. (2011). Por um estudo dos vlogs: apontamentos iniciais e contribuições teóricas de Marshall McLuhan. *Contemporânea*. Ed.18 | Vol.9 | N2. Recuperado de: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2151>
- Moretão, A. S. (2016). *Entre a modernidade e a Tradição: Empoderamento feminino no Irã e na Turquia*. Jundiaí, SP: Paco Editorial
- Morin, Edgar. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez.
- Moura, D. A. S. (2002). Mulheres e dote no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 246-247. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100022>
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand-MASP. (2017). Recuperado de: http://masp.art.br/masp2010/acervo_detalheobra.php?id=983.
- Mustafa. (2016). Fala Mustafa! (blog). Recuperado de: <https://falamustafa.blogspot.com.br/2016/05/ele-me-enganou-ou-eu-me-deixei-ser.html?spref=fb>

- Nawa, F. (2017). Turkish soap operas' portrayal of women stirs controversy. *USA Today*. Recuperado de: <https://www.usatoday.com/story/news/world/2017/04/27/turkish-soap-operas/100968196/>
- Negreiros, T. C. de G. M. & Feres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso
- Neves, A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, 15(3), 609. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300006/1189>
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. (2003). Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(2), 66-75. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000200010>
- Nizami. (n.d/2011). The story of Layla & Majnum
- Nobre, M. R. & Moreira, J. de O. (2013). A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16(2), 283-298. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000200007>
- Oliveira, A. (2014). Bom senso no relacionamento virtual com turcos. *Brasileiras pelo Mundo*. Recuperado de: <https://www.brasileiraspelomundo.com/bom-senso-no-relacionamento-virtual-com-turcos-091910128>
- Omran, M. (2010). O feminino na poesia de expressão árabe contemporânea. *Revista Litteris – Dossiê Estudos Árabes & Islâmicos*. Número 5, Julho de 2010. Recuperado de: www.revistaliteris.com.br. ISSN 1983-7429
- Ortiz, F. (2012). Temos uma percepção errada do islã. *TV e famosos*. Recuperado de: <http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/29/temos-uma-percepcao-errada-do-islã-diz-malga-di-paula.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>
- Pace, E. (2005). *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pakistan Bureau of Statistics. (2017). Recuperado de: <http://www.pbs.gov.pk/sites/default/files/tables/POPULATION%20BY%20RELIGION.pdf>

- Pasqualin, F. A. & Barbosa, F. C. (2017). Quando o amor se torna assunto de estado: brasileiras envolvidas com muçulmanos estrangeiros via Internet. *Reflexão*, Campinas, 42(1):XX-XX, jul./dez.
- Pasqualin, F.A. & Barbosa, C.F. (2016a). Casamento Intercultural Islâmico: quando a Internet faz parte da relação. *Revista Último Andar*, n.29, p.64-079, 20. Recuperado de: <file:///C:/Users/flavi/Downloads/31310-83852-1-SM.pdf>
- Pasqualin, F. A. & Barbosa, F. C. (2016b). As famílias do Movimento Hizmet em São Paulo: Brasileiras casadas com muçulmanos turcos. *Malala*, São Paulo v. 4, n. 6, jul.
- Patti, A. R. & Giorgeon, D. (2011). O sujeito e suas redes de dizer no on line. In: Romão, L.M.S. & Galli, F. C. S. (Orgs.). *Rede Eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, pp. 377-391, jul./dez. Recuperado de: [http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014 etnografia nao e metodo.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014%20etnografia%20nao%20e%20metodo.pdf).
- Pérolas do Alcorão. (2015). *O perigo pode estar a uma tecla de distância*. Recuperado de: <https://www.facebook.com/PerolasAlcorao/photos/a.107385649376527.10127.107379662710459/686705198111233/?type=1&theater>
- Pimenta, R. (2013). Namoro na internet: saiba detectar um “cafajeste virtual”. Raridade. Recuperado de: <http://www.raridade.blog.br/namoro-na-internet-saiba-detectar-um-cafajeste-virtual/>
- Pinto, P. G. H. R. (2010). *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Editora Santuário.
- Piscitelli, A. (2011). Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: Piscitelli, A., Assis, G. O. & Olivar, M. (Orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011, p. 537-582.
- Prestes, R. B. (2002). El hipocuerpo: uma vivencia actual que la virtualidade aún no puede eludir. *Textos de la Cibernsociedad*, vol. 2. Recuperado de: <http://www.cibersociedad.net>
- Prestes, R. B. (2005). Amor online: refugios, resistencias e inícios pós-modernos. *Revista Textos de la CiberSociedad*, n.7. Recuperado de: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=76>
- Raffaelli, R. (2009). Jung, mandala e arquitetura Islâmica. *Psicologia USP*, 20(1), 47-66. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642009000100004>
- Rantanem, M. K. (2017). Violência doméstica – Quando o sonho vira pesadelo. *Brasileiras pelo Mundo*. Recuperado de: <http://www.brasileiraspelomundo.com/violencia-domestica-quando-o-sonho-vira-pesadelo-221256569>

- Redação M de Mulher. (2013). Namoro virtual: especialista em direito digital dá dicas de como não cair em uma roubada. *Mdemulher*. Recuperado de: <https://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/namoro-virtual-especialista-em-direito-digital-da-dicas-de-como-nao-cair-em-uma-roubada/>
- Rittiner, M. E. N. (2006). *Ser Estrangeiro: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo conjugais interculturais*. (dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia para Universidade Federal de Pernambuco. Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/104511954/SER-ESTRANGEIRO-a-construcao-das-multiplas-identidades-nas-relacoes-afetivo-conjugais-interculturais-helvetico-brasileiras>
- Roca, J. G. (Coord.). (2007). *Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*. Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico. Ministerio de Igualdad, Instituto de la Mujer. Relatório de pesquisa. Recuperado de: <https://www.yumpu.com/es/document/view/14118602/amor-importado-migrantes-por-amor-la-constitucion-de-parejas->
- Romão, L. M. S. (2005). No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. *Letra Magna* (Online), Recife, v. 3, p. 1-12. Recuperado de: http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf
- Romão, L. M. S.; Faria, D. O. & Moreira, V. L. (2008). Sentidos de resistência no discurso jornalístico inscrito na Revista Caros Amigos. *Revista Alceu* (PUCRJ), v. 9, p. 102-114. Recuperado de: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n17_Romao.pdf
- Romão, L. M. S. (2010). Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso*, 5(1), pp. 71-92. Recuperado de http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/302/318
- Rosa, R. de M. (2000). Cariocas e Estrangeiros: Gênero e Identidade Nacional no Processo Identitário. ISSN 1518-3394. v.1 - n.1 - ago./set. Recuperado de: [file:///C:/Users/flavi/Downloads/43-83-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/flavi/Downloads/43-83-1-PB%20(2).pdf)
- Ruiz, A. (2008). *Dois em um*. São Paulo: Iluminuras.
- Rumi, J. al-D. (1996). *Poemas Místicos/Rumi; seleção de poemas do Divan de Shams-i Tabriz* (J. J. de Carvalho trad. e introdução). São Paulo, SP: Attar.
- Said, E. W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sarti, C. & Duarte, L.F. (2013). *Antropologia e ética: desafios para a regulamentação*. ABA Publicações.
- Schittine, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Silva, M. F. (2010). Blogosfera: um estudo dos blogueiros a partir dos blogs mais acessados do país. *Estudos Semióticos*. vol. 6, no 1 p. 54–64. ISSN 1980-4016 semestral. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49259>
- Singly, F. de. P. (2000) O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar’. In: Singly, F.; Cicchelli, V. & Peixoto, C. E. (Orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 13-19.
- Siqueira, P. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), 13(13), pp. 155-161. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>
- Sternberg, R. (1995). Love as a Story. *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 12, pp. 541-546.
- Soares, N. (2016). Maria da Penha 10 anos: por quanto tempo ainda precisaremos dela? *Estadão: Sociedade*. Recuperado de: <http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/maria-da-penha-10-anos-por-quanto-tempo-ainda-precisaremos-dela/>
- Tapscott, D. (1999) Promessas e Perigos da Tecnologia Digital. In: *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. São Paulo: Summus.
- Telum, S. S. (2016). *Whay Urfi? An examening study of urfi marriage in Egypt and its causalities*. Recuperado de: <https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/52255/Telum.pdf?sequence=1>
- Togni, P. C. & Raposo, P. (2007). *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Coleção Observatório da Imigração. Recuperado de: https://www.academia.edu/1555746/Os_fluxos_matrimoniais_transnacionais_entre_brasileiras_e_portugueses_g%C3%A9nero_e_migra%C3%A7%C3%B5es
- Torres, A. (2004). Amor e ciências sociais. *Travessias*. n. 4/5, pp. 15- 45.
- Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1. Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/53625462/TRUZZI-Oswaldo-Redes-em-processos-migratorios>
- Turkle, S. (1995). *Life on the screen: Identity in the Age of the Internet*. New York: Simon and Schuster.
- União Nacional Islâmica. (2015). *Casamento pela internet, cuidado!* Recuperado de: <https://www.facebook.com/unacionalislamica/posts/459999647485861?fref=nf>

- Valdigem, C. (2005). Usos da telenovela brasileira O Clone em Portugal: fragmentos da construção da identidade. In: *INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro. Recuperado de: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1913-1.pdf>>
- Vieira, C.I.F. & Cohn, C. (2008). Amor Contemporâneo e relações na Internet. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. v.7, n.19, p.68-104.
- Vitray-Meyerovitch, E. (1990). *Rûmî e o sufismo*. São Paulo, SP: ECE.
- Wielewicki, V. H. G. (2001). *A pesquisa etnográfica como construção discursiva*. Editorial. Acta Scientiarum. Maringá, v. 23, n. 1, pp. 27-32.
- Zaia, M. C. (2006). *O véu não cobre pensamento: imigrantes muçulmanas em São Paulo*. (Dissertação de mestrado). Programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Zahir, I. (2014). Larguei tudo pelo meu namorado turco, até descobrir que ele era casado. *Revista Glamour*. Recuperado de: <http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2014/06/larguei-tudo-pelo-meu-namorado-turco-ate-descobrir-que-ele-era-casado.html>.

Filmografia

- Boulmetis, Tassos (Diretor). (2005). O tempero da vida. [compact disc]. Grécia, Turquia: Village Roadshow Productions.
- Caiuby Novaes, S. (Diretora). (1995). A Wedding In Pakistan. 46'. Paquistão. [compact disc]. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=q9dwdC4-3nc>
- Campos, Gabriel (Diretor). (2017). Caminhos para o Hajj – Ahmed Hayek [mp4]. São Paulo, SP. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=6AxJEXiUFw0>

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (presencial)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**
(CONVENCIONAL OU PRESENCIAL)

Estimado(a) convidado(a),

Meu nome é Flávia Andréa Pasqualin, sou psicóloga e estou fazendo meu doutorado no Programa de PósGraduação da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP, Departamento de Psicologia (www.ffclrp.usp.br), sob orientação da Profa. Dra. Francirosy Campos Barbosa Ferreira. Meu telefone para contato é (16)9228-3627 e e-mail: pasqualin@usp.br. A pesquisa que estou desenvolvendo, cujo título é “Os (dê)s encantos do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos turcos” e tem o intuito de conhecer as vivências, relacionadas aos aspectos étnicos e religiosos, existentes nos casamentos entre brasileiras (muçulmanas ou não) com muçulmanos turcos realizados na última década. Dessa forma, pretende-se entender e construir um retrato desse novo fenômeno social que se instala em nossa realidade. Assim, peço a sua autorização para acompanhar, observar e registrar (à mão, com máquina fotográfica ou filmadora) aspectos da sua vida pessoal, religiosa e da dinâmica cotidiana, como também peço que me autorize a entrevistar você, utilizando as mesmas formas de registros citados acima. O único risco (mínimo) relacionado a esta pesquisa é o que possa resultar de uma maior exposição de suas histórias e imagens no meio científico, pois os resultados deste trabalho deverão obrigatoriamente ser divulgados em revistas especializadas ou outras formas de divulgação acadêmica, como pôsteres, painéis, anais de congressos. De qualquer maneira, o seu anonimato e o da comunidade religiosa (caso pertença a alguma) serão preservados, sendo divulgadas apenas as informações e as imagens obtidas, que forem previamente autorizadas por você, presencialmente, via “carta de autorização simples”, pois os referidos registros poderão compor obra impressa ou audiovisual, sendo a divulgação dos mesmos limitada apenas a reuniões e publicações científicas. Após o término da pesquisa, os dados (imagens, transcrições de entrevistas) coletados ficarão armazenados no GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes –USP), sob responsabilidade da coordenadora do mesmo, a qual é também orientadora dessa pesquisa, durante o tempo que se julgar necessário. Informo também que, você pode recusar ou desistir de participar em qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade ou prejuízo a esse estudo, nem represálias de qualquer natureza, podendo o material sobre você ser descartado, caso assim o deseje. Como garanto que serão oferecidos esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Partimos da aposta de que o estudo será útil para a compreensão de aspectos sociais e psicológicos referentes ao tema apresentado. Informo ainda que não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa você não terá nenhum gasto. No mais, informo que este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma das quais deverá ficar de posse do(a) participante. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, oriento a convidada/colaboradora procurar o CEP FFCLRP-USP1.

_____/_____/_____

Pesquisadora Flávia Andréa Pasqualin

Nome da Colaboradora

Assinatura da Colaboradora

Universidade de São Paulo - USP Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de
Ribeirão Preto – FFCLRP Departamento de Psicologia Av. Bandeirantes 3900 –
Ribeirão Preto/SP - Tel. (16) 3602-3723

1 Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto - USP Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 -
Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660 E-mail:
coetp@ffclrp.usp.br

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (virtual)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**
(VIRTUAL)

Estimada internauta,

Meu nome é Flávia Andréa Pasqualin, sou psicóloga e estou fazendo meu doutorado no Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP, Departamento de Psicologia (www.ffclrp.usp.br), sob orientação da Profa. Dra. Francirosy Campos Barbosa Ferreira. Meu e-mail é: pasqualin@usp.br

A pesquisa que estou desenvolvendo tem como objetivo compreender as vivências existentes em um relacionamento intercultural entre uma brasileira (muçulmana ou não) e um muçulmano (turco ou árabe), realizados pós 1995, domiciliados no Brasil ou em outro país.

Identifiquei vários blogs e comunidades em redes sociais de brasileiras casadas ou em relacionamentos com muçulmanos turcos ou árabes, que socializam suas experiências multiculturais. Dada a riqueza e potencial desses relatos, estou fundamentando parte da minha pesquisa nesse material.

Alguns dos temas contribuem significativamente para a compreensão da vida da mulher brasileira (muçulmana ou não) que vive um relacionamento com um muçulmano turco ou árabe. Por isso, solicito sua concordância para que eu possa conversar com você, via e-mail, Skype, chat ou vídeo-conferência, realizando o registro dessas entrevistas manualmente em meu diário de campo.

Haverá um risco, mínimo, relacionado a esta pesquisa. Este risco é o que possa resultar de uma maior exposição de suas histórias e de sua comunidade no meio científico, pois os resultados deste trabalho deverão obrigatoriamente ser divulgados em revistas especializadas ou outras formas de divulgação acadêmica, como pôsteres, painéis, anais de congressos.

De qualquer forma, o seu anonimato e o da comunidade serão preservados. Informo também que, você pode recusar ou desistir de participar em qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade ou prejuízo a esse estudo, nem represálias de qualquer natureza. Como garanto que serão oferecidos esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Partimos da aposta de que o estudo será útil para a compreensão de aspectos sociais e psicológicos referentes ao tema apresentado. Informo ainda que não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa você não terá nenhum gasto.

Caso aceite este convite e deseje colaborar com o estudo, aguardo sua manifestação, via email, o mais rápido possível para que eu possa prosseguir. Solicito também que, assine este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, scaneie e me envie por e-mail. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos desta pesquisa, oriento a procurar o CEP FFCLRP-USP1.

Nome da Colaboradora
Assinatura da Colaboradora

Atenciosamente, Flávia Andréa Pasqualin
Departamento de Psicologia
Av. Bandeirantes 3900 – Ribeirão Preto/SP
Tel. (16) 3602-3723

Universidade de São Paulo - USP Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de
Ribeirão Preto – FFCLRP Departamento de Psicologia Av. Bandeirantes 3900 –
Ribeirão Preto/SP - Tel. (16) 3602-3723

1 Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto - USP Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 -
Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660 E-mail:
coetp@ffclrp.usp.br

Apêndice C – Roteiro Casamento Turco

No geral, existe um roteiro clássico para o casamento turco, que apresento a seguir, tomando por base minha interlocutora virtual Juliana (que realizou todos os passos aqui colocados em seu casamento) e as contribuições de algumas mulheres da comunidade turca, na qual realizo minha pesquisa de campo presencial. Informo que os nomes apresentados aqui, como em todo o trabalho, são fictícios. É importante dizer que os eventos apresentados podem sofrer variações em suas festividades de acordo com a região, a classe econômica e o gosto particular de cada indivíduo. Vale dizer também que, nem sempre são realizadas todas as etapas descritas, como pode acontecer alguma alteração na ordem dos mesmos. Nos demais países do Oriente Médio também há muita festividade quando o assunto é casamento.

Dessa forma, as etapas do casamento turco tradicional são:

1. A Promessa (em turco "Söz"). Nessa etapa, a mulher e o homem ficam prometidos um ao outro frente aos familiares. Os pais da noiva devem telefonar para os pais do noivo e os convidarem para irem a sua casa para oficializarem a intenção de casamento. Neste dia, os pais da noiva fazem perguntas sobre o futuro da filha ao lado do pretendente, tais como; onde irão morar, se o moço possui emprego que garanta o sustento da casa e acertam também detalhes sobre o casamento. E o pai do noivo deve dizer ao pai da noiva: *Allah'in emri, Peygamber'in kavli ile kiziniz (the name of the girl)'i oglumuza istiyoruz*. Que em português significa: De acordo com a ordem de Deus (Allah), e a permissão/palavra do Profeta queremos a sua filha (nome da moça), para o nosso filho.

Após isso, existe a troca das alianças. A aliança da moça que, geralmente, é um anel solitário com uma pedrinha de diamante em cima e o anel do noivo é uma aliança tradicional. Os anéis são trazidos em uma almofadinha, amarrados por uma fita vermelha e com uma tesourinha ao lado. Assim, o casal coloca as alianças e a fita é cortada, geralmente por um homem mais velho ou de maior importância na família.

Na casa da moça são servidos alguns quitutes para os futuros sogros e há o tradicional café que é servido para todos da casa. Nesta tradição, o café do noivo é diferenciado. Todos os cafés são colocados em uma bandeja e servidos aos convidados de tal forma que, o noivo pegará a xícara que lhe é cabida. Nela a noiva ao invés de utilizar açúcar, coloca sal. Segundo a tradição, se o noivo beber aquele café sem reclamar do seu gosto significa que ele será um bom marido.

2. O Noivado (em turco: "Nişan"). O noivado tem um caráter mais social e por isso, normalmente não acontece em casa, mas em um salão de festas (que dependendo do casal, pode ser uma festa grande ou mais simples). Amigos e familiares são convidados. Alguns deles podem presentear os noivos com dinheiro, "moedinhas" de ouro, ou com pulseiras e cordões também de ouro para a noiva, no entanto, não é obrigatório presentear os noivos nesta data.

As moedas de ouro turcas são conhecidas como *Cumhuriyet altini* (ouro da República) e estão divididas em dois tipos: *Meskuk* (standard) e *Ziynet* (decorativo). As moedas *Ziynet* são as populares, as quais os cidadãos compram com frequência para presentear em praticamente todas as ocasiões que são especiais, tais como nascimento de um bebê, circuncisão, serviço militar, formaturas e cerimônias de casamento. Existem cinco tamanhos para as moedas de ouro turcas (aplicável a ambas as moedas, normais e decorativas), sendo o conteúdo de ouro puro na moeda é de 6.615 g e é referido como 1 lira, as outras são 1/2 Lira, 1/4 Lira, 1/10 Lira⁹⁴.

Vale dizer que, essas moedas de ouro são facilmente encontradas em qualquer joalheria na Turquia, como pode ser visto a seguir.

Figura 1: Moedas de ouro turcas
Crédito: Flávia Andrea Pasqualin

Neste dia, novas alianças são utilizadas passando também pelo mesmo processo de ser amarrado em uma fitinha vermelha e cortado depois com uma tesoura. Pode ser que ofereçam comida ou não. Geralmente tem suco, água e refrigerantes. Dificilmente se vê bebidas alcoólicas.

⁹⁴ Recuperado de: <http://www.arlloufill.com/pages/sete-moedas-de-ouro-para-investimento>.

Depois das alianças, o casal está oficialmente noivo perante a sociedade e a união toma um rumo mais sério. Em famílias mais tradicionais, em que a religião islâmica está mais presente, os noivos ainda não podem sair sozinhos. Eles saem sempre na presença de um familiar ou amigo. A compra ou aluguel da casa já começa a ser providenciado, geralmente pelo rapaz. A noiva e sua família, começam a preparar o enxoval.

3. Noite da Hena (em turco: "*Kına Gecesi*"). A noite de Henna, segundo Ustuner, Ger e Holt (2000), compõe umas das partes mais coloridas no ritual do casamento, a qual foi durante séculos um dos "ritos de passagem" centrais para os povos da Anatólia durante o Império Otomano que, também esteve/está presente na Índia, Israel, África do Norte e demais países do Oriente Médio. Entretanto, segundo os autores, esse ritual foi abandonado pela classe média urbana turca após o estabelecimento da República turca em 1923, período em que as pessoas foram incentivadas a dissociar-se de suas tradições religiosas, assim, como a Noite de Hena era associada a um ritual da sociedade otomana, tornou-se, então, rotulada como um ritual "tradicional" e relacionada ao campesinato rural "atrasado". Mas, nos últimos anos, contam os autores que ela tem reaparecido entre a classe média urbana. No entanto, salientam que a antiga Noite da Hena no turco nunca foi um ritual uniforme, variando, significativamente, entre lugares e gerações. Eles também apontam que esse antigo ritual recebeu pouca documentação na literatura acadêmica.

Contudo, este dia é como se fosse uma despedida de solteira da noiva. É geralmente realizada na noite anterior ao casamento em si. Em muitos casos é feita em casa mesmo e os homens ficam de fora. As mulheres tiram o véu, conversam e dançam bastante. Há casos em que a Noite da Hena é realizada em algum lugar aberto, como uma vila e aí se pode encontrar alguns homens, mas em geral é um momento específico para mulheres.

Em 2014 tive a oportunidade de participar de uma Noite da Hena. O convite para a cerimônia foi feito por Moustafa, um amigo turco pertencente a comunidade turca de São Paulo, via e-mail, avisando-me do casamento de uma brasileira com um jornalista turco. Assim, cheguei em São Paulo, no dia combinado às 13 horas. Às 14 horas, Hande e mais uma amiga turca vieram me encontrar no local combinado. Eu nunca as tinha visto antes.

Hande é uma jovem turca que está no Brasil há 2 anos, compreende bem o português e é professora de inglês. Ela foi designada por Moustafa para me acompanhar e ajudar no que fosse preciso. Ela é muçulmana e não usa *hijab*, mas pretende usar um dia.

Bem, assim que elas me encontraram fomos para uma casa perto da escola, que segundo Hande, lá aconteceriam as preparações para a tal noite. Durante o trajeto me perguntaram se eu

já tinha ido a Turquia e expliquei minhas duas idas para lá, assim como falei rapidamente sobre o tema do doutorado. Ao chegarmos, tiramos os sapatos na porta da sala e entramos. A sala era ampla e cheia de tapetes pelo chão (sim, digo pelo chão porque nas casas turcas também é muito comum encontrar vários tapetes pendurados nas paredes, mas nesta só havia no chão), lá estavam mais umas 6 jovens, com idades entre 20 e 30 anos, todas elas sentadas no chão e apenas uma mulher usando hijab, a Sra Pamuk, a qual já foi logo apresentada por Hande, em tom de brincadeira, como “nossa chefe”. Na sala também havia um sofá grande, de cinco lugares, bem em frente a porta de entrada, que se tornava pequeno na imensidão da sala vazia. Sem que ninguém me dissesse onde sentar, escolhi o sofá – acho que era o que tinha de mais ocidental por ali.

Eu era a única brasileira no local e apenas Hande falava português. Logo as turcas começaram a conversar e por mais que eu tentasse adivinhar e usar minhas aulas de turco, nenhuma palavra se parecia com nada que eu conhecia. O turco é um idioma que faz parte das línguas da família altaica, e como não se tem notícia de nosso país ter recebido nenhum cidadão vindo da região das montanhas de Altai, logo, nosso idioma não carrega nada desses sons e nenhum deles se associava ao meu repertório. Então, pensei no problema da língua. Na comunicação. No diálogo dentro do casamento intercultural ou na falta dele, já que muitas das minhas interlocutoras conversam numa terceira língua com o marido ou namorado; o inglês.

Nesse meu silêncio profundo pensei também na etnografia, pensei em me tornar invisível como propôs Malinovski, e por alguns segundos de ingenuidade até achei que tinha conseguido. Mas eu estava dentro da sala, sentada sozinha no único sofá e, portanto, posicionada acima das demais mulheres que estavam todas no chão. Imperceptível?

Hande entregou uma sacola com tecidos para a Sra. Pamuk e logo chegaram outras moças turcas trazendo uma cesta de vime. Hande me explicou e disse que elas enfeitariam a cesta para utilizá-la à noite. Por 3 horas e meia, a Sra. Pamuk e duas outras mulheres ficaram trabalhando na decoração da cesta.

Figura 2: Cesta confeccionada para a noite da henna
Credito: Flávia Andrea Pasqualin

Enquanto algumas mulheres preparavam a cesta, outras três mulheres foram preparar uma mistura de castanhas que iria ser servida à noite, embaladas em pequenos saquinhos de celofane, acomodados dentro da cesta. Foi nesse momento, que aproveitei um olhar seguido de um sorriso e os interpretei como um convite e, então, me ofereci para ajudar. Sentada no chão, como todas as turcas, e ajudando a encher os saquinhos me senti realmente inserida no grupo, misturada e desapareci em meio as castanhas. Outras três mulheres ficaram ralando limões em uma assadeira para fazerem limonada. Elas fazem a limonada como nós brasileiros, utilizando o suco do limão com água, mas elas acrescentam as raspas do limão para ficar mais saboroso. Na cozinha também havia outras mulheres, embora a porta estivesse fechada o cheiro dos assados invadia a sala e misturava-se ao perfume das raspas de limão.

Por volta das 16 horas, Hande me serviu um capuccino e uma mistura de castanhas que comemos juntas, sentadas ao chão, enquanto falávamos sobre casamento. Durante nossa conversa, as demais mulheres tinham subido para o andar superior da casa para ensaiar as danças que foram apresentadas durante à noite.

O assunto sobre casamento surgiu assim que Hande me entregou a xícara de capuccino e ajoelhou-se ao meu lado com a seguinte pergunta *“Por que você quis estudar esse assunto?”* Na minha cabeça a resposta surgiu rapidamente: *“porque eu não compreendo a coragem dessas brasileiras”*, mas respondi pelo lado acadêmico e falei sobre as pesquisas na internet e a falta de estudos sobre a temática. Durante a conversa, Hande me disse que acha as mulheres que se casam com homens de outras culturas muito corajosas e que ela não se casaria. Ela disse que mesmo sendo da mesma religião, ser muçulmano brasileiro e ser muçulmano turco são coisas diferentes. Hande contou sua experiência em ter morado durante três meses em uma casa de família muçulmana na África do Sul, e falou sobre as diferenças dos hábitos e costumes mesmo tendo em comum a religião. Falou também sobre a questão da mulher muçulmana se casar com um não-muçulmano, como é o caso de algumas amigas dela, e ressaltou que essas moças são pouco religiosas, o que significa apenas ter nascido em família islâmica, mas não praticar a religião. Frisou também a importância da aprovação da família, pois mesmo se tiver apaixonada por alguém e a família não aprovar, há de se pesar a opinião da família. Hande disse que no Brasil há muito preconceito com os muçulmanos e muitas pessoas desconhecem o que é ser um muçulmano. A conversa durou cerca de 45 minutos e logo chegaram 2 meninos, filhos da Sra. Pamuk e de outra turca.

As crianças jogaram futebol no corredor ao lado sala, batiam bola na parede, derrubavam objetos com a bola e nenhuma mulher parecia escutar ou preocupar-se. Algumas vezes

entravam na sala, corriam por ali e ninguém falava nada. Criança é motor de estresse na nossa sociedade. Mas ali ninguém se estressou.

A vida sobre os tapetes parece correr num outro tempo. A tarefa é de todos, e no coletivo, o peso do trabalho se divide. O tapete então flutua e as leva de volta para casa, como me disse, em seu sofrido português, uma jovem turca me mostrando a cena das mulheres naquela tarde: “*aqui sinto na Turquia*”.

Assim, quando o sol começou a se pôr às 17h45 o trabalho estava terminado e as mulheres tomaram suas direções. Eu, Hande e mais 2 turcas andamos cerca de 25 minutos a até o apartamento de Nihan, onde jantamos.

A casa de Nihan e a hospitalidade turca. Além de nós quatro, chegaram mais duas mulheres, sendo uma delas brasileira casada com turco e suas filhas gêmeas de três anos de idade, também duas outras jovens turcas já estavam no apartamento quando chegamos. Mesa posta com um lindo serviço de louça turca e a sopa apimentada soltando fumaça no prato. Terminada a sopa, os pratos se foram rapidamente pelas mãos de Nihan e Hande. Sobre a mesa colocaram uma salada de alface picada, cenoura, milho e ervilha, um prato de *Sigara Boregi* e outro de berinjela com pimentão. Depois disso veio o jantar; arroz com macarrãozinho estrela e carne com batatas. E de sobremesa, os pratinhos de porcelana já chegavam com 3 tipos de doces e o chá turco acompanhando. Essa é a parte mais difícil de se estudar uma comunidade turca: manter-se no peso ideal.

As 19h15 partimos para o colégio onde realizou-se a Noite da Henna, apenas com presença feminina. A noite não foi oferecida pela família da noiva – como é o costume turco. A Noite da Henna foi uma iniciativa das jovens turcas em oferecer para a noiva (que se casou no dia seguinte no civil) e também para alguns amigos da comunidade a oportunidade de conhecer um pouco mais da cultura turca.

Segundo Hande, a tradição da henna surgiu porque na Festa do Sacrifício⁹⁵, antes de matar o carneiro esse era marcado com uma pincelada de henna deixando-se visível qual carneiro seria sacrificado para ofertá-lo a Allah. Depois no período otomano, quando os filhos iam para a guerra, as mães passavam henna em seus cabelos simbolizando a entrega dos filhos para Allah caso esses viessem a falecer. E daí a ideia de marcar a noiva com a henna, como se estivesse entregando a felicidade da filha para Allah.

⁹⁵ Ou Eid al-Adha é uma festividade muçulmana que vem depois da realização do [hajj](#), que é a peregrinação a [Meca](#). Todos os muçulmanos comemoram esta data em que se celebra a boa vontade do profeta Ibrahim (Abraão) em sacrificar o seu filho Ismail conforme a vontade de Deus. No Eid al-Adha é feito o sacrifício de animais onde a carne é dividida com familiares e com os pobres. A festa tem duração de quatro dias.

Neste dia, a intenção é fazer com que a noiva chore porque é a última noite na casa dos seus pais. Para isso, as amigas enfeitam as palmas das mãos com uma rosa de pano presa por uma fita, tendo no centro dela uma vela. As amigas formam um túnel e a noiva entra na festa passando por baixo dele, vestida com roupa em estilo otomano, nos tons de vermelho e dourado, e senta-se em uma cadeira. Depois de sentar, as moças circulam ao redor da noiva entoando canções tristes para que a noiva chore, como por exemplo, a canção que se encontra na tabela a seguir;

Quadro 1 - Canção Noite da Hena

<i>Yüksek yüksek tepeler</i>	Nas altas colinas
<p><i>Yüksek yüksek tepelere ev kurmasınlar Asrı asrı memleketi kız vermesinler Annesinin bir tanesini hor görmesinler Uçan da kurlara malum olsun Ben annemi özledim Hem annemi hem babamı Ben köyümü özledim abamın bir atı olsa binse de gelse Annemin yelkeni olsa açsa da gelse Kardeslerim yollarımı bilse de gelse Uçan da kurlara malum olsun Ben annemi özledim Hem annemi hem babamı Ben köyümü özledim</i></p>	<p>Não deixem que construam uma casa nas altas colinas Não deixem dar meninas (como noiva) para países distantes Não deixem desdenhar o solo de uma da mãe Deixe os pássaros que voam sentir isso Sinto falta da minha mãe Tanto da minha mãe como de meu pai Sinto falta da minha aldeia Eu gostaria que meu pai tivesse um cavalo para ele montar e vir até mim Eu gostaria que minha mãe tivesse um barco a vela para que ela pudesse vir até mim Eu queria que meus irmãos soubessem o meu endereço para que eles pudessem vir até mim Deixe os pássaros que voam sentir isso Sinto falta da minha mãe Tanto da minha mãe como de meu pai Sinto falta da minha aldeia</p>

Depois que a noiva chora é que se pinta, a palmas de suas mãos com um círculo feito de henna e as coloca dentro de um saquinho de tule. Neste momento, a noiva também pode ganhar ouro da sogra. A Sra. Pamuk também comentou, neste dia, que as noivas se casavam de vermelho, depois da “ocidentalização” na Turquia, essas passaram a se casar de branco.

Terminada as encenações com as noivas, as velas são apagadas e se distribui um saquinho de henna para as convidadas. Algumas moças turcas saíram pintando também as palmas das mãos das convidadas com um círculo de henna, que após secar, deixam por muitos dias uma marca cor de laranja onde havia a henna.

Segundo Juliana, a Kina Gecesi, é um evento opcional em que a maioria das moças preferem fazer porque por ser uma festividade divertida, mas não é um procedimento necessário

para se estar casado. A sua Noite da Henna foi um pouco diferente da que comentei aqui, sua *Kina Gecesi* teve a participação de seu noivo.

As fotos a seguir, ilustram os momentos comentados anteriormente.

Figura 3: noiva entra no salão

Figura 4: noiva sentada enquanto dançam

Figura 5: Momento que vai se pintar a mão da noiva

Figura 6: Depois de pintar a mão da noiva

4. Casamento (em turco: "*Nikah*" e/ou "*Düğün*"). É o casamento civil. Neste momento, se assina o "*Resmi Nikah*" (documentos oficiais do casamento) e o casal recebe a certidão de casamento que, na Turquia, se parece com uma caderneta com capa de couro (tamanho sua importância). Ele pode ser feito num "*Nikah Salonu*" que é um salão feito especialmente feito para isso, onde a noiva vai de véu e grinalda e o noivo de terno, familiares e amigos são convidados para assistir. O casal se senta numa mesa comprida com duas testemunhas cada. O

realizador do casamento pergunta para o noivo e para noiva se ambos querem se casar e eles respondem "*EVET*" ("sim" em português). As testemunhas também devem afirmar que estão de acordo e que não há impedimentos para a realização do casamento. Terminado essa pequena cerimônia, todos batem palmas e em seguida os convidados vão à frente, beijar e abraçar o novo casal, desejando felicidades e os parabenizando pelo casamento. Também é o momento de presentear os noivos, seja com dinheiro ou ouro. Pode-se colocar pulseiras de ouro na noiva. Ou então, uma faixa de cetim vermelha, chamada de "*Taki Töreni*" é pendurada na roupa dos noivos e é lá que os convidados penduram o dinheiro ou as moedas de ouro. O presente também pode ser colocado num saquinho especial que os noivos recebem. Tanto os amigos quanto os familiares da noiva dão seus presentes para ela, e o mesmo acontece com os convidados do noivo.

O *Nikah* pode tanto ser um evento único, tendo o seu fim após a entrega dos presentes, como pode acontecer junto com o *Düğün*, que é a parte festiva do casamento, mas ele também pode acontecer alguns dias depois do casamento oficial. Segundo Juliana, que já esteve em vários casamentos, na hora da festa o povo vai a "*loucuuuuuuura*", como escreve ela em seu blog. "*O povo levanta e dança mesmo!*", escreve Juliana. Ela também conta que eles adoram a música do seu país, podendo ter até algumas músicas estrangeiras, dependendo do casal, mas o que faz o pessoal dançar a noite toda é a música turca, sem dúvida. Ela diz que sempre tem gente dos mais diversos lugares da Turquia porque ninguém perde um casamento, então, quando tocam as músicas referentes a cada cidade ou região, tais como Ankara, Kayseri, Samsun, Trabzon, Izmir, ou qualquer outra cidade, os convidados desses locais entram em "*frenesi, fazem aquela rodinha de dança e mandam ver, é muito bacana. São mil e um passinhos diferentes, que todos sabem de cor e salteado e dançam juntos*", escreve ela.

Segundo Juliana, diferentemente do Brasil, em que festa de casamento deve ter muita comida, na Turquia, a maioria das festas servem aperitivos, saquinhos de frutas secas (nozes, amêndoas, amendoins e afins), pacotinhos de biscoito salgado ou mesmo um prato com alguns salgados. Servem também água ou suco.

Outro costume diferente do brasileiro é que o fato do noivo muitas vezes ajudar a escolher o vestido da noiva. Antes mesmo do casamento, a noiva pode usar seu vestido e fazer uma sessão de fotos em um estúdio ou ao ar livre junto com o noivo. O casal também já entra junto no salão do casamento, eliminando a expectativa sobre a aparição da noiva como existe no Brasil. Também não há a superstição de que o noivo não pode ver a noiva em seu vestido branco antes do casamento para não ter má sorte. Na Turquia também não existe o tradicional "chá de

panelas” realizado no Brasil, por lá, os noivos juntam o ouro e o dinheiro ganhos no casamento e compram o que for preciso para mobiliar a casa. O enxoval é tarefa da mulher.

No Brasil, tive a oportunidade de participar de um *Düğün*, em 2014. Em uma tarde de domingo, lá fomos nós – eu e meu marido – para o casamento turco que aconteceu em São Paulo, em um bairro de classe média alta. Como essa comunidade turca, que possui contato, não frequenta mesquita em São Paulo (dizem ser pela dificuldade do entendimento da língua portuguesa já que a grande maioria desses estão no Brasil há pouco tempo), a cerimônia religiosa foi realizada pelo diretor do Centro Cultural Brasil-Turquia, o qual fala turco e português. A cerimônia não durou mais de 15 minutos, na qual explicaram as diferenças entre casamento turco e brasileiro, já faladas aqui, e fizeram votos de felicidade ao casal, momento em que houve a troca de alianças. Fato curioso é que o noivo coloca aliança na noiva e a aliança do noivo foi colocada por seu melhor amigo. Pensei: Qual o valor de uma amizade para um turco? Após esse discurso, os noivos se posicionaram e foi colocada a faixa, já mencionada, de cetim vermelho em cada um deles e os convidados turcos penduraram notas de dinheiro nos noivos, as moedas de ouro não estiveram presentes pela inexistência delas em nosso país para serem compradas. Juliana, no entanto, diz nunca ter presenciado amigos colocando a aliança na mão do noivo e ainda acrescentou que eles parecem dar pouca importância para aliança, sendo que alguns casais chegam a não usá-las.

O salão possuía dois andares, na parte superior (com vista para o salão de baixo), ficaram as jovens turcas solteiras e quase todas as turcas casadas com filhos, na parte inferior estavam os convidados da noiva e as mesas com homens turcos, tanto casados quanto solteiros. As brasileiras casadas com turcos ficaram no andar de baixo e eu fiquei com elas.

Segundo a noiva, a exigência de que no salão houvesse separação para as jovens turcas foi impreterível para que a festa pudesse acontecer. A comunidade possui um casal-líder, embora eles não se denominem assim, que é o responsável por cuidar das jovens e dos jovens turcos que vêm ao Brasil, por meio dessa comunidade, para estudar.

Assim, enquanto tocou música turca, as mulheres dançaram no andar de cima e os homens (bem mais animados e dançantes) no andar de baixo, os convidados da noiva apenas assistiram. Outros tipos de música tocaram no final da festa e aí sim, os brasileiros dançaram, e os turcos foram descansar. O noivo dançou o tempo todo com seu grupo de amigos turcos enquanto a noiva percorria o salão falando com os convidados.

Na festa também não serviu nenhuma comida que tivesse carne (só comem carne *halal*), como também não foi servida bebida alcoólica. A primeira vez que o garçom passou oferecendo o salgado, perguntei se algum era de carne (pois não como carne) e ele me disse, com cara de

espanto “*Não, vixi! Num pode ter uma carinha! Acha?!*” Não consegui explicar ao garçom o porquê deles não comerem carne, pois uma mulher turca veio me contar em segredo que estava grávida, mas aguardava o terceiro mês de gestação para divulgar ao grupo. Também ouvi, de um dos familiares da noiva, comentários sobre a estranheza pela separação de homens e mulheres.

A família do noivo não estava presente. Segundo a noiva, eles são de origem muito humilde e não tiveram condições financeiras para viajarem ao Brasil, mas eles também se casariam na Turquia. A noiva, uma jovem brasileira de 23 anos, delicada e muito discreta. Uma de suas amigas me disse, na festa, que o casal nunca havia se beijado até aquele momento. O “namoro” havia durado 2 meses. A faixa vermelha na cintura da noiva está associada a pureza, virgindade, ainda muito valorizada pelos turcos, nos dias atuais.

Finalizada a festa, quando os noivos chegam em casa, e isso pode variar muito de região para região, assim como de família para família, Juliana conta que sua sogra encheu um pote de barro com moedas e frutas secas e jogou no chão da entrada da casa para quebrar, pois de acordo com a sogra, esse ritual é para trazer fartura, fertilidade e prosperidade para o casal. A foto a seguir, mostra o momento em que um jarro é quebrado e os convidados vão pegar o que há dentro.

Figura 7: Jarro sendo quebrado.

Crédito: Imagem gentilmente cedida por Juliana

E para que o casamento seja “doce”, ao entrar em casa, os noivos são servidos na boca, com *baklava*.

5. Casamento religioso (em turco: *İman Nikahı*). Ele pode ser feito em casa mesmo. Não há grandes comemorações, e geralmente estão presentes as famílias da noiva e do noivo e, por vezes, alguns amigos. Um *Iman*⁹⁶ vai até a casa onde a cerimônia irá acontecer e profere palavras de ordem religiosa sobre a importância dos deveres e direito do marido e da esposa no casamento. Fala sobre o que é o casamento para o Islã e perante os olhos de Deus. No caso de Juliana, em que ela era cristã, ela nos conta que o *Iman* reforçou a importância de mostrar e guiar os futuros filhos do casal nos caminhos do Islã, assim como perguntou se ela acreditava em Deus como sendo único. De acordo com Jéssica e também com outras interlocutoras, neste dia, durante a cerimônia, a mulher não deve usar nenhuma maquiagem, nem esmalte, e se vestir de maneira mais discreta, o que inclui cobrir o seu cabelo com um *hijab*.

Sobre o dote, algumas pessoas na Turquia dizem que é um hábito antigo e quase obsoleto, mas algumas famílias ainda o pedem. Todavia, o dote é uma regra da religião islâmica.

Para muitas famílias, o casamento religioso é a parte mais importante de todo o processo do casamento. Muitos casais só vão morar junto depois do casamento religioso. Segundo Juliana, quem não tem tempo, não tem dinheiro, quer adiantar o casamento de alguma forma ou simplesmente não quer um casamento grande, acaba por realizar o casamento religioso e o civil, assim satisfazem as famílias, especialmente se essas forem mais religiosas. Mas se optarem por fazer todos os passos já descritos, geralmente, o *Iman Nihahi* acontece depois do *Nikah/Düğün*.

⁹⁶ Autoridade religiosa no Islã.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Responsabilidade

SOLICITAÇÃO DE VISTO PERMANENTE

TERMO DE RESPONSABILIDADE (modelo)

EU, _____,
nome do(a) declarante

portador(a) do(a) _____, expedido em ____/____/____
nº do passaporte ou carteira de identidade dia mês ano

por/pelo: _____
órgão expedidor

declaro, para todos os efeitos legais e jurídicos, que assumo inteira responsabilidade pela vinda, permanência, manutenção e qualquer despesa no Brasil, e, também, se necessário, pelo retorno ao país de origem de:

nome completo

_____, portador(a) do passaporte nº _____,
nacionalidade

expedido em ____/____/____, por/pelo _____,
dia mês ano órgão expedidor

por quem estou solicitando visto _____.
tipo do visto (permanente, temporário, turista etc)

_____, em ____ de ____ de ____.
dia mês ano

assinatura do(a) declarante

Anexo B – Amor por Internet (original em espanhol)

AMOR POR INTERNET - O NOVIAZGO CON UN MUSULMÁN POR INTERNET

Un saludo de paz a mis amigas no musulmanas y mis hermanas musulmanas en todo el mundo!!

Hace tiempo he querido hacer este artículo para las chicas latinas NO musulmanas o RECIEN CONVERSAS que tienen un “Novio Musulmán” en algún país islámico y están pensando en ir a visitarlo, casarse, o traerlo a su país de origen en América Latina o Europa.

Este es un tema tan complejo como extenso, sin embargo me siento el compromiso social de Advertirles!! Y miren bien que no digo ayudar o aconsejar sino advertir y eso es por una razón: El fraude matrimonial que se ha venido extendiendo a en los últimos años.

Amiga, si un musulmán te hace su Novia te está faltando al respeto y punto! En el Islam el concepto de NOVIAZGO, simplemente NO EXISTE!!!

Sin embargo te haré un breve compendio de pequeños relatos reales, advertencias e historias que te podrían interesar si es que ahora tienes un romance con un musulmán. Al final de todo esto, si aún es tu deseo invertir tu tiempo, dinero y/o esfuerzo en una relación de este tipo, al menos yo habré cumplido mi misión al advertirte...No dejes de leer pues tu futuro está de por medio!

Existen advertencias en las mezquitas y artículos acerca del tema, no es algo nuevo, es asunto que se ha popularizando cada vez más; imagina la gravedad del asunto que se le ha nombrado en algunos lugares como: “Bandidos o fraudes matrimoniales” se ha caracterizado por el lughoso tanto de mujeres que recién se han convertido al islam como de mujeres que desconocen de la religión, por lo que son víctimas más fáciles de enredar.

Porque es precisamente con mujeres latinas? Porque somos víctimas más ingenuas, románticas y quizás dispuestas; debido a la cultura las mujeres latinas somos más dadas a buscar relaciones duraderas, a entregarnos con más compromiso y a llevar hasta el extremo nuestra lucha en nombre del amor! Sin embargo no es exclusivo y se ha extendido en Europa principalmente el reino unido.

La mecánica es la siguiente:

Conociste un chico por internet, él es romántico y atractivo (en algunos casos), es atento como nadie, no puede vivir sin ti y está en contacto contigo día a día, te ha demostrado innumerables veces su amor por ti incluso ha dejado de dormir noches enteras por conversar contigo. Te ha pedido matrimonio en el mejor de los casos, porque hay quienes cínicamente mantienen solo una amistad o un noviazgo. El siguiente paso es planear tu viaje a su país para casarse o comienzas a investigar los tramites de visado para tu país...???

Eres una mujer mayor de 30, divorciada y con al menos un hijo?? Eres una chica joven con estabilidad económica, cansada de las relaciones infructuosas y de que te rompan el corazón?? CUIDADO, eres un blanco aún más fácil!!

Notaras que el país de procedencia de tu “Novio, prometido, amiguito íntimo o anexas” es un país donde viven situaciones de miseria, violencia, problemas políticos y/o sociales; quizás las fronteras del mundo están cerradas para ellos, y la única forma de salir de su país es con visas de estudiante imposibles de conseguir, o por matrimonio, ejemplos:

PAKISTAN!!! India, Argelia, Egipto, Irán, Afganistán, Irak, Somalia, Tunes, Marruecos, Chad, etc, etc, etc... Lo que buscan es una ventaja económica, una visa o un trampolín que los acerque a su destino final, ya sea un trabajo estable en tu país para poder mantener a SU familia en su país de origen, o para saltar a un país vecino ya sea Estados Unidos, Canadá el Reino Unido etc. En otros casos los hombres ya viven en un país europeo pero ya se les venció la visa o está ahí ilegalmente y por supuesto NUNCA aceptarán la verdad.

ATENCION!! Los países de origen Indi que son Sri-lanka, Pakistán, Afganistán, Nepal,

Bangladesh y la propia India, son países exageradamente MACHISTAS! No por la religión sino por su cultura, tan arcaica que incluso las Mujeres Dan La Dote Al Hombre Al Casarse! Qué tal??? Además de ser muy racistas entre otras cosas...

Amiga: Creer que tu caso es único y diferente y por eso A Ti no te sucederá, es exactamente uno de los motivos que te hace más vulnerable, porque eres crédula y será más fácil hacerte caer!

Si en este punto comienzas a odiarme, quizás es una prueba de que estoy en lo correcto y mis palabras comienzan a tocar las fibras más renuentes de tu subconsciente que ha tratado de advertirte una y otra vez. Ahora abre los ojos por favor!!! Yo no gano nada con invertir mi tiempo escribiendo este artículo, solo quiero ayudarte.

Estos hombres no tienen límites en sus aspiraciones y serán capaces incluso de casarse y embarazarte antes de conseguir su cometido (huir a otro país o con otra mujer más joven, mas flaca, religiosa, de origen islámico, adinerada o cualquier otro pretexto) o abandonarte haciéndote creer que TU eres la culpable, o lo que les parezca más apropiado. Mientras tanto te exprimirán todo el dinero que puedan y te harán responsable de sus vidas, papeles, visa, trabajo y hasta de mandar dinero en sus hogares o traer a su familia a tu país con tu ayuda y tu dinero!

El romance se acaba en el momento que te casas con ellos, el hombre en cuestión comenzara a presionarte para que le consigas la visa, y a partir de ese momento serás su empleada personal de tiempo completo, pondrá todo el peso de su autoridad como marido en tus hombros y la responsabilidad de su vida, alegara que todo es tu deber como buena esposa!

En el mejor de los casos eso es todo, te usan y te abandonan más tarde, pero en la mayoría de los casos que yo he visto estos hombres no paran hasta terminar con el dinero y la dignidad de las mujeres, que los terminan manteniendo mientras ellos las maltratan, las violentan con amenazas de muerte, acido, o cualquier otra forma de terrorismo; las menosprecian constantemente humillándolas por su aspecto, su peso, su nivel económico, su nacionalidad, color, religión, o cualquier otro. Les son infieles o las golpean o las violentan o todo junto, las humillan incluso frente a sus familiares y amigos.

Al final la mujer queda sola como estaba al principio, abandonada, humillada y devastada moral y económicamente! Piénsalo!!

Reconoce las señales de peligro y las huellas del amor sincero para que prevengas un engaño. No niegues la verdad cuando esta frente a tus ojos, recuerda que hay millones de hombres en el mundo, que eres una mujer que merece lo mejor y si ya eres musulmana con mayor razón valórate, porque eres una joya que no cualquiera puede tocar!! Y si no lo eres cuídate más porque no conoces ni siquiera lo más básico de tu hombre, en un musulmán, la religión es algo sumamente importante!

NOTA "Quiero aclarar en grande: NO TODOS LOS CASOS SON FRAUDULENTOS!

Sigue leyendo y reconoce las señales de un hombre sincero. Los musulmanes somos humanos, no somos diferentes de cualquier otra persona, hay gente buena y gente que no lo es... LA RELIGION no determina a la persona, tampoco su nacionalidad. Solo quiero advertir sobre casos reales, no significa que siempre sea así.

No pierdas de vista que las relaciones a larga distancia con personas a quienes nunca has visto pueden resultar un fracaso o fraudulentas, no te confíes y antes de viajar, pagar, o tramitar cualquier cosa, INFORMATE!!!!!!

Mantente abierta a las señales de Alerta, si notas alguna de estas puedes estar segura de que te está engañando. Anótalas:

1. Si es tu novio! Ya es un fraude para empezar! Repito, en islam NO EXISTE el NOVIAZGO!!!
2. Si se excusa para no presentarte a sus padres,
3. Hace cosas evidentemente misteriosas: se desconecta intempestivamente sin razón, se enoja

sin motivo y te deja de hablar, no te da los datos de su domicilio.... y una larga lista de etc. Y etc.

4. Si descubres que miente...

5. Si se deja de conectar por días o semanas y no contesta el teléfono, o de pronto tiene un arranque de celos sin motivo y desaparece, CUIDADO!!

Déjame decirte porque lo hace: Porque además de ti, está comprometido con otras 10 mujeres (o más) en diferentes países y en ocasiones con varias chicas que incluso son amigas, cuando deja de hablar contigo comienza con otra, y cuando desaparece es porque le está dedicando su 100% a otra chica que puede darle más BENEFICIOS que TU!!!! Algunos hombres ya están casados y están buscando una segunda esposa y no te lo dicen ni a ti, ni a la primera esposa. Todo esto te lo digo amiga mía porque CONOZCO CASOS PERSONALMENTE! No lo estoy inventando!! No gano absolutamente nada!!! Te repito: Quiero ayudarte!

En mi experiencia (que es conjunta de entre muchas musulmanas y no musulmanas, este artículo está basado en la experiencia de muchos y advertencias internacionales en mezquitas, artículos y otras fuentes) los casos de éxito y amor sincero son como máximo un 10%, Si crees que el tuyo es uno de esos, descubre las SEÑALES DE UN HOMBRE SINCERO:

1. No te pide ser su novia, le pide a tus padres y a ti que seas Su "ESPOSA"
2. Habla con tu familia y te presenta a sus familiares por igual y mantiene el contacto entre ellos.
3. Te habla claramente de tu DOTE matrimonial.
4. Está preparado para vivir contigo en su propio país indefinidamente!
5. Esta dispuesto a gastar dinero en ti y llevar a cabo sus propios trámites migratorios de ser necesario.
6. Es económicamente estable y está listo para el matrimonio! No necesita de ti para formarlo como hombre o sacarlo de su país.
7. Nunca te ocultara de tu familia y Nunca te presentara con sus amigos, pues no te compartirá como juguete, te dará un lugar especial en su mundo.
8. Nunca te pedirá que te exhibas frente a la webcam.
9. No te pedirá que niegues tu origen, a tus hijos o tu nacionalidad o cualquier otra cosa que para ti sea importante.

Si tienes dudas sobre tu futuro esposo, contacta con algún hermano musulmán que te haga el favor hacerle una entrevista para conocer sus intenciones, si el hombre es sincero contigo no dudara en completar ese requisito.

POR FAVOR toma en cuenta que: LOS MUSULMANES SON SERES HUMANOS QUE COMETEN ERRORES, Y AUNQUE SEAN MUY RELIGIOSOS ESO NO ASEGURA QUE SEAN BUENAS PERSONAS O QUE SUS INTENCIONES SEAN BUENAS!

Es cierto que los musulmanes son muy románticos y aparentan ser perfectos pero no lo son, y son taaaaan atentos que quizás te llamen a diario, pero a veces le llaman a varias mujeres porque tienen paquetes internacionales de telefonía que resultan muy económicos, NO CONFUNDAS LAS ATENCIONES CON LAS INTENCIONES, CUIDATE!!!

INVESTIGA, EXIGE INFORMACION Y NO TE DEJES ENGAÑAR!!

Para cerrar quisiera invitarte a conocer el ISLAM a través del punto de vista de las MUJERES MUSULMANAS, que tenemos mucho que ofrecer y te podemos orientar mejor que cualquier hombre! Si buscas acercarte a Allah o aprender la religión acude a las hermanas que estarán siempre dispuestas a ayudarte.

Fuente:

Islam: Temas para la Mujer. .